

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Eliana de Toledo

***A legitimação da ginástica de academia na modernidade:
um estudo da década de 1980***

DOCTORADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Eliana de Toledo

***A legitimação da ginástica de academia na modernidade:
um estudo da década de 1980***

DOUTORADO EM HISTÓRIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em História, na área de História Social, sob a orientação da profa. livre docente Denise Bernuzzi Sant'Anna.

SÃO PAULO

2010

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Quando nos debruçamos para escrever os agradecimentos num trabalho, é porque, geralmente, ele já está pronto. E refletindo sobre isso, considero ser este o momento mais propício para fazê-lo. Um momento no qual estamos muito cansados, mas realizados e felizes! Um momento em que estamos muito sensibilizados por recordar tudo que foi vivido e construído, e que lembramos das pessoas que nos ajudaram nessa conquista.

À Deus, pelo dom da vida, e por este viver que tenho.

À minha mãe e ao meu pai, Maria Aparecida e Jorge, meus eternos sentimentos de amor e gratidão... Obrigada por tudo, tudo, tudo, que fizeram e fazem por mim, pois se hoje estou podendo viver este momento é porque ele foi propiciado por uma vida de carinho e incentivos múltiplos. Pessoas maravilhosas, que com palavras sábias e gestos doces, ensinam-me e encantam minha vida.

Ao meu marido, Jorge, pela cumplicidade constante, pela amizade e paixão, pelos cuidados com os quais me cerca, pelas provocações que me impulsionam, pelos carinhos que me alegram, e pelo silêncio que me acalma. “Amo-te. Ganhei na loteria!”

À minha filha, Rafaela Akemi, que me faz viver a cada segundo uma outra dimensão do amor. Um sentimento pleno e terno, simplesmente inexplicável e acometedor, que enche de beleza meus dias. Que com seu jeitinho especial me ensina, me diverte e me inspira a cada dia.

À minha irmã, Beatriz, por ser uma pessoa fundamental em minha vida, pessoa que amo, verdadeira parceira e amiga fiel para todos os momentos!

Ao meu sogro e minha sogra, Satoru e Alda, que me assumindo como filha, tornaram-me uma pessoa mais feliz. Parentes aos quais admiro e respeito, assim como adoro. Obrigada por tudo que fazem por nossa família.

À minha orientadora Denise, por ter investido em minha pessoa e em meu trabalho, desde o processo seletivo, e principalmente, por colaborar para que eu possa me tornar uma historiadora.

Aos professores da banca examinadora, pelo carinho pessoal e pelo cuidado acadêmico para a construção deste trabalho.

Às minhas cunhadas, Yumi, Nami e Liliam, que se tornaram também minhas amigas e que cuidam de mim e de minha filha com tanto carinho. E ao meu cunhado, Maurício, e concunhado, Paulo, meus agradecimentos por estarem sempre preocupados conosco.

Às minhas amigas Laurita, Cristiane, Débora, Marília, Miranda, Giovanna, Rafaela e Ana, o meu agradecimento mais sincero por caminharem ao meu lado, e muitas vezes por terem me puxado, em diferentes momentos da minha vida.

Às minhas eternas orientadoras, Vilma e Beth, que com amizade e cuidado acadêmico, me ajudam a crescer. E à profa. Carminha, que desde a graduação me inspirou a estudar a história da ginástica, dando-me até a atualidade, orientações para isso.

Aos colegas do doutorado, em especial o Felipe Marta, pelas conversas e orientações na área da História. Assim como a todos os demais membros dos depto. de Pós-graduação em História, com destaque para Betinha.

Aos meus alunos, especialmente os do Grupo Ginástico da USJT, que tanto me ajudaram nesta caminhada, e me ajudaram a me tornar uma educadora. E a todos do Instituto SOS Pequeninos, ONG que sou atualmente presidente, e da Associação Católica Pequeninos do Senhor, pela partilha.

À CAPES por ter financiado parcialmente meus estudos no curso de Doutorado.

RESUMO

Eliana de Toledo

A partir de uma análise da realidade, em que a ginástica de academia parece ainda ocupar um lugar importante para a obtenção de um corpo ativo e socialmente bem sucedido, foi formulada a problemática desta pesquisa. Ela objetivou, portanto, compreender como foi possível para a ginástica de academia alcançar tamanha legitimidade na atualidade, especificamente no Brasil, não só para a obtenção de corpos construídos, segundo referências midiáticas, mas também como se ela fosse um dever natural, um passaporte para o alcance da saúde e de certos padrões de beleza. A década de 80 foi selecionada como recorte histórico da pesquisa, pois foi marcada pelo *boom* das academias de ginástica no país. Dois caminhos metodológicos foram selecionados para o alcance deste objetivo. Um deles foi a história oral, a partir da técnica do depoimento oral, com educadores físicos, e o outro foi a análise documental de exemplares da revista *Veja*, escolhida devido à sua amplitude de assuntos em diversas esferas da vida pública. Vários fatores foram levantados como propiciadores da legitimação da ginástica de academia neste período, dentre eles: um contexto de transição de modelos de governo (ditadura/democracia); a influência norte-americana; a aceleração da segmentação midiática com o aumento da visibilidade do corpo; o avanço da tecnologia que, dentre outros aspectos, impulsionou as pesquisas médicas; a influência do Método Cooper e de todo um movimento que a partir dele foi criado e/ou fortalecido em prol do corpo saudável (do qual fez parte a ginástica aeróbica); a considerada segunda revolução feminina etc. Foi também possível concluir que muitos destes fatores se auto-influenciavam, legitimando-se mutuamente. Assim, a pesquisa justifica-se de maneira geral por colaborar com a necessária ampliação de estudos nesta área, assim como por possibilitar a identificação de rupturas e permanências desde esta década até a atualidade, na direção de novas perspectivas.

Palavras-chave: ginástica de academia; história da Ginástica; história do corpo; revista *Veja*

ABSTRACT

Eliana de Toledo

The validation of physical exercise in fitness centers in the eighties

This research was planned after an analysis of the fact that even now physical exercise in fitness centers seems to be of utmost importance to get an active and socially succeeded body. The main objective of the study was to understand why physical exercises reach so high legitimacy in our days, especially in Brazil, not only in body building according to media patterns, but also as if it were a natural “ must have ”, a passport to reach health and also some beauty patterns. The eighties were selected as an historical approach as they were marked by the boom of physical exercise in fitness centers in the country. Two methodologies were used in order to reach the objective of the study: the oral history, using oral testimonies with physical educators; and the other was the documental analysis of *Veja* magazine copies, chosen by it's wide range of subjects reaching many sectors of public life. Many factors contributed to the legitimacy of physical exercises in fitness centers in that time, as: a transition of government models (dictatorship/democracy); the American influence; the acceleration of media segmentation followed by the increase of the body visibility; the advance of the technology that, among other aspects, propelled medical researches; the influence of the Cooper Method and of all the activity generated and/or fortified by it for the benefit of a health body (being the aerobics gymnastics a part of it); the second feminist revolution, etc. It was possible also to conclude that many of these factors both influentiated and legitimated each other. Being so, this research collaborates to broaden the studies in this area, in the direction of new views, as well as to identify the feasibility of ruptures and permanences since the eighties till now.

Key-words: physical exercise in fitness centers ; History of Gymnastics, History of the body; *Veja* magazine

SUMÁRIO

Introdução	01
1. O que pode a ginástica?	14
2. Por um corpo ativo	41
2.1. Produtos enaltecendo o corpo	69
2.1.1. Produtos que embelezam, enrijecem e alisam	74
3. A busca do molde perfeito	90
3.1. O corpo tecnológico	96
3.2. O corpo das telas	102
3.3. O modelo da “modelo”	117
4. A “boa forma”	122
4.1. O corpo medido	123
4.2. As práticas para a obtenção da boa forma	134
4.3. O lugar da boa forma	147
4.4. Produtos para a boa forma	170
4.4. Os agentes colaboradores da boa forma	182
5. Processo e legitimação	201
Referências	210
Anexos	224

INTRODUÇÃO

Investigar a ginástica neste trabalho significa ter optado por continuar uma trajetória marcada por múltiplas experiências, de diferentes naturezas, em fases distintas da minha vida. Experiências vividas desde a infância nas aulas de Educação Física escolar (Educap) e nos treinamentos de Ginástica Rítmica (CCRN/Campinas), até a adolescência, nas academias de ginástica e nos cursos da área com os quais tinha contato, por meio da minha prima e educadora física, Lucimara Ribeiro Fagundes.

Experiências essas que me conduziram à Faculdade de Educação Física da Unicamp, às monografias relacionadas à ginástica, à participação durante 16 anos no Grupo Ginástico Unicamp¹, que me proporcionou o contato com novas formas de praticar, ensinar e, principalmente, de pensar a ginástica, e que me motivaram a seguir a carreira de técnica, professora e pesquisadora nesta área.

E foi somente na fase final deste processo de doutoramento que pude melhor elucidar os motivos pelos quais optei pelo tema da ginástica de academia, uma vez que vinha atuando profissionalmente com a ginástica rítmica (GR), ginástica geral (GG) e ginástica na/da escola. Uma compreensão que foi viabilizada a partir do interesse de amigas pela pesquisa, pela leitura dos referenciais teóricos e, mais recentemente, pela fase de qualificação e pelos diálogos estabelecidos com os entrevistados que colaboraram com a pesquisa.

A partir da conclusão da graduação (1995), quando então assumi a atuação profissional de “professora de ginástica”, ouvi os mais diferentes tipos

¹ Minhas primeiras publicações na área da Ginástica ocorreram em 1993, apresentando trabalhos em Congressos, conjuntamente com professoras da FEF/UNICAMP. Desde então, outras publicações foram produzidas, como as monografias já mencionadas, a dissertação de mestrado, capítulos de livros, assim como outros tipos de intervenção acadêmica, como parecerista, docente de cursos, coordenadora de Anais e eventos (nacionais e internacionais).

de comentários de parentes, amigos e estranhos (aos quais casualmente fui apresentada). E grande parte destes comentários convergiam numa concepção de que trabalhar com a ginástica é prazeroso (“nossa, que legal!”; “poxa, você que leva a vida!”; “que bacana” etc), mantém a forma (“por isso que você está sempre em forma!”; “como é bom trabalhar e malhar ao mesmo tempo, hein?”; “ganhar a vida malhando, tudo de bom!”; etc) e também é sinônimo de saúde (“assim sua saúde está sempre em dia!”; “essa nunca vai ficar doente”; etc).

Enfrentamento difícil era a causa da compreensão de que estas associações não necessariamente eram verdadeiras, de que o universo da Ginástica não se restringia à ginástica de academia e que, no meu caso específico, trabalhava e defendia um tipo de ginástica (GG) com princípios bem distintos dos praticadas na área do fitness (embora acreditasse que um trabalho diferenciado nesta área fosse possível). Isso para não mencionar a dificuldade em estabelecer diálogos quando inesperadamente era solicitada para “passar uns exercícios para perder a barriga, o culote, a celulite”, dentre outras manifestações do corpo consideradas deformidades.

E, neste contexto, o que mais me acometia era a percepção de que havia no silêncio verbal uma gestualidade que indicava uma concepção acerca da utilidade “única” desta atuação profissional (principalmente para a beleza e para um prazer irreflexivo), que era logo somada a uma outra concepção de certa futilidade ou superficialidade da mesma, e daqueles que nela atuam. Aquela exclamação “que legal” em reticências, o olhar esmiuçador sobre o que você veste, a sutil medição do seu corpo, um trato com a área como algo marginalizado e/ou irreflexivo ou a você como tal, chegando a restringir sua participação em certos debates de cunho político/econômico/cultural, como se não fosse capaz de arguir sobre eles com mínima competência.

Tais observações parecem ainda presentes, como menciona o entrevistado Gilberto Bertevello:

[...] quando a menina entra na faculdade e ela passa no vestibular, ela vai na baladinha e fala para as amigas, para a prima dela: “Entrei em Educação Física!” e (a resposta é) “Que ótimo! É bom para emagrecer”... (parece que) você não teve capacidade para entrar em outra faculdade...

O incômodo diante dessas situações era frequente, suscitando inquietações² e me tornando mais sensível para perceber seu eco ao meu redor, nas bancas de jornais e revistas, nos programas televisivos, nos outdoors, no discurso dos meus próprios alunos e colegas de trabalho (que geralmente trabalham na área de humanas e consideram as “aulas práticas” menos importantes)., a partir deste processo de doutoramento, pude compreender que não há ecos, mas sim, uma circularidade da informação em toda a sociedade (GREIMAS apud FANTIN, 1999; MARTIN-BARBERO, 2009), uma vez que as informações são veiculadas por diversos agentes (mediadores), em diferentes culturas e contextos, sendo apropriadas e/ou re-significadas de acordo com inúmeros fatores à medida em que circulam.

Este trato com a ginástica, e com os que nela atuam, parecem ainda presentes no século XXI, num momento de extrema visibilidade, uso e conhecimento do corpo, em que a ginástica de academia aparece como uma prática capaz de propiciar e potencializar estes fatores relacionados ao corpo (principalmente de beleza), de diferentes maneiras, em vários locais, para os

² Estas inquietações vêm desde minha formação na graduação, e foram se ampliando a partir do momento que voltei a frequentar academias de ginástica, como aluna, e que comecei a lecionar no ensino universitário, formando professores que atuariam nesta área. Uma série de questionamentos, indignações, reflexões e sensações do corpo; meus e de meus alunos. E neste percurso, até hoje, alguns professores colaboraram muito para me provocarem neste sentido, aos quais agradeço.

mais diversificados perfis de pessoas. Para além disso, numa sociedade de hipervalorização das formas físicas, sua publicidade promete conceder ao corpo um tipo específico de poder, transformando-o numa silhueta publicamente aceitável, desejável, “up to date”.

Assim, este trabalho busca uma compreensão acerca do passado da ginástica brasileira, em especial a de academia, que ainda ecoa na atualidade, questionando como determinados valores e experiências relacionadas aos cuidados com o corpo hoje se tornaram bens de consumo mais acessíveis aos setores médios das sociedades industriais. E inspirada em estudos históricos³, essa grande questão supõe que para o pesquisador das ciências humanas é importante pensar as condições históricas das pessoas, incluindo suas relações de poder com seus corpos.

Dito de outro modo, a pesquisa objetiva compreender como foi possível para a ginástica de academia alcançar tamanha força e legitimidade na atualidade, especificamente no Brasil, não só para a obtenção de corpos construídos, segundo referências midiáticas, mas também como se ela fosse um dever natural, um passaporte para o alcance da saúde e de certos padrões de beleza. Embora este ideário tenha alcançado pessoas de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, níveis sociais e etnias, ele tem como público alvo principal a mulher. Esta, não por coincidência, também é o foco prioritário das campanhas publicitárias das academias de ginástica. Esta tendência explica a predileção neste trabalho pelo estudo do corpo feminino, num recorte transversal em todos os capítulos.

O recorte histórico escolhido foi a década 80 que, segundo muitos autores, das áreas da Educação Física e Sociologia, foi um período marcado pela

³ Principalmente nos estudos de Michel Foucault.

supervalorização e visibilidade do corpo, considerado saudável e jovial, e dos recursos para viabilizar este objetivo, dentre eles as práticas esportivas e da ginástica. Principalmente nas décadas de 70, 80 e 90, foi possível constatar um verdadeiro “*boom do corpo*” (BRACHT, 1999).

Internacionalmente, a década de 70 foi marcada pelo desenvolvimento do esporte e pelo culto da performance de maneira geral, enquanto que a década de 80 explorou o culto exacerbado ao corpo, em especial a prática da ginástica de academia (BRACHT, 1997; EHRENBURG, 2008; dentre outros). Esta influência chegou ao Brasil com menor velocidade na década de 70, aumentou na de 80, graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação e à evolução tecnológica (conforme será apontado mais adiante). Na área da Educação Física, a década de 80 é considerada como um período de fertilização das academias de ginástica, assim como do surgimento daquelas de grande porte, segundo todos os profissionais colaboradores desta pesquisa (depoentes). Foi um período inicial de investimento no *fitness* de forma geral.

Com base nestes estudos⁴ é que se justifica para esta pesquisa, o recorte da década de 80, objetivando encontrar nas fontes elementos que mostrem toda esta movimentação de diferentes setores da vida social, que convergem, sustentam e promovem, ainda mais, uma supervalorização do corpo, e a forma mais privilegiada de obtê-lo: a ginástica.

Para atender o objetivo proposto, a pesquisa foi orientada por dois tipos de trabalhos, que foram analisados de maneira co-relata: o documental e o exploratório⁵ (GIL, 2010).

⁴ Os referenciais teóricos destes estudos serão apresentados num dos capítulos a seguir, indo ao encontro da análise das fontes no que concerne à ginástica de academia.

⁵ Há uma diversidade de autores na área da metodologia da pesquisa que preconizam nomenclaturas e conceitos acerca dos tipos de pesquisa. Vale mencionar, que para alguns, todo o tipo de

A pesquisa documental teve como fonte a revista *Veja*, do Grupo Abril, abrangendo 93 exemplares na década estudada (incluindo-se o suplemento *Veja São Paulo* e edições especiais), especialmente as edições dos anos de 1984, 1985 e 1989. A escolha dessa revista, criada em setembro de 1968, ocorreu porque se caracteriza como um meio de comunicação rico em informações de diferentes esferas da vida social⁶ e por ser, segundo seus editores, a revista de maior projeção no Brasil em seu setor, tanto na década estudada (1980) como na atualidade, constituindo-se a 3ª revista semanal de maior tiragem do mundo, com mais de 1 milhão de exemplares (www.assineabril.com.br/revista-veja> consultado em 12/01/2009)⁷.

VEJA. Indispensável para o país que queremos ser.

O que você ganha assinando **VEJA**? A revista investigativa e esclarecedora que repercute em todo o país, com reportagens que antecipam e explicam as grandes questões do Brasil e do mundo. Leia as entrevistas mais reveladoras e tenha contato com os colunistas que não deixam ninguém indiferente. Receba em casa a maior revista semanal de informação do país e a terceira maior do mundo, depois de Time e Newsweek.

pesquisa é exploratório, pois exige uma exploração de fontes (documentais, verbais, literárias) por parte do pesquisador.

⁶ Segundo Roberto Civita, editor da revista *Veja* e proprietário da Editora Abril, a revista já tinha em sua primeira edição este objetivo de informar o Brasil, nos mais diferentes setores:

“O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação a fim de escolher novos rumos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa estar, enfim, bem informado. E este é o objetivo de *Veja*” (VEJA, 1968, n.1)

⁷ Dantas (2007) sinaliza em seu estudo sobre a revista *Saúde!* que a Editora Abril é uma das maiores redes de comunicação impressa do país, sendo uma das maiores agentes formadoras de opinião. Afirmação facilmente justificável se atentarmos a esta esmagadora distribuição da revista *Veja* (que atinge potencialmente mais de um leitor por revista) assim como pela diversidade, quantidade e forma de distribuição de outras revistas especializadas que produz. Interfere diretamente no pensamento e nos hábitos dos brasileiros, assim como aponta outros jornalistas e profissionais da publicidade.

Seria possível fazer inúmeras análises deste pequeno e importante texto de marketing, feito para conquistar o assinante. Algumas estão afinadas aos propósitos deste trabalho e podem ser bem reveladoras. O slogan já mostra sua imponência, ao ser considerada como *indispensável*, não só ao cidadão que deseja estar bem informado, principalmente o da cidade (a referencia aqui é a cidade de SP, ou você quer dizer o cidadão urbano?) (que acompanha os fatos da sociedade), mas para a constituição do país que *queremos ser*. Tenta-se criar uma *necessidade* desta leitura, para que o indivíduo sinta-se bem informado e, ao mesmo tempo, transmitir uma ideia de coletividade, de união, de *identidade nacional*, para a construção de um país, que em consonância, compartilha destas informações e tem esta mesma forma de ver o mundo. A frase final também é convidativa e mostra o diferencial da revista: *saiba cada vez mais*. Mais, e para além do que outras pessoas, do que outros meios de comunicação oferecem, do que a educação formal possibilita, do que as discussões com amigos e familiares podem suscitar.

E com este perfil, a revista é alvo de campanhas publicitárias e anúncios de empresas das mais diferentes áreas, que obviamente, compartilham destes ideais, deste movimento de consumo e “imperialismo” (talvez seja bom explicar o que você quer dizer com imperialismo. Da forma que está fica deslocado). Atualmente, as propagandas atingem cerca de 45% da revista⁸, em sua maioria em páginas inteiras, e esta característica também justifica sua escolha como

⁸ Segundo Mira (2001), em 1995, 65,3% da verba publicitária aplicada em revistas para adultos foi para os cofres da editora Abril.

fonte desta pesquisa, na medida em que auxilia a compreender um contexto mais amplo da sociedade.

[...] VEJA procura indicar os vários momentos nos quais ela se declara ter estado presente junto aos fatos, trazendo-os para os seus leitores, sempre com o objetivo de se apresentar ao lado deles, com os quais declara-se comprometida. Dessa forma, ela reafirma sua presença como veículo de informação. (FANTIN, 1999, p.26).

Devido à sua grande penetração no mercado, qualidade técnica, imponência e visibilidade (FANTIN, op.cit), *Veja* é atualmente considerada como um dos maiores veículos de comunicação da imprensa escrita brasileira, atuando como uma grande formadora de opinião e, portanto, como um agente educativo. Não só em sua estrutura, mas em todas estas áreas e matérias, há um perfil jornalístico, um posicionamento político-econômico, uma ideologia, uma visão de mundo que se deflagra e que ela pretende incutir nos leitores. Segundo o próprio editor da revista e presidente do Grupo Abril, Roberto Civita, “A maneira pela qual os veículos de comunicação abordam, enfocam, apresentam e analisam os fatos evidentemente os altera ou afeta.” (VEJA SP, ed. 1529, 1998, Ponto de Vista).

Vale salientar que, devido ao seu campo de atuação no cenário brasileiro e internacional, como pela variedade de publicações que possui em diferentes áreas, dentre outros fatores, o Grupo Abril estabelece-se como um legítimo *sistema de poder*, reproduzindo e produzindo verdades sobre a vida em geral, numa ampla e diversificada rede de informações (DANTAS, 2007) ⁹. O autor ainda ressalta que

⁹ O Grupo Abril é responsável pela veiculação de sete dos dez maiores títulos de revistas do país, e possui 351 títulos de revista, dos quais 96 regulares, que somados proporcionam uma circulação anual de 209 milhões de exemplares (DANTAS, 2007). Para se ter uma noção de seu

Enquanto um império de comunicação em franca ascensão, o Grupo Abril movimenta a nova forma global de soberania que a lógica do capitalismo integrado impôs à autoridade política nos Estados-Nações modernas, se fazendo amplamente presente nos mais variados tempos e espaços da sociedade brasileira.

Hiperpresença garantida pelos dispositivos de poder extremamente eficazes existentes na sociedade de controle contemporânea, que de certo modo viabilizam a expansão desse tipo de capitalismo integrado, ao mesmo tempo em que se nutrem da sua lógica e estrutura imperial. (DANTAS, op.cit, p.35, 36)

Objetivando ampliar os saberes sobre a ginástica de academia nesta década, dada a escassez de publicações que focam este tema¹⁰, optou-se por utilizar também a pesquisa exploratória, a partir do método da História Oral, que, para Queiroz (1988, p.19), é “[...] um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação ou cuja documentação se quer completar.” E Thompson (2002, p.22) evidencia seu diferencial no campo das pesquisas históricas:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Considerada sempre como uma história do tempo presente, ou história viva (MEIHY apud SCHIAVON, 2009), pretende-se com esta abordagem metodológica obter informações acerca da ginástica de academia por meio de

desenvolvimento, em 1996, segundo Mira (2001), dos 371 milhões de exemplares que circulavam no país, 199 milhões eram da editora Abril ou de suas subsidiárias.

¹⁰ Em 2009, na busca por artigos na base de dados *Scielo* foi surpreendente não haver nenhuma obra de referência com as palavras chaves História da Ginástica e História da Ginástica de Academia. E com as palavras chaves Ginástica de Academia, somente 7 artigos. Outros títulos foram encontrados com a busca por Academia, *Fitness* e Ginástica, mas nenhum deles abordava os aspectos históricos.

seus agentes, evidenciando-se seu processo de constituição, divulgação e crescimento.

O uso da técnica de depoimentos orais mostrou-se como outra possibilidade viável e interessante nesta composição de saberes, permitindo estabelecer um tema aos depoentes para seus relatos de vida. Também denominado por testemunhos orais, a autora abaixo elucida algumas de suas características e procedimentos.

Como nas pesquisas que conduzimos procuramos reconstruir historicamente processos sócio-culturais, não trabalhamos com histórias de vida, mas com testemunhos orais. Com esta abordagem, propomos um tema de referência e solicitamos aos depoentes que narrem suas vidas, tendo como guia o tema proposto. Fazemos perguntas sempre que surge uma dúvida, mas, na primeira fase de coleta de informações, é preciso deixar que o informante fale livremente, apenas reconduzindo o relato para o tema-guia quando os caminhos da memória o arrebatam por longos períodos de tempo, levando-o a subtemas que se distanciam do principal ponto de interesse da pesquisa (VON SIMSON, 2006, p.145).

Dois perfis de público alvo foram selecionados para compor esta pesquisa, sendo que ambos tinham em comum uma forma de contato com a ginástica no período estudado, em grandes cidades do Estado de São Paulo (no caso, as cidades de São Paulo ou Campinas). Um grupo, composto por 5 profissionais, foi constituído por acadêmicos e doutores na área de ginástica, que tivessem atuado com a ginástica de academia na década de 80 e que estivessem de alguma forma relacionados à sua prática até a atualidade. O outro grupo foi composto por 6 profissionais, professores e/ou proprietários de organizações que desenvolvem a ginástica de academia, que atuaram com esta prática desde a década de 80 até a atualidade¹¹.

¹¹ O perfil de cada profissional, denominado na história oral por “portrait” (retrato em francês), situa-se nos Anexos.

As informações, obtidas desses profissionais especializados com atuação diretamente na área e no recorte histórico da pesquisa permitem um diálogo com outras informações obtidas por meio do referencial bibliográfico e da revista *Veja*, constituindo-se numa rede de saberes acerca do tema proposto.

Estabelecidos estes aspectos que compõem a pesquisa, a tese se inicia a partir de uma reflexão da realidade, sobre *o que pode a ginástica* na modernidade. Aborda-se a área da Educação Física e da Ginástica de Academia na atualidade e de que maneira esta última está situada no cotidiano das pessoas “comuns” e celebridades, como se apresenta de maneira intensiva e pulverizada na mídia e nos produtos que a sustentam, e como está legitimada quando considerada a representação mais fiel da saúde, da moda, da longevidade e da felicidade: um cenário do presente que suscitou o tema desta pesquisa.

O segundo capítulo pontua como as áreas da tecnologia, política e saúde, ora de forma separada, ora interligadas, estabelecem um comportamento *por um corpo ativo* na década de 80.

E, neste contexto, alguns indícios parecem legitimar a prática da ginástica, como:

- um cenário político pós ditadura favorável ao investimento no corpo, principalmente no seu condicionamento e exposição (liberdade de expressão);
- o avanço da tecnologia, que propiciou novas formas de visualizar internamente e externamente o corpo, assim como de conceituá-lo e concebê-lo;
- a busca da saúde, como uma grande bandeira no final do século XX;
- a mudança de papéis da mulher, e o investimento de diferentes setores do mercado voltados a este público, assim como uma alteração no modelo de beleza feminina (forte e magro).

Neste mesmo capítulo evidenciam-se quais foram os *produtos enaltecedores do corpo* que, em princípio, proporcionam a obtenção desse corpo ativo, dando-lhe maior visibilidade (interna ou externa) e uma forma pré-estabelecida. Produtos que direta ou indiretamente estarão vinculados à prática da ginástica, seja para complementá-la ou substituí-la mas, na maior parte dos casos, para com ela formar um modelo de corpo ideal. Neste sentido, parece que os produtos legitimam a prática da ginástica de academia e vice-versa, sendo o primeiro movimento mais intenso que o segundo.

Já o segundo capítulo se inicia com uma reflexão acerca da constituição do *self*, e de que maneira sua repercussão internacional ecoou no Brasil. A valorização do “faça você mesmo” e do culto ao corpo, diretamente atrelados o movimento do *self*, interferem claramente na divulgação e adesão da prática da ginástica. Isso porque, tem-se como hipótese que a ginástica será um dos seus maiores alicerces e instrumentos para a configuração do “*meu corpo*”.

Corpo ativo este que, supervalorizado pelo indivíduo e pela sociedade, movimenta-se ansioso para obter uma forma ideal. E, neste contexto, o mercado oferece alguns *modelos de corpo* para serem seguidos. Há os corpos que serão modificados diretamente ou indiretamente pelas máquinas e produtos artificiais. Há os corpos das celebridades, artistas da mídia visual, que veicularão um comportamento e uma forma física desejáveis aos seus expectadores. E há os corpos das modelos, que no mundo da moda e fora dele, exibem um padrão de beleza que parece garantir o sucesso e a felicidade. Embora com diferenças muitas vezes tênues, observa-se que todos estes modelos de corpo têm em comum a força, a definição da forma física e a magreza (especialmente no caso das mulheres) como atributos indispensáveis para sua composição, em sua grande parte proporcionados pela ginástica.

O último capítulo aborda a temática da *Boa Forma*, trazendo o estabelecimento de suas medidas, de seus lugares de prática, de seus equipamentos e produtos específicos, e, principalmente, das concepções ideológicas que os sustentam, como uma biopolítica do corpo (FOUCAULT, 1992) e um movimento físico-sanitário (FRAGA, 2006).

Permeiam todos estes capítulos o estreitamento da relação entre a Educação Física e a História, colaborando para a ampliação de estudos sobre a ginástica e o corpo que possam revelar uma história a elas comum¹². Nesse sentido, diversos estudos sobre o corpo contribuem para enriquecer tanto o entendimento da história, quanto o da Educação Física. Um estudo que tem sido tema de análise de diferentes áreas do saber, pois

Vivemos numa conjuntura favorável para falar do corpo [...] O interesse teórico pelo corpo é, como era de esperar, concomitante à aparição da “cultura do corpo” [...] Da filosofia à psicanálise, passando pela antropologia, história, sociologia, literatura comparada, teologia, pelos estudos culturais, de raça, gays e lésbicas, tornou-se um lugar comum falar do corpo, de seu estatuto e construção. Depois da virada lingüística assistimos a uma “virada corporal” na teoria social (Tamborino, 2002). (ORTEGA, 2008, p. 189)

As razões pelas quais o corpo e, por consequência, as práticas corporais, passa a ser objeto de estudo de diversas disciplinas científicas, são múltiplas e complexas¹³. No entanto, é possível afirmar que elas estão vinculadas a um novo *status social* que a cultura ocidental vai conferir ao corpo, precisamente a partir da década de 60. E é neste contexto que se situa este trabalho.

¹² Muitos estudos já foram desenvolvidos fazendo uma interface entre estas duas áreas, e estes dois temas (corpo e ginástica) como mostram as publicações da educadora física Carmen Lúcia Soares e da historiadora Denise Bernuzzi Sant’Anna, como de seus orientandos (nestas áreas, e em outras como na Educação). Outras pesquisas caminham nesta direção em programas de Pós-Graduação destas áreas, como as recém desenvolvidas por Moreno (2001), Fiorin (2002), Sarôa (2005), Schiavon (2009) e Marta (2009).

¹³ A coleção História do Corpo, em 3 volumes, assim como outras obras, sinalizam este interesse de diferentes áreas do saber para o estudo do corpo.

1. O QUE PODE A GINÁSTICA?

Algumas reflexões serão brevemente apresentadas neste capítulo, montando um mosaico de informações da atualidade, expostas por meio de fontes como revistas, livros, pesquisas, depoimentos e confissões. Informações que serão melhor desenvolvidas e subsidiadas teoricamente ao longo do texto e que evidenciam os diferentes motivos que parecem legitimar a ginástica de academia, como servir para o suposto alcance da saúde, da beleza, da conquista amorosa, da aceitação social, de uma elevada auto-estima, de um sentimento de pertença a um grupo privilegiado que pode cultivar o corpo e exibi-lo, a um grupo que acima de tudo está na moda.

A pergunta norteadora deste capítulo é **o que pode** esta prática corporal, a saber a ginástica, este fenômeno cultural e social tão presente na mídia, nos outdoors, nas associações, nas escolas e universidades, na vida de celebridades e nas conversas¹⁴ cotidianas de pessoas de diferentes faixas etárias e sociais? Pergunta certamente ampla, mas que é o ponto de partida desta pesquisa que busca entender os fatores que legitimam a ginástica de academia na atualidade, por meio de uma investigação histórica, que se remete fundamentalmente à década de 80 (pelos motivos já expostos na Introdução). Pergunta que ajuda a pensar sobre os inúmeros poderes atribuídos à ginástica ao longo da história, em todo o país (especialmente nas grandes cidades) e que detalha a problematização do estudo.

¹⁴ Para Kowalski e Ferreira (2007), consta dos referenciais das conversas cotidianas femininas e, também, masculinas: o culto à beleza, boa forma, corpo magro e alto, malhado, sem gordura e fibro edema gelóide (celulite), ou seja, no julgamento entre o bom, o mau e o feio – a estética e a cultura corporal – estão em alta na sociedade.

As cidades têm seus rituais, seus costumes, suas imposições de diferentes ordens, e muitos deles envolvem a ginástica. Desde o Renascimento a ginástica constitui-se como uma das principais formas institucionais de educar o corpo, primeiramente em contextos sociais como as escolas, grupamentos militares e associações, e posteriormente em clubes e academias, dentre outros (LANGLADE E LANGLADE, 1970; ZORO, 1986; FOUCAULT, 1987; SOARES, 1994-1998). A ginástica era desenvolvida dentro destas instituições, e ganhava mais visibilidade e adesão quando considerada parte da tradição da cidade (ou país), exposta no seu formato demonstrativo/festivo, cívico, associativo ou competitivo. Segundo Hobsbawm (2006, p.14), tradições como campeonatos de ginástica, dentre outras manifestações do século XX, “foram modificadas, ritualizadas e institucionalizadas para servir a novos propósitos nacionais”. Claramente há um investimento na ginástica, com objetivos políticos, corroborando para esta educação do cidadão em prol de um perfil que se deseja manipular.

E este investimento se renova, ficando constantemente latente. Atualmente, nas metrópoles as tradições e os costumes são re-significados, e ditam imposições de uma educação do corpo, das mais diversas formas, incluindo a ginástica. À medida que demandam pessoas eficientes, disciplinadas, ágeis, também oferecem as formas para obter estas qualidades. Não é à toa que estes adjetivos são solicitados no perfil do cidadão moderno e são avaliados subjetivamente e objetivamente pelos que o cercam. Um exemplo de uma forma objetiva de avaliação encontra-se na pauta de critérios de seleção de candidatos para a aquisição do emprego, utilizadas em muitos casos por supervisores de sessão, psicólogos, dentre outros profissionais, principalmente nas entrevistas e “dinâmicas de grupo”, portanto, aplicadas ao corpo. Isso

quando não exigem uma “boa aparência”, que também pode ser obtida pela ginástica, dentre outros tratamentos estéticos.

Também não é à toa que estes termos estão presentes nos manuais de auto-ajuda, de gerenciamento de negócios e de gerenciamento de si (marketing pessoal). A imposição não se dá somente pela *existência* destas inúmeras publicações, mas também por sua *divulgação* maciça, em livrarias *megastores* e de bairro, nas bancas de jornais, com chamarizes como “Os melhores da semana”, “Best-sellers” ou “Os mais vendidos”, instigando o leitor a uma constante auto-avaliação e solicitando, a todo momento, que é preciso adequar-se a um modelo. Estas características individuais são postas como fundamentais para o êxito, e muitas vezes para a sobrevivência, pessoal e profissional, dentro da metrópole. Neste contexto, parece haver uma cumplicidade entre a ginástica, as pessoas e o espaço urbano, de modo tão intenso e interligado que propicia benefícios mútuos, a partir de categorias a eles comuns: modelos de beleza, força, agilidade, disciplina e vanguarda. Assim, a ginástica passa a ser uma das imposições da cidade, e uma de suas práticas corporais privilegiadas, uma vez que se evidencia como instrumento para obtenção destas qualidades, auxiliando, portanto, o indivíduo ser e sentir-se não mais um corpo *na* cidade, mas um corpo *da* cidade. Um corpo que é ao mesmo tempo autônomo em suas ações e membro articulado e dependente deste corpo maior que é a cidade. Uma relação de reciprocidade como aponta Santa’Anna (1995, p.17).

As cidades revelam os corpos de seus moradores. Mais do que isso, elas afetam os corpos que as constroem e guardam, em seu modo de ser e de aparecer, os traços desta afecção. Há um trânsito ininterrupto entre os corpos e o espaço urbano, há um prolongamento infinito e, e em via dupla, entre o gesto humano e a marca “em concreto” de suas ambições e de seus receios...

A ginástica também pode ser considerada como necessidade recomendada pelas metrópoles, ao constatar-se como está presente nos inúmeros apelos veiculados por diferentes meios de comunicação¹⁵, assim como pelos próprios corpos que transitam na cidade. Em ambos os casos, se mostra a prática da ginástica como a *melhor solução ou a mais acessível forma de tornar-se eficiente e belo*, e, portanto, bem sucedido, em diferentes esferas da vida pública. Os tipos de apelos são diversos, incutindo o desejo por práticas sistematizadas de atividade física, preferencialmente na academia, também como uma conquista do corpo, da saúde, e da cidadania. Talvez esta seja uma permanência na longa duração em relação ao objetivo da ginástica, e que somente se transforma em seus mecanismos de divulgação, intervenção e execução¹⁶. Retomando o já exposto, em outros momentos históricos ela serviu também aos propósitos de eficiência e beleza, no entanto, por meio dos treinamentos militares, de jogos, eventos cívicos etc.

Mas não só para a obtenção do corpo eficiente e belo serve a ginástica nas grandes cidades. Para além de ser o local dos acontecimentos, a metrópole ainda precisa de outros atributos, como ser inovadora (científica), sedutora e habitada por corpos saudáveis, exigindo de seus cidadãos estas características, que poderão ser proporcionadas pela ginástica, em especial a de academia. Prática fundamentada pela ciência no campo da Educação Física, este tipo de ginástica se desenvolve e se impulsiona na metrópole, principalmente nos centros de pesquisas e nas indústrias de produtos que servem a este fim. Tem sua

¹⁵ Segundo o entrevistado Gilberto Bertevello, já havia na década de 50 na cidade de São Paulo, propagandas de academias, inclusive de halterofilismo, nos bondes, ônibus e gibis.

¹⁶ A este respeito é interessante a citação de Calvino (1990, p.14 – grifo meu): A cidade não é feita disso (materiais), mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado... A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata.

diversidade exposta pelos quadros de horários das grandes academias, agradando um grande *pool* de clientes, e indo ao encontro das necessidades de um contexto urbano moderno.

Assim, as grandes cidades parecem ser os lugares propícios para o desenvolvimento da ginástica, pois possuem uma estrutura física e um perfil de estilo de vida que alimentam esta prática. Ou seja, geralmente caracterizadas por um número populacional elevado, com muitas construções (verticais e horizontais), com poucos espaços públicos para a prática de atividade física (proporcionalmente ao índice populacional), com grande volume diário de trabalho para seus habitantes, com vários apelos de consumo (com campanhas de marketing agressivas), com altos índices de sedentarismo e má alimentação, dentre outros, as grandes cidades se mostram como terrenos férteis para a prática de uma atividade física sistematizada, cuja fundamentação é científica e que promete corpos belos, saudáveis e dinâmicos para “sobreviver de maneira bem sucedida” na doravante considerada “selva de pedra”.

[...] as grandes cidades exigem cada vez mais preparo físico, psíquico e social; em um momento em que a educação física ganha notoriedade devido a uma concepção mais global de ser humano, em que adeptos de todas as idades buscam entender melhor o próprio corpo, os riscos que correm, os mecanismos para o desenvolvimento de uma vida saudável – nesse momento relevante, salta aos olhos a população excessiva dos grandes centros urbanos e a considerável diminuição das áreas livres e verdes destinadas à prática dos exercícios físicos. Diante desse quadro, as academias de ginástica tornaram-se uma alternativa única para grande parcela da população urbana. (SABA, 2001, p.55)

O autor aponta algumas questões que serão desenvolvidas mais adiante, mas uma delas refere-se a uma relação paradoxal entre estímulo à atividade

física¹⁷ e a falta de locais apropriados para a sua prática nos grandes centros urbanos. Assim, ao mesmo tempo que parece haver um incentivo para a atividade física¹⁸, há também problemas para realizá-la como a falta de espaços públicos (abertos ou fechados), bem distribuídos e mantidos pela cidade para esta prática; assim como dificuldade no acesso a estes espaços e a falta de profissionais de plantão para orientação da atividade.

Embora Saba (op.cit) considere a academia como uma das poucas alternativas possíveis para grande parte da população, cabe ressaltar que num país com grandes desigualdades sociais, isso está distante de se tornar uma realidade. Se a maioria da população não possui condições dignas de vida, a prática de atividade física sistematizada, onde se inclui a ginástica de academia, é um luxo como menciona Vargas (1990)¹⁹, que não faz parte da vida da maioria. É uma prática de uma pequena parcela da população, como mostram os depoimentos abaixo, da carioca Heloísa, 43 anos, faxineira e o da paulistana Djanira Cardoso, 77 anos, cozinheira, respectivamente:

¹⁷ Embora este estímulo a atividade física ocorra, segundo o entrevistado Gilberto Bertevello, no caso da cidade de São Paulo há cerca de 16 milhões de habitantes e há por volta de 2 a 3% que frequentam locais de atividade física sistematizada.

¹⁸ Este incentivo se dá pelas orientações médicas, no conteúdo das revistas e jornais, no “bate papo” na copa das empresas, e também por meio de campanhas como o “Agita São Paulo – Agita Mundo” e o “Dia do Desafio – Challenge Day”, ambos eventos mundiais, com intervenções municipais (fortemente desenvolvida em São Paulo), com parceria público privada. A respeito destas campanhas, consultar os sites: www.celafiscs.institucional.ws; **www.agitamundo.org**; agitasp.org.br. E para uma leitura crítica a respeito destes eventos e campanhas, sugere-se a obra de Alex B. Fraga: *Exercício da informação – governo dos corpos no mercado da vida ativa*.

¹⁹ Neste capítulo serão abordadas referências da década de 90 para tratar de aspectos da atualidade, quando trouxeram informações e/ou reflexões que estão sendo entendidas como permanências neste processo histórico. Ou seja, estes referenciais embora datem da década passada, abordam questões que ainda parecem estar presentes até os dias de hoje. Haverá também casos, em que estes referenciais evidenciarão rupturas parciais e/ou totais neste recorte histórico, e nestes casos, serão devidamente explanadas.

Se eu pudesse ir à academia para cuidar do corpo eu iria...
mas a minha condição não permite... Porque eu acho que alguém que
tem condição de cuidar do corpo, deve cuidar...
Eu gostaria de comprar uma bicicleta ergométrica.
(MALYSSE, 2002, p.102)

Tive derrame no ano passado. Depois que saí do hospital, o médico
disse que eu tinha que fazer ginástica. Na verdade, eu já fazia
ginástica antes, numa unidade da prefeitura. Só que acabei perdendo
a minha vaga quando fiquei no hospital e não sei quando vou
conseguir fazer aula de ginástica de novo. Está tudo lotado. Não posso
pagar uma academia porque é caro. Moramos eu, a minha filha, que
também já tem idade, e o meu neto na minha casa.
Ela ganha R\$200 de aposentadoria.
Com R\$400 por mês, é difícil dar conta das despesas da casa,
não posso nem pensar em pagar uma ginástica...
(SESC, 2003, p.99)

Para Heloísa a academia parece ser o lugar ideal para “cuidar do corpo”, ou seja, a ginástica de academia **pode** cuidar do corpo. E como sua condição financeira não permite isso, optaria, pelo menos, em ter em casa uma representação simbólica de sua prática: a bicicleta ergométrica. Geralmente acompanhada de manuais de uso, não necessariamente de uma orientação de rotinas de atividades adequadas ao perfil do cliente, o maquinário mostra-se como uma possibilidade de aproximação entre ela e a academia, assim como entre seu corpo atual e um corpo ideal. Já o depoimento de Djanira, também exemplifica como a condição financeira é um fato determinante para a adesão à academia, e ressalta a pouca oferta pública de atividades do gênero. Fatores estes que a impedem de fazer ginástica como fazia antes de ser operada e como orientado pelo médico, após sua cirurgia... A ginástica **poderia** lhe dar mais saúde.

Estes depoimentos respaldam a consideração de Silva (2001) quando aponta a condição financeira como um “passe” para o acesso ao serviço do profissional de Educação Física, configurando-se como um critério extremamente excludente e injusto, reprodução de um modelo econômico

capitalista. Há uma quantidade de propostas públicas, portanto gratuitas, ainda aquém das necessidades da população em Unidades Básicas de Saúde, Centros e Praças Esportivas, assim como há pouca divulgação das que existem, apontando para uma política pública em caminho lento para uma vivência democrática da atividade física, da ginástica, do esporte, dentre outras manifestações da cultura corporal.

Alguns dados, que serão apresentados a seguir, têm mostrado que mesmo diante deste cenário, há um crescimento significativo das academias de ginástica no país²⁰, que reflete o maior interesse de pessoas a esta prática, provavelmente oriundas das classes alta e média, e minoritariamente da classe baixa.

Segundo Antunes (2003) a proliferação das academias é um fenômeno internacional, e segundo Waldyr Soares, presidente da Fitness Brasil, em matéria publicada em 19/04/2006 (www.fitnessbrasil.com.br), o Brasil é o maior mercado de academias na América Latina e o segundo maior em número de academias no mundo. Segundo ele, *em 1999* o país possuía 4 mil academias e

²⁰ Segundo o entrevistado Gilberto Bertevello, houve um grande aumento das academias na cidade e no estado de São Paulo, considerando-se que nesta análise estão sendo contabilizadas academias também da prática da natação e de alguns outros esportes:

“Se eu não me engano 79, 80, nasceu a Associação de Escolas de Natação e tinha a na cidade de São Paulo umas cento e vinte academias... Quando nós criamos o Sindicato, que foi em 89, que transformou-se a Associação em Sindicato, nós tínhamos umas trezentas na cidade de São Paulo, umas quinhentas no estado... Foi aproximadamente em 93 que firmamos nosso primeiro acordo sindical, e em 94 nosso primeiro acordo salarial. Nós estamos falando em mais ou menos umas oitocentas academias em São Paulo e umas mil e quinhentas, mil e seiscentas no estado de São Paulo. Em meados de 2000 nós subimos para duas mil e trezentas academias no estado... e hoje nós estamos em quatro mil e trezentas, e isso vem crescendo de ano a ano, principalmente devido a uma regularização das academias.”

O entrevistado ainda chama a atenção para o fato destes números não simbolizarem um dado fiel da realidade, pois havia academias, como ainda há até hoje, que não estavam regularizadas. Como será abordado no último capítulo, segundo a maioria dos entrevistados, muitas academias de ginástica, principalmente na década de 70, funcionavam nas casas de professores de Educação Física.

em 2006 possui mais de 7 mil, frequentados por mais de 2,1 milhões de pessoas. E o dado mais significativo é que mais de 50% delas estão na região sudeste, principalmente no eixo Rio-São Paulo, ou seja, onde estão as maiores cidades do país, o maior eixo industrial, o centro do mercado financeiro e onde estão concentradas as maiores rendas per capita do país. A região Sul tem 25% e as outras porcentagens dividem-se nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

O levantamento mais recente da IHRSA (FITNESS BUSINESS, 2008, p.52), com base nos dados fornecidos pela “Industry Experts” e pelo CONFEF, mostra que estes números praticamente dobraram em dois anos (2006-2008), chegando a mais de 12 mil academias e quase a 4 milhões de frequentadores no país:

PAÍS	RECEITA TOTAL DA INDÚSTRIA	TOTAL DE ACADEMIAS	TOTAL DE ALUNOS	PORCENTAGEM DE ALUNOS EM RELAÇÃO À POUPULAÇÃO
Brasil	US\$ 1.218.240.000,00	12.682	3.948.000	2,10%

Quadro 1 – Dados sobre o Movimento da Academia no Brasil em 2008

Países europeus como Holanda, Suécia, Noruega, Espanha, Reino Unido, destacam-se na porcentagem de alunos em relação à população (com números que variam de 16 a 11%). Uma explicação que parece bem plausível para este fenômeno é que nos países escandinavos e da Europa Central a ginástica é praticada em diferentes faixas etárias e em diferentes contextos (escolas, universidades, parques), e ser membro de uma associação e/ou grupos de ginástica é muito comum da idade jovem até a idosa²¹. A ginástica (não

²¹ Para se ter um exemplo, a Organização Dinamarquesa de Ginástica (DGI) contava em 2006 com 1 milhão de membros, distribuídos em 17 regiões do país, sendo a maior parte deles membro de uma associação de ginástica (de sua respectiva região) e praticante da ginástica, além de outras atividades físico-esportivas (FIORIN-FUGLSANG, 2006). Para se ter uma ideia

necessariamente a de *fitness*) faz parte destas culturas, o que é compreensível se pensarmos que seus governos e seus habitantes incentivam a prática de ginástica como algo que faz parte de toda a vida, geralmente em pequenos grupos, uma influência herdada e enraizada desde o surgimento dos Métodos Europeus de Ginástica e atualmente fortalecida pelo movimento do *Wellness*, da qualidade de vida, da busca da saúde. Estados Unidos e Austrália também possuem dados significativos, com 16% e 19,5% respectivamente, mas provavelmente com outras justificativas. Nos EUA a justificativa parece clara, uma vez que é o berço da ginástica de *fitness* e que possui um forte movimento capitalista, focado no individualismo, na cultura de si (self), conforme aponta Courtine (1995). Segundo a mesma fonte, na América Latina, o Brasil apresenta o terceiro lugar nesta porcentagem de alunos em relação à população, estando Argentina com 2,90% e Chile com 2,40%.

Este crescimento de praticantes de ginástica de academia (quase 100% entre 2006 e 2008) apontado pela matéria foi diagnosticado a partir dos estabelecimentos que funcionam de maneira regular. Mas provavelmente esta porcentagem seria maior se fossem consideradas as academias clandestinas. A partir de estudos e diálogos realizados com graduandos e com professores da área, nota-se que há um crescimento destas academias.²²

da proporção entre a quantidade de associados e de habitantes do país, a Dinamarca tinha em 2006 cerca de 5.450.661, segundo fonte da Cia World Factbook (www.indexmundi.com/pt/dinamarca/populacao.html). Ou seja, praticamente 1 em cada 5 habitantes pratica algum tipo de ginástica.

²² Outros dados foram buscados para compor esta argumentação, como na Associação Comercial de São Paulo, sem sucesso, devido a uma negativa à pesquisa. Também não foram encontrados dados estatísticos relacionados à academia de ginástica nos sites do IBGE, somente uma menção de que a Ginástica faz parte do estudo da condição de vida da população, no documento que explica a aplicação da pesquisa (notas técnicas), mais precisamente no item despesas de consumo, sub-item Recreação e Cultura:

Despesas com brinquedos e jogos como bola, boneca, software, celular e acessórios (aparelhos e acessórios de telefonia celular), livros, revistas e periódicos não-didáticos (jornais, revistas infantis, etc.), diversões e esportes (cinema, teatro, futebol, ginástica, artigos de caça, pesca,

Por um lado, estes estabelecimentos também denominados de “academias de bairro” geralmente possuem valores baixos de mensalidade e estão situados próximos às comunidades (o que inibe os gastos com transporte por parte da população). Somado a isso, geralmente possuem um atendimento mais personalizado, dado que possuem poucos alunos, e possuem instrutores que fazem parte da comunidade, o que para muitos motiva a adesão. Estes fatores podem facilitar o acesso e a adesão à prática.

Mas por outro lado, estas academias não possuem alvará de funcionamento, colocando em risco seus clientes, por uma infra-estrutura muitas vezes inadequada à prática de exercícios (pouca ventilação e iluminação, muita umidade ou calor, estruturas instáveis etc) e sem normas de segurança aprovadas pelo Corpo de Bombeiros. Outro problema reside na aparelhagem disponível para a prática, que geralmente não passa por manutenção constante, sendo esta fundamental para a segurança e boa qualidade dos exercícios (ainda mais quando trata-se de aparelhagem mais antiga, que são mais baratas e estão mais desgastadas). E isso se agrava, na medida em que estes estabelecimentos não contratam profissionais habilitados para uma boa orientação da atividade física, optando por ex-praticantes, os famosos “ratos de academia” ou “marombados” na sala de musculação e/ou pessoas da própria comunidade que “dançam bem”, e que têm “aquele corpão” para orientar as aulas de ginástica, havendo no máximo um estagiário, graduando do curso de Educação Física.

camping, etc.). No item "outras", estão agregadas despesas como: porte de arma, equipamentos de ginástica e demais despesas similares. (www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2002/notatecnica.pdf).

Ou seja, um item cujos dados não apresentam um estudo específico sobre a prática. No site do Ministério do Esporte, nenhum dado também foi encontrado. Há um relatório realizado entre o IBGE e o Ministério do Esporte, sobre esportes no país em 2003, mas o mesmo somente pode ser consultado se comprado por meio do site.

Assim, além das questões de segurança, peca-se também pela oferta de um trabalho nem sempre profissional e especializado, que garanta um atendimento de boa qualidade à população.

No entanto, elas parecem existir e proliferam-se *principalmente* alguns motivos: devido aos inúmeros apelos da cidade já mencionados anteriormente, que incentivam esta prática; por serem muito baratas, sendo mais acessíveis às camadas menos favorecidas (que no país constituem-se uma maioria populacional); e porque a fiscalização ainda é insuficiente. Há no país diversos tipos de prestação de serviços e trabalhos informais, e na área da academia não é diferente. Os órgãos municipais pouco fiscalizam este mercado em plena expansão, e o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), e suas instituições estaduais (CREFs), criados a apenas 10 anos, tentam dar conta da fiscalização da atuação do profissional, também a partir de denúncias anônimas, dentre outras tarefas.

Na verdade, as razões para a busca da ginástica são múltiplas. Há razões que não são específicas do Brasil e outras que refletem mais a realidade nacional. Essas razões serão contempladas ao longo deste estudo, mas já podemos adiantar que elas basicamente se caracterizam por fatores que vão desde o desenvolvimento da publicidade, assim como seu papel importante na sociedade brasileira, até o desenvolvimento das atividades corporais (esportes, jogos etc), ocorrido desde o pós-guerra (década de 50).

Ao mesmo tempo em que a academia parece ser um lugar distante da realidade da maioria da população por questões financeiras, ela também **pode** ser um lugar distante da realidade dos brasileiros de maneira geral, por outros motivos, de ordem social e cultural.

Muitas vezes entrar numa academia é entrar num lugar fora do mundo que vivemos. A música brasileira, manifestação da nossa cultura, cede lugar à música importada, nem sempre usada na academia em volume adequado à preservação da saúde auditiva. Os métodos vão sendo utilizados sem critério nem embasamento científico. Sob a crença de que o exercício faz bem à saúde, verdadeiras atrocidades são praticadas. “Malha-se” o corpo com a mesma energia com que se malha o bom senso e as regras básicas do movimento corporal. Não falaremos aqui dos candidatos a Rambo e a Schwarzenegger, dos “marombeiros”, dos anabolizantes e outros derivados sintéticos de hormônios masculinos, enfim, não falaremos da “geração saúde”. (VARGAS, 1990, p.89) ²³

A tecnologia já avançou muito desde a data desta citação, e os métodos parecem mais estruturados, o que não quer dizer que várias academias ainda não lancem a esmo diferentes práticas de ginástica, sem a devida fundamentação, para atrair novos alunos. Mas a permanência destes tipos de músicas e métodos importados, sem a devida apropriação para a realidade brasileira continuam, alguns deles com coreografias prontas, universalizantes, que desrespeitam as diversidades dos alunos e dos profissionais, não permitindo a eles que adequem movimentos mediante esta diversidade e que saiam de sua posição “da frente” para corrigir os alunos, como é o caso do BodySystems²⁴ (www.bodysystems.com.br; TOLEDO E PIRES, 2008).

E pensar que Universidade já foi uma instituição que os alunos freqüentavam para aprofundar conhecimentos sobre os mistérios do universo e da vida. Hoje mais parecem cartórios; carimbam conhecimentos técnicos grosseiros, exclusivamente utilitários. Em sua consciência alguém recomendaria anos de estudos universitários para um instrutor repetir coreografias de ginástica em cima de um tablado?

A formação em Educação Física não é só para isso. Mas, esse mundo dos bodys toma conta de boa parte da formação profissional e do mercado de trabalho. E foi assistindo à estupidificação do corpo humano nessas aulas de malhação, reflexo fiel de uma ideologia

²³ Sobre a “geração saúde”, tão difundido na década de 80 e ao longo das últimas décadas, vale a citação:

“O grupo social que ganhou visibilidade a partir da década de 80, sob o duvidoso nome de ‘geração saúde’, cresceu exponencialmente e hoje generalizou-se nas classes médias e altas e já estendeu seus tentáculos às classes menos favorecidas.” (MISKOLCI, 2006, p. 682)

²⁴ Muitos entrevistados teceram comentários acerca deste sistema, corroborando com estas prerrogativas.

(portanto, nada inocente), que resolvi criar mais uma seção em minha página [...] (FREIRE, 2003)

A entrevistada Maria Luiza Miranda²⁵ comenta em seu depoimento sobre a importação de métodos e aulas de ginástica de academia, e sobre este formato de decorar aulas para lecioná-las, numa comparação entre a década de 80 e a atualidade:

Então, você vê de novo algo que eu já vi na época da Ala (Ginastic Center) o bom executante aprende a sequência e fica ensinando todo mundo, é a mesma coisa... a lógica é a mesma. Só que ali naquela época da Ala, era do ideal da Ala. Era daquele jeito que todos que estavam ali trabalhavam. Hoje é algo que até vem importado nesses pacotes feito... Eu vejo que há pessoas que gostam muito disso e não trabalham no sentido de informar as pessoas sobre a importância que tem a atividade na vida deles. E alguns outros não, mas nesse pacote fechado não dá tempo disso, você não conversa com ninguém.

Vargas (op.cit), em sua citação, ainda nos alerta para uma outra reflexão paradoxal. A ginástica de academia serve também aos objetivos de obtenção de saúde²⁶, constituindo-se como um dos principais espaços para tal, segundo a expectativa dos usuários. Este é mais um **poder** que a ginástica pode fornecer ao corpo. Esta é uma prerrogativa que acompanha esta prática desde o Renascimento, desde a ginástica científica²⁷, constituindo-se em outra

²⁵ Outros entrevistados também fizeram comentários a este respeito, considerando o Body Systems como um programa que limitava muito a atuação profissional do educador físico, fazendo com que os alunos fossem literalmente “adestrados”.

²⁶ Segundo Terris (1992, p.301), apud Paim e Almeida Filho (1998) a definição clássica de saúde pública definida na década de 20, elaborada por Winslow, foi: “a arte e a ciência de prevenir doença e a incapacidade, prolongar a vida e promover saúde física e mental mediante os esforços organizados da comunidade”. Trata-se de uma concepção de saúde mais compreendida como ausência de doença. No entanto, a partir de 1974, com o famoso relatório Lalonde, um novo conceito de saúde pública se estabelece, pautado em aspectos como: a biologia humana, os sistema de organização do serviço, o ambiente e o estilo de vida (PAIM e ALMEIDA FILHO, op.cit). Relatório este que impulsionará a confecção da Carta de Ottawa, pela Organização Mundial da Saúde, em 1986. Mas mesmo com o estabelecimento desta Carta, ainda parece haver no senso comum, a concepção de que saúde é sinônima de ausência de doença.

²⁷ Esta terminologia foi instituída por Carmen Soares, em 1994, para referir-se às práticas gímnicas oriundas dos métodos europeus de ginástica, que são constituídas no Renascimento, e

permanência na longa duração da história. E o paradoxo se situa justamente aí. Ao mesmo tempo em que é o lugar para a obtenção da saúde, também o é para sua perda. E esta perda ocorre em diferentes dimensões.

Pode-se perder saúde pelo consumo de esteróides anabolizantes²⁸ e outros derivados sintéticos²⁹; que tomados sem a devida orientação provocam distúrbios de diferentes ordens. Pode-se perder saúde pelo excesso de exercícios, que em alguns casos convertem-se na nova doença deste meio, a Vigorexia³⁰. Pode-se perder saúde com o uso de aparelhos na academia, que segundo o entrevistado Gilberto Bertevello, não possuem regras de segurança e certificação pela ABNT. Pode-se perder saúde pelas cobranças externas e internas, pela dependência e aprisionamento causados pelas séries, pelas fichas, pelos aparelhos, pelos espelhos³¹, pelas roupas, pelo olhar do outro. Pode-se

melhor estruturadas após 1800, com base nos conhecimentos científicos da época. Ela se legitima e se difunde principalmente devido a esta fundamentação científica.

²⁸ A este respeito há uma vasta literatura, dentre elas Dickerman et alli (1995); Hartgens e Kuipers (2004), Perry et alli (2005), Kanayama et alli (2003a; 2003b; 2006), Gruber e Pope (2006), Chaves (2009) dentre outros. Para Sabino e Luz (2006, p.257) a tatuagem de frequentadores de academias cariocas, que fazem alusão ao uso de drogas, pode estar diretamente relacionada a um rito de iniciação de um marombeiro, que está associada ao uso coletivo de esteróides anabolizantes: “A convivência com esta realidade repleta de substâncias químicas é, portanto, fato inevitável para os atuais frequentadores assíduos de academias. Para construir sua identidade e ser aceito no grupo (salvo raras exceções), o agente necessita passar pelo uso de tais substâncias. O processo é reiterado pela concepção da boa forma física, a aparência, como sinônimo de saúde”.

Segundo a entrevistada Elizabeth Paoliello, muitos jovens às vezes procuram a academia não só para exercitar-se, mas porque sabem que lá poderão obter orientações sobre a ingestão destes anabolizantes:

“Essa semana saiu uma pesquisa do IBGE relatando que 50% dos adultos e dos adolescentes em idade escolar entre 12 e 15 anos, não praticam atividade física, e que a obesidade aumentou muito entre adolescentes. Se 50% não faz atividade física, eu penso: e a Educação Física? Mas se você for em algumas academias, a molecada está lá praticando, os meninos estão querendo aumentar o bíceps e o tríceps. Bombar! Eu estou preocupada com isso, eu tenho um parente de 16 anos e ele vai todo dia na academia. E eu fico brigando com ele para ele não tomar bomba.”

²⁹ A respeito também há uma vasta literatura, entre elas: Hirschbruch, Fiseberg e Mochizuki (2008), Lambert, Frank e Evans (2004) etc.

³⁰ Sobre este assunto, algumas referências podem ser consultadas, como: Cordás (2004), Alonso (2005), dentre outros.

³¹ Esta difícil relação com o espelho, com uma realidade a qual não se deseja viver e, sim superar, não é somente vivida em academias. Ferriani et alli (2005) realizaram um estudo que teve como objetivo conhecer a percepção de adolescentes obesos em relação ao seu corpo quando dispostos diante

perder a felicidade por nunca alcançar o corpo da Gisele Bündchen³², ou por fazer insistentemente algo para encontrar-se, desgastando-se exageradamente no processo, aderindo ao emblema de que os fins justificam os meios. Ou simplesmente perde-se saúde por querer ganhar-se algo que é ainda estranho a si. Por não se ter claro o que se quer ganhar, o que realmente pode-se ganhar, e se é preciso ganhar.

Mas o que leva as pessoas a procurarem a academia?

Vários fatores têm levado as pessoas a desejarem e a se inscreverem nas academias, como a cura ou a prevenção a doenças crônico-degenerativas, ter um corpo dentro de um padrão ideal (para ser bem sucedido socialmente), estar num ambiente que promove a socialização, ceder aos apelos midiáticos e sociais (veiculando com orgulho que “pratica academia”), dentre outros. Vários **poderes** a serem conquistados por meio do corpo as têm movido rumo às esteiras, halteres e duelos com os espelhos.

Como já mencionamos, a busca pela academia de ginástica é cada vez mais incitada pela mídia como um dos melhores e mais diversificado lugar para a prática de exercícios físicos sistematizados³³, ou seja, “o grande nicho das

de um espelho e a sua influência na sua vida social. Conclui-se que os sujeitos apresentaram sentimentos conflituosos com relação ao seu corpo, manifestando o receio explícito de se olharem no espelho, devido à insatisfação corporal e a rejeição do próprio corpo.

³² O desejo pela obtenção do corpo magro, como símbolo e padrão de beleza feminina, já existia há um longo período na história (VIGARELLO, 2006). No entanto, com o aumento do marketing no setor da moda (para girar a economia de consumo), aumenta-se a visibilidade dos desfiles em diferentes meios de comunicação, reforçando este desejo na medida em que as modelos são extremamente magras. Destaca-se o caso da *top model* brasileira Gisele Bündchen, que além de possuir este biótipo, marca o setor da moda, projetando para este setor um estilo de desfilarm e para as mulheres brasileiras um sucesso a ser seguido, não só como modelo, mas como mulher: magra, bela e com estilo próprio.

³³ Toledo e Pires (2008) em pesquisa com as 5 maiores redes de academias de ginástica da cidade de São Paulo, mostram o quão variados são os tipos de ginástica oferecidos para o público, objetivando agregar, e satisfazer, diversos perfis de clientes. A revista Vogue Brasil (2008, p.112), anuncia “a mais nova coqueluche das academias”: o yogilates, uma mistura de yoga e pilates, criado por um americano em 1997 e recém chegado no Brasil.

academias, instituído de modo estratégico há pelo menos duas décadas em países do mundo ocidental capitalista, vem sendo socialmente reforçado por intensos apelos midiáticos de consumo de toda ordem” (PALMA e entrevistados, 2003 apud ESTEVÃO E BAGRICHEVSKY, 2004, p.14).

Para além de uma prática corporal da moda que a cidade anuncia, a ginástica de academia **pode** ser hoje a mais popular e eficaz “forma” de se obter a “boa forma”³⁴. Propiciando diferentes benefícios, principalmente relacionados à estética³⁵ e à saúde, a população cada vez mais reconhece a importância da atividade física e a academia como o lugar para a obtenção desses benefícios (ANTUNES, 2003).

A questão estética é uníssona para os pesquisadores da área como o mais importante motivo para a adesão à ginástica de academia, aparecendo em segundo plano a saúde.

Um estudo na América do Norte em 1994 mostrou que numa amostra de pessoas acima de 18 anos, homens e mulheres que se exercitam em centros de ginástica e promoção da saúde, consideram aspectos estéticos como os mais importantes. As mulheres consideram o controle de peso corporal e os homens a hipertrofia como os principais motivos para estarem se exercitando em academias. No Brasil, com base em estudo recente ainda não publicado, a partir de 19 mil clientes consultados em duas academias das zonas sul e oeste da cidade do Rio de Janeiro, observa-se que, independente do sexo, a maioria das pessoas procura uma academia por razões puramente estéticas, ou seja, têm a intenção de diminuir a gordura corporal e promover a hipertrofia muscular. Esta escolha é constante em praticamente todas as faixas etárias, com exceção de 65-74 e acima de 75 anos, tanto para homens como para mulheres. (GOMES e SANTOS, 2007, p.10)

³⁴ Somente há um tipo de forma ideal para o corpo, que todos estes recursos midiáticos disseminam, e com base nisso, institui-se a BOA FORMA, que nada mais é que a forma adequada, mais aceita, a ideal para uma aceitabilidade externa e interna. Que proporciona a boa saúde, a boa estética, ao mesmo tempo que pontencializa o bem, o bem-estar, o bem viver, o bem material.

³⁵ Uma estética onde a gordura é totalmente caçada e por isso, cada vez mais controlada, medida, pelos mais diferentes mecanismos. O autor Carlos Emanuel Sautchuk, em seu artigo *A medida da gordura. O interno e o íntimo na academia de ginástica*, propõe uma reflexão interessante acerca da medição dos índices de gordura nas avaliações físicas e sua relação com as práticas da academia, assim como com a constituição de um padrão de corpo. Assim, busca discutir se a gordura é a causa biológica ou a consequência sociológica de um “culto ao corpo”.

Esta citação merece duas considerações acerca do privilégio da estética em detrimento da saúde no objetivo de praticantes das academias de ginástica. Embora com baixa porcentagem, a questão da saúde é um objetivo prioritário por parte de jovens e adultos, geralmente declarada nas anamneses³⁶, e compartilhada com os instrutores, relacionadas a patologias ou problemas de saúde de diferentes ordens. Não é incomum numa turma de senhoras de hidroginástica ou na fala de homens na sala de musculação de uma academia, ouvir que eles estão lá porque “o médico mandou” ou porque têm que “melhorar a saúde”, “baixar o colesterol”, “porque têm diabets” etc. Ao invés da ginástica **poder** ser uma prática, acima de tudo escolhida para a realização pessoal, transforma-se em mais um remédio periódico, e de gosto amargo³⁷, receitado pelo médico ou advinda de sua auto medicação. A outra consideração é que raros são os casos em que há uma escolha refletida do indivíduo pela saúde em detrimento a um modelo de corpo, como mostra o depoimento de Mariana Veríssimo, dramaturga e roteirista, quando questionada sobre a prática da ginástica:

Para você, a ginástica representa uma busca de saúde ou é mais pelo lado estético?
Eu desanimo de fazer ginástica sempre que noto que estou fazendo isso por causa de um padrão estético. Mas eu penso então que é uma questão de saúde.
(SESC, 2003, p.101)

³⁶ A anamnese é um questionário realizado na avaliação física dos clientes das academias, antes de sua entrada nos programas de aulas. Geralmente tem perguntas relacionadas às condições físicas, hábitos de saúde e alimentação, medicação, vícios, objetivos pela escolha da prática etc, e deve ser um instrumento de auxílio ao profissional para a orientação da diversidade proposta.

³⁷ A amargura, o descontentamento, pela prática da ginástica muitas vezes se dá justamente pelo caráter obrigatório e periódico da mesma, assim como ocorre com os remédios, em que seus praticantes acabam aproximando-se dela não por uma escolha prazerosa e/ou de realização pessoal, mas sim porque há uma imposição para sua prática (advinda da área médica ou do contexto social), mesmo que na maioria dos casos ela seja indicada para a “melhora da saúde”. Ou seja, assim como no caso do remédio, haverá um retorno “positivo”, uma compensação pelo sacrifício desprendido. Uma discussão que deve ser ampliada, não neste texto, sobre os conceitos de saúde que estão em pauta, sobre as diversas possibilidades de atividade física que o indivíduo pode realizar, sobre a autonomia do indivíduo frente a estas imposições médicas e sociais, sobre considerar-se o paciente como sujeito de sua vida.

Mas porque a preocupação com a aparência corporal é o objetivo prioritário nas academias de ginástica? Talvez a pergunta mais adequada seja: O que **pode** o corpo belo construído pela ginástica? Numa sociedade de culto a imagem muito dela se espera, como aponta Huyghe (1986, apud MATTOS, 2006, p.150).

René Huyghe, em *O poder da imagem*, chama a nossa atenção para o fato de não sermos homens cuja vida interior alimenta-se nos textos, vale dizer, na reflexão, mas sim na visualidade, e que esta em grande parte acaba sem reflexão, pois a sua informação pode ser entendida pelo senso comum por meio de uma observação geral e muitas vezes superficial. A imagem explica-se já num primeiro contato, embora possa oferecer mais possibilidades de leitura e reflexão nos contatos posteriores.

Neste sentido, a boa forma aparece como uma forma imediata, e decodificada, de se ter êxito em diferentes investidas e resoluções de problemas, para ambos sexos habitantes da cidade. Ter um corpo que é sinônimo de beleza e vanguarda significa ser visto, num primeiro momento, como uma pessoa que cuida de si, que aparentemente saudável, está sintonizada com uma moda vigente, podendo muitas coisas.



Fonte: Revista Quem Acontece, 2008, edição 410, capa.

Numa breve alusão à Vênus de Milo, Luiza Brunet, um dos maiores ícones fotográficos da década de 80, mostra todo seu esplendor nesta capa, “eternizando sua beleza”. Aos 50 anos, a empresária continua atuando como modelo, no entanto, a boa forma hoje lhe serve para propósitos que vão além de desfilar um belo corpo na passarela da moda ou do carnaval, como mostra seu depoimento estancado na capa da revista: “Recuperar a boa forma foi um jeito de tentar salvar meu casamento”. No corpo da matéria a modelo compartilha com os leitores alguns dos procedimentos utilizados para recuperar a boa forma, e um deles foi a ginástica.

A ginástica, aliada às dietas e outras técnicas estéticas, teria o **poder** de salvar casamentos?

A ginástica poderia ser a solução do problema que preocupa esta celebridade, a oportunidade da “conquista amorosa” e/ou sexual. Esta constatação está presente nas descrições de mulheres de programas nos jornais e em orelhões públicos das metrópoles, assim como nas descrições e imagens das pessoas em *sites* de relacionamento³⁸. Até mesmo em comunidades virtuais e em *blogs* encontra-se este tipo de descrição e/ou imagem que destacam a boa forma, embora seu foco principal não seja a busca por parceiros. Mas de qualquer modo, são lugares praticamente públicos de exposição e de veiculação da própria imagem, para qualquer perfil de usuário, seja ele conhecido (paquera, por exemplo), ou não. Kallil (2004), em seu manual com orientações de moda e etiqueta, populariza alguns preceitos sobre o corpo considerados

³⁸ A descrição das formas corporais é considerada essencial para o comércio do corpo em meios de comunicação que não permitem a inclusão de fotos. É muito comum nas regiões mais populares ou centrais das metrópoles, encontrarmos dentro dos orelhões, pequenos anúncios de mulheres de programa, com suas descrições físicas, o que podem fazer para satisfazer seu cliente e seu telefone de contato. Estas descrições corporais também são consideradas muito relevantes para “atrair” parceiros em *sites* de relacionamento e em anúncios de jornais para encontros (ex: sou alta, magra, corpo atlético...). Isso para não dizer das exigências que o mercado exige na oferta de empregos: ter boa aparência...

“expectativas” comuns entre homens e mulheres que marcam encontros sem se conhecer.

O que pesa à primeira vista

- Mulheres se importam com o todo, a conjunto, a soma. Leia-se: estilo+ roupa + cabelo.
- Eles olham o corpo primeiro. E, muito depois, os lindos olhos verdes [...]

O que ajuda você a ter um segundo encontro [para ela]:

- delicadeza, elegância, boa conversa, bons modos, cultura e o ‘corpão’ [...]

Coisas que condenam você a nunca mais vê-la [para ele]

... e barriga de cervejado .

(op. cit., p.73, 75, 77 – grifo nosso)

Todo imperativo seja ele a saúde, a moda ou a beleza, carrega seus paradoxos, suas perdas e ganhos. E no caso dos supostos **poderes** da ginástica não seria diferente. Ao mesmo tempo em que esta “boa forma”, obtida por meio da ginástica de academia, pode dar o poder da conquista e/ou manutenção de uma relação, também pode proporcionar dela dispor.



Fonte: www.sportpoint.com.br > acesso em 10/11/2002

A situação exposta na propaganda acima da Academia paulistana talvez esteja distante de ser uma regra, podendo se configurar muito mais como uma jogada de marketing, uma brincadeira jornalística para chamar a atenção do público à importância de estar “em forma”. No entanto, sua eficácia está em lançar no imaginário dos casados um constante perigo e poder, descrito por “Ju”. No caso dos homens, incita-se que eles devam acompanhar suas esposas na malhação, afinal, a partir da boa forma, elas se tornam mais ativas sexualmente, e têm o poder de lidar com isso da forma que melhor lhe convierem, caso os maridos não as saciem... Ou eles aproveitam esta oportunidade fornecida pela ginástica às suas esposas, ou correm o risco de serem vítimas dela. No caso das mulheres, a elas a ginástica dá o “direito” de apropriação do prazer do corpo, independente de outras normativas sociais, afinal, soma-se a isso a opção pelo sedentarismo, e pela conseqüente vida sexual inativa, dos homens. Ou seja, de um lado elas são potencializadas pela ginástica, por outro, frustradas pelos maridos; conclusão: têm suas ações muito bem justificadas.

Várias interpretações poderiam ser dadas a partir desta imagem e destes dizeres. O rosto quase inexistente da Ju é o rosto de qualquer mulher... As linhas são torneadas, os músculos definidos, entornos de um busto avantajado (vai saber siliconado...), fetiche masculino, obsessão feminina. Portanto, o que importa é o corpo. A ausência do rosto sugere uma equivalência geral dos seres humanos a partir, unicamente, do restante de seus corpos sem rosto. O local que encontrará sua “libertação” e prazer é uma sala de musculação. Os dizeres são claros e estabelecem os caminhos para a obtenção deste poder: a atividade física deve ser constante (“todo o dia”), sistematizada (“academia”) e num longo prazo (“há dois anos”).

A academia torna-se um lugar privilegiado para as construções possíveis do corpo ideal. Com seus métodos precisos, sua diversidade de aulas, seus aparelhos modeladores, e seus professores animados, ela pode oferecer diferentes formas para satisfazer os desejos mais íntimos e massificados.

A ginástica associa-se a um **poder** de virilidade, de beleza, de saúde, de autonomia. Está concedido pela ginástica, ou pelo corpo malhado, a autonomia da mulher para suas escolhas. O poder de ter e disponibilizar o outro. Em ambos os casos, se faz como uma opção consciente da apropriação deste “novo” corpo que tudo pode, porque lhe é permitido socialmente por meio da ginástica.

Embora com uma campanha forte de marketing, a prática de atividade física de preferência dos moradores urbanos pode não ser a ginástica de academia. Segundo pesquisa realizada pelo SESC (2003), a primeira atividade física mais praticada pelos paulistanos é a caminhada, com 28% geral (mulheres 31%), a segunda é o futebol, dominada pelo sexo masculino (sendo a preferência de 2% das mulheres) e a terceira atividade é ginástica, praticada por 11% dos paulistas (com número igual de mulheres e homens). Nesta última estatística, os jovens de 21 a 30 anos preferem a musculação, caracterizando 10% do total, e nas demais idades, se privilegia as diferentes formas de ginástica.

O que parece ser também preocupante, não são só os motivos que movem as inscrições nas academias, mas também o que se orienta dentro destes espaços.

Do grande contingente de alunos formados, e até de não formados, quantos tiveram em sua formação uma reflexão, um debate mais aprofundado e crítico sobre o papel da instituição academia de ginástica na formação dos indivíduos? Sobre o seu papel na orientação dos alunos, frente a tantos apelos da cidade e da mídia? Sobre a fundamentação das práticas que hoje são

oferecidas dentro da academia? Sobre qual delas realmente é ginástica? De maneira geral, como a ginástica na academia **pode** ser uma prática conscientizadora sobre concepções de corpo e beleza, orientada na direção de uma valorização individual e mais humana?

A preocupação acerca não só da disciplina Ginástica de Academia nos cursos de Licenciatura e Graduação em Educação Física, como também de um caráter mais reflexivo na mesma, já está em pauta, mas ainda de maneira tímida (BATISTA, 2006).

Seria consolo se houvesse esta preocupação pelo menos para os graduandos, nos cursos extra-curriculares, e para os formados, nos cursos de formação continuada. Os maiores eventos da área do *Fitness* e da Atividade Física focam cursos de curta duração e que visam o ensino de modelos de aulas e formas de re-estruturar ou diversificar seus conteúdos. Orientações didáticas, oferecer um banco de ideias de conteúdos e formas de ensino, é uma prática comum na área da Educação Física e tem seu valor na formação profissional quando considerada como um parâmetro, um ponto de partida e/ou um conjunto de práticas que pode ser compartilhada com outros saberes e práticas do aluno ou do professor.

Segundo a entrevistada Aparecida Conti, há de maneira geral uma falta de organização metodológica na área da ginástica de academia, assim como um trato mais didático no seu planejamento e aplicação. Os cursos de formação fornecem dados muito sistemáticos, pontuais, que não ensinam realmente o professor a ter autonomia para lecionar aulas de ginástica coreografadas. Aulas estas que quando bem elaboradas, constituem-se verdadeiras obras de arte. “O mercado, ao meu ver, está lotado de propostas informativas, não há formação”.

Ainda segundo ela, é emergente um investimento na capacitação dos profissionais que atuam nessa área.

Também é comum nos eventos de fitness, o lançamento de novas práticas de ginástica, que muitas vezes de “nova” só possuem o nome, caracterizando-se por uma adaptação ou variação de práticas já existentes. Como lugar da moda, a academia precisa variar os modelos para seduzir e sempre criar novos desejos para serem consumidos. E segundo a entrevistada Aparecida Conti “o mercado (das academias) se transformou numa grande indústria... e na indústria, a segmentação ajuda... (pois) contemplando diferentes objetivos, perfis e gostos.”

Dentre estas novas práticas, há aquelas que são totalmente padronizadas (prontas), remetendo a todos a métodos de ginástica desenvolvidos e aplicados de maneira similar a esta formatação, há mais de 200 anos atrás. Este tipo de proposta, geralmente encontradas no BodySystems,

Parece servir aos mesmos propósitos de eficiência e economia do gesto, de homogeneização dos corpos, desconsiderando o que há de particular em cada indivíduo, em movimento, em expressão. Tudo isso cercado por um forte processo de globalização e mass mídia, típicos do mundo moderno. (TOLEDO E PIRES, 2008, p.50)

Com raras exceções, há eventos desta área que se preocupam com um debate um pouco mais ampliado sobre a ginástica de academia e sua expressão na modernidade. Mas quando da execução destes debates, ocorrem de maneira ainda superficial e com menor atenção por parte dos organizadores (colocando-os em horários e locais menos favorecidos no programa do evento) e por parte também dos inscritos (que estão focados em aprender as novidades e não numa reflexão sobre o assunto).

Deste pequeno universo ainda há aqueles eventos que apesar da boa proposta, pecam por outros motivos, comprometendo uma suposta visão

diferenciada de corpo e deste corpo na ginástica da academia. O exemplo abaixo é um deles:



Fonte: www.campinasfitness.com.br > acesso em 20/08/2006

CORPO Sarado, MENTE, Sarada. Por mais que o objetivo seja dizer que este evento trata de questões referentes à formação humana na ginástica de academia, acaba reforçando uma concepção dicotômica de corpo que reforça uma fundamentação teórica pautada em direção oposta ao que se pretende fazer.

Do que a ginástica de academia é capaz *para e pelo* o corpo na cidade? E como foi possível que se atribuísse a esta prática tantos **poderes**, principalmente ao corpo feminino? De que maneira estes poderes a ela atribuídos, acabaram por legitimá-la na modernidade?

Alguns indícios já foram apontados, e outros ainda o serão no desenvolvimento do trabalho, a partir do referencial teórico e das fontes utilizadas.

Complexa saga do cidadão moderno, historicamente construída. Talvez, a lição de Victor Frankstien não tenha sido aprendida... A ciência não pode tudo...

E a ginástica, como uma de suas manifestações na atualidade, também não... Victor, ao sentir a dor da perda de sua amada, recorre a mais forte religião de sua época (a ciência) para achar a resposta para ressuscitá-la, e cria em seu laboratório uma obra, um ser, seu mais surpreendente pesadelo... Ao exemplo de Luiza Brunet, muitos homens e especialmente as mulheres buscam em seus laboratórios de ginástica, um milagre, uma salvação corpórea, o preenchimento de um vazio, a resolução de conflitos, tônicas que estão no campo das subjetividades... Victor, por meio da ciência e obstinado a criar a vida, criou uma aberração para ressuscitar sua amada. E hoje, o que se faz, se cria e se recria, para vivificar a si próprio e o outro a partir da ginástica?

Este capítulo traz muitas pistas para iniciar um estudo histórico de legitimação da ginástica de academia na modernidade, pois nela evidencia-se o contexto de partida do problema de pesquisa, assim como o apontamento de algumas rupturas e permanências d processo. E a partir da análise das fontes, numa perspectiva histórica, será possível identificar quais foram os agentes deste processo e quais foram os fatores que o constituíram.

2. POR UM CORPO ATIVO

A partir da década de 1980 a antiga ênfase na necessidade de construir um corpo ativo – produtivo, veloz, jovem – adquire novos perfis. Primeiramente, como será abordado nesse capítulo, essa “atividade” se torna mais medicalizada. A seguir, ela se transforma num discurso extremamente acoplado às novas seduções tecnológicas.

Neste contexto de formação de uma nova concepção e modelo de corpo na década de 1980, onde estão situados os produtos embelezadores, há uma via de mão dupla entre saúde e política. Ambas irão colaborar fortemente para o estabelecimento de um padrão de corpo, tendo como um de seus alicerces a atividade física, e a ginástica em especial, como seu carro chefe. Segundo a entrevistada Maria Luiza Miranda

Eu imagino que havia um ambiente propício para isso (desenvolvimento das academias de ginástica), porque esse ambiente não foi criado... Eu acho que as pessoas estavam convivendo em sociedade.... O público em geral queria se envolver um pouco mais com a atividade física....

O uso da ginástica para a construção de novas concepções de corpo, adequada a novos momentos sociais, fundamentada nos preceitos da ciência e em sintonia com os da saúde, não é novidade. Embora se trate nesta década de uma diferente forma de ser corpo e fazer ginástica, esta relação entre política, saúde e ginástica é uma permanência na longa duração da história³⁹, como aponta Soares (2001, p.115):

³⁹ A este respeito consultar o artigo de George Vigarello, *A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos*.

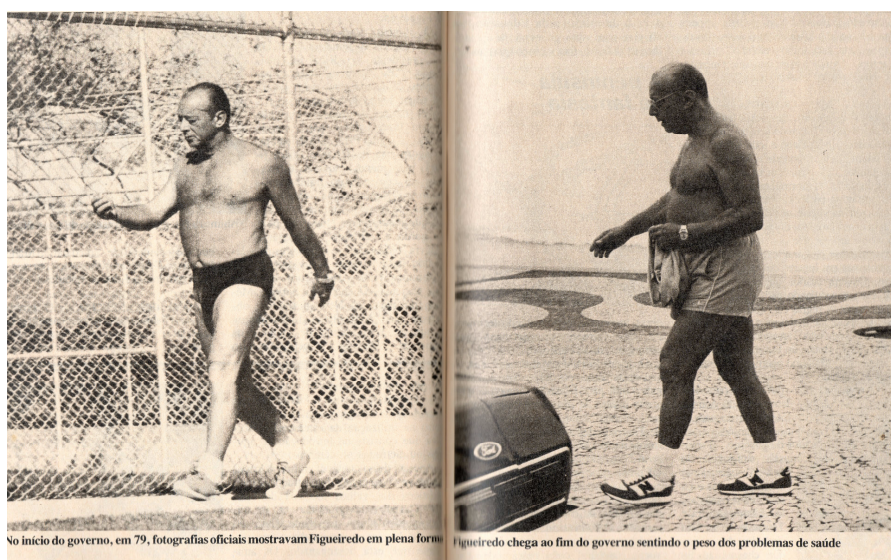
A Ginástica do século XIX afirma um discurso e prática que a revelam como modelo a ser difundido, como conjunto de preceitos e normas de “bem viver”. A ela se atribui a capacidade de potencializar a utilidade das ações, de educar efetivamente o corpo.[...] As noções de economia e gasto de energia, de cultivo da saúde passam a ser os princípios organizadores do cotidiano e a Ginástica, sua grande divulgadora. Ela é constitutiva da mentalidade científica, da ciência como nova religião. (SOARES, 2001, p.115)

A revista *Veja* irá mostrar esta relação, auxiliando a consolidá-la, mas surpreende ao trazê-la em relação ao cenário político brasileiro vivido em meado da década de 1980. Da mesma forma que o corpo ativo é um corpo da democracia, da liberdade, do prazer, do individualismo; o inativo, não robusto, “decadente” em saúde, o é da ditadura. Ou seja, num momento de luta contra a ditadura, nega-se tudo que a ela se refere. Há no cenário brasileiro inúmeros exemplos que mostram as diferentes facetas e virtudes do corpo ativo, em prol da mudança. Exemplos estes que vão desde aqueles que estão num *movimento* político (em partidos, grupos, revistas etc) até aqueles que estão num movimento de enfrentamento físico (indo às ruas para o embate). Assim, negar a ditadura neste momento histórico, é negar o corpo inativo que representa uma classe por 20 anos hegemônica e autoritária, estagnada no poder do país e cujo regime não contempla mais os anseios da nação. Além disso, o corpo inativo da ditadura, se opõe ao novo modelo de corpo, também reforçado pela cultura norte-americana⁴⁰.

A este respeito, é ilustrativa a matéria sobre a forma física do ex-presidente Figueiredo: “No início do governo, em 79, fotografos oficiais mostravam Figueiredo em **plena forma**. Figueiredo chega ao fim do governo sentindo o peso dos **problemas de saúde**” (grifo nosso). A revista lança um

⁴⁰ Todos os entrevistados da pesquisa atestam a influência dos Estados Unidos no Brasil, na década de 80, destacando que ela se deu de diferentes maneiras, desde uma inspiração modelo de governo (democrático neoliberal), como nas práticas corporais e artísticas. Em relação à ginástica, todos ressaltam essa influência, seja nos tipos de prática, nos modelos de academia, na vestimenta, nos métodos, dentre outros aspectos.

interessante paralelo: Boa forma física, governo forte. Corpo doente, governo instável (ou decadente). A boa forma física, em 79, já era sinônima de poder, pois se não o fosse, não seria fotografada pelos profissionais oficiais do governo e concedidos à mídia pela assessoria presidencial. E já a foto de 85, é tirada por fotógrafos não oficiais, porque justamente mostra um corpo abatido, não mais a linha reta, não mais a velocidade. O corpo do presidente deveria, portanto, espelhar o anseio da boa forma de toda a população⁴¹. A revista ainda reforça o binômio: corpo ativo/saudável X corpo inativo/doente, que estará muito presente nos discursos do século XXI.



Fonte: *Veja*, 1985, n.853, p.24-25

Vale destacar nestas imagens dois aspectos: a intenção do movimento e o contexto do mesmo. Com relação à intenção do movimento, nota-se claramente na imagem da esquerda um caminhar numa progressão mais acelerada, com rápida troca de apoios (ou transferência de peso) e uma maior articulação entre

⁴¹ Interessante relembrar que este mesmo paralelo traçado a Figueiredo, em relação à performance física e sua atuação política, ocorreu com o ex-presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, na revista *Times*.

membros superiores e inferiores, aludindo a um caminhar decidido e sistemático⁴². Já na imagem da direita, percebe-se praticamente o oposto: um movimento mais lento, comedido e reflexivo. Com relação aos contextos, o da direita mostra uma pista de caminhada, com alambrados e grama ao redor, claramente evidenciando um espaço próprio para a exercitação regular. No da esquerda, temos um calçadão, culturalmente mais utilizado para passeio do que para as corridas ou caminhadas mais aceleradas (ainda mais nesta década), e o presidente parece estar dirigindo-se ao carro (mostrado parcialmente na imagem), portanto, desacelerando, indo na direção da diminuição de atividade física. Outros aspectos ainda poderiam ser considerados nesta breve análise, como a vestimenta utilizada (evidenciando ou acobertando mais as formas musculares), assim como o jogo de luz utilizada em ambas (na do corpo ativo mais luz, e na de corpo com problemas de saúde, menos luz).

Uma questão singular aparece nesta matéria. A boa forma física e a atividade física regular continuam sendo consideradas como sinônimas de hegemonia, pois se renovam no percurso da história, acompanhando e até mesmo legitimando, diferentes regimes de governo... Mudam-se os regimes, mas a ginástica continua como um instrumento do Estado, sinônima de hegemonia.

Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos). Essa saúde ou virilidade (força) também pode ser (e foi) ressignificada numa perspectiva nacionalista/patriótica. Há exemplos marcantes na história desse tipo de instrumentalização de formas culturais de movimentar-se, como

⁴² Nas décadas de 70 e 80, houve grandes investimentos para a massificação da atividade física, fortalecida principalmente pelos aportes científicos médicos em prol da saúde. Um deles foi o método Cooper, criado pelo médico Kenneth Cooper, que será melhor apresentado no último capítulo. Seus princípios impulsionaram uma grande massa para fazer as caminhadas, assim como as corridas, de forma orientada ou livre. Segundo os entrevistados, a campanha “Mexe-se” foi uma grande incentivadora das caminhadas, e da exercitação de maneira mais ampla. Neste contexto mostrado na imagem, provavelmente o ex-presidente estava “fazendo Cooper”.

por exemplo, **a ginástica**: Jahn e Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália e Getúlio Vargas e seu Estado Novo no Brasil. (BRACHT, 1999, p.73 – grifo nosso)

E na mesma década de 1980, o corpo ativo será considerado como um aspecto positivo para a promoção de um candidato, num novo regime democrático e popular. Na matéria “1º. Lugar – O prodígio das urnas – com mais de 20 milhões de votos em todo país, Fernando Collor vence o primeiro turno e se transforma no maior fenômeno da história das eleições.” (VEJA, 1989, n. 46, p.62) há um relato sobre o referido candidato à presidente do país. Nesta matéria há imagens do mesmo na praia do Maranhão, mostrando um corpo atlético e um caminhar à frente, implacável. Já na matéria “O PRESIDENTE – O DIA DO CAÇADOR” (VEJA, 1989, n. 50, p.76 a 83) há um relato extenso sobre a trajetória pessoal e política do recém presidente do país. Há imagens do mesmo praticando natação, já na fase adulta, e outras de sua infância, praticando caratê (“Na juventude em Brasília, Collor fazia sucesso entre os amigos porque era faixa preta em caratê”. Ibidem, p. 82)

Aos quarenta anos de idade, o presidente eleito faz longas caminhadas diárias e pratica esportes regularmente. Ele nada, com elegância, os quatro estilos, mas é um jogador de futebol medíocre. Collor mantém sua boa forma sem jamais ter feito dieta. Seu prato preferido é feijoada, acompanhada de uma cerveja bem gelada. De sobremesa, o presidente gosta de goiabada com queijo. (Ibidem, p.77 – grifo nosso)

O então recém presidente é um dos mais jovens presidentes do país, cuja juventude é também expressa pela vida ativa que possui, principalmente nas práticas regulares , e irregulares, de atividade física e esportes.

Junto ao caráter jovial, de saúde e de vanguarda que atividade física agregava ao sujeito de sua prática, num contexto pós ditadura militar, havia também o caráter de alegria, do entretenimento. E segundo a entrevistada

Aparecida Conti, este foi um dos motivos do crescimento da ginástica neste período, e portanto, das academias de ginástica:

Acho que foi pra ter um entretenimento, sabe? Esse apoio paralelo, que olha de verdade... hoje na ginástica sinceramente o que mais chama atenção pra mim não é a eficiência da aula, mas a busca por um ambiente saudável, alegre... são coisas que você não encontra nas outras atividades. Acho que em 80, considerando todo o ambiente social, o cenário político, a gente estava saindo de um momento de repressão tão grande no nosso país, e acho que no mundo. A ginástica vem numa época que o ser humano começa a experimentar o sabor da liberdade. Aquela coisa da aeróbica, daquela alegria, aquele exercício simples, as pessoas se exercitavam com música... Acho que aquilo era um meio de liberdade, sabe? De prazer... eu acho que isso era um entretenimento e foi uma das coisas mais importantes no meu entender.

Para além do discurso do corpo ativo, a revista Veja, de maneira geral, vai dar mais visibilidade aos corpos dos ex-presidentes, mas nos casos específicos de Figueiredo e Tancredo Neves, muito será relatado sobre os tratamentos para a manutenção deste corpo ativo ou sobre sua perda. No caso específico do ex-presidente Figueiredo, outras matérias são encontradas na revista, focando-se a eficiência, e depois a ineficiência, do método utilizado por Nishimura, para curá-lo. Todos os procedimentos são informados, com dados, figuras ilustrativas e imagens das mais diferentes circunstâncias. Nota-se claramente como o corpo, seja ele de quem for, vai se tornando cada vez mais visível, assim como as técnicas médicas que nele inferem.

O mesmo vai ocorrer em relação à enfermidade do ex-presidente Tancredo Neves, logo após sua eleição para presidente, cujas infecções, cirurgias, métodos de tratamento, etc, serão detalhadamente explicadas e ilustradas pela revista, em 1985, com pareceres de diferentes médicos. E explicar estas questões médicas à população, torna-se um papel da mídia, principalmente devido à intensidade do momento político vivido, a tudo que

essa pessoa simboliza (representante político apoiado pelo povo após 20 anos de ditadura), e também ao carisma e ética por ele cativado em sua história e campanha. O corpo do presidente, assim como as doenças que o acometem, são conhecidos por todos. Amplia-se mais uma vez esta visibilidade, e o acesso às avançadas técnicas médicas. Algumas edições da revista serão enfáticas nisso:

- **CAPA:** TANCREDO – A LUTA PELA VIDA (VEJA, 1985, n. 864)
- **CAPA:** TANCREDO – UMA SEMANA ENTRE A VIDA E A MORTE (VEJA, 1985, n. 865)
- **CAPA:** DIAS DE DOR – (Tancredo no Instituto do Coração) (VEJA, 1985, n.866)
- **CAPA:** TANCREDO - A CRUEL AGONIA (VEJA, 1985, n. 867)
- **CAPA:** ADEUS (morte de Tancredo) (VEJA, 1985, n. 869)

Os avanços tecnológicos na área médica também serão difundidos pela revista *Veja* por meio de outras matérias como:

- ARMA GENÉTICA – Microbiologia faz droga contra enfartes. (VEJA, 1984, n.832, p.78);
- TAMANHO EXTRA – Cérebro de Einstein tinha células mais numerosas. (VEJA, 1985, n. 859, p.55);
- SEM MEDO DO CÂNCER . (VEJA, 1985, n. 875, p.56);
- O TRIUNFO DOS TRANSPLANTES – A medicina brasileira vence o desafio do fígado (VEJA, 1985, n. 888, capa);

De um diversificado rol de exemplos, merece destaque as propagandas que se debruçam sobre a necessidade de diagnosticar possíveis males físicos.

Ora, a partir da década de 80 uma extensa bibliografia mostra o quanto o corpo tendeu a ser vasculhado e sobretudo diagnosticado.

O impulso da tecnologia veio a favorecer exames menos invasivos, rápidos e precisos sobre a “condição de saúde do indivíduo”, de uma forma antes impossível ou difícil para o médico, cuja visão era prioritariamente externa e/ou exigia procedimentos desgastantes, caros e que punham em risco a vida do paciente. Assim, num dado momento histórico, a doença era geralmente identificada devido à apresentação dos sintomas pelo paciente, agora, com o avanço tecnológico, um arsenal metálico e digital poderia precisar os indícios da doença, antes mesmo daqueles sinais mais evidentes se manifestarem, ou seja, antes da doença estar num quadro avançado, possibilitando assim, maior chance de cura⁴³.

A partir de novas possibilidades no campo da medicina, de formas de prevenção e tratamento das doenças, o indivíduo passa cada vez mais a acompanhá-las, porque na medida em que habitam de forma crescente os diferentes meios de comunicação, também passam a habitar o cotidiano (leituras e diálogos sobre sua a saúde) e o imaginário das pessoas (passam rapidamente a relacionar os sintomas às doenças). Neste contexto, o indivíduo passa também a ser cada vez mais responsável por sua saúde, e por esta prevenção, compartilhando com o médico esta função, embora ainda subordinado a ele. O exemplo da propaganda do Hospital do Câncer é enfática: MORRER DE CÂNCER NÃO É DESTINO, É DESCUIDO. Fundação Antonio Prudente 30 anos – Hospital do Câncer. (VEJA SP, 1984, n. 850, p. 78). Trata-

⁴³ As possibilidades de cura aumentam, principalmente quando se diagnostica um quadro com maior antecedência de uma doença cujo tratamento está bem desenvolvido. No entanto, estudos apontam que o aumento de formas de diagnosticar a doença não necessariamente traduzem no aumento das possibilidades de compreendê-la e/ou tratá-la.

se agora de uma vigilância compartilhada, na qual não se tolera mais os ditos populares, as questões místicas, as “ciladas do destino”. A publicidade é, portanto, ilustrativa da ampla ênfase dada a medicalização da realidade corporal.

Esta autonomia para seu controle, e por conseguinte para sua auto-análise, tem total relação com uma concepção atlética da vida, como menciona Sant’Anna (2001, p.59), ao debater a lógica que liga a competição do mundo do esporte (como exemplo o caso de Amyr Klink, em 1993) e o funcionamento da concorrência do trabalho:

Se o trabalho sobre si, baseado numa versão atlética da vida, concede ao indivíduo uma liberdade infinita de se auto-administrar, ele o transforma, também, no único responsável por seus fracassos e seus recordes. Ser empresário de si mesmo implica, por isso, acreditar na possibilidade de transformar seres comuns em campeões.

Estabelece-se um paralelo evidente, uma vez que a medicina, o esporte e o mundo do trabalho, vão exigir maior auto-controle e auto-superação do indivíduo, em consonância com uma lógica capitalista, e com uma visão analítica e performática do corpo. E a academia de ginástica aparecerá como o lugar onde estas exigências poderão ser treinadas e aperfeiçoadas, pois a cada aula de ginástica, a cada sessão de musculação, objetiva-se a superação (aulas de ginástica mais intensas ou mais complexas, exercícios nos aparelhos com maior carga etc). Exigências estas que serão avaliadas constantemente pelo professor, pelos colegas da academia e até mesmo por aqueles que o cercam.

A tecnologia também vai servir para propiciar uma nova intimidade do ser humano com o próprio corpo, como mostra a propaganda dos colchões Pró-espuma:

ENTRAMOS NA INTIMIDADE DO SEU CORPO E CONFIRMAMOS NOSSA SUSPEITA: SUA SAÚDE DEPENDE DE UM COLCHÃO CERTO.

Radiografia da coluna vertebral do Sr. J.M.N., 48 anos e 1,72m de altura, detida de lado em um colchão D-30, mostrando a sua peso e altura.

Radiografia da coluna vertebral da mesma pessoa e na mesma posição, em um colchão D-21.

Você sabe o que um colchão errado faz com o seu corpo à noite? Surge agora a solução sobre o critério de escolha do seu colchão: nasce o **Pro-Espuma/Qualidade**.

Passamos mais de um terço de nossas vidas em contato direto com um colchão. E, por incrível que pareça, desconhecemos a importância do colchão para nossa saúde e repouso.

Essa falta de informação sobre o assunto fez com que os fabricantes de matérias-primas e colchões de espuma se reunissem e formassem uma entidade de orientação ao consumidor.

o Pro-Espuma/Qualidade.
A coluna vertebral com problemas é capaz de refletir dores por todas as partes do corpo: na cabeça, na nuca, nas costas, no peito, até na ponta dos pés. Quando você dorme com um colchão inadequado ao seu biotipo, seu corpo é forçado a adotar posições antinaturais.

Posição ideal da coluna, proporcionada por um colchão adequado ao peso e altura da pessoa.

Resultados: desconforto, dores, insônia ou até mesmo problemas de coluna. O colchão certo deve proporcionar uma posição ideal à coluna, sem curvaturas, sem posições forçadas.

Isso é essencialmente importante quando sabemos que 70% do peso de uma pessoa recai sobre a coluna vertebral.

Como escolher o colchão certo? Agora é fácil.

Elaboradas por médicos, engenheiros e técnicos brasileiros, a pedido do **Pro-Espuma/Qualidade**, pesquisas apontaram problemas e soluções. Com essas orientações foi desenvolvida uma tabela de biotipos e seus colchões ideais:

BIOTIPO	até 60 kg	60 a 70 kg	70 a 80 kg	80 a 90 kg	90 a 100 kg	mais de 100 kg
até 1,60 m	D-21	D-22	D-23	D-24	D-25	D-26
1,60 a 1,70 m	D-22	D-23	D-24	D-25	D-26	D-27
1,70 a 1,80 m	D-23	D-24	D-25	D-26	D-27	D-28
1,80 a 1,90 m	D-24	D-25	D-26	D-27	D-28	D-29
1,90 a 2,00 m	D-25	D-26	D-27	D-28	D-29	D-30

No ponto de encontro das linhas da peso e da altura, você tem a densidade correta do colchão adequado ao seu biotipo.

Essa tabela, que você vê neste anúncio, também está presente nos principais pontos-de-venda de colchões do país. Nesses locais você encontrará os colchões produzidos sob os rigorosos padrões técnicos do **Pro-Espuma/Qualidade**. Por isso, independente da marca do fabricante, dê preferência aos colchões que trazem o selo do **Pro-Espuma/Qualidade**. E repouse com saúde.

Pro-Espuma/Qualidade
UNião dos Fabricantes de Matérias-Primas, Colchões e Espuma de Poliuretano.

Fonte: *Veja*, 1985, n. 865, p.54

Mais uma vez a imposição das linhas retas aparece como sinônimo de saúde. Na época dos espartilhos femininos isso já ocorria (VIGARELLO, 2006), no entanto, a diferença neste recorte histórico é que naquela época eram vistas externamente e eram corrigidas com aparelhos modeladores colados ao corpo. Na atualidade, também são analisadas por olhares externos, mas especialmente por parelhos que chegam “à intimidade do corpo”, como o Raio X⁴⁴. As formas de modelar também se modificaram, podendo constituir-se desde o colchão até os aparelhos de musculação.

⁴⁴ A este respeito são interessantes as colocações e Ortega (2008, p.82-83) ao mencionar que em 1895 nascem “três fenomenologias do interior”: raio X, cinema e psicanálise, o que resulta em novas possibilidades de anatomizar e visualizar o interior do corpo. Assim, o conhecimento do interior do corpo e o conhecimento de si coexistem em nossa cultura, o que é confirmado pela história da dissecação anatômica e das tecnologias de visualização do corpo.

Esta visibilidade interna e externa do corpo, mostrada e incentivada pelas matérias (como as dos ex-presidentes) e propagandas (como as mencionadas anteriormente), e não só da revista *Veja*, nos remonta ao que já foi vivido no século XIV com as dissecações públicas. A partir dos avanços da ciência, especialmente da aparelhagem médica, se revive o despertar acerca dos conhecimentos sobre o corpo, dando continuidade a um processo de dessacralização e objetivação do mesmo, onde “a transformação do corpo em algo que pode ser conhecido e mensurável é, também, sua transformação em algo que pode ser dominado.” (SILVA, 2001, p.12)

A revista *Veja* anuncia não só o desenvolvimento das técnicas médicas, mas também as corporações que “cuidam”, estudam e gerenciam o corpo saudável. Estas legitimam e ampliam este poder do corpo e sobre o corpo, como sinaliza Foucault (1987). A propaganda da Cooperativa Médica UNIMED é um exemplo disso: “UNIMED - MELHORE A SAÚDE DE SUA EMPRESA (seguro saúde para os trabalhadores)” (VEJA, 1985, n. 864, p.58). A saúde vai cada vez mais privatizar-se, cabendo não só mais ao Estado provê-la aos indivíduos, pois isso agora será compartilhado com as empresas. Na verdade, ela parece ganhar força no campo privado justamente por uma ineficiência do Estado, por exigências legislativas e/ou por uma preocupação com os prejuízos advindo da falta de um trabalhador enfermo.

Há também uma expansão nas formas de divulgação da obtenção e manutenção da saúde, e um exemplo que reforça esta prerrogativa é a matéria: “MANUAIS DE SAÚDE – Cartilhas ensinam como evitar doenças.” (VEJA, 1984, n. 831, p.75). Lança-se no mercado uma orientação generalizada sobre a prevenção de doenças, que populariza as descobertas científicas no campo da medicina. Outro importante dado que também corrobora esta múltipla

preocupação com a saúde é o lançamento da revista *Saúde*, também pela editora Abril, em outubro de 1983, divulgada pela revista *Veja*.

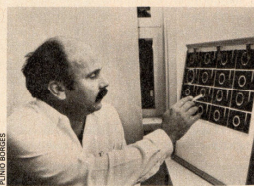
Atenta aos movimentos mais sutis da vida social brasileira, prática de mercado comum não só ao grupo do qual faz parte, a revista *Saúde!* teve uma participação direta no desenvolvimento do culto ao corpo no Brasil, ao refletir e refratar de forma massificada **os desejos pelo corpo saudável que despontavam em cada nova academia do país**. (DANTAS, 2007, p.34 – grifo do autor – grifo nosso)

Novamente a ginástica aparece relacionada a este novo modelo de corpo, que para ser ativo, deve ser saudável e medicalizado. E à medida que se populariza os cuidados para se *ter* um corpo saudável (pois neste discurso o corpo é tratado como objeto), amplia-se paralelamente os benefícios e conhecimentos acerca da prática da ginástica. Os conhecimentos passam a ser universais, e cada vez mais a ciência, principalmente a médica, determina o que é saúde, o que é corpo, o que é vida ou morte.

Quando declarar clinicamente morto um doador

Como convencer os familiares de um doador moribundo de que ele está morto e pode ser retalhado, se o seu peito continua se movendo, os rins seguem produzindo urina e o coração continua batendo? Tudo o que os médicos podem fazer é tentar explicar-lhes o conceito de morte encefálica, ou total ausência de atividade do tronco cerebral, um estado sem volta em que a respiração e a pressão sanguínea são mantidas por meio de aparelhos. Foi essa a tarefa dos psicólogos do grupo de apoio da equipe que retirou o fígado do operário Josafá para transplantá-lo em Maria Regina Mascarenhas.

Josafá caíra do telhado da empresa VW Caldeiraria na tarde de quarta-



Manreza: a sentença sobre Josafá

feira e sofrera profundo traumatismo craniano. Dois dias depois, mantido ligado a aparelhos, ele teve declarada sua morte cerebral. Foi a partir daí que, durante toda a noite, os médicos se debruçaram sobre seu abdômen para extrair o fígado. Mas somente às 7h30 da manhã de sábado, minutos depois de arrancado o órgão, seu coração parou de bater.

Desde 1983 a cadeira de Neurologia da Faculdade de Medicina da USP adota os critérios estabelecidos nos Estados Unidos para o diagnóstico de morte cerebral. Segundo esses critérios, o doente deve permanecer pelo menos 6 horas em estado de coma, sem o uso de drogas depressoras do sistema nervoso central e sem hipotermia — a redução artificial da temperatura do organismo para mantê-lo vivo por mais tempo. Depois disso, submete-se o paciente a exames complementares para confirmar a total

ausência de atividade cerebral ou de circulação sanguínea. Quando um deles dá negativo, o doente é considerado morto.

“SEM CABEÇA” — No caso de Josafá, constatou-se que sua pupila não mais reagia à luz, o que significa que todos os movimentos involuntários — desde a respiração até os batimentos cardíacos — não mais se dariam sem o uso de aparelhos. Em seguida, um eletroencefalograma mostrou a inexistência de função cerebral. Um terceiro exame, a arteriografia, que mede o fluxo de sangue nas artérias, deixou claro que ele era insuficiente para oxigenar as células do cérebro.



A Morte: agora, em duas etapas

“Depois dessas providências é impossível alguém retornar à vida. Manter viva uma pessoa com morte cerebral é o mesmo que cuidar de um ser humano sem cabeça”, diz o neurologista Luiz Alcides Manreza, 42 anos, da Clínica Neurológica do Hospital das Clínicas de São Paulo, cuja função no transplante foi constatar a morte de Josafá.

Para os médicos que implantam órgãos o conceito de morte cerebral é fundamental. Um coração, por exemplo, só pode ser utilizado em outra pessoa se ainda estiver batendo quando extirpado. O fígado também não pode ficar um só minuto sem que o sangue oxigene suas células.

Fonte: *Veja*, 1985, n. 888, p.73

O questionamento que inicia a matéria é bem atordoador: “como convencer familiares de um doador moribundo que ele está morto e pode ser retalhado, se o peito continua se movendo, os rins seguem produzindo urina e o seu coração continua batendo? Tudo o que os médicos podem fazer é tentar explicar o conceito de morte encefálica.” A matéria apresenta que a morte do indivíduo é determinada por três exames fundamentais, sendo que dois deles dependem de uma nova tecnologia. Não há mais espaço para simular a morte com poções de alquimistas, como na peça “Romeu e Julieta”. A vida não passa despercebida pelos olhares penetrantes dos aparelhos.

Neste contexto tecnológico da área da saúde, o corpo do médico não é mais suficiente para evidenciar a morte de um outro corpo. Os exames de “visão interna do corpo”, realizados por aparelhos de alto nível de precisão, serão os grandes responsáveis pela determinação da morte. Num sentido mais amplo:

Desde o século XIX com a invenção de novas técnicas de visualização médica do corpo, o “tato” perde seu estatuto epistemológico, clínico e diagnóstico que possuía, sendo substituído pela visão, que se apresenta como mais objetiva. A ênfase na visão constitui uma ameaça para o uso diagnóstico dos outros sentidos, especialmente o tato e a audição, que exigem que o médico forme uma imagem mental da lesão, sendo mais propensos ao subjetivismo frente às técnicas visuais, que apresentam uma imagem de forma imediata, direta e objetiva, relegando o tato e a audição a um plano intelectual inferior (Reiser, 1990). (ORTEGA, 2008, p.65)

A revista populariza a concepção de morte do corpo, da morte encefálica, por este viés, assim como mostra que com o auxílio dos aparelhos, o corpo hoje pode ter movimento, sem vida... A medicina como “sempre forneceu modelos de corpo bom e ruim, de um corpo ideal, o corpo do outro como ‘o corpo’, ou seja, o corpo que todos temos: o corpo cadáver da tradição anatômica, o corpo transparente, ou o corpo-imagem da medicina virtual”. (ORTEGA, op. cit, p.165)⁴⁵. E outra matéria da revista denominada “Os aparelhos hospitalares que mantêm a vida” (VEJA, 1989, n. 18, p.96), mostra-se os aparelhos responsáveis pela manutenção da vida, e não só do movimento do corpo.

⁴⁵ A morte parece estar presente ou muito próxima do corpo, não só quando esta parece estar eminente numa realidade concreta, mas tornando-se presente em todas as consultas rotineiras e tratamentos, caracterizada principalmente pela forma com a qual o corpo é tratado. Em relação a isso, comenta Ortega (2008, p.84):

Se para Foucault (1994, III) a dimensão biopolítica da medicina reside em seu poder normalizador, e seu o totalitarismo representa o paroxismo do biopoder, por reduzir o corpo a uma coisa inanimada, *res extensa* ou cadáver (Arandt, 1948, 1979), podemos dizer que a medicina compartilha com o biopoder totalitário o pressuposto da redução da vida à vida orgânica, e do corpo ao cadáver.

Paradoxo⁴⁶ interessante ocorre no cenário de *Veja*, quando a discussão sobre a eutanásia é colocada numa de suas matérias. Embora a revista divulgue em várias edições esta perspectiva do pensamento médico, abre algumas possibilidades de reflexão sobre ela, como mostra a matéria a seguir: “EUTANÁSIA – MORTE A PEDIDO – Ganha força a campanha pelo “direito de morrer”. (VEJA, 1985, n. 888, p.73). A discussão é estendida quando outra matéria debate com mais detalhes o assunto: “MEDICINA – AMARGO FINAL – Barney Clark pediu que o fizessem morrer.” (VEJA, 1984, n. 839, p. 72).

Quando o dentista americano Barney Clark recebeu um coração de alumínio e plástico em 1982, falou-se muito dos problemas físicos que enfrentaria. Primeira e única pessoa a ter um coração artificial batendo no peito, Clark viveu 112 dias sem que a máquina entrasse em pane, mas o mesmo não se deu com sua mente...Clark viveu mais de três meses entre crises de delírio e depressão. Muitas vezes, disse aos médicos que queria morrer e ficava imaginando formas de suicidar-se. [...]

Segundo os psiquiatras, ele também não sabia o que fazer da vida, embora nada pudesse fazer realmente. “No momento em que o coração artificial estava ajustado no seu lugar, ele sentia a necessidade de encontrar uma meta, um objetivo”, escrevem. Muitas vezes, Clark entrava em períodos de total inconsciência e, ao voltar deles, sentia-se decepcionado por continuar vivo. (ibidem)

O paciente ganha um coração artificial, e também uma crise existencial... Com dores constantes, exames exaustivos, confinado à brancura insípida hospitalar, sem motivos para viver segundo suas próprias expectativas, Barney Clark não se vê como um milagre da medicina, um corpo animado, com vida, mas sim, como uma pessoa infeliz que não vê sentido em sua própria existência, a ponto de desejar estar “realmente” morto. O pensamento lúcido de Clark vai ao encontro do pensar da artista plástica britânica Susan Aldworth, que segundo

⁴⁶ O paradoxo apresentado em relação às publicações da revista *Veja* neste período, também foram percebidas por Nascimento (2005), dentre outras questões, ao analisar 237 reportagens veiculadas nas décadas de 80 e 90, em jornais e revistas de grande circulação. Paradoxo este que sinaliza rupturas iniciais da mídia com a cultura médica.

Ortega (2008, p.149), questiona a visualização do cérebro, como o entendimento da identidade do ser humano, assim como problematiza a concepção da cultura popular a este respeito. Em seus textos, algumas frases fazem alusão direta a este pensar: “você pode olhar no meu cérebro mas nunca me encontrará”, e ainda, “Estou tanto dentro de minha cabeça como fora do meu cérebro”.

Outro ponto que merece destaque na matéria é o papel atribuído à ginástica. Não desejando divulgar estas limitações médicas, o insucesso do procedimento, e também os estados físico e psicológico de Barney Clark, “monta-se” e divulga-se fotos do paciente “**fazendo ginástica** leve nos seus melhores momentos, entre médicos sorridentes” (ibidem – grifo nosso), como parte de uma estratégia de consumo externo para dissimular a situação real do paciente, “montagem” esta claramente comentada pela revista. Mais uma vez a ginástica aparece, num outro contexto, associada a um conceito positivo de saúde, que é determinada pela área médica e pulverizada pela revista. Mas como bem ressalta Carvalho (2001) há que se considerar o sujeito no processo de constituição e manutenção da relação atividade física e saúde.

Segundo os entrevistados da pesquisa, na década de 70 e meados de 80 havia uma aproximação conceitual entre os termos atividade física e ginástica, assim como não havia muita precisão acerca dos mesmos, de forma que eram utilizados de forma diferenciada, dependendo do contexto (onde se circunscreve o lugar, o objetivo e o sujeito). A ginástica era considerada como uma atividade física sistematizada, conforme aponta Aparecida Conti, Cynthia Tibeau, dentre outros. Ou como um tipo de atividade física, conforme os dizeres de Gilberto Bertevello: “não existe ginástica, foi um apelido que deram. Existe atividade física ginástica. Ginástica vem de ginásio (grego), então atividade física dentro

do ginásio”. E embora seja considerada como um tipo de ginástica, por vezes seus conceitos são considerados sinônimos: “a ginástica é a responsável pelo crescimento da academia porque nunca se abandonou o termo ginástica como forma de atividade física: ‘vai fazer ginástica’, ‘tô precisando fazer ginástica’, ‘preciso procurar uma academia ainda hoje (para fazer Ginástica)’. E ele ainda completa dizendo que (estes termos) “são sinônimos. O pessoal estava entrando na turma da ginástica, e era o que uma atividade física era: uma forma de exercício físico. Então, o pessoal (na década de 80) ia para a ginástica.” (Gilberto Bertevello).

Ainda sobre o depoimento de Clark, cabe uma reflexão. Ao simular-se a prática da ginástica, apontando-a como um indicador de saúde, de bem estar do paciente, remete-se diretamente às concepções de corpo e de saúde que estão estritamente ligadas e se co-influenciando nas áreas da Medicina e Educação Física. Para Carvalho (2001, p.28; 36)

O acesso à informação por meio, especialmente, dos veículos de comunicação de massa e da publicidade é limitada e reduzido: o que a televisão, os jornais, as revistas divulgam servem para reforçar o entendimento de que atividade física produz saúde[...]
Se a relação atividade física como saúde é um ‘mito’, é também a justificativa para o rito, ou melhor, para os ritos, dado que existem inúmeras possibilidades para sua manifestação; e esses diferentes ritos materializam os ‘sonhos’ – elaborados pelo ‘inconsciente’ e também pelo ‘consciente’ que, desse modo, tentam satisfazer às necessidades que os homens constroem ao longo do tempo – as necessidades dos primitivos, dos empresários, dos consumidores, da indústria cultural e da beleza, enfim do próprio ‘mito’. E o ciclo se fecha, se amplia e se perpetua. Em outras palavras, ‘o mito e o rito exprimem, em planos diferentes e com os meios que lhe são próprios, um complexo sistema de afirmações coerentes sobre a realidade última das coisas’ (Eliade, 1969:17)

Para Gilberto Bertevello, Mauro Guiselini e Maria Cristina Penteado⁴⁷, houve um papel importante da área médica em legitimar algumas ações dos educadores físicos, em prol da saúde, assim como de possibilitar um avanço da Educação Física, a partir de estudos científicos, especialmente os desenvolvidos pela medicina esportiva. Eles também nomeiam alguns médicos que ajudaram a promover a atividade física, e por conseguinte, a Educação Física e as academias de ginástica, como Osmar de Oliveira, Vitor Matsudo, dentre outros.

No entanto, a área médica também ajudou a estabelecer um conceito de saúde voltado para ausência de doença, estabelecendo a atividade física (dentre elas a ginástica) como um destes instrumentos, e dando a ela um viés extremamente preventivo ou curativo⁴⁸, desvinculando-a de seus atributos valorativos e humanizadores. A este respeito, e indo ao encontro da matéria sobre Barney Clarck, cabe a reflexão: “Há que se considerar que a primeira

⁴⁷ Na perspectiva de uma formação continuada, a entrevistada Maria Cristina Penteado acompanhou as pesquisas e os Congressos promovidos pela Sociedade Brasileira de Medicina Esportiva, e apontou as colaborações para sua docência em ginástica de academia.

⁴⁸ Segundo Carvalho (2001) há uma relevância histórica das décadas de 70 e 80 para a consolidação da ideia da atividade física como saúde, na perspectiva preventiva e curativa, especialmente porque neste período foram criados, aplicados e veiculados, gradativamente, documentos oficiais elaborados no Brasil e no exterior, como: o “Manifesto Mundial do Esporte” (1964), a “Carta Européia de Esporte para Todos” (1966), o “Manifesto Mundial de Educação Física” (1971), a “Carta Internacional de Educação Física e Esporte” (1978), e “Recomendações sobre Educação Física e Desportos aos Estados Membros da UNESCO”(1976). Merece também destaque o lançamento do material referente ao “Programa Esporte e Saúde MEC/MS”, elaborado e veiculado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED), e do Ministério da Saúde, pela sua Divisão Nacional de Doenças Crônico-Degenerativas. Nestas décadas vive-se também a influência do estudos desenvolvidos ASCM (Associação Americana de Medicina Esportiva) e pela SBMS (Sociedade Brasileira de Medicina Esportiva). Para Paim e Almeida Filho (1998, p.305) “Nos Estados Unidos, na década de 80, desenvolvem-se programas acadêmicos inspirados por esse movimento (gerado pela Carta de Ottawa), sob a sigla HPDP (Health Promotion Disease Prevention), claramente indicando a opção pela proposta mínima de mudança de estilo de vida por meio de programas de modificação de comportamentos considerados de risco (como hábito de fumar, dieta, sedentarismo, entre outros)”, e segundo estes mesmos autores, estes programas influenciaram todo o mundo nesta década. Esta influência é percebida pelos autores da área da Educação Física brasileira, pois para Barbanti (apud CARVALHO, 2001, p.86) “É na década de 80 que as atenções e, de uma certa forma, o reconhecimento do valor do exercício regular como benefício para a saúde começavam a ser sentidos pela sociedade [...]”.

condição de saúde é a vida ter sentido; as formas de ser saudável podem ser muitas e tão diferentes como os modos de ser humano.” (SILVA, 2001, p.36).

No entanto a realidade que se presencia é outra:

Numa época em que perdemos a fé na santidade dos códigos morais, em que não queremos nos vincular por imperativos legais e somos coagidos a racionalizar e nosso destino através de nossas escolhas, a nova ontologia de nós mesmos, constituída pela medicina, parece nos oferecer uma solução racional, secular e corporal para o problema de qual seria a melhor forma de viver nossa vida, de como poderíamos aproveitar o melhor de nossa vida adaptando-a à nossa verdade e deixando à medicina esclarecer nossas decisões de como vivê-la. (NIKOLAS ROSE, 1998, p.69, apud ORTEGA, 2008, p.165)

A Educação Física, irá se embeber destes preceitos médicos evidenciados na década de 1980. O “reductionsimo biológico” ao considerar o sujeito, concepção pilar destes preceitos, influenciará a ênfase dada na Educação Física, principalmente na escola, à performance esportiva, à busca da eficiência do movimento, objetivos estes também inerentes ao modelo de sociedade vivido no país (CASTELLANI FILHO, 1991)⁴⁹. E a ginástica, como uma das formas de intervenção desta área, também será influenciada por estes preceitos.

⁴⁹ Em sua obra, Fraga (2006) aborda a influência da área médica na Educação Física na década de 80, em especial na área escolar, evidenciando o papel do CELAFISCS neste processo. Mas também apresenta fatos que foram decisivos para o início da desvinculação deste centro de pesquisa, coordenado pelo médico Vitor Matsudo, a um dos segmentos da área, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Segundo ele:

“Apitos e cronômetros associados ao trabalho de laboratório davam o tom de mudança de mentalidade pretendida pelo CELAFISCS no campo da educação física escolar: subordinar a cultura corporal à ciência do esporte. Mas em meados de 1980, os ventos começam a soprar em outra direção, os professores e professoras de educação física que se contrapunham a esse modelo biomédico passam a minar o controle político do laboratório dentro do CBCE. **Em 1985, além das turbulências científicas na correlação positiva entre exercícios aeróbicos e saúde... a teorização crítico-pedagógica acerca dos conteúdos da educação física e dos esportes ganhava visibilidade no CONBRACE daquele ano, avolumava-se com o processo de abertura democrática no Brasil** e começava a reforçar um movimento que acabaria “desmedicalizando” o CBCE. Quase dez anos depois de fundado, o CBCE promoveu uma das mais significativas guinadas políticas de sua história, e **elegeu em 1987 uma mulher**, professora de educação física, mestre em ciências do movimento humano com ênfase em pedagogia e profissionalmente vinculada à região nordeste. Ao CELAFISCS não restou alternativa, “tirou o time de campo” e estabeleceu novas bases de apoio ao trabalho que até então vinha desenvolvendo no CBCE.” (FRAGA, 2006, p. 116 e 117 – grifo nosso)

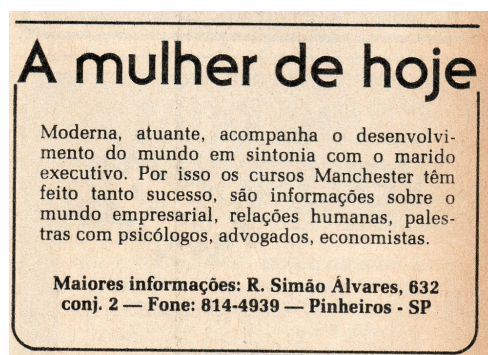
De maneira mais ampla, assim como outras experiências, a ginástica tenderá a ser mais medicalizada, como será mais desenvolvido mais adiante, fortemente por meio da ginástica aeróbica. As concepções e modelos de corpo em transformação irão gradativamente, e por diferentes mecanismos, se constituindo, ao passo que paralelamente irão fortalecer o papel da ginástica de academia para subsidiar esta transformação, principalmente em relação ao corpo feminino.

Saúde ou doença, o fato importante a notar-se é o aumento progressivo de matérias na *Veja* sobre o corpo. Um corpo doente que é vivido pelos ex-presidentes, é narrado pela revista, e que pode de certa maneira ser acessibilizado por todos. E principalmente que pode simbolicamente ser substituído pelo corpo de todos (“conheço o meu corpo por meio da evidência detalhada de um outro”). No lugar dos temas já clássicos, aqueles do corpo biológico ganham cada vez mais destaque, como mostraram os exemplos anteriores e mostrarão os a seguir. Assim, a visibilidade e o esmiuçamento do corpo promovidos pela revista, irão colaborar para um maior entendimento acerca do próprio corpo, suscitando o desejo de melhor conhecê-lo e principalmente condicioná-lo, aperfeiçoá-lo, remodelá-lo. Ações estas que serão possibilitadas pela academia de ginástica.

Este movimento em prol de um corpo ativo, irá influenciar substancialmente o corpo feminino, que na década de 80 vive um “certo” alcance de conquistas, anteriormente vivido em outros países “desenvolvidos”. Segundo Mira (2001) desde a conquista do direito a voto nos países democráticos, o feminismo entra em refluxo, considerando-se que seu ressurgimento nos EUA se espalhou em escala mundial. “Conhecidos como a segunda onda feminista, os novos movimentos reivindicavam a igualdade de

oportunidades para homens e mulheres no trabalho, na política, na esfera pública.” (MIRA, op.cit, p. 68).

Segundo o anúncio veiculado pela revista, mulher moderna é sinônimo de mulher engajada, de atitude, de ação! E nesta década isso parece imperativo. Ação fora da casa, ação além dos cuidados domésticos, ação para si e para o mundo. Ação intelectual. Ação do corpo que pretende impor presença, que imprime identidade, que quer notar-se por seu diferencial e autenticidade.



Fonte: *Veja SP*, 1985, n.864, p.9

A mulher moderna é atuante! Mas para quê? Para acompanhar o marido... Este anúncio deflagra o processo latente, e ainda com raízes conservadoras, da conquista feminina. A mulher moderna pode abdicar do status de “dona do lar”, mas para se emancipar para a condição de “acompanhante o marido”. Acompanha agora não mais para seguir a etiqueta ou por desejo mútuos, em eventos e encontros sociais, mas o “pode” agora num campo de atuação prioritariamente reservada aos homens: o mundo empresarial. Esta mulher deve ser bem informada, estar contextualizada nas tendências de mercado, no movimento do mundo. Ela compartilha dos problemas e temas vividos pelo marido no mundo do trabalho, agora não somente como “companheira”, mas também como alguém que possui

entendimento no que está sendo exposto, podendo inferir reflexões e construir um debate sobre o assunto.

Sua condição doméstica de ser e existir, repleta de afazeres e exigências, dentre outros motivos, pouco lhe permite acompanhar o desenvolvimento das diferentes áreas do saber. Assim, “é permitido à mulher moderna”, inicialmente, uma libertação condicionada, uma transgressão de seu espaço “naturalmente e historicamente” constituído, para um espaço há muito não adentrado, específico ao masculino. Assim, ao mesmo tempo em que este anúncio deflagra um avanço, na medida em que é cedido um novo espaço de atuação para a mulher, para além da casa e dos filhos, atribuindo-lhe competência para uma “função” que até então não parecia ser-lhe possível, este anúncio também marca a manutenção de uma situação de submissão. A presença da mulher continua condicionada a algo, só modificaram-se os contextos, da casa para a sombra do marido.

Mas gradativamente a mulher vai conquistando novos espaços, como aponta Mira (2001) ao tratar dos conteúdos presentes nas revistas femininas, e da concepção de suas editoras. Um destes espaços será a academia de ginástica, que no final da década de 70 e início dos 80 configura-se não só como um espaço de culto estético e de condicionamento físico, mas também como um espaço de convívio social feminino, conforme aponta as entrevistadas Elizabeth Paoliello e Vilma Nista-Píccolo (“não existia assim: ‘eu vou parar de fazer ginástica porque eu não perdi nada (medidas)’, porque elas amavam ginástica, e era um bate papo, era um momento de descontração”) ⁵⁰.

⁵⁰ Aos homens era permitido socialmente desvincular-se da casa, do trabalho e dos filhos, para um encontro entre homens, em diferentes espaços da cidade (bares, botecos, saunas etc). No entanto, isso raramente era possibilitado socialmente para as mulheres. Seu momento de encontro com outras mulheres, para a prática de ginástica em academias, estava relacionado a ter levado os filhos para praticar atividade física (esportes, ballet etc) ou a busca de uma

As minhas alunas já não eram só mães das meninas que estavam lá, eram pessoas que tinham vontade de fazer ginástica porque era divertido. É lógico que existia uma preocupação estética mas era divertido colocar o seu corpo a prova pular corda fazer coisas que normalmente você não faria uns exercícios de alongamento eram, apesar das alunas reclamarem elas gostavam de exercícios de alongamento porque deixava o corpo melhor e tem todo aquele pensar e tal. (Cynthia Tibeau)

A luta feminina neste período parece ser tanto no campo físico como intelectual, como aponta a propaganda a seguir com o lema “Vamos à luta”. A imagem de uma mulher preparada para lutar Box, mostra a possibilidade desta prática por ela, num esporte de total combatividade e tipicamente de domínio masculino. Muda-se o papel num contexto onde culturalmente a elas cabia um passeio pelo *ring* nos intervalos, com roupas sedutoras e/ou erotizadas, para mostrar os pontos ou cartazes de patrocinadores, assim como os contornos do corpo, agradando o público preferencialmente masculino. O texto que acompanha a imagem é convidativo para a adesão e instrumentalização da mulher para esta luta, a partir da apropriação dos saberes contidos no Almanaque Abril 85⁵¹.

	Vá a luta com a proteção do Almanaque Abril 85! Defenda-se contra golpes baixos de dúvidas e contra-ataque com soluções certeiras e rápidas. Você estará preparado para vencer com o Almanaque Abril 85, um verdadeiro banco de dados onde você encontrará estatísticas, política e história do Brasil e do mundo. Consulte-o para pesquisas e leia-o pelo prazer de descobrir muito mais do que você esperava. Você vai ganhar todas! (VEJA, 1985, no.862, p.145)
---	---

melhora estética. De qualquer modo, salienta-se que este espaço das aulas de Ginástica configuraram-se como lugares que também objetivavam o encontro e diversão das mesmas.

⁵¹ O almanaque abril é de produção da Editora Abril, assim, não por coincidência encontra-se a mesma campanha em prol deste movimento feminino, tanto na propaganda do almanaque como na editoração da revista *Veja*.

As informações sobre estatísticas, política e história, contidas no Almanaque poderão ser utilizadas para uma leitura prazerosa, para pesquisas, constituindo-se a “proteção” que a mulher precisa para “vencer”. A combinação de um corpo feminino magro e forte e um intelecto mais culto parece ser a fórmula ideal para que a mulher defenda-se e ataque para ganhar seu espaço, esta luta. Ou seja, mostra-se uma mulher disposta à luta e munida das mesmas competências físicas e intelectuais que os homens.

No mundo atual, com a emancipação da mulher no aspecto intelectual, e seu novo posicionamento diante dos problemas sociais, políticos e também preocupada cada vez mais com a estética corporal, a musculação tomou novos rumos. Os músculos modelados e firmes já não são mais atributos exclusivamente masculinos, agora, também o são do sexo feminino. Essa mudança de padrões estéticos levou as mulheres a invadirem as salas de musculação, reduto há muito freqüentado somente por homens. (COSSENZA, 1992, p.3)

Esta nova mulher está em movimento também pelo direito às suas escolhas, considerando-se que estas geralmente lhe foram impostas historicamente pelos pais, pelo marido, pelos filhos e pelos costumes de diferentes ordens... A propaganda da nova marca **esportiva** C&A faz um convite às mulheres à reflexão, a partir de uma pergunta, assim como as convida à ação, ao dar a resposta. Num momento de grandes transformações e incertezas, a C&A mostra-se como uma marca que leva a mulher com charme e segurança a todos os caminhos da moda.

Ela deve escolher seus caminhos para **exercitar-se**⁵², para estar na moda, e indiretamente, para as outras escolhas da vida. Assim como na

⁵² Esta exercitação feminina foi estimulada também por estudos científicos na área médica, dado a constatação de que as mulheres estavam se exercitando menos devido aos avanços tecnológicos nos aparelhos domésticos e sua participação cada vez maior no mercado de trabalho. Segundo Fraga (2006) a campanha do Agita São Paulo, focada para o Dia Internacional da Mulher, valeu-se dos resultados de um inquérito domiciliar sobre os fatores de

propaganda do Almanaque, há um discurso de luta feminina associada a um esporte, a uma ação física, e a mostra do corpo magro.

O setor da moda ganha mais força sendo um dos lugares privilegiados de investimento no corpo feminino nesta década, talvez pela compreensão de que um estilo de vestir-se, constituía-se em diferentes possibilidades para a mulher:

[...] Hillevi Ganetz acredita que, para além de reproduzir a sociedade dominante, a moda sempre foi uma forma encontrada pela mulher para se expressar como indivíduo. Para a autora, deveríamos fazer uma distinção entre moda e estilo. Por mais que o vestir-se seja organizado pela indústria da moda, o estilo é sempre algo pessoal e todos os indivíduos, conscientes disto ou não, têm um estilo. Assim, a moda seria mais do que a compensação dada à mulher por sua falta de poder o algo apenas dirigido ao olhar masculino: “também tem dado à mulher uma saída para sua criatividade”. Cuidar do corpo, escolher suas roupas tem sido uma “oportunidade para criar alguma coisa”. Assim como um artista ou qualquer criador, a mulher escolhe e adapta ao seu estilo pessoal as técnicas e convenções que estão a sua disposição. [...] (MIRA, 2001, p.136)

As mulheres se vêem da perspectiva de fora, o que significa que elas podem gastar horas pondo e tirando roupas a fim de encontrar a combinação certa para aquela ocasião particular e aquelas pessoas em particular. As mulheres não apenas se vêem, mas vêem a si mesmas sendo vistas. (GANETZ apud MIRA, op.cit., p. 137)

A moda, em especial a feminina, é destacada pela revista *Veja*, principalmente nas propagandas de lojas de departamento (*Mesbla*, *Mappin*, *C&A* dentre outras), de marcas renomadas no setor (nacionais e internacionais) e de acessórios (bolsas, sapatos, cintos, óculos etc). Em todas elas há imagens de estilos diferentes de vestir (social, despojada, **esportiva**, clássica, ousada...) mas um único modelo de corpo: magro.

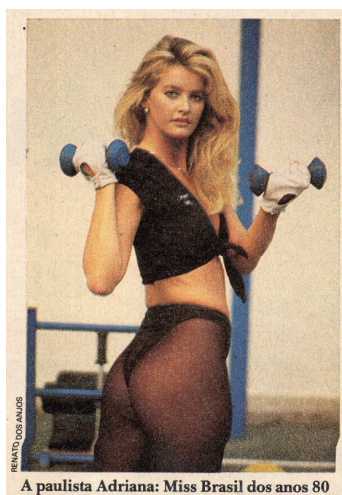
Outra matéria de uma página inteira vai abordar o novo conceito de corpo ativo, vinculado à beleza feminina, ao relatar o encontro de treze ex-missas Brasil, no Rio de Janeiro, na sessão “Comportamento”: “Belezas antigas – Almoço reúne no Rio treze ex-missas Brasil”. A matéria se desenvolve

risco para doenças crônico-degenerativas, realizado entre os meses de março e setembro de 1987 na cidade de São Paulo.

narrando o encontro, como que estas mulheres são reconhecidas até hoje e como criticam o atual processo de escolha das misses⁵³ No final da matéria há uma menção de uma “atual” miss Brasil (1981), sobre estas misses do passado: “Em São Paulo, a modelo Adriana Alves de Oliveira, 21 anos, Miss Brasil 1981, uma **praticante entusiasmada de musculação**, encara suas antecessoras de décadas passadas com olhos reverentes. ‘Essas mulheres foram fenômenos’, diz.” (ibidem – grifo nosso). Neste pequena menção feita à atual miss, já se destaca uma das formas pelas quais ela adquire sua beleza: o treinamento da força. E embora tenha apenas um parágrafo na matéria, a atual miss ocupa uma, das três imagens da página, mostrando o que dita a beleza da década de 1980: o corpo magro e forte. Modelo de corpo este obtido por meio da **ginástica**.

Inúmeras poderiam ser as imagens escolhidas para mostrar a beleza da atualidade, e não por acaso, a miss é fotografada com trajes de ginástica, numa sala de musculação, segurando os halteres (com luvas), contorcendo o corpo para evidenciar os benefícios deste trabalho em diferentes partes do corpo. Tudo isso sem perder a sensualidade, evidenciada pela “pose” na foto, pelo decote da roupa e pelo estilo de penteado.

⁵³ Elas criticam que o concurso virou um programa de auditório, um concurso popular, e ainda que “foi bom na época, mas atualmente nem pensaria em me candidatar”.



Fonte: *Veja SP*, 1985, n.871, p.90

Toda a matéria revela, não por acaso no setor “Comportamento” (e não Saúde ou Beleza), um novo comportamento a ser seguido em relação ao corpo feminino, em toda a década como reforça a frase abaixo da foto: “A **paulista** Adriana: Miss Brasil **dos anos 80**” (ibidem – grifo nosso). Uma mudança de comportamento também percebida pela entrevistada Vilma Nista-Piccolo:

Em 80 eu viajei para os Estados Unidos e conheci algumas academias lá de ginástica e lá já estava começando o uso de aparelho, as mulheres se utilizando de aparelhos de halteres que os homens usavam para se fortalecer. Claro que isso deve ter começado muito antes, mais eu me lembro nessa fase de me espantar de ver as mulheres também fazendo, usando aparelhos masculinos e me lembro também de São Paulo que algumas academias usavam.

E o discurso presente nestas matérias irá ao encontro das orientações dadas nos livros de ginástica de academia na década de 1980, como aponta a citação a seguir:

O tipo magro perdurou por muitos anos, sendo que com menos exagero. E a mulher foi podendo correr um pouco das dietas, e podendo deixar vigorar mais o seu biotipo. Assim ainda é condenada a gordura, tanto como fator estético ou como saúde. E o tipo físico ideal mudou para o tipo atlético, com a musculatura bem delineada e bem trabalhada... Atualmente o físico da mulher considerado ideal, é do tipo atlético, assim como o do homem. (CONTURSI, 1986, Apresentação)

A linguagem verbal, a escrita, a imagética, encontram-se e possibilitam interpretações sobre este contexto social e sobre o papel social feminino e a relação com a ginástica. Segundo Landowski (apud Fantin, 1999)

Em vez de encarar a linguagem como o simples suporte de “mensagens” que circulam entre emissores e receptores quaisquer, [...] procurar-se-á, antes de mais nada, captar as interações efetuadas, com a ajuda do discurso, entre os “sujeitos” individuais ou coletivos que nele se inscrevem e que, de certo modo, nele se reconhecem. Considerar, assim, o discurso como um espaço de interação talvez seja proporcionar-se, a longo prazo, o meio de abordar, de um modo que não seja meramente intuitivo, a análise das condições de existência e de exercício do poder no que elas têm de socialmente mais evanescente e, sem dúvida, ao mesmo tempo, de mais profundo; é tocar na formação e nas flutuações do vínculo social e político vivido.

Alguns indícios claros foram dados para a compreensão deste novo modelo de corpo ativo que se estabelece na década de 1980, alicerçado pelo desenvolvimento tecnológico e científico da área da saúde e pela política (especialmente após o período da ditadura militar). Um corpo em movimento, em direção a novas conquistas, sejam elas relacionadas à beleza, ao campo do trabalho, ao patriotismo etc. Um corpo ativo que será construído principalmente a partir da prática da ginástica de academia, tendo ao seu dispor uma diversificada oferta de produtos para este fim.

2.1. PRODUTOS ENALTECEDORES DO CORPO

Nesse contexto de culto ao corpo uma série de produtos será desenvolvida para enaltecer e “aprimorar” a carne e a pele, assim como todo o corpo ativo, para apreciação própria e do outro. E o público alvo destes produtos será o feminino, não obstante alguns também atendam ao masculino.

Apesar da mulher ainda ser colocada num contexto de submissão, há uma tendência de libertá-la da autoridade moral do passado⁵⁴. Assim, diferentes tipos de serviços, programas e produtos são pensados para satisfazer os desejos desta “nova mulher”, assim como para suscitá-los.

A mulher gradualmente vai assumindo novos papéis, como ser profissional, gerir e administrar os gastos domésticos, dentre outros, ao passo que se destaca por uma versatilidade antes não anunciada. Versatilidade esta, como já apontado anteriormente, que é considerada como uma das características centrais do corpo ativo. As entrevistadas Maria Cristina Penteado e Cynthia Tibeau descrevem a versatilidade que tinham que ter como donas de casa e proprietárias de academia. Estabelecia-se uma nova concepção de mulher que deve ficar clara para pais e filhos, como mostra a propaganda dos produtos *Philips*, em promoção nas Lojas Mesbla, para presentear as mães (Dia das Mães).

⁵⁴ Referencias sobre a história das mulheres: *História das Mulheres*, de George Duby e Michelle Perrot (5 volumes); e a *A história das mulheres no Brasil*, de Mary Del Priori.



Fonte: *Veja*, 1985, n.870, p.81

O título do anúncio é bem intimidador ou impositivo: “Quem disse” que mãe tem que ser uma só? Ou seja, não há mais uma única visão de mãe, de mulher, como aquela que não se cuida, com pouca vaidade, de cabelo curto ou preso para melhor fazer as atividades domésticas e de mãe, conformada com sua condição, e que espera o marido chegar ao fim do dia, perfumada a tempero refogado, para lhe servir o jantar e depois ver a novela. Esta nova mulher quer e pode ser mais.

Embora as imagens não consigam estabelecer uma diferenciação muito clara entre as facetas desta “nova” mulher, o texto do anúncio indica almeja fazê-lo, identificando três perfis da mesma mulher: a esportiva, a profissional e a sedutora. “Tem noites que ela se sente uma mulher sofisticada”. Tem dias para isso e tem noites para aquilo, quem saberá quantos para cada um... E nestas noites em que esta sensação de ser sofisticada aparece, o secador-modelador ajudará “o penteado a combinar com a roupa de festa”. “Tem dias que ela acorda

com espírito esportivo, **faz ginástica** e vai à praia.” (grifo nosso). E para fazer ginástica e ir à praia, o cabelo poderá ser “seco rapidamente, de um jeito bem natural”. Mas ir sem secar/arrumar o cabelo para a prática da ginástica e ir à praia, já não é natural. A produção, para si e para os outros faz agora parte das atividades mais despojadas. A presença da ginástica ou da atividade física ao ar livre é bem marcante neste período como algo que deve fazer parte da vida da mulher, ou seja, fazer ginástica é mostrado como algo constitutivo do universo feminino na década de 1980. E para encerrar, a mensagem é clara: “Simples, elegante, clássica ou extravagante, com o secador-modelador Super Styler Set Philips sua mãe pode ser muitas embora continue sempre única para você.”

Em todas estas imagens ela se embeleza, se arruma, auxiliada pelas diferentes funções do eletrodoméstico, o secador-modelador de cabelos. Modela-se o corpo, modelam-se os cabelos. Uma peça do aparelho pode definir um visual, e portanto, uma atuação da mulher. Diferentes peças de um mesmo secador, diferentes facetas de uma mesma mulher. O aparelho multifuncional vem atender, e construir, um papel feminino mais diversificado, consolidando a versatilidade como um adjetivo comum entre um novo conceito de mulher e de tecnologia.

Uma das consequências desta versatilidade de novos papéis é a apropriação gradativa não só do mercado profissional masculino, como também do uso de objetos e espaços preferencialmente por eles utilizados. Uma das matérias da revista evidencia isso, como no tema Moda: “ESTILO EXECUTIVO - As mulheres trocam as bolsas por pastas” (VEJA SP, 1985, n. 853, p.51). O uso deste acessório é um dos indícios da entrada das mulheres no mundo executivo, e mostra como o mercado da moda se prepara e estimula este movimento. Para Petry e Silva (2004) a afirmação da mulher no mercado de trabalho é sentida

nos anos 80 também com o início da utilização do estereótipo da executiva, mostrando mulheres de terno e pasta na mão, em imagens de revistas femininas como *Cláudia*, *NOVA* e *Capricho*.

Tão surpreendente quanto usar pastas executivas, é a possibilidade de apropriação das mesmas por aparelhos culturalmente até então utilizados preferencialmente pelos homens, como os aparelhos eletro eletrônicos. Os anúncios são diversos, de aparelhos de som, máquinas fotográficas, calculadoras, telefones com fax etc, em que esta apropriação é reforçada via texto ou imagem. O território do consumo feminino se amplia, e incorpora outros produtos como este:



Fonte: *Veja*, 1984, n.839, p. 11

A imagem mostra claramente uma mulher magra segurando a câmera com total segurança e prazer em fazê-lo. Dominar esta avançada máquina não será difícil para as mulheres: “Aperte o botão e coloque *sua turma* dentro da

TV... transformando o ato de gravar VT numa coisa extremamente simples e agradável”. Um gesto que parece tão simples que não é necessário preocupar-se, fazendo a câmera parecer um enfeite, um acessório, algo comum ao seu universo. A mulher não está fascinada pelo que filma ou pelo gesto de filmar, pois na imagem ela sequer tem os olhares voltados para isso. Uma ambiguidade da imagem, mas que pode proceder justamente por desejar-se mostrar a maior realização pela posse do aparelho e o poder utilizá-lo com tranqüilidade, em detrimento do que está sendo filmado ou a própria ação de filmar. O contexto da imagem é a praia, lugar de diversão e atividade física, individual ou grupal (amigos, namorado e família), de muitos brasileiros, sobretudo após a década de 1960. A imagem não mostra o que está sendo filmado, o que já desvincula a mulher de estar filmando os filhos, o que seria uma situação bem corriqueira e aceita socialmente. Ela está sozinha, podendo filmar o que desejar... E os dizeres do anúncio já apontam que pode ser “sua turma”! Assim, tanto o uso do aparelho como sua finalidade anunciam mudanças em relação a uma concepção de mulher.

E nada é mais emblemático que a manchete principal: “Betamovie é a primeira videocamera gravadora portátil. Com ela, você tem o mundo do VT nas mãos”. Num momento em que a publicidade enfatiza uma suposta revolução feminina, nada mais apropriado! Um casamento perfeito entre texto, imagem e contexto social e político. O mundo pode estar nas mãos das mulheres. Um mundo de tecnologia, com independência do homem para compreender e manipular as máquinas, e que cada vez mais cresce para servi-la e realizá-la.

A apropriação de objetos antes preferencialmente utilizados pelo universo masculino no mundo da moda, tecnologia, dentre outros, terá reflexo direto no uso pelas mulheres de outros objetos, como os halteres, barras e

pranchas de abdominais (em casa ou nas salas de musculação), como será desenvolvido no último capítulo.

Indo ao encontro deste exacerbado culto ao corpo e a esta ampliação do território de consumo feminino, houve na década de 1980 um grande desenvolvimento e oferta de produtos para o embelezamento.

2.1.1. PRODUTOS QUE EMBELEZAM, ENRIJESSEM E ALISAM

A partir do surgimento de novos e variados produtos de embelezamento, modelos de beleza se conectam com as perspectivas sociais do corpo, num contexto que enaltecerá a juventude, a magreza e a força como qualidades indispensáveis à mulher. Qualidades estas que poderão ser alcançadas não só por meio destes produtos, mas também pela prática da ginástica de academia, de maneira independente e/ou interdependente⁵⁵.

A beleza poderá ser encontrada em todo o corpo, assim como também será cobrada por inteiro... E a tecnologia irá servir ao corpo belo e saudável, não só por meio da medicina, mas também na elaboração de produtos, cujas finalidades são os cuidados estéticos com o corpo.

A área cosmética terá um grande avanço, especialmente os cremes regeneradores da pele. O corpo ativo da mulher moderna é um corpo onde os adjetivos “liso” e “tonificado” estarão em destaque, ficando a cargo dos produtos e da ginástica proporcioná-los. Por isso, não por coincidência, os mesmos adjetivos utilizados nas propagandas dos cremes, serão as do corpo “malhado”.

⁵⁵ Segundo o entrevistado Gilberto Bertevello, a mulher entrou na atividade ginástica muito depois do homem. Já no que se refere ao uso de cosméticos, a mulher entrou bem antes que o homem. Na atualidade, o homem já se utiliza mais dos cosméticos. Ele ainda comenta que falta na atualidade Cosméticos que sejam apropriados para a exercitação física, pois as mulheres querem nadar sem que saia o batom, querem suar sem perder a maquiagem.

A preocupação com a beleza e boa aparência da pele do rosto já existia em décadas anteriores. Mas especialmente na década de 70 na Europa, e em 80 no Brasil, ela se torna alvo da Ginástica, pois a beleza será traduzida agora por sua maior e melhor “tonicidade”.

Pele caída e/ou com rugas profundas são indícios de que **os músculos faciais estão fora de forma** – isto é, perderam o seu tono. E o que é, exatamente, tono? Tono é um estado normal de leve, mas contínua, contração de um músculo[...]
É a condição dos músculos que se encontram debaixo dela que ajudar a deter minar a condição de sua toniciadade. Uma face firme é símbolo de juventude, mas não necessariamente uma característica exclusiva dos jovens. Se os músculos do corpo podem retornar ao seu tono – e eles retornam –, da mesma forma pode acontecer com os músculos da face, e através do mesmo meio: exercício. (CRAIG, 1981, p.6 –grifo nosso)

Utilizando-se da ginástica, ou não, o creme matinal anti rugas SKIN LIFE, de Helena Hubstein (HR) é um exemplo do avanço tecnológico na área cosmética em prol dos cuidados com a pele feminina.

■ Pela primeira vez um tratamento para o dia que junta a leveza de uma emulsão a uma ação anti-rugas. A Emulsão Matinal Anti-Rugas faz isso por você.

■ O extrato biológico GAM concentrado traz para a pele os elementos ativos regeneradores que eliminam, dia após dia, rugas e marcas de expressão até 50%. Um teste de computador comprovou isso.

■ E, além de filtros solares, a Emulsão Matinal Anti-Rugas também traz fatores hidratantes e protetores para lutar contra as agressões do dia-a-dia, as quais provocam um envelhecimento precoce.

■ Com o tratamento diário Skin Life você verá, dia após dia, como sua pele será visivelmente mais lisa e mais jovem.

SKIN LIFE

Perfil da pele antes do tratamento (método de surfimetria).

Após o tratamento, a marca de expressão (a) desapareceu. A ruga profunda (b) está atenuada.

Fonte: *Veja*, 1985, n.888, p.89

“A pele mais jovem, disposta e bela” é o que promete o revolucionário creme. Uma beleza comprovada pelo discurso, pelos gráficos (discurso científico) e pelo exemplo de uma linda mulher (o rosto de Helena Hubinstein

que acompanha a propaganda). Tornar a pele mais jovem é torná-la mais bonita. Gradativamente os adjetivos vão se tornando sinônimos: liberdade, juventude, ousadia, beleza... E outras marcas de cosméticos irão reforçar estes vínculos, como o caso da renomada *Revlon*, que se distingue da *HR* por oferecer cremes que embelezam não só o rosto, mas todo o corpo da mulher, como mostra a propaganda abaixo:



Fonte: *Veja*, 1985, n. 887, p.18

Não se tem muitos dados acerca deste corpo feminino a partir da imagem e do texto, portanto, pode ser o de qualquer mulher adulta que objetiva alcançar por meio do creme uma aparência “jovem e bonita”, conforme reforçado pelo texto da propaganda:

A Revlon está lançando uma loção que deixa suas mãos e seu corpo com aparência **jovem e bonita**, da mesma maneira que um creme cuida do seu rosto. É Natural Honey. Sua pele sentirá rapidamente o efeito hidratante do mel puro, do óleo de amêndoa doce, do extrato de ervas e das proteínas. A ação penetrante de Natural Honey amacia e suaviza. **Rejuvenesce** e refresca. Faz com que a pele seca e áspera fique mais suave. **Mais jovem. Mais bonita.** Natural Honey dá a todo o seu corpo o cuidado que antes só o seu rosto recebia. (ibidem – grifo nosso)

Juventude e beleza mais uma vez imprimem um modelo de corpo feminino, assim como a magreza, que também se impõem em imagens (como é o caso desta propaganda), e também em discursos de outros produtos para o embelezamento.

O massageador de corpo definitivo *Le Massage* é um exemplo desta prerrogativa, reforçando a aliança entre beleza, juventude e magreza, potencializada pelos massageadores multidimensionais que irão combater a flacidez e a celulite. “Um presente com jeito de beleza”.



Fonte: *Veja SP*, 1985, n. 853, p.4; *Veja SP*, 1985, n. 870, p. 5

As imagens do anúncio mostram um corpo magro feminino, assim como anúncios de outros produtos já apresentados até o momento (roupas, acessórios, eletrodomésticos, eletro-eletrônicos etc). E sem dúvida este será um modelo de corpo da mulher moderna. Não basta não ter celulites e não ter flacidez (concebidas como irregularidades do corpo e inimigas da beleza), como promete o massageador, o corpo deve ser magro.

Outro setor que irá colaborar para imposição do corpo “liso e magro” é a do comércio de tratamentos estéticos, que merece destaque nesta década por serem realizados em clínicas especializadas, com produtos e equipamentos desenvolvidos exclusivamente para este fim, e com crescente divulgação na mídia. O anúncio da clínica *CORPUS CENTER* é emblemático em seu título “DEIXE DE SER GORDA” e “EMAGREÇA”.



Fonte: *Veja SP*, 1985, n. 875, p.22; *Veja SP*, 1984, n.846, p.4

Nas propagandas da clínica *CORPUS CENTER* anuncia-se que sem fome, drogas, **ginástica** ou massagens, a cliente poderá “recuperar suas formas” e perder até 4 quilos em 7 dias, graças às suas técnicas exclusivas. Como num passe de mágica! Seu público alvo notoriamente é o feminino, evidenciado numa das propagandas, mas também objetiva atender o público masculino, por meio de um texto imparcial e com a representação de corpos de ambos os gêneros na outra propaganda.

O objetivo do emagrecimento é prioritariamente o estético, embora várias obras na década de 1980, de maneira crescente na área médica enfatizem os problemas de saúde causados pela obesidade. E as obras na área da Educação

Física deste período caminharão pela mesma direção, até aquelas especializadas em “musculação feminina”:

Grande parte da população teme a obesidade por achá-la antiestética, mas na realidade um percentual elevado destas pessoas não possui o devido conhecimento dos problemas que estão relacionados à sua presença depois de um período de latência prolongado. Nos dias atuais a obesidade é considerada como uma doença levando muitas clientes aos diversos consultórios de diabetologia, cardiologia, reumatologia, gastro-hepatologia, ortopedia etc. (GUIMARÃES, 1992 apud COSSENZA, 1992, p.69)

E mesmo com todo este arsenal teórico, o grande atrativo das clínicas será a estética, assim como das academias de ginástica. E esta estética feminina envolve não só o emagrecimento, como também a “cura” das imperfeições do corpo, especialmente da pele. A clínica ANNA ASLAN também irá dispor de uma diversidade de técnicas, incluindo-se um tipo específico de ginástica, e a orientação de profissionais especializados para que a mulher obtenha um corpo belo, acabando com problemas com flacidez, varizes, gordura localizada e outros.



Fonte: *Veja SP*, 1984, n.852, p.14

Em seu anúncio, a clínica atenta que “Cuidar do corpo é tão importante quanto cuidar da saúde”. Até a década de 80, cuidar da estética do corpo ainda não é necessariamente uma ideia vinculada à noção de saúde do corpo, como é na atualidade. Tratava-se ainda de uma referência de cuidados internos e externos ao corpo, sendo o primeiro mais importante que o segundo, o primeiro uma questão de sobrevivência e o segundo de vaidade, o primeiro essencial e o segundo dispensável. Uma referência que pretende ser modificada pela clínica.

A ginástica aparece como uma prática dispensável no tratamento estético numa das propagandas (*Corpus Center*), ou como uma técnica fundamental para a obtenção de resultados, no caso da outra propaganda (*Anna Aslan*). De qualquer modo, em ambos os casos a ginástica recebe menção, tendo seu espaço por já ser considerada como um dos artifícios na pauta do dia para o emagrecimento e embelezamento do corpo.

Outros produtos para o embelezamento, e conforto, serão criados especificamente para o público masculino, nesta mesma direção de mostrar um corpo bem definido e liso, como mostra traz a propaganda da *lycra man*:



Fonte: *Veja*, 1984, n. 831, p.7

A propaganda já expõe um modelo de feiúra em contraposição a um de elegância. O primeiro, segundo a imagem, tem características como uma cor escurecida ou a falta de luminosidade, contornos menos precisos, formas irregulares, uma certa flacidez, e estagnação. Já o segundo, de elegância, tem praticamente as características opostas, cores claras e douradas, contornos precisos, formas regulares. Destaca-se que na primeira evidencia-se uma cueca “feia” num corpo masculino (próximo de uma fantasia de lobisomem), já na segunda, um corpo delineado com uma cueca “elegante”. Além das evidências serem distintas nas duas imagens (numa mais a cueca, noutra mais o corpo), nota-se uma relação intrínseca entre modelo de corpo e modelo de cueca, ou seja, o corpo sinistro à cueca feia, e o corpo delineado e dourado à cueca elegante.

E o texto que acompanha a imagem deflagra esta obsessão pela linha do corpo:

PORQUE COMPRAR UMA CUECA LYCRA MAN: PORQUE ELA TEM “LYCRA” UMA FIBRA QUE DEIXA A CUECA MAIS CONFORTÁVEL, PORQUE ACOMPANHA TODOS OS SEUS MOVIMENTOS, SEM PRENDER. “LYCRA” DEIXA TAMBÉM A CUECA MUITO MAIS GOSTOSA, LEVE E DE TOQUE MACIO. E O PRINCIPAL: VESTE BEM, **MANTÉM A FORMA DO CORPO** COM SEGURANÇA E ELEGÂNCIA... AFINAL, É NA INTIMIDADE QUE VOCÊ MOSTRA QUEM VOCÊ É. (ibidem – grifo nosso)

Adjetivos como conforto, gostoso, leve, macio são utilizados numa campanha publicitária cujo público alvo é o homem. E mais uma vez aparece a preocupação com a forma do corpo, mostrando que este tipo de cueca tem como benefício principal a manutenção desta forma, com segurança e elegância.

De maneira geral, nota-se até o momento que a linha se impõe não só na postura do corpo, mas também na pele... Flacidez, celulite, aspereza, estrias, rachaduras, varizes, este conjunto de irregularidades da pele que são destacadas

nas propagandas das clínicas, deve ser imediatamente solucionada, estendida. E em princípio, quanto mais magro o corpo, menor as irregularidades. A obtenção do corpo magro e também da extensão da pele, poderá se dar por diferentes formas, e uma das mais importantes e eficazes será a ginástica, como veremos mais adiante. Será considerada como um produto a ser consumido, assim como os cremes, os tratamentos de beleza e os produtos dietéticos.

A área nutricional irá colaborar com uma outra série de produtos e métodos de emagrecimento⁵⁶, merecendo destaque na capa da revista *Veja*: “A arte de comer sem remorso – A popularidade do regime” (VEJA, 1984, n.850). A matéria desmistifica o conceito de que o uso de regimes é somente para pessoas com problemas graves de obesidade, colaborando para uma compreensão de que o regime é acessível a diferentes biótipos, cuja meta maior seja ficar mais magro (independente do quanto pesa, muito ou pouco).

A matéria ainda enfatiza em seu sub-título que o objetivo maior da busca pelo regime, não é necessariamente ser mais saudável, mas a preocupação estética: “A CONSCIÊNCIA DO PESO – A preocupação com a silhueta vende livros, abre clínicas e faz muita gente fugir das gorduras e dos carboidratos.” (VEJA, op. cit, p.60). O corpo magro é tão exigido, e por consequência tão buscado, neste recorte histórico, principalmente pelas mulheres, que a matéria ainda destaca que nos dois últimos anos no país (1983-1985), vendeu-se mais de 1 milhão de exemplares de livros, cujos temas relacionavam-se a regimes para emagrecer.

⁵⁶ Para Fischler (apud SAUTCHUK, 2007), a rejeição à gordura encontra explicação no estabelecimento da “magreza como valor moral”. Assim, vários serão os mecanismos constituídos para evitar sua aparição e/ou para bani-la quando se manifesta. Dentre estes mecanismos, pode-se destacar nesta década as práticas de ginástica (especialmente a aeróbica), os alimentos dietéticos, as dietas em si, etc.

A entrevistada Cynthia Tibeau ainda ressalta que

Eu acho que a conversa no início dos anos 80 ainda era em relação à alimentação, porque é nessa época que começam as “benditas dietas”, vem tudo junto. Parece que junta, o movimento da atividade física e a diversidade de dietas que começam a aparecer. E no começo as pessoas, por ingenuidade talvez, e desespero, entram; da mesma forma que entraram na ginástica aeróbica, entraram na dieta...

Os produtos dietéticos começam sua ascensão na década de 1980, graças ao desenvolvimento da engenharia de alimentos (tecnologia), oferecendo sugestões de alimentação sem açúcar, com aspartame ou menos calóricas (*lights*), numa ampliada diversidade. Outro fator que também influenciou este crescimento foi o aumento da preocupação com a saúde, conforme destacado no capítulo anterior, especialmente no caso de diabéticos e cardiopatas (embora o indivíduo gordo tenha se mostrado como um ser potencial para desenvolver outras patologias, como hipertensão).

	GOSTO DA VIDA – Doce Menor (adoçante). Com doce menor todos os dias você prova o doce sabor da vida. Delicioso, com baixa caloria, mantendo seu estilo e suas medidas do jeitinho que você quer. (VEJA SP, 1985, n. 850, p.110)
---	--

Tanto a imagem, como o discurso da propaganda, expõem um produto não focado para diabéticos, mas sim, para mulheres que desejam emagrecer ou

manter a forma magra. Forma esta concebida simbolicamente como sinônima de elegância e sensualidade, como também evidencia a imagem, que mostra uma mulher sedutoramente provando o aspartame, reforçando que o público alvo destes produtos é a mulher em busca de um padrão de corpo, e de tudo o que ele potencializa, e não evidenciando uma pessoa doente (diabética). Esta mulher parece pertencer a uma classe social mais elevada, e isso se explica devido ao alto custo destes produtos (principalmente se comparados ao açúcar e no período de seu lançamento), ou seja, somente aqueles com maior poder aquisitivo poderiam consumi-los, ou em casa ou em locais mais sofisticados que os ofereciam para consumo. Desta maneira, constitui-se gradativamente no Brasil um conceito de que consumir adoçante é ter estilo, ou seja, usar adoçante parece servir sobretudo para mostrar um prestígio social, seja para enaltecê-lo (porque a pessoa já o tem e deseja que ele seja notado), seja para obtê-lo (quando a pessoa não o tem e deseja conquistá-lo).

Já o texto, reforça que a mulher pode provar o sabor doce todos os dias, e não mais de maneira controlada (como seria com o açúcar que engorda), mantendo seu estilo e suas medidas (preocupação com a forma). Fischler (1993) anuncia haver uma tendência mundial da indústria de produtos *diet* e *light*, fazendo um casamento inusitado entre o prazer de comer e o regime, aspectos estes antagônicos até o surgimento destes produtos.

E destaca-se na propaganda o início da popularização da palavra *caloria*, um termo de medição da área bioquímica, que se tornará cada vez mais comum nestes produtos dietéticos, na orientação dos regimes e também nas academias de ginástica (inclusive na medição dos aparelhos), assim como no cotidiano das pessoas, principalmente das mulheres.

Devido ao grande sucesso de vendas dos produtos dietéticos, também noticiado pela revista *Veja*, outros anúncios irão inundar as páginas da revista até o final da década de 80. Alguns exemplos são:



Fontes: *Veja*, 1989, n. 16, p.32; *Veja*, 1989, n. 28, p.15.

Os textos dos anúncios evidenciam a finalidade e o uso do produto dietético:

Encontros e Descobertas

Sair por aí, livremente. Exercite essa sensação. E encontre o sabor de Diet Coke. Diet Coke é leve. Deliciosamente refrescante. Sob medida para quem gosta de viver em forma. Diet Coke. Menos de uma caloria. Descubra esse prazer.

Falar com você

A ligação não cai nunca. O tempo todo é assim. Na linha, com o sabor de Diet Coke. Diet Coke é leve. Deliciosamente refrescante. Sob medida para quem gosta de viver em forma. Diet Coke. Menos de uma caloria. Descubra esse prazer.

A finalidade do produto está claramente vinculado à boa forma, especificamente “ao exercício”, “à medida” e “à linha”, e tudo isso sem abrir mão

do prazer. E mais uma vez, o argumento calórico aparece como um grande motivador para o consumo, além dos motivos anteriores. E aderido a todos estes argumentos escritos, está a imagem de mulheres magras e fortes, uma com o perfil mais de esportista e outra com o perfil mais sensual.

Outro produto que utilizará estes argumentos, principalmente o da linha, será o Iogurte diet da Batavo: “Batavo Diet. A linha que você sempre quis.” E para reforçar este título do anúncio, insere-se junto à imagem do produto a imagem de uma mulher vestida com trajes de ginástica, evidenciando uma linha do corpo: a da região abdominal. Dentre as várias formas de interpretação desta combinação de imagens, pode-se pontuar duas. Uma delas seria a relação direta entre beber o iogurte e conquistar esta linha no corpo tão desejada, e que é preferencialmente obtida pela prática da ginástica, não necessariamente praticando-a. A outra interpretação poderia ser a vinculação da prática da ginástica à bebida, de modo que suas praticantes bebessem o iogurte, colaborando para a obtenção desta linha, já proporcionada pela ginástica.



Fonte: *Veja*, 1989, n. 39, p.136

O diet milk da Mococa também vai utilizar-se do apelo da forma física para vender, não só no texto do seu anúncio, como também em sua própria embalagem, ganhando um diferencial.



Fonte: *Veja*, 1989, n. 33, p.121

O texto deste anúncio evidencia a finalidade e o uso do produto dietético:

O leite em Pó Desnatado Mococa tem todas as qualidades do mais puro leite e uma taxa bem menor de gordura. É saboroso, de fácil preparo e rico em vitaminas. **Você toma com prazer e sem a menor culpa. Porque manter a forma deve ser opção e nunca uma obrigação.**

Nesta campanha publicitária ainda há outro diferencial: a argumentação sobre seu consumo ser uma escolha do cliente. O texto praticamente afirma que neste período há uma imposição social, para a manutenção da boa forma. E que tanto esta, como o consumo de produtos dietéticos para mantê-la, devem ser uma escolha prazerosa, sem culpa, e não uma obrigatoriedade.

Nas figuras esportivas contidas na lata, há tanto alusões ao corpo feminino quanto ao masculino. Os produtos dietéticos⁵⁷ mostrados até o

⁵⁷ Nota-se a partir das propagandas destes produtos, que houve no Brasil uma similitude produzida pelas campanhas publicitárias (das próprias marcas e da revista) entre produtos *diet* e *light*. Isso é notório nas propagandas do iogurte Batavo e do leite Mococa, pois ambos possuem menor teor de gordura, sendo, portanto, produtos *light* e não *diet* (como anunciam).

momento evidenciaram o corpo feminino, e este, vem abordar ambos os sexos, demarcando que seu público alvo é mais plural. Com isso também mostra que a manutenção da boa forma é partilhada entre homens e mulheres neste recorte histórico.

De maneira geral, a beleza do rosto e do corpo (vinculada a uma ideia de magreza), será propiciada por uma série de produtos, cremes, tratamentos etc, em lugares especializados, assim como gradativamente também dentro de casa, especialmente para o público feminino. E o investimento no corpo, para alcançar esta beleza, assim como a eficiência, a saúde, dentre outros atributos, será cada vez maior e diversificado.

Os cuidados com o corpo vão se tornando uma exigência na Modernidade, e implicam a convergência de uma série de elementos: as tecnologias para tanto vão se desenvolvendo de maneira acelerada; o mercado de produtos e serviços voltados para o corpo vai se expandindo; a higiene que fundamentava esses cuidados vai sendo substituída pelos “prazeres do corpo”; a implicação lógica do processo de secularização coma identificação da personalidade dos indivíduos com sua aparência. Por todas essas circunstâncias, o cuidado com o corpo transforma-se numa ditadura do corpo, um corpo que corresponde à expectativa desse tempo, um corpo que seja trabalhado arduamente e do qual os vestígios de naturalidade sejam eliminados. (SILVA, 2001, p.86)

Houve nesta década um grande impulso para a constituição do corpo ativo, baseado em diferentes argumentos e possibilidades de ser um novo corpo, numa nova nação, num mundo globalizado em seus padrões e oferta de produtos e técnicas.

Neste primeiro capítulo foi possível constatar o que Soares (2006, prefácio) já havia anunciado: “Os discursos da vida ativa foram ressignificados a

Talvez isso tenha ocorrido devido a uma confusão conceitual, dado que ambos os produtos ainda eram recentes no país, ou devido a uma jogada de marketing, que de maneira proposital optou por primeiramente estabelecer um único conceito acerca destes tipos de produtos novos no mercado, consolidando seu entendimento e estimulando seu consumo.

cada época a partir dos aportes científicos, tecnológicos e culturais, adequados sempre aos interesses políticos e econômicos nem sempre explícitos, mas sempre presentes.”

Mas qual será a forma deste corpo ativo?

3. A BUSCA PELO MOLDE PERFEITO

O corpo é uma feira monumental de significados.
Fecha-se o corpo, cria-se o corpo, tira-se o corpo fora,
faz-se corpo mole, luta-se corpo-a-corpo.
O corpo pode ser bem-feito ou malfeito.
O corpo pode ser caloso, cavernoso, diplomático, discente,
docente, perturbador, pré-estelar, redondo, primitivo, estranho.
Existe corpo de guarda, de delito, de baile.
No meio de tudo isso, tenta-se tirar uma definição...
O corpo é uma pergunta aberta. (VARGAS, 1990, p.32)

O corpo foi o centro do processo civilizatório vivido em diversos países, em diferentes momentos históricos. Embora este processo tenha impulsionado a formação dos Estados nacionais, ampliando a mobilidade das pessoas na estrutura social e reduzindo o valor das estruturas sociais menores (como a família, a aldeia etc), também colaborou para um afastamento do destino de cada um do destino de todos, alimentando um processo de individualismo (ELIAS, 1994).

Este processo se desenvolveu, chegando ao seu ápice no final do século XX e início do século XXI, principalmente nos Estados Unidos e na Europa Central, influenciando outros países do mundo. No Brasil esse ápice situa-se marcadamente na década de 80 e algumas características desse período evidenciam isso, como as próximas citações abordarão. E a característica comum a todas elas, que será tratada por pesquisadores do corpo e escritores em geral, é o início do demasiado culto ao corpo, ao “meu” corpo.

Este culto pode ter se constituído a partir de diferentes fatores, principalmente pelas conjunturas sócio-econômicas e políticas. Segundo alguns autores (já expostos anteriormente), estas conjunturas influenciam o comportamento humano, sobretudo o movimento do corpo e a saúde. Assim, compreendê-las na década de 80 no Brasil, torna-se um dado importante para

responder ao problema de pesquisa, considerando-as fios pertencentes a esta teia de saberes e acontecimentos que irão impulsionar a visibilidade, as formas de uso e análise do corpo e, por conseguinte, da ginástica de academia .

Com relação ao cenário político brasileiro, a década de 80 foi marcada pela transição do final de 20 anos de ditadura e início de um processo democrático. E o modelo democrático a ser seguido era o americano, pautado sobre o pilar da liberdade (neo liberalismo). Um modelo que veio ao encontro do desejo do povo brasileiro, ao mesmo tempo que o potencializou. Este “espírito libertador”, e de consequente empoderamento, praticamente toma conta do inconsciente coletivo, em direção a uma nova construção de corpo e estilo de vida. E é neste momento que os meios de comunicação de massa, as empresas nacionais e internacionais, movem-se a toda velocidade, para seduzir e encantar um corpo cujo prazer foi por tanto tempo reprimido. Pois é necessário um corpo que deseja, um corpo que consome, que investe em si e que, portanto, gira a economia.

Gradativamente, não só o modelo político norte-americano vai sendo almejado (alcançado?), tendo como slogans a democracia e a liberdade de expressão, mas também seu modelo estético de corpo, que na década de 80, “é movido pela indústria do músculo, constituindo-se este um verdadeiro modo de vida” (COURTINE, 1995, p.85). Esta concepção e forma do corpo, associada ao individualismo (um dos alicerces do neo-liberalismo), dentre outros fatores, reinventam o narcisismo.

Segundo Codo e Senne (2004), Freud caracteriza o narcisismo como uma patologia, e para os referidos autores, ele se tornou uma ideologia, pautada na super valorização do corpo:

Por ora urge reconhecer que estamos num terreno em que a valorização do corpo, saudável a priori, aparece sob forma nitidamente individualista. Exercícios sempre houve; o futebol no Brasil é o exemplo mais claro. **Curiosamente, hoje se observa um declínio do futebol, paralelamente à ascensão das academias de ginástica;** o que mudou é exatamente o caráter individualizado da segunda. Na arte, na moda, sempre houve movimentos exóticos, mas nunca se ressaltou tanto a contribuição e/ou o objetivo individual. Eis a principal característica da corpolatria: sempre ressalta um corpo – o meu. [...] A corpolatria é a religião católica pelo avesso, por isso outra religião; inverteram-se os sinais, a busca da felicidade eterna antes carregava em si a destruição do prazer, hoje implica o seu culto. Duas faces da mesma moeda. Antes, a razão se encontrava em antagonismo tácito contra o corpo. Hoje também. A diferença é que a razão era o Céu, o corpo Inferno, e agora a razão passou a ser o Inferno e o corpo o Céu. (Ibidem, p.20, 21 e 73 – grifo nosso)

A academia de ginástica é concebida não só como o lugar privilegiado do culto ao corpo, mas como uma instituição que enaltece uma forma individualizada de fazê-lo, fortalecendo a corpolatria e o individualismo (“que andam de mãos dadas” neste período). Ela será o principal lugar de construção deste novo corpo.

Esta supervalorização do corpo também é a manifestação de uma valorização de si mesmo, expressada no crescente individualismo vivido na modernidade, e já trabalhado por diversos pesquisadores, e refletido por tantos outros⁵⁸.

[...] na “cultura do narcisismo”, que se difunde no Brasil, sobretudo a partir dos anos de 1970, com o grande crescimento e diversificação das indústrias da moda, do vestuário e dos cosméticos, entre outras, acompanhados pela **proliferação das academias de ginástica**, dos centros de body fitness e clínicas de cirurgia plástica, assim como com os tratamentos “psi” e orientais, o indivíduo e seu corpo ganham a centralidade dos olhares, principalmente do seu próprio olhar. (RAGO, 2007, p.51 – grifo nosso)

⁵⁸ Ler por exemplo, *A cultura do narcisismo*, de Cristopher Lasch, e *A era do vazio*, de Gilles Lipovetsky. Também é ilustrativa a obra de Norbert Elias, *O processo civilizador*, conforme ilustra Pinto (2004): O processo civilizatório ocidental desenvolveu, com mais intensidade a noção que o ser humano possui um mundo interior (alma/mente/espírito) que vive em isolamento, apartado do mundo exterior (sociedade, natureza) o que resulta como consequência a valorização do indivíduo que vive, permanente, a sensação de isolamento e solidão, tão típicas dos dias atuais (ELIAS, 1994).

O constante processo de redefinição do *self* – que marca a cultura contemporânea – implica na construção de um *estilo de vida*, no qual o corpo assume papel central: os regimes do corpo, como dietas e *fitness*, bem como a organização da sensualidade na modernidade tardia tornam-se abertos a uma contínua atenção reflexiva, sobre o pano de fundo da pluralidade de escolhas (GIDDENS, 1997).

Em consonância com as prerrogativas apresentadas até aqui, a revista *Veja* publica em sua edição especial sobre a década de 80, na matéria intitulada “Foi tão bom ter estilo”, as seguintes considerações:

O individualismo imperou numa década em que se fez muita pose: no modo de vida, a ordem foi se diferenciar a qualquer custo das multidões, procurando através de roupas, gestos e palavras um perfil inconfundível. [...]

Bem-vinda à vida real, o aqui e agora onde há consumo para todos os gostos. Onde antes macrobiótica, agora sushi. Onde liberação sexual, agora Aids. Onde amizade colorida, casamento. Onde cigarros, **cuidados com a saúde**. Onde o rock como atitude contestatória, agora o rock apenas espetáculo, divertimento. Onde o anonimato do ser humano perdido nas metrópoles, agora o indivíduo de estilo. Onde antes o ar desamparado de Al Pacino, agora os gestos seguros de Mickey Rourke. **Onde a Jane Fonda militante, a mesma Jane Fonda vendendo vídeos de Ginástica**. Onde o engajamento para mudar a sociedade, a simpatia pela causa ecológica. Onde as religiões estabelecidas, misticismos variados. Onde antes, na década de 70, kitchenettes bagunçadas, nos anos 80 flats e apart-hotéis incrementados. (VEJA, 1989, n. 51, p.180 - grifo nosso).

Em relação à prática da ginástica, a matéria destaca sua presença por meio de sua maior interlocutora internacional, Jane Fonda. E outra matéria da revista, sobre suplementos para atletas, irá fazer menção à ginástica, novamente estabelecendo sua relação com esta corpolatria. “A década de 80 consagrou o culto ao corpo e fez muita gente saltitar freneticamente ao **ritmo da aeróbica** de baixo e alto impacto.” (VEJA, 1989, n. 48, p.93 – grifo nosso). Nesta edição especial da revista sobre a década de 80, já se nota a relação quase automática

entre o culto ao corpo e a ginástica, ou seja, este enaltecimento do corpo fez muitas pessoas buscarem a prática da ginástica nas academias (onde eram lecionadas). Este aspecto será melhor desenvolvido no último capítulo.

Se esta supervalorização do corpo tem como um de seus fatores propulsores um culto à imagem que se vive na modernidade, é uma pena que ela não possa servir a outros propósitos para além de sua comercialização.

A evidência do *corpo* em nossos dias ao contrário de suscitar *procuras* no sentido de compreender o significado da corporalidade na formação do indivíduo tem, contraditoriamente, servido à sua *banalização* a partir da noção que, pertencente ao domínio da natureza, a dimensão corporal é algo pouco complexo e importante no contexto da vida social. Não é sem motivo, entretanto, que essa contradição se configura. Tema privilegiado pela Modernidade, o *corpo* transformou-se em objeto de estudo da ciência e foi tomado como objeto suscetível ao conhecimento e à intervenção humana, estando sujeito ao esquadrinhamento de suas possibilidades, à modificação de suas formas, à ampliação de seus limites históricos. (PINTO, 2004, p.18)

A procura por uma imagem positiva de corpo, para si e para a sociedade, faz os indivíduos buscarem modelos de corpo bem sucedidos para seguir, que emergem principalmente a partir das imagens e matérias que inundam as revistas, as novelas e as academias. O consumo desses modelos parece ocorrer principalmente de duas formas bem distintas, desde a década de 80 até a atualidade.

No primeiro caso, o consumo é totalmente irreflexivo, de modo que o indivíduo apenas busca adequar-se a estes novos esquadrinhamentos, almejando alguma realização pessoal e/ou coletiva, real ou imaginária, havendo somente espaço para “a alma rotineira, para o espírito cotidiano” (VARGAS, 1990, p.25). Num segundo caso, parece até haver uma reflexão mínima do sujeito sobre estas imposições ao corpo, no sentido de não aceitá-las ou de consumi-las parcialmente. Mas rapidamente as inúmeras ramificações do

mercado incumbem-se de convencê-lo da dificuldade de “remar contra a maré”, por meio das revistas sensacionalistas em locais de sua passagem (trabalho, dentista, médico, cabeleleiro etc)⁵⁹ e nas residências de pessoas do seu convívio social; por meio do comentário de amigos, por meio da avaliação dos pretendentes ou parceiros(as); por meio de suas roupas e de seu espelho, assim como de sua subjetividade. Paulatinamente, os objetos inanimados tornam-se agentes controladores do corpo, tradutores legítimos de um discurso midiático aderido à pele.

Deste modo, a construção da *aparência* – envolvendo adornos, posturas e modos de vestir – passa a depender cada vez mais das formas e volume corporais e torna-se elemento central no projeto reflexivo do *self*. **Daí a crescente importância do *fitness*** e do vestir para o desenvolvimento da auto-narrativa do *self*, ou da re (definição) constante da identidade na condição contemporânea. .. Pensar a obsessão atual pela construção da aparência como espécie de resposta à instabilidade, fragmentação e enfermidade que marcam a vida social nos ajuda a compreender a centralidade assumida pelo culto ao corpo na cultura contemporânea. (CASTRO, 2007, p.16)

Mas qual será o modelo de corpo buscado pelos indivíduos a partir da década de 80?

A relação entre corpo e tecnologia, a supressão de uma luta entre eles, ou de uma simbiose, é historicamente antiga. Mas na década estudada, ela incluiu de modo contundente o corpo feminino. E, ainda, ela inclui o corpo masculino resultado da musculação.

Num contexto de culto exacerbado ao corpo, incentivado pela diversidade de novos produtos para esquadrihá-lo rumo a um corpo ativo, a década de 80

⁵⁹ A circulação das revistas, e por conseguinte este modelos de corpos por elas exibidos, não atinge somente as classes mais favorecidas e as pessoas jovens, como aponta o depoimento da faxineira carioca Heloísa, 43 anos: “ ‘Bom, se alguém me dá uma revista ou me diz para jogar fora, eu sempre fico com ela para dar uma olhada’. E é desse modo que as representações da corpolatria circulam por toda a sociedade brasileira.” (MALYSSE, 2002, p.102)

ainda proporcionou a mostra de modelos de corpo, em diferentes esferas da vida pública. Embora um pouco distintos, estes modelos tiveram em comum uma forma de constituição: a ginástica.

E a revista *Veja* irá divulgar estes modelos, assim como a forma de obtê-los.

3.1. O CORPO TECNOLÓGICO

A cada nova tecnologia lançada no mercado, para os mais diferentes fins ao longo da história, encadeia-se um novo conjunto de percepções do que é ser corpo, que modificam, em maior ou menor grau, a relação do sujeito com seu próprio corpo e com o mundo. Percepções do corpo somente possíveis em posse ou em uso de tecnologias específicas, que redimensionam a experiência corporal. Emerge neste contexto, especialmente na década de 80, um corpo que se utiliza das novas tecnologias para seu aperfeiçoamento e modelamento.

As páginas da revista *Veja* são recheadas de propagandas que ilustram o avanço da tecnologia, bem como o das marcas que o utilizam como diferencial em seus produtos. Entre o desfile de marcas, a LUFTHANSA declara este diferencial que “é percebido” por seus clientes: “A Lufthansa é diferente porque se preocupa muito com a tecnologia. Comentário autêntico de um passageiro.” (VEJA, 1984, n. 839, p. 14). Nesta linha também é a campanha do banco BRADESCO, que oferece “A COMPRA INSTANTÂNEA. Telecompras. Para você pagar sem usar cheque ou dinheiro. Telecompras Bradesco Instantâneo.” (VEJA, 1984, n. 839, p.32), constituindo-se como o primeiro banco a oferecer uma compra por cartão magnético no Brasil. A marca GRADIENTE detalha esta evolução de seus produtos “No lugar da agulha, o raio laser. No lugar do LP, o

compact disc. No lugar do ruído, o silêncio. Na frente, Gradiente.” (VEJA, 1984, n.840, p.92).

O conceito de tecnologia, usado nas propagandas citadas, está também vinculado ao de velocidade (relação entre a aviação e tecnologia; compras instantâneas etc), assim como abrem possibilidades para uma nova relação entre o homem e sua percepção/vivência no mundo⁶⁰. Ora, a naturalidade da associação entre velocidade e tecnologia não é específica da época estudada. Ela remonta ao século XIX, com a primeira revolução industrial⁶¹. Relação essa já pontuada por diferentes autores, como sinaliza Sant’Anna (2001, p.16), especificamente na década de análise da revista:

No começo da década de 1980, escreveu Viola: “Toda a superfície do planeta havia sido examinada por satélite”. Para o artista americano, o conhecimento total da superfície terrestre por satélite criou uma situação singular, uma espécie de superioridade da memória computadorizada em detrimento das experiências sensoriais do espaço. Neste caso, são criados “modos de consciência” bastante estranhos [...] A memória substitui a experiência sensorial: um pesadelo proustiano. Velocidade, abstração e relatividade formam o tripé de inúmeras experiências humanas posteriores ao advento do automóvel e do avião...

Na época aqui tratada, as experiências de velocidade terão relação direta com a constituição do corpo medicalizado, assim como de um modelo de corpo que é, ao mesmo tempo, ágil, sedutor e alegre.

Esta relação entre o homem e a tecnologia, será evidenciada pela revista como uma parceria harmônica possível, a exemplo da propaganda da HITACHI: “Nós acreditamos que os robôs liberam o espírito para a criação, libertando o corpo em relação às ferramentas”. (VEJA, 1984, n. 846, p.115). E também a

⁶⁰ A este respeito consultar a obra de Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole*, e também a obra de Ana Márcia Silva, *Corpo, Ciência e Mercado*.

⁶¹ Este tema é vasto e já bastante estudado, como nas obras de Walter Benjamin, P. Vurilio, dentre outros.

propaganda da TECNOCOP INDUSTRIAL: “CORAÇÕES E MENTES. No coração a vontade, na mente a capacidade. No coração o sentido, na mente o objetivo. No coração a garra, na mente a tecnologia.” (VEJA, 1985, n. 857, p.115). Há uma relação clara de benefícios mútuos entre seres humanos e máquinas, entre os sentidos humanos e a lógica material. Relação essa que entendida ou assimilada como “natural” e benéfica, colaborará para uma melhor ligação entre o praticante da ginástica e o vasto maquinário que a academia oferece. Ou seja, o indivíduo “acostumado” com esta conexão entre homem e máquina, pelo viés da tecnologia, rapidamente se adaptará e até mesmo desejará um envolvimento com os diversos aparelhos fixos e portáteis da academia, com as avaliações físicas cada vez mais computadorizadas, dentre outros objetos, procedimentos e práticas. Homem e máquina estão, e precisam estar, juntos para o benefício mútuo de alcance de um objetivo, seja ele qual for (estética, saúde, performance, etc).

Estas propagandas, dentre outras, mostram as transformações da tecnologia, e o apelo para seu consumo, sugerindo haver um crescente e novo mercado ao alcance de muitos. À medida que a ciência se aprimora, esses produtos podem ser produzidos em série e tornam-se mais baratos, sendo facilmente adquiridos por grande parcela da população.

Uma matéria que vai ao encontro desta afirmação é “O micromundo do chip – Microprocessadores invadem o cotidiano e já equipam televisores, carros e até taxímetros.” (VEJA, 1985, n. 865, p.72). E algumas matérias também destacam este novo mercado e seus produtos, mas para um consumo especializado como é o caso de “ARMAS INTELIGENTES – Uma nova geração de mísseis eletrônicos pode diminuir o risco de um conflito nuclear (VEJA, 1984, n. 833, p. 40)”.

Tanto nas matérias, como nas propagandas, há não só um destaque para a tecnologia, mas a ênfase nesta *íntima* relação agora propiciada entre homem e máquina, como exemplifica a propaganda do Monza e a matéria sobre Ayrton Senna:

- MONZA HATCH – Um esporte para quem conquistou seu espaço. Monza 85. A perfeita relação entre homem e máquina. (VEJA, 1985, n. 863, p.34);

- AYRTON SENNA DA SILVA - O CAMPEÃO DO FUTURO – No momento que a Fórmula 1 entra na era da informática, o jovem piloto brasileiro da Lótus começa a impor seu talento nas pistas. (VEJA, 1985, n. 890, p.3). Ressalta-se nesses dois exemplos a ligação do binômio homem/máquina e o contexto esportivo (seja ele simbólico – caso do carro, seja ele concreto – automobilismo). Gradativamente esta relação vai se aproximando da área da atividade física e do esporte e, por conseqüência, da ginástica de academia.

Destaca-se também a simbiose possível entre homem e máquina, já destacada no filme “O Exterminador do futuro”. Humaniza-se a máquina, e maquinifica-se o homem. Alguns exemplos são evidentes, como na matéria “O GIGANTE TRABALHA (ITAIPU) - HOMENS DE CONCRETO – Os barrageiros que construíram Itaipu compensam os riscos do trabalho e a solidão dos canteiros com bons salários e emprego certo.” (VEJA, 1984, n. 843, p.55), e como na propaganda: “IBM – FALE COM O COMPUTADOR DE HOMEM PARA HOMEM. (VEJA, 1985, n. 869, p.101)⁶². Symbiose que vai crescer

⁶² A Revista Veja, ao anunciar produtos e informações do cotidiano, colabora com esta nova idéia híbrida de corpo, em que a carne se mistura com a máquina, com o material sintético, e ainda vai mais além, anunciando o hibridismo entre a carne e o que é ainda desconhecido pelo Homem: as mutações genéticas em laboratório e a relação com extra-terrenos. São abertas as possibilidades de pensar o corpo, suas modificações e transições, antes impensadas. “INGLATERRA – ALÉM DA FICÇÃO – Comissão fixa normas para os bebês de proveta (geração da vida)” (VEJA, 1984, n. 830, p.67). Possibilidades inúmeras que começam a travar um embate entre ciência e religião, entre o avanço biomédico e a ética humana. E o cinema ainda vai mais além, como arte que é, na matéria da revista: - CINEMA – Amante espacial – Um extraterrestre

vertiginosamente a partir dessa década, tanto no universo científico como na subjetividade humana, respectivamente por meio do desenvolvimento de pesquisas, divulgação e especulação das mesmas, nos diferentes meios de comunicação (acadêmicos e populares), e de sua apropriação principalmente no campo da biologia e medicina.

O que constatamos é, hoje, uma realidade já circundada por criaturas híbridas, seres biônicos, *cyborgs*, ciberorgânicos, cibernéticos etc., que habitam a arte, a mídia, a ciência, a medicina, entre outros. Essas apresentações e representações de corpos fragmentados, expandidos, reconstruídos, corpos artificiais etc. atestam que o corpo humano nunca foi visto como um fenômeno simplesmente “natural”. [...]

No mundo científico, artístico e midiático essas misturas de seres, que se situam na fronteira entre o humano e o não-humano, ou seja, o pós-biológico, o híbrido, o artificial etc. **têm seu modo de comunicação intensificado nas últimas décadas** e hoje “corpos transformados” por meio das novas tecnologias, da ciência, da arte e da produção midiática habitam nosso cotidiano, o real e o imaginário. (SANTORO, 2005, p.326 – grifo nosso)

Esta simbiose ocorrerá de maneira crescente também na área esportiva à medida em que novas formas de otimizar a performance serão criadas, principalmente por vias artificiais, com produtos sintéticos para potencializar a condição humana como, por exemplo, suplementos nutricionais, hormônios, anabolizantes etc. A partir do momento em que esta simbiose vai sendo entendida como uma possibilidade da realidade, como uma forma admissível de existir, ela vai gradativamente sendo naturalizada no corpo do atleta, objetivando a performance esportiva, assim como no corpo do praticante de ginástica de academia, para a obtenção de uma performance social.

romântico em O homem das estrelas. “Jeff Bridges e Karen Allen: namoro da humana com um alienígena simpático.” (VEJA, 1985, n. 877, p.96).

A substância química assume um papel simbolizante, na medida em que acaba materializando qualidades abstratas, valores humanos como beleza, força, saúde, sensualidade, entre outros, que são colocados como que externos aos seres humanos que se apropriaram deles pelo seu consumo. (SILVA, 2001, p.50)

Outros anúncios da revista *Veja* são enfáticos em mostrar esta relação entre homem e máquina, mas ressaltando o domínio do primeiro sobre o segundo, como anuncia o texto da propaganda do Banco Itaú, que tem como pano de fundo uma pista de competição de ciclismo. Uma instituição financeira cumpre seu compromisso com seus clientes, indivíduos modernos, para que eles acompanhem os avanços do mundo em alta velocidade. O banco é capaz de disponibilizar tecnologia ao alcance a seus clientes (5 estrelas), assim como conferir-lhes o poder de dominá-la. A tecnologia está mais acessível ao indivíduo, e não mais somente às grandes corporações. Para problemas modernos, respostas modernas. Uma relação estável, onde a máquina está a serviço do homem.

Esta visibilidade e construção de um novo modelo de corpo, possível por meio da simbiose entre máquina e homem, serão evidenciados na revista *Veja*, principalmente na área médica, no conceito de saúde, de beleza e virilidade. Questões que vão influenciar diretamente as formas de ver e ser corpo, os modelos ideais de saúde, assim como as formas de construção de corpos condicionados, ou *cyborgs*, dentro das academias.

A moda do corpo, o “corporéisme” anunciado na França, nos anos de 1970, é hoje uma tendência global, investida pela tecnologia, a mais refinada. Nas clínicas, **academias de ginástica** e na mídia, a banalização das novas fusões entre o corpo humano e a eletrônica relativizaram tanto o fascínio quanto a aversão tradicionais perante o progresso técnico. (SANT’ANNA, 2001, p.74 – grifo nosso)

Assim, a relação entre homem e máquina que vai sendo semeada pela revista, e pela mídia em geral, e favorecerá (não entendi o verbo favorecer nesta frase) aos cidadãos, sejam homens ou mulheres, o desejo e a adaptação no ambiente da academia. Ambiente onde o praticante tem que possuir uma relação harmônica com os diferentes tipos de máquinas: estáticas, dinâmicas, portáteis, fixas, mecânicas, eletrônicas, etc, assim como com os diferentes produtos que são vendidos para compor ou otimizar esta prática, como os suplementos, isotônicos, etc.

Há um novo cenário, novos estímulos, novos corpos.

3.2. O CORPO DAS TELAS

As artes visuais serão as mais abordadas pela revista, evidenciando um modelo de corpo dos artistas, colaborando para globalizar a imagem de um novo modelo de corpo forte e magro, no caso das mulheres, e muito musculoso no caso dos homens.

Assim, os meios de comunicação visuais colaboraram para muitas das conquistas femininas, assim como para um novo comportamento do corpo, para ambos os sexos. O cinema, por exemplo, permitiu uma visibilidade do corpo até então desconhecida pelo mundo artístico, diferenciando-se de outras manifestações artísticas até então desenvolvidas, por sua capacidade ímpar de aproximação e distanciamento da realidade, assim como de apreciação do corpo *em movimento*, nos mais diversificados ângulos, ritmos, e contextos. Para Benjamin (1994, p.189)

[...] o cinema faz-nos vislumbrar, por um lado, os mil condicionantes que determinam nossa existência, e por outro lado, assegura-nos um grande e insuspeitado espaço de liberdade. Nossos cafés e nossas ruas, nossos escritórios e nossos quartos alugados, nossas estações e nossas fábricas pareciam aprisionar-nos inapelavelmente. Veio então o cinema, que fez explodir esse universo carcerário com a dinamite dos seus décimos de segundo, permitindo-nos empreender viagens aventurosas entre as ruínas arremessadas à distancia.

Um ano após sua invenção pelos irmãos Lumière, há o aparecimento do primeiro beijo, em 1896, no filme “O beijo”. E ele é marcante não só por concretude, por sua aparição, mas pelo contexto no qual está inserido: um casal maduro, com corpos próximos, em trajes de banho, deitados na areia do mar, com a fluidez das ondas a banhá-los, num prazeroso e ardente beijo. Um marco não só para o cinema, mas para a mulher e para a vida a dois. Depois deste beijo, outras cenas vieram, tão chocantes e revolucionárias como esta, a exemplo da nudez, da traição, das relações sexuais etc. Como expectadores, homens e mulheres foram “tocados” de alguma forma por estas imagens, e permitiram-se mudanças em suas próprias concepções de gênero, de relações, de sociedade, de vida. Isso, considerando-se que “o ato de se expor a um filme é um ato voluntário de deixar-se, em corpo e memória, transformar-se interiormente.” (ALMEIDA, 2001, p.84)

A visibilidade do corpo pelo cinema, segundo vários autores, cria novas formas de compreender e ser corpo no mundo real, incluindo modificá-lo, resignificá-lo⁶³. E nessa década, a partir do grande desenvolvimento da área cinematográfica, assim como da televisão a cabo⁶⁴, isso será potencializado.

⁶³ A este respeito as obras de Walter Benjamin são poeticamente esclarecedoras.

⁶⁴ Embora tenha sido criada na Pensilvânia, na década de 40, foi na década de 60 e 70 que ela mais se desenvolveu nos EUA e em outros países de maior avanço tecnológico. Na década de 80, houve um crescimento mundial da TV a cabo, propiciado fundamentalmente pelo avanço da tecnologia e uso dos satélites. No Brasil, seu maior crescimento foi na década de 90.

Uma visibilidade que estimula novas gestualidades, novos comportamentos. E por isso, o cinema, com seus filmes e a especulação de seus astros, é considerado como um veículo de novos ideais de vida (MIRA, 2001) ⁶⁵.

[...] a maneira de se viver, de arrumar a casa, de conquistar o amor, de se vestir, de viajar, de ter uma família. Felicidade, simplicidade, glamour e sofrimentos são desenrolados como em um novelo no “depois do filme” pelas publicações, fotos, músicas. Os modos de ser hollywoodianos são vários, e longe de estarem isolados para os momentos no “templo dos sonhos”, estão altamente cotidianizados. Percebe-se como o cinema norte-americano efetivamente tem seus canais interacoplados, de maneira a promover a formação de um gosto e de uma moral, agenciando processos de subjetivação. (MENEGHELO apud MIRA, op.cit., p.31)

A indústria cinematográfica, em especial a Hollywoodiana, parece ainda promover na década de 80 estes mesmos “efeitos”, como também promoveu a construção de uma “cotidianização” de um modelo de corpo, tanto feminino quanto masculino.

Provavelmente o ícone masculino cinematográfico da década de 80 tenha sido o fisioculturista⁶⁶ e ator Arnold Schwarzenegger. A notícia da revista *Veja*, sobre o lançamento do filme *Exterminador do Futuro* é enfática: “FERA DE METAL – Um computador assassino ataca o passado [...] Arnold Schwarzenegger: Força de vontade e músculos fazem um ator.” (VEJA, 1984, n.864, p.45). Neste exemplo, há duas questões centrais para análise, uma delas reside no próprio roteiro do filme, que mostra um embate entre a tecnologia do futuro, um corpo artificial (andróide) e a materialidade limitada do humano. Na verdade, há uma disputa entre a máquina e um casal humano, evidenciando,

⁶⁵ A autora ainda comenta que a influência norte-americana, nos anos 50 (pós-guerra) foi sobretudo cinematográfica.

⁶⁶ Para Sautchuk (2007, p.196) “Estereótipo do trabalho do corpo nas academias, figurando em anúncios, revistas e pôsteres, o fisioculturista leva ao paroxismo a produção da definição, e sua prática corporal aponta um estatuto particular do músculo.”

portanto, o que de imaterial (não entendi) acaba vencendo, como todo bom filme hollywoodiano: a estratégia de guerrilha e a relação amorosa que alicerçam a motivação e a cumplicidade da ação humana⁶⁷ E ainda no final, há a mulher como a sobrevivente desta tríade, enaltecimento não por acaso, já que neste período ela é o público alvo de diversas campanhas. A outra questão anunciada pela revista é a abordagem do sucesso do ator que vira uma celebridade internacional, graças à sua força de vontade, mostrando novamente uma imposição do *self*, do faça você mesmo, persista para conquistar. Além disso, enaltece o outro conteúdo desta fórmula de sucesso: músculos! Não só força de vontade, mas a força propriamente dita. Um modelo de corpo em voga, que também exigiu uma construção gradativa, muitas vezes solitária, como o trabalho de muitos atletas e especialmente fisioculturistas, como relata o entrevistado Newton Roldan.

Os meios de comunicação televisivos foram fundamentais para a construção deste novo modelo de corpo, uma vez que incidem diretamente nas representações e significações que o indivíduo tem sobre si e escolhe para si:

As representações de corpos no cinema constituem, ainda, um novo modo de estar no mundo e de representar a si mesmo, uma vez que tal produção exige uma reconstrução dos sentidos do produtor e do receptor dessas imagens.

Os corpos do cinema, retratos das formas de comunicação do mundo contemporâneo, produzem ainda efeitos sociais e culturais, ou modelos de memória do corpo, ou seja, de suas possibilidades de representação e de significação. (DÖRRENBURG, 2006, p.341)

Assim, assistir a “Arnold” e sua forma física em ações contundentes no cinema é uma forma de repensar o próprio corpo, o atual e o que se deseja. É re-

⁶⁷ Uma fórmula ainda anunciada na atualidade pelas telenovelas e pelas revistas semanais.

estruturar uma série de memórias corporais e re-significá-las num novo contexto (de novas possibilidades de expressar-se como e pelo corpo).

Outra matéria da revista, já em 1989, mostra o quanto a imagem do ator incide na construção deste modelo de corpo, não só para adultos, mas também para as crianças, na seção DIVERTIMENTO: “Os poderes na tela – Com a chegada dos jogos eletrônicos de terceira geração, as crianças trocam de brincadeiras de rua e aderem à videogamemania.” (VEJA, 1989, n. 48, p. 78 e 79).

A entrevistada Elizabeth Paoliello lembra o quanto este modelo de corpo, do homem musculoso, também influenciou crianças a partir da confecção de brinquedos que tinham este perfil, como era o caso do boneco Falcon.



Outro artista que colaborou para a construção deste mesmo modelo de corpo, altamente definido e forte, foi Sylvester Stallone, com suas várias

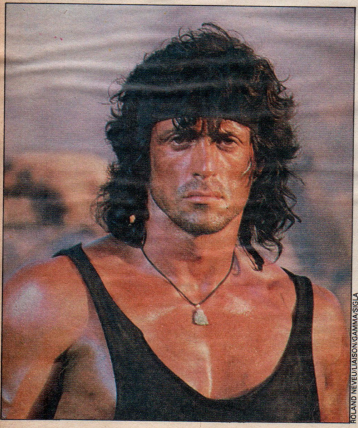
interpretações de força em combate, nos filmes *Rocky*, *Rambo* e *Cobra*. Muito se veiculou na mídia em geral o sucesso do ator e, portanto, seu modelo de corpo. Mas no final da década de 1980, a revista *Veja*, na seção GENTE, destaca o drama sofrido pelo ator por ser considerado, desde a infância, uma pessoa com poucas capacidades intelectuais, e com grande potencial para o desenvolvimento muscular. E esta última característica deveria ser estimulada para “suprir” a deficiência da primeira.

Sylvester Stallone já não é mais o mesmo. O último número da revista americana *Esquire* – a bíblia do homem sofisticado –, que chegou às bancas dos Estados Unidos na semana passada, dedica dez páginas a uma reportagem com o superastro que encarna o todo-poderoso Rambo em três oportunidades, o boxeador Rocky em outras quatro e o guerrilheiro Cobra em apenas um filme. Stallone, tristonho, faz um balanço de sua vida e revela....

Aos 13 anos de idade, época em que ainda apanhava do pai, o garoto Stallone ouviu uma frase marcante: “Você não nasceu com muito cérebro, por isso é melhor começar a usar o corpo”. Cansado de interpretar os tipos Rocky e Rambo, que há lhe renderam 100 milhões de dólares, Stallone está disposto a esquecer o conselho do pai. Ele procura um papel em que sobra (???) tanto física como intelectualmente. “Quero algo que me deixe nervoso com o trabalho”, confessa. (VEJA, 1989, no. 5, p.35)

Este tipo de estigma ainda é bem presente no século XXI, onde os “marombeiros” e “ratos de academia” são considerados como pessoas limitadas intelectualmente, principalmente porque optaram por um estilo de vida de culto ao corpo, ou de “malhação”.

A revista, em sua edição especial sobre a década de 80, destaca a foto e o momento vivido pelo ator neste período, como um marco a ser lembrado, na seção “Foi muito bom ter estilo”.

■ Com o Rambo de Sylvester Stallone, os Estados Unidos puderam saborear, na ilusão das telas, as cenas que reverteram a realidade da História e mostraram sua vitória na Guerra do Vietnã. Estilo e sucesso têm limites: enquanto Hollywood insiste em que Stallone mantenha o tipo brutamontes suado, o ator quer mudar, provar que tem um cérebro. Michael Jackson, com sua renda anual de 60 milhões de dólares, tornou-se o símbolo do artista de seu tempo, numa década em que, entre profissionais de todas as áreas, a ordem foi ganhar dinheiro e ostentá-lo ANOS 80 	Com Rambo de Sylvester Stallone, os Estados Unidos puderam saborear, na ilusão das telas, as cenas que reverteram a realidade da História e mostraram sua vitória na Guerra do Vietnã. Estilo e sucesso têm limites: enquanto Hollywood insiste em que Stallone mantenha o tipo brutamontes suado, o ator quer mudar, provar que tem um cérebro. (VEJA, 1989, n. 51, p.190)
--	--

Com este texto na matéria, a revista coloca um paradoxo: ao mesmo tempo em que parece destacar a postura do ator, e consequentemente sinalizar que os tempos e as concepções de corpo e de mundo estão mudando no final da década de 80, também reforça o estigma ainda existente “quem é musculoso demais não tem cérebro” (tendo que provar que o tem). Este tipo de preconceito foi abordado pelo entrevistado Geraldo Massucato, como existente desde o final da década de 60, continuando na década de 70: “ ‘Você vai fazer Educação Física? [...] Educação Física só tem músculo, não tem cabeça, não pensa’. Então,

era realmente terrível, você tinha que enfrentar esses desafios (para se formar na área)”.

No caso de Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger foi a ginástica de academia, em especial a musculação, provavelmente combinada a dietas e suplementação, a grande responsável pela construção desse modelo de corpo. E a partir destes modelos construídos, consolida-se o diferencial do objetivo da academia “Diferente da prática esportiva, de forma geral, nas academias de ginástica o músculo não é o vetor de uma ação, mas é, ao contrário, o *produto* do movimento.” (SAUTCHUK, 2007, p. 196 – grifo do autor). E a exposição desses modelos, pela mídia, irá reforçar este objetivo.

Courtine (1995, p.83) ainda ressalta que os *body builders*, pessoas que cultuam de forma exacerbada o corpo e sua exposição “em massa”, vêm progressivamente de uma cultura visual do músculo de décadas anteriores, tendo sua explosão nos anos 1980. E eles só são vistos em lugares comuns da cidade, pois “o músculo não vive em gueto. Na televisão e no cinema, as exhibições musculares generalizam-se ao longo dos anos 80.”

No caso do modelo de corpo das atrizes, algumas delas mereceram destaque da revista. E a que teve uma matéria extensa de 3 páginas dedicadas pela revista *Veja* foi Sigourney Weaver, em “A BELA DE HOLLYWOOD - O talento e a sensualidade de Sigourney Weaver voltam às telas *Nas Montanhas dos Gorilas*”. A matéria enaltece esta combinação “perfeita” entre uma mulher bonita e sensual, com o talento para atuar em diferentes tipos de papéis no

cinema⁶⁸. As imagens que acompanham a matéria mostram cenas de filmes protagonizados pela atriz, evidenciando o que foi descrito.



Fonte: *Veja*, 1989, n. 17, p. 142

Nota-se que as imagens mostram um corpo magro e forte, cujas linhas foram provavelmente promovidas pela prática da ginástica, fortemente desenvolvida nos Estados Unidos neste período.

Outra artista destacada pela revista foi Tina Turner. Na matéria sobre o filme *Mad Max 3 – Além da cúpula do trovão*, a atriz e cantora Tina Turner é considerada “a atriz certa no papel certo... é a presença mais marcante do filme... Tina parece um misto de fada de histórias infantis e uma extravagante roqueira punk. Apesar da idade (46), Tina é a mulher do momento nos Estados Unidos.” (VEJA, 1985, n.887, p.100). A mescla de papéis da atriz condiz com sua realidade. No filme ela representa a mistura do sensível e do místico, com extravagância e uma postura revolucionária, e talvez em sua vida real como

⁶⁸ Com base em diversas fontes, Vigarello (2006) relata o papel da atriz Brigitte Bardot, e de algumas de suas personagens, para a construção de um novo comportamento feminino, assim como de um modelo de beleza.

cantora americana não seja muito diferente. Outra menção interessante da matéria é a relação deste comportamento feminino com a faixa etária e com um modelo de corpo. Ao enaltecer a representação da atriz e seu papel na atualidade (“mulher do momento nos EUA”), a matéria destaca um novo modelo de mulher madura, que “apesar da idade (46)”, consegue ser bem sucedida na área musical e cinematográfica (polivalente), mostrando um corpo “em forma” (forte e magro)⁶⁹. Mais uma vez é notória a relação (mesmo que indireta) entre sucesso, um estilo de comportamento feminino e a forma física, podendo ser esta última obtida com rotineiros treinamentos de musculação e ginástica.

No Brasil, as novelas tiveram, e parecem ainda ter, um impacto intenso nas representações e permissões do corpo, muito mais do que o cinema, talvez por tratarem de temas mais próximos de nossa cultura, assim como por serem consumidas facilmente (televisão) e de maneira menos dispendiosa. A telenovela é um exemplo concreto desta visibilidade e formas de educar o corpo, assim como as ocorrências fora dela, realizadas por seus atores e atrizes. Neste segundo aspecto, merece destaque a atriz Leila Diniz, lembrada pela revista *Veja* em sua edição especial retratando a década de 80. Uma atriz cujos atos ecoaram na década de 80 (GOLDENBERG, 2008), conforme lembra a edição especial da revista (VEJA, 1989, n. 5, p.47 e 48): “Simplesmente Leila. A imagem da mulher sem fricotes, na vanguarda da vida. Leila Diniz morreu num desastre em 1972. Brotaram outros barrigões na praia, muito mais.”

⁶⁹ Acompanhando a matéria há uma foto de corpo inteiro da atriz, numa das cenas do filme, com uma vestimenta curta e as linhas musculares em total evidência (em plena “forma física”), mostrando um corpo magro e forte. Uma robustez não vista nesta década para mulheres nesta faixa etária. Atributos estes que serão adquiridos por meio da ginástica, como será apresentado mais adiante.

Simplesmente Leila. A imagem da mulher sem fricotes, na vanguarda da vida. Leila Diniz morreu num desastre em 1972. Brotaram outros barrigões na praia, muitos mais.



Atriz da primeira novela da Rede Globo, em 1965, ela chocou o país por falar inúmeros palavrões e abordar temas sobre a sexualidade e comportamento feminino, numa entrevista para o jornal Pasquim, em 1969; e por deixar-se fotografar grávida de biquíni na praia, mostrando a barriga, em 1971. Este tipo de comportamento, dentre outros, foram significativos para uma nova visão da mulher brasileira, como aponta Santos (2008, resenha).

Leila teve um currículo de realizações artísticas expressivas em sua curta trajetória de 27 anos, mas nada se compara à contribuição que deixou para a história do comportamento feminino. Com sua espontaneidade e alegria, convicta na dedicação de se mover apenas pelo prazer e pela liberdade, ela ajudou a traçar um novo papel para a mulher na sociedade brasileira. Sempre sem discurso, sem palavras de ordem, sem colocar o homem como inimigo do projeto [...] nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, "sem discurso nem requerimento soltou as mulheres de vinte anos presas ao tronco de uma especial escravidão".

Seria possível elencar outras atrizes que também tiveram este papel, cujas trajetórias foram marcadas por irreverências, palavrões, críticas à política e por suas formas de defender as causas femininas e feministas. Os exemplos são diversos. Elas foram símbolos de um novo comportamento feminino, por um conjunto de ações que realizaram ao longo do tempo, sendo grande parte delas diretamente relacionadas à visibilidade e uso do corpo, abrindo portas para novas possibilidades.

Como personagens das telenovelas, as atrizes também puderam influenciar a sociedade para novas formas de visibilidade e comportamentos. Assim como Leila Diniz teve um comportamento que ecoou na década de 80, parece que a atriz Sônia Braga, no final da década de 70, também o fez ao protagonizar a novela da Rede Globo *Dancing Days*. Sua personagem mostrava um comportamento de uma mulher moderna que, dentre outras características, era adepta da ginástica de academia, devido à influência norte americana.

Você lembra de uma novela chamada *Dancing Days*? Muito bem, essa novela começou a dar uma ideia para as pessoas do que era uma academia. Acho que talvez, pela primeira vez que eu me lembre de ter visto de se falar de academia, como uma coisa nova. A atriz fazia uma papel de uma mulher assim, descolada, que tinha vivido em Nova York. Ela era a personagem principal. (Vladimir Fernandes)

O entrevistado ainda reforça o quanto foi importante o papel da novela (devido a essa personagem), e da mídia de maneira mais ampla, para a popularização da ginástica:

Ela era **uma mulher super cosmopolita**, que tinha vivido em Nova York, e que tinha voltado para o Rio de Janeiro cheia de ideias e cheia de coisas. E uma das ideias era essa trajetória da academia, que era mostrada para o povo. Eu acredito que a partir disso e também da divulgação do método do Cooper, que foi um movimento que correu o mundo inteiro, as pessoas começaram a se preocupar com saúde. A mídia começou a falar que atividade física é importante, e as pessoas

começaram a procurar alguma coisa das possibilidades de atividade física que existia, que lhe agradassem. (Vladimir Fernandes – grifo nosso)

Este depoimento exemplifica a compreensão de que diferentes fatores sociais, de um mesmo contexto, se auto influenciam e se auto propulsionam. Neste caso, a novela trouxe um perfil feminino emergente na época (final de 70 e início de 80), colaborando para uma mudança, já em movimento, dos papéis e do comportamento das mulheres brasileiras. A personagem trazia experiências norte-americanas, especialmente aquelas relacionadas ao culto ao corpo. E dentre essas, havia a prática da ginástica de academia que ia ao encontro de uma realidade no Brasil de incentivo à prática da atividade física, cuja maior bandeira era promover a saúde, tendo como um de seus alicerces a divulgação e adesão ao método Cooper. Esse método foi proposto por um médico norte-americano (e alastrou-se por) todo o mundo e influenciou muito o país, como será apresentado no último capítulo. Ao mostrar este perfil feminino, a novela conquistava mais telespectadores, em especial as mulheres, exibindo uma atuação já em uso por uma parte delas e, provavelmente, desejada por tantas outras, influenciando-as a seguir, ou a pelo menos refletir sobre essas “novas” possibilidades, e práticas corporais.

As matérias da revista Veja irão dar mais enfoque aos papéis das atrizes nas telenovelas e à sua relação com um novo modelo de corpo, na década de 80, como nos exemplos a seguir que se referem à picante “Tieta”, transmitida em 1989, pela Rede Globo.

- TELEVISÃO – Feitiço aprovado – Tieta traz de volta à tela da Globo o mundo encantado de Jorge Amado e devolve as emoções ao horário das 8 da noite.

Tieta conta a história de uma jovem de lugarejo de Santana do Agreste – na fronteira da Bahia com Sergipe, inspirado nas cidades sergipanas de São Cristóvão e Laranjeiras –, cujo comportamento liberal e sanha por romances ardentes entram em choque com o conservadorismo da maioria da população. Ela é expulsa da cidade por seu próprio pai, vai morar em São Paulo e, vinte anos depois, volta com muito dinheiro na conta bancária e com ares de grande dama da capital [...] (VEJA, 1989, no. 35, p.90 e 91)

E a protagonista escolhida para a personagem foi Betty Faria, não por acaso um dos maiores ícones da prática da ginástica no país nesta década (inclusive capa da revista Boa Forma), mostrando neste papel toda sua boa atuação cênica, agora acoplada a uma boa forma física.



Fonte: *Veja*, 1989, n. 35, p.90

Com esta imagem de alta visibilidade do corpo de “Tieta”, na praia e de biquíni, a matéria dá mais propulsão não só à novela, como também à ginástica, ambas em ascensão neste período.

Em outra matéria da revista, aborda-se o papel da atriz Luiza Tomé, nessa mesma novela: “TELEVISÃO – A MARILYN DO AGRESTE – Com graça e sensualidade, Luiza Tomé rouba a cena em Tieta e torna-se a musa do horário

das 8”. As duas atrizes disputam não só o talento artístico, mas também o talento físico, como bem descreve a matéria

Com 51 quilos bem distribuídos em apenas 1,64 metro de altura, uma farta cabeleira preta que se derrama pelos ombros e lábios delicados e carnudos, Luiza Tomé é aquele tipo de beleza sertaneja que Guimarães Rosa define num de seus contos como “morena mel e pão” [...] Além da beleza, o outro trunfo de Luiza é a espontaneidade, a perfeita verossimilhança ao encarnar a moça rude do agreste...” (p. 150 e 151)

A arte visual, especialmente cinematográfica e televisiva, irá colaborar para o estabelecimento de um modelo de corpo, assim como vai mostrando as formas de obtê-lo, na maioria dos casos na década de 80, a partir da ginástica. Os modelos televisivos podem se impor como modelos marcantes (VIGARELLO, 2006). E a mídia não só os veicula, como também colabora para a construção de discursos a seu respeito, podendo produzir significados e sujeitos (FISCHER, 1997 apud SILVA E ROCHA, 2008⁷⁰).

E não só a arte visual irá executar este papel de massificadora de um padrão corporal, mas também as diferentes formas de mídia, principalmente a partir da veiculação (parece que falta algo depois de veiculação) das celebridades. Segundo Elizabeth Paoliello, os artistas de cinema e televisão apareciam para “ditar a regra do jogo”, o padrão de corpo ideal exigido socialmente⁷¹.

⁷⁰ Estas autoras da área das Relações Públicas, ainda sinalizam na pesquisa realizada com a Revista *NOVA*, as imposições sociais, e portanto também corporais, estabelecidas pela mídia, principalmente por meio das imagens.

⁷¹ No que concerne ao papel do educador físico veiculado na mídia televisiva, o entrevistado Gilberto Bertevello lembra que mesmo com abordagens equivocadas, a Rede Globo acabou por divulgar o papel deste profissional, assim como colaborou para a prática da atividade física.

3.3. O MODELO DA “MODELO”

O universo da moda também será um grande responsável pela constituição de um modelo de corpo, nos mais diferentes meios de comunicação, estabelecendo como padrão uma exacerbada magreza, muitas vezes aliada a músculos bem definidos e/ou enrijecidos. Sendo essas últimas conquistas geralmente obtidas pela prática da ginástica, combinada a dietas.

Matérias confeccionadas pela própria revista abordarão este tema ao longo da década de 80, e uma delas se destaca por detalhar como esse processo “de estar na moda”, ser celebridade, e da mudança do corpo se constitui e aos poucos se impõe. O título da matéria de uma página inteira é: “MÔNACO – Princesa na luta – Stephanie tomou o lugar de Grace e de Caroline”. A matéria descreve como se deu a vitória da princesa nesta “luta” com as irmãs e por mais espaço de expressão. Um caminho que poderia servir como exemplo, em diferentes aspectos, a ser seguido por outras mulheres que desejassem estas mesmas conquistas.



Fonte: *Veja*, 1985, n. 871, p.62

Os principais artifícios para esta conquista na década de 80 foram bem diferentes do esperado das mulheres na década de 70, pois segundo a matéria: ela cortou o cabelo curto, vestiu roupas mais ousadas, frequentava casas noturnas e trocava de namorados (sendo todos eles celebridades). “Disso para as capas de moda de revista, foi um pulo.” Mas o grande diferencial e triunfo da princesa se deu na constituição de um novo corpo: magro e forte.

[...] Ela trocou o emprego de aprendiz de desenhista da Maison Dior, pelo de modelo profissional. A troca deu certo. Nestes três meses, a **figura forte e esguia** de Stephanie tem circulado em revistas famosas, como as francesas *Elle* e *Moda*, cada vez com maior destaque. [...] Nestes últimos anos a tímida Stephanie virou outra pessoa [...] Ela é meio desajeitada dizem – provavelmente uma seqüela de muitos anos que passou fugindo das câmeras. “Ela é meio baixa para uma modelo, tem **braços musculosos e parece um menino.**” - analisa um dos fotógrafos, Gilles Tapie, que a fotografou para a revista *Elle*. “Mas”, completa, “**fica muito feminina** num traje de banho. E **tem um corpo lindo**”. (VEJA, op.cit, - grifo nosso)

Força e magreza combinam-se no corpo da princesa e modelo, e “apesar dos braços musculosos e de parecer um menino”, os atributos de feminilidade e beleza são a ela concedidos. Uma modelo diferenciada. Uma personagem da realeza em destaque, em consonância com os movimentos sociais. Uma modelo fazendo a nova moda do corpo.

Força que era grandemente obtida nesta época pela ginástica, em suas práticas com música (como a aeróbica) e na musculação, como já reportado pela revista *Veja* (com relação à miss paulista) e abordado pelos entrevistados. No entanto, Vigarello (2006) chama a atenção para uma análise não reducionista acerca da feminização da musculação e da masculinização da magreza. Segundo ele “a mudança contemporânea nas aparências e nos corpos não pode ser buscada em qualquer comparação de imagens entre os sexos, e sim mais

profundamente na relação que cada um dos sexos mantém com a beleza” (VIGARELLO, op.cit, p. 176)

No caso feminino, corpo esguio e forte vai legitimando-se como modelo de beleza, superioridade, estilo e elegância, não só na Europa, como no Brasil. Um conceito diferenciado de beleza feminina nas décadas de 50 60, que estava pautada na esbeltez, na “firmeza” de algumas partes do corpo, na harmonia das proporções do corpo, não necessariamente na magreza e força, conforme descrito num capítulo sobre a Beleza Feminina (e sua relação com a Educação Física):

Por onde pode definir-se o belo, não já como gênero, mas como espécie, “aquilo que conhecido agrada por um certo esplendor de ordem e de grandeza”. Assim o tipo ideal da beleza, que melhor sintetiza os nossos gostos estéticos, não reside apenas nos traços regulares do rosto, mas na firmeza dos seios, na esbeltez do talhe, na curva dos quadris e nesta beleza enfim, que resulta das proporções e do equilíbrio do corpo humano. Ora, a educação física é o meio de se alcançar esta beleza, pois sobre seu fim dinamogênico, tem um poder altamente plástico. (AZEVEDO, 1960, p.81)

A entrevistada Elizabeth Paoliello salienta que na década de 70 ainda havia uma preocupação das mulheres com a esbeltez, não necessariamente com a magreza, mas que este quadro mudou a partir da década de 80, dada a influência das celebridades (artistas e modelos), com alta visibilidade midiática, constituindo-se verdadeiros espelhos para as alunas. A este respeito, uma pesquisa analisou as medidas do corpo feminino de candidatas a concursos de beleza, durante quatro décadas, e concluiu que nos anos 80 houve uma diminuição de 2,5 cm nas silhuetas, apontando para uma generalização da estética da magreza, especialmente entre as mulheres (SILVA, 2001).

A entrevistada Maria Luiza Miranda comenta que as mulheres iam às academias para obter este modelo de corpo das celebridades, com a

musculatura mais definida, no entanto, tinham medo de ficar musculosas demais, e se mostravam resistentes a fazer alguns exercícios.

Retomando-se alguns aspectos de capítulos anteriores, somados a esse, confirma-se o investimento da revista *Veja* na década de 80 em dar visibilidade ao corpo, seja em relação à dicotômica relação saúde/doença, seja para mostrar modelos de beleza a serem seguidos. Modelos que são apresentados como padrões de beleza, a partir de um detalhamento imagético, acoplado a argumentos acerca dos procedimentos (ou caminhos) para alcançá-los. E o que é mais instigante, com uma certa garantia de que seguir estes modelos culminará no alcance de um corpo bem sucedido, aceitável e desejado como são os dos modelos apresentados (atores e atrizes, modelos fotográficos etc).

Segundo os entrevistados e as matérias da revista *Veja*, este investimento na oferta de modelos a serem seguidos, sendo alguns deles até cultuados, se deu por vários meios de comunicação⁷², desde programas televisivos e filmes até revistas (das mais populares às mais especializadas). Assim, os homens, e especialmente as mulheres, tinham em diferentes locais de convivência, seus olhares atraídos por um, ou por vários destes meios de comunicação, para uma experiência: deparar-se com estes modelos de corpo e sentir-se por eles provocado, escolhendo dentre eles um molde perfeito para se encaixar, para iniciar sua “necessária” corpolatria missionária. Esses moldes não são tão distintos, e os processos para alcançá-los exigem uma série de atitudes e comportamentos, muitos deles também elucidados (não entendi o significado de

⁷² O entrevistado Geraldo Massucato comenta que a Gazeta Esportiva noticiava a Ginástica, em especial as demonstrações de grande aérea, ocorrido em eventos cívicos nas décadas de 70 e início de 80. Gilberto Bertevello também comenta que havia nesta década publicidade das academias de ginástica em outdoors.

elucidados aqui) por estes mesmos meios de comunicação, destacando-se neste período a adesão à ginástica.

4. A “BOA” FORMA

No final da década de 70, mas especialmente na de 80, há o fortalecimento e a maior pulverização de um discurso favorável à uma forma ideal de corpo, que aparenta ser saudável, como apresentado nos capítulos anteriores, cujo maior slogan foi a “boa forma”.

Uma concepção de que há uma forma medida e plástica do corpo, colocada em centímetros, na densidade dos diversos tecidos, e animada pelas qualidades físicas que possuem ou aparentam ter. Uma forma em que há um certo peso para uma certa altura, medidas dos membros específicas, uma pele sem vestígios do tempo ou deformidades. Um tecido muscular que empurra a pele, que se mostra, que ao mesmo tempo que se oculta, se impõe... Uma forma externa que pré supõe uma interna, com sangue oxigenado, veias e artérias desobstruídas, poros em trocas, órgãos em ordem, nutrientes por toda parte, tudo em movimento... o verdadeiro sinônimo de juventude e modernidade.

Uma forma que poderá ser propiciada pelo oferta crescente de produtos embelezadores e de técnicas corporais, como deflagraram os anúncios da revista *Veja* e os depoimentos dos entrevistados da pesquisa. Dentre estas técnicas corporais, onde estão situadas as massagens, choques, limpezas, pequenas intervenções cirúrgicas, situa-se com destaque a ginástica, e em meados de 80 especialmente a ginástica aeróbia e a musculação (considerada como ginásticas de condicionamento físico, segundo Souza, 1999).

“Estar em forma”, “em plena forma”, “entrar em forma”, “ficar em forma”, serão termos que serão corriqueiros na década de 80, presente nas revistas, nos livros, nos diálogos cotidianos, nas entrevistas das celebridades, e principalmente nas preocupações do indivíduo moderno. A revista *Veja* fornece

alguns exemplos. Em 1984, publica a matéria “Em boa forma – as gestantes entram em ação nas academias” e na edição de maio de 1989 (p.5), e também uma entrevista com o cantor e compositor Paul McCartney, cujo título é uma frase dita pelo cantor: “ ‘Estou em plena forma’ – Aos 46 anos, o ex-beatle diz que o rock de hoje é ruim, informa que não virou um careta e sustenta que a prevenção da AIDS começa em família.” No corpo de várias outras matérias, das sessões de comportamento, saúde, beleza, dentre outras, há a menção de termos desta natureza.

Neste contexto de valorização da forma, identifica-se também as práticas, os lugares, os agentes e os produtos que irão colaborar com a propagação e legitimação da ginástica, entendida neste período como a mais eficaz prática para a obtenção da sonhada, e cada vez mais inatingível, boa forma.

4.1. O CORPO MEDIDO

A medição do corpo, vivo ou morto, para os mais diferentes fins, é encontrada em diferentes períodos históricos, e principalmente realizada por médicos.

Interessante notar que cada vez mais esta medição, principalmente no último século, passará a ser realizada por outros profissionais, como educadores físicos (nas escolas e associações esportivas)⁷³ e fisioterapeutas, e nas últimas décadas cada vez mais também pelo indivíduo.

⁷³ As obras que abordam o período higienista no Brasil, e sua influência na Educação Física escolar, exemplificam esta afirmação, indo ao encontro do depoimento de Elizabeth Paoliello: Nessa época a gente fazia exame biométrico nas crianças (na escola)... Em 70, não podia começar a aula sem fazer exame ou passar pelo médico. Tinha um médico que “olhava” maltratadamente a criança e você (professor) pesava e media. Não tirava medidas, assim (específicas como hoje), mas tinha uma ficha (do aluno) que você expressava... essa “coisa de controlar”, né?

A necessidade de medir o corpo aumenta, assim como as formas de fazê-lo. Por meio de diferentes meios sociais, e à medida que as mediações a seu respeito são estabelecidas na sociedade, transforma-se lentamente um gesto médico em cotidiano. Um dado necessário para uma análise diagnóstica numa informação útil.

A balança sem dúvida é um instrumento de medição que merece destaque. Encontrada durante muito tempo somente em hospitais e clínicas médicas, popularizou-se gradativamente à medida que habitou de forma crescente espaços como farmácias e centros de saúde e estética. No caso das farmácias, seu uso não mais estava condicionado a uma exigência do médico ou do farmacêutico. Estava lá, disponível ao uso de todos, geralmente próximo à porta ou ao caixa, ou seja, em lugares centrais que favoreciam seu uso, como se o auto avaliar-se em relação ao peso fosse uma preocupação “natural”. A balança, com seus mais variados “*desings*”, parece estar cada vez mais adentrando nos domicílios, assim como sua presença cada vez mais se garante nas academias de ginástica de médio e grande porte, nas salas de avaliação física (uma exigência) e nas salas de musculação e vestiários⁷⁴.

Na década de 80 seu uso aparecerá com certa normalidade e a perda de peso, nela medida, como uma preocupação da mulher moderna. A revista *Veja* traz a balança numa propaganda de um produto dietético (nutrasweet), sendo que esta parece estar situada numa feira livre (com verduras e legumes ao fundo), de uma cidade mais industrializada (dada a presença de um prédio ao

⁷⁴ Nota-se que o mesmo processo de popularização da balança, e de seus respectivos instrumentos, está ocorrendo em relação aos aparelhos de medição de pressão. Estes estão cada vez mais comuns nas farmácias para uma medição do farmacêutico ou do indivíduo (equipamento pago com moedas). Seu uso domiciliar também está se expandindo.

fundo e à vestimenta dos protagonistas). A medição do peso dos alimentos comum nas feiras livres, agora passa para a das pessoas, das mulheres modernas.



Fonte: *Veja*, 1989, n. 48, p. 110

Com o enunciado “VOCÊ SÓ VAI PERCEBER A DIFERENÇA DE NUTRASWEET SE COMPARAR OS NÚMEROS”, a propaganda enaltece que a medição da máquina, que é numérica (científica e racional), é a que mais poderá mostrar o resultado do uso do produto dietético. Assim, a análise subjetiva do indivíduo acerca de si mesmo parece ser não mais suficiente. Esta medição mostrada na imagem, parece objetivar uma perda de peso, ou seja, um emagrecimento especialmente feminino, que é admirado, exigido e também controlado pelo homem.

O objetivo da medição do peso, por meio da balança e com o objetivo de emagrecimento (estético), nas academias de ginástica, apareceu em 70% dos depoimentos dos entrevistados, e alguns são ilustrativos:

então ela (senhora japonesa) tinha uma ideia (final de 70) de que a ginástica ia relaxar, ia melhorar a postura e tudo mais, e mais para frente (década de 80) a gente começou a ter realmente, e essa é uma história muito engraçada, pessoas preocupadas com o “eu queria emagrecer”...

você tem uma preocupação extremamente grande e uma informação também. “O quê que eu tenho que fazer para perder peso? Não me interessa tanto a minha cintura fininha, eu quero é perder peso, e eu quero é ter a minha musculatura definida, eu não quero ficar com esse braço rolicinho eu quero que o músculo apareça”... aí começa a grande preocupação em fazer atividade física para perder peso, né, e isso eu vejo assim gradativamente virando uma neurose. (Hoje) a ginástica não basta mais, eu preciso da intervenção de medicamentos e eu preciso da intervenção cirúrgica (Cynthia Tibeau)

(Preocupavam as mulheres na em 80) o peso. O foco era o peso. Perdi cem gramas, perdi um kilo, era peso, medidas nem tanto... (Maria Cristina Penteado)

A relação da medição do peso feminino, por meio da balança, foi incentivada pela Educação Física no Brasil também por meio da Revista Educação Physica, desde a década de 30. A matéria intitulada “A balança, um auxiliar indispensável, fiscaliza constantemente o seu peso” (Revista Educação Physica, 1938, n.14, p.24), trazia um discurso dos benefícios de se utilizar diariamente a balança antes e depois do exercício para verificar a diminuição do peso. Perda esta que se muito “violenta” não era saudável, e se sutil, sinalizava que estava se “fazendo pouco exercício”. Mas a persuasão para seu uso era enfática:



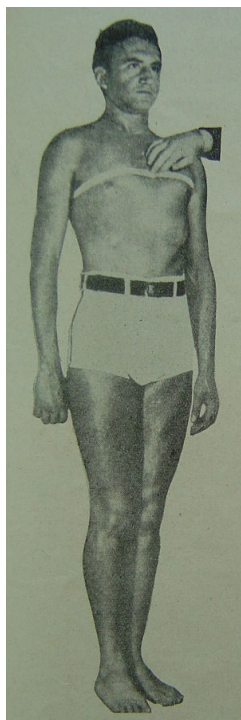
A balança é um auxiliar indispensável para nossa vida. Não nos podemos conservar afastados della por muito tempo. Ella é quem nos indica, com segurança, as oscilações do nosso peso, que, muitas vezes, não percebemos. [...] A balança não serve apenas para pesar homens. As senhoras e senhoritas que cuidam louvavelmente de seu physico também não podem prescindir da pesagem. (ibidem).

Interessante notar que separadas por 50 anos, tanto a matéria da revista Educação Physica como a propaganda da Nutrasweet, na revista Veja, vão fortalecer a ideia de que a balança é necessária para a medição do peso e que a percepção da mulher em relação ao seu próprio peso é insuficiente.

Mas a medição do peso não era o único parâmetro para um corpo belo. O controle da medição de circunferências de membros do corpo, com objetivos estéticos, também ocorreu fortemente ligado à Educação Física, como apontou Göellner (2003) ao abordar que em 1942 a Revista Educação Physica publica uma parte do livro do Capitão Orlando Rangel Sobrinho que, por sua vez, era uma cópia traduzida de parte do livro “L’Éducation physique feminine, muscle et beauté plastique”, de Georges Hébert. A temática do artigo era a proporcionalidade do corpo e após apresentar-se uma grande tabela com medidas, há o seguinte *grand finale*: “Agora, gentil leitora, verifique se o seu corpo satisfaz a essas **dimensões de normalidade e beleza**. Se as satisfizer,

para a doutrina de Hébert, você é um tipo ideal de beleza.” (Revista Educação Physica apud Göellner, op.cit., p.43 – grifo nosso).

A relação entre medidas e beleza também foi designada aos homens nesta mesma revista, onde o adjetivo beleza foi substituído por robustez (o que para a época era uma característica da beleza masculina), na matéria: INDICE DE ROBUSTEZ (Revista Educação Physica, 1938, n. 18, p.16). Nela explica-se como obter este índice, que com “frequência” é requisitado, a partir de uma medição (protocolo) estabelecida por Piguet e outra por Ruffier. Acompanha a matéria a imagem de um homem sendo medido na altura do tórax, evidenciando que com a medição se obtém o índice de robustez. Imagem muito semelhante é encontrada na matéria “A SCIENCIA ao Serviço do ESPORTE” (Revista Educação Physica, 1938, n. 19, p. 49, 50) onde a medição está relacionada à performance, portanto, ao universo desportivo, e não necessariamente à beleza. Nesta medição, o educador físico atualizado (pela ciência) é um policial da “polícia desportiva”, do qual nenhum detalhe escapa em posse da fita métrica, como um policial forense à procura do criminoso aparentemente invisível...



Fonte: Rev. Educação Physica, n. 18



Fonte: Rev. Educação Physica, n. 19

A fita métrica parece ter sido promovida de artefato de corte e costura para um instrumento fiscalizador do corpo. Antes ela controlava e dava precisão à matéria inanimada, e agora, à animada.... ou talvez à animada tratada como inanimada. Seu uso cada vez mais se associa a concepções de beleza e performance. Na década de 80 seu uso aparece na revista *Veja* em propagandas diversas, dentre as quais uma da própria editora Abril, que divulga a diversidade de revistas que o grupo oferece “sob medida, PARA VOCÊ” (*VEJA*, 1989, n. 15, p. 55). Nela há desenhos de pessoas, em sua maioria magras e com “estilo”, aquelas que podem pagar por esta informação. Há também muitas crianças e adultos em trajes e equipamentos esportivos (pranchas, skate, bicicletas), em situações de trabalho, passeio, encontro... Mas todas elas com uma revista na mão. Não por acaso o setor de marketing da editora optou pelo uso da fita métrica com destaque. Num contexto de busca frenética da medida ideal, o uso

da mesma chama a atenção, para uma nova busca, a da revista ideal “para você”, para a sua forma.

Já a propaganda da Natura, divulgando o SOMMA – fluído termodinâmico – excepcional **redutor** de adiposidades e celulite (VEJA, 1989, no. 16, p.84 e 85) há uma relação direta entre o uso da fita métrica como instrumento regulador, e constataador, da perda de medidas. Embora nem sempre haja uma relação direta entre perda de gordura e perda de medidas. O texto sobre o produto mostra que “Sua eficiência notável” foi “comprovada em laboratórios” e a fita métrica simboliza isso – uma verdade precisa, exata, numérica, científica, confiável. Uma ideia de que a fita vai verificar/provar que realmente houve esta redução de adiposidade prometida pelo fluído, com base em estudos experimentais.



Fonte: ibidem



Fonte: Ibidem

E a relação da fita métrica com a beleza vai aparecer de forma evidente na pequena matéria da revista Veja na sessão GENTE, ao abordar o sucesso da recém Miss Bahia, sobrinha de Marta Rocha (ex miss Brasil): “Tudo certo”.

Tanto a foto como o texto mostram que a mais recente miss possui uma beleza medida geneticamente, pode ter herdado traços considerados belos (de sua tia), e medida segundo padrões de beleza, com proporções “perfeitas” do corpo. Uma combinação que colaborou para seu sucesso.



Fonte: *Veja*, 1989, n. 13 p.76

Esta preocupação com a medição do corpo evidenciada pela revista *Veja*, vai ao encontro dos depoimentos dos entrevistados da pesquisa, ao afirmar que as medições do corpo gradativamente intensificaram-se nas academias, da década de 70 para 80. Aproximadamente 90% apontou que as avaliações realizadas nos alunos era pautada em pesar e medir. As medidas eram geralmente dos quadris e cintura, sendo que havia uma variação dependendo da academia e/ou do professor, onde se tiravam menos medidas (somente peso) ou além destas já mencionadas (adicionando-se perna, braço, busto). Sua periodicidade variava entre mensal e bimestral, segundo a maior parte dos depoimentos, e alguns casos semestral ou não muito precisa.

Conforme apontado anteriormente, havia uma grande preocupação com a perda de peso, e uma menor com as medidas das circunferências. No entanto, ressalta Cynthia Tibeau, havia uma preocupação em “modelar o corpo”. Para as alunas ambas as conquistas nas medições eram importantes: “A importância está no peso, o peso vai baixar, lógico, mas não adianta eu ter peso baixo e não ter cinturinha, ‘eu quero ter cinturinha’.”

Maria Cristina e Mauro Guiselini ainda revelam as dificuldades para a composição de gráficos destas avaliações físicas, feitas individualmente, em folhas milimetradas. Um trabalho considerado pela primeira como um verdadeiro “artesanato”. E como eram feitos pelos próprios professores que lecionavam as aulas, a apresentação de resultados para os alunos levava alguns dias. No entanto, este procedimento não era adequado para a massificação da prática de ginástica que estava se instalando na década de 80. Segundo Mauro Guiselini, os centros universitários não ofereciam uma proposta de avaliação viável para esta nova realidade das academias. E foi por causa disso que ele foi o pioneiro em implantar um Departamento de Avaliação Física em academias, em 1983, na Runner (segundo seu próprio depoimento).

O momento da medição era aquele em que os números deflagravam se a prática atingiu seu objetivo, quer dizer, o objetivo que a pessoa esperava da ginástica. No final da década de 70,

A gente tirava as medidas, várias medidas coxa, quadril, busto, cintura e braço e pesava e tinha uma ficha, eu que pesava tinha que ser eu a professora que fazia aí mais era uma vez por mês então a gente controlava o peso e a se ela tinha melhorado as medidas, se tinha diminuído as medidas que tinha assim uma conotação bastante de estética, no sentido de ter um corpo bonito, feminino, emagrecece.[...] Elas não queriam ser gordas né mas a gente não tinha o naquela época o a imagem da *top model* vamos dizer hoje aquela coisa muito magra, era um corpo feminino e um corpo sem excessos de gordura né as preocupações sempre eram barriga, culote, quadril isto é que as pessoas se preocupavam então elas tentavam sempre melhorar e atingir uma

medida, melhor então a gente faz esse controle sim mensal, então **era todo um momento especial**. (Elizabeth Paoliello – grifo nosso)

Para outra entrevistada, este momento de medição era uma rotina relacionada ao pagamento da mensalidade da academia:

Uma coisa que me incomodava muito era que lá (Ginastic Center) era assim: hoje se você entra numa academia dia do pagamento é o dia primeiro, o dia cinco ou dia dez, é fixo para todo mundo. Lá não, o dia que você entra é o dia do seu pagamento, então se você entrar no dia dezoito você paga, você tira as suas medidas. Daí, no dia dezoito do outro mês você pegou a fichinha da Carol: “fulano é seu dia de pagamento”, você tira as medidas de novo. Então você tinha que ficar cobrando o sujeito todo mês, por isso que trabalhavam sempre duas professoras juntas: uma na mesinha e outra dando aula. E você tinha que fazer isso, você tinha que tirar as medidas.... Mas eram medidas, de glúteo, quadril, não fazia teste, nada que se faça na avaliação hoje não. Era, eu acho, um momento de “bota” a pessoa ali, para olhar veja é o dia do seu pagamento é a hora do seu pagamento é hora de fazer as medidas, entendeu.... “Olha hoje você tem que tirar as medidas”, então a pessoa já sabia que era dia de pagamento. (Maria Luiza Miranda)

Numa das academias mais caras da cidade de São Paulo na época (década de 70 e início de 80), onde segundo a entrevistada só haviam pessoas da alta sociedade, esta foi uma estratégia encontrada para organizar esta forma de pagamento (um em cada dia). Isso também poderia ser uma estratégia da academia para aproveitar um momento de concentração ou de parada do aluno (para a medição) para poder cobrar. E/ou porque era um momento em que o pagamento estava sendo justificado: “você está pagando por estas melhoras nas suas medidas...”. Uma questão levantada pela entrevistada Vilma Nista-Píccolo também pode ajudar a entender esta estratégia. Segundo ela, quando proprietária da Athletic Center, os alunos homens eram muito assíduos e nunca atrasavam o pagamento, já as mulheres, faltavam mais e não eram disciplinadas com o pagamento.

Mesmo diante deste quadro, de preocupação com o emagrecimento e perda de medidas, todas as entrevistadas entrevistadas que foram proprietárias

de academia de ginástica destacaram que os alunos, homens e mulheres, tinham muito prazer nas aulas de ginástica (nas décadas de 70 e meados de 80). E que o ambiente da academia era muito mais do que exercitar-se, como será abordado mais adiante.

4.2. AS PRÁTICAS PARA OBTENÇÃO DA BOA FORMA

No final da década de 70 e início da década de 80 divulgaram-se várias formas de se obter o padrão de corpo, e portanto de beleza, segundo várias fontes que foram utilizadas em todo o trabalho até este momento. No entanto, o enfoque de uma “forma” ideal, denominada de boa forma, será largamente difundida neste período atrelada a um discurso da exercitação do corpo, em especial da prática da ginástica.

Já era (em final de 70), eu acho que talvez tenha acentuado um pouco porque a mídia tem ajudado muito, mas sempre a história de ser bonita, bela e formosa e a roupa ficar linda era numa pessoa magra. Então essa sempre foi uma preocupação muito, muito grande né. Então você não via uma grande maioria falando que estava fazendo porque fazia bem, porque gostava muito, mas porque queria (emagrecer). ... “Engordei! Preciso voltar!”, sempre era uma fala recorrente[...]

Eu acho que essa questão de querer praticar atividade física por questão estética ela é, não sei desde onde... uma coisa que muda mesmo e querendo ou não eu acho que a massificação, com esse boom da academia (iniciado em 80), de propaganda massiva né, foi meio que por estética... as pessoas que sempre acreditaram e gostaram da prática, os que tiveram mais lugares para escolher ... provou um pouco isso, é essa questão mais estética mesmo (que é o objetivo dos alunos) obviamente as vezes maquiado pelo bem estar, da qualidade de vida... sempre se falou nisso... mesmo a mídia forte, você olhando isso (na pesquisa) você deve ver que o negócio era estética, o negócio era estética, estética, estética, essas outras coisas vem como um efeito colateral, digamos assim, porque era por aí que eles pegavam as pessoas (conquistavam os alunos para a academia)... essa história de aparentar atitude, de aparentar, do belo, do jovem, do magro eu acho que é por aí... (Maria Luiza Miranda)

Um dos maiores vilões contra a beleza do corpo e contra o corpo saudável será a gordura. E diversos produtos e práticas irão se desenvolver para combater

este “mal”, como já apontado nos capítulos anteriores, pois sem aniquilá-la, não é possível se obter uma “boa forma”.

A gordura sob a pele, a gordura nas veias e artérias, a gordura próxima ao tecido muscular... embora necessária, ela excede, e sua abundância vai causar distúrbios de diferentes ordens: celulite, entupimentos de redes de circulação sanguínea, mal funcionamento dos tecidos, principalmente do coração, etc. E estes, por conseguinte, irão causar tantos outros danos, como aumento da pressão arterial, derrames, infartos etc. Estes malefícios da gordura serão divulgados pelos documentos médicos, a partir das pesquisas científicas (principalmente por influência da ACMS), e progressivamente irão habitar os consultórios, as farmácias, as revistas, os programas televisivos⁷⁵ e as conversas cotidianas.

Numa concepção do senso comum, isso parece ter sido traduzido em: a gordura engorda, deixa feia e pode matar. Portanto, está declarada sua caça.

Neste contexto parece se instaurar dois tipos de atitudes frente ao problema: evitá-lo ou remediá-lo. E em ambos casos a ginástica aparecerá como uma resposta muito eficaz, segundo pesquisas científicas.

Já na década de 70 havia esta preocupação com a perda destes excessos: “Eu vejo que a preocupação das mulheres sempre foi com questão de celulite, sempre foi celulite, gordura localizada, de ter a perna bem torneada, o bumbum no lugar certo...” (Maria Luiza Miranda).

⁷⁵ Gostaria de fazer um destaque para o programa “Globo Repórter”, que passa às sextas-feiras após a última novela da noite na Rede Globo. Ele tinha um caráter de debate político, com grandes furos de reportagens e entrevistas inéditas. No final da década de 80 o programa começou a passar por uma transformação temática, onde cada vez mais se incluiu as questões da saúde, da diversidade cultural, e ultimamente as questões ecológicas. Os programas voltados para o público feminino, em diversos canais abertos ou à cabo, exibem “soluções” para os problemas de saúde causados pela gordura.

Ainda nesta mesma década, algumas práticas para a perda de peso (e em alguns casos da gordura) serão massificadas, e estarão associadas direta ou indiretamente a exercitação do corpo. Para que estas medidas ficassem adequadas, várias estratégias eram realizadas e divulgadas informalmente pela sociedade. Uma delas, que é comentada por 50% dos entrevistados é a colocação de grande volume de roupas e/ou sacos plásticos em torno de algumas regiões do corpo, cujas medidas desejava-se diminuir, durante o período de exercitação.

Era uma época que as mulheres iam para essas aulas (de dança russa na Academia Ginastic Center) e queriam perder peso, perder líquido ... se enchiam de roupa de plástico e não sei o que. Olha, era uma coisa... (Maria Luiza de Jesus Miranda)

A entrevistada Cynthia Tibeau comenta que surpreendeu uma funcionária dando orientações para uma aluna de sua academia, orientando-a sobre uma forma de perder peso:

[...] aí ela falou assim: “olha se a senhora quiser (ir para casa sem tomar banho) não tem problema nenhum. Mas eu já vou dizendo, se a senhora quer emagrecer a melhor coisa é a senhora ir para casa com a malha de ginástica, porque a malha absorve todo o suor do seu corpo e a senhora perde peso”.

E muitas vezes, os próprios profissionais que atuavam com atividade física, nas academias, é que disseminavam algumas práticas, consideradas como “normais” para a perda de gordura. No entanto, no final da década de 70 estas práticas já começavam a ser questionadas por um novo grupo de profissionais.

você ficar batendo o quadril no chão pra tirar a gordura do culote... Eles ficavam nessa posição assim (deitados lateralmente e batendo a região do quadril no chão) e ficavam pa,pa,pa, duzentas, trezentas vezes. Isso era um dos exercícios da ficha da musculação. Imagina que eu ia mandar fazer isso. A pessoa fazia, ficava lá... Estava na ficha, né.

E achava bárbaro isso. Cheio de plástico... Gente, isso era um absurdo!
(Maria Luiza Miranda)

Pior do que isso, era a concepção de que a exercitação “dolorida” que era eficiente, como relata esta mesma entrevistada: “As alunas gostavam de aula que deixasse dolorido, aula que deixasse podre, porque se não tivesse dor era como se não tivesse acontecido nada.” (Maria Luiza Miranda).

A partir destes exemplos nota-se que houve uma circularidade de informações acerca da perda de peso e gordura, relacionados à exercitação do corpo, que eram facilmente praticadas e em alguns casos não questionadas. Mas, tão importante quanto constatar esta rede de informações, como ressalta Martin-Barbero (2009, p.29), é podermos fazer análises a partir das mediações e dos sujeitos, “isto é, a partir das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais”. E neste sentido, surgem inúmeros questionamentos...⁷⁶

Mediante os gradativos avanços na pesquisa científica e a crescente importação de informações, estas práticas (costumes) foram diminuindo ao passo que outras (relacionadas à própria atividade física) foram ganhando espaço, nesta mesma década de 70.

Algumas práticas de atividade física para o desenvolvimento da saúde, como a natação (Gilberto Bertevello, Vlademir Fernandes), as artes marciais (Newton Roldan, Gilberto Bertevello) e as manifestações da dança (Maria Luiza de Miranda, Cynthia Tibeau), foram se desenvolvendo e ganhando espaço.

⁷⁶ Os questionamentos são de diferentes ordens, como o porquê havia este hábito de colocar sacos plásticos por grande parte dos praticantes de academia? Onde obtiveram esta informação? O que as fizeram aderir a este hábito? Porque foram tão diversificadas as soluções para a perda de peso e/ou gordura? Como que pessoas de diferentes gêneros, condições técnicas e níveis sociais, se achavam detentores de informações tão corretas? O que as fazia disseminar ou criar tais informações.... Alguns dos inúmeros questionamentos que mereceriam ser tratados em outros estudos.

As pessoas as vezes queriam fazer coisas para se manter ativas e não queriam fazer ginástica. Queriam que fosse a dança por exemplo, que fossem atividades alternativas, ou só sapateado para se manter (em forma). E não aquela coisa que é maçante... Eu acho que a ginástica de condicionamento, a localizada são muito maçantes, né, bem maçantes. (Maria Luiza Miranda)

E o mesmo processo aconteceu em relação à diversidade de propostas gímnicas. De acordo com os entrevistados, havia a oferta de diferentes tipos de ginástica: alongamento, circuito, feminina, rítmica, de aparelhos, dentre outras. Instala-se um terreno fértil para o fortalecimento da atividade física sistematizada, onde estavam situadas estas práticas gímnicas, como uma grande aliada para a construção do corpo belo, e reforça-se “saudável”. Parece que na década de 80, somado a um processo já deflagrado de “corpo ativo”, houve o enaltecimento de uma prática, que era tanto eficiente na perda de gordura e como era compreendida como benéfica à saúde e a obtenção da boa forma: a ginástica aeróbica.

Segundo os entrevistados Vlademir Fernandes, Gilberto Bertevello e Maria Luiza Miranda, as academias que não aderissem ao movimento da ginástica aeróbica na década de 80 estavam prestes a fechar as portas. Era a moda do momento. Mas como esta prática se constituiu e se estabeleceu no mercado?

Em 1968 o médico americano Kenneth H. Cooper⁷⁷, divulga seus estudos sobre o aerobismo, e lança no mundo o termo “aeróbico” no livro “Aerobics”.

The word that changed the world.□□Most people don't realize that Dr. Kenneth Cooper coined the word aerobics. The verb “aerobic” existed meaning to live in air or with oxygen. Dr. Cooper added one letter—an s—and in an instant created the noun “aerobics.” □□But there's more to that word than meets the eye. Aerobics is a movement

⁷⁷ A carreira completa do Dr. Kenneth Cooper pode ser consultada no site **www.cooperaerobics.com**

filled with people who read a book and followed a plan that changed their life. Aerobics is as important and relevant today as the day it was born in 1968. (www.cooperaerobics.com - consultado em 10 de janeiro de 2010)

Muitas são as orientações e procedimentos que o médico divulga em seu livro “O programa aeróbico para o bem estar”, publicado no Brasil em 1982. O marco de seu programa era a exercitação por um tempo determinado (mais de 30 minutos), com um batimento cardíaco acima de 120 por minuto, considerado como ideal para a aquisição de uma boa resistência cardio-respiratória, assim como para a eliminação da gordura.

Estudos realizados por Cooper no final da década de 60, comprovaram que os exercícios aeróbicos diminuía o aparecimento de doenças cardiovasculares e eram eficientes em um processo de emagrecimento. Com estes relatos o número de adeptos aumentou exponencialmente, iniciando a febre dos exercícios aeróbicos. Em 1968 foi publicado a primeira de várias literaturas sobre o assunto, contribuindo ainda mais para sua popularização. (MONTEIRO, 1996, p. 17)

O estudo da melhora da condição física foi estudada pelo Dr. Cooper, principalmente devido aos anos de experiência que teve com os programas da NASA para a preparação de astronautas⁷⁸. Segundo o entrevistado Geraldo Massucato, os astronautas chegaram da Lua relatando que precisavam de maior treinamento físico e isso impulsionou os estudos nesta área (exercícios e aparelhos), que foram em grande parte desenvolvidos pela área médica. Além disso, lembra o professor Massucato, o ex presidente Kennedy, em meados de 63 e 64, fez um levantamento sobre a saúde da população americana e ressaltava que as pessoas precisavam fazer atividade física, andar. E poucos

⁷⁸ Segundo o site do Instituto Cooper:

During his 13 years of service in the U.S. Army and U.S. Air Force, Dr. Cooper served as a flight surgeon and director of the Aerospace Medical Laboratory in San Antonio. He dreamed of becoming an astronaut and worked with the National Aeronautics Space Administration (NASA) to help create the conditioning program preparing America's astronauts for space and in-flight anti-deconditioning program used on board spacecraft. (www.cooperaerobics.com).

anos depois é lançado o livro e as propostas do Dr. Cooper, que realmente colaboraram para a divulgação da exercitação, em especial a aeróbica.

Dentre os procedimentos do método, havia testes de avaliação, sendo o mais popular o “teste de 12 minutos”. Ele consistia numa exercitação, geralmente uma corrida, que durava 12 minutos e após a mesma, o indivíduo media seus batimentos cardíacos e poderia avaliar sua capacidade aeróbica mediante a comparação de seus dados com uma tabela (**www.cooperaerobics.com**). Este teste, assim como outros do método, foi cercado de equívocos em sua aplicação no Brasil, inclusive nas academias.

[...] o método de Cooper veio muito forte no começo da década de 70, as academias da época começaram a incorporar (seu método), inclusive o teste de Cooper de 12 minutos. Não como um teste mas como uma forma de condicionar, o que era um equívoco. As pessoas corriam 12 minutos na academia, corriam em esteira, corriam em zig-zag, para frente e para trás, em círculo, no espaço físico da academia mesmo. Só que isso durou pouco, ficou muito chato. O quê que aconteceu? As pessoas começaram, né, a achar outras formas de manter aquele nível de batimentos esperado e preconizado pelo Cooper, e foi aí que entrou a ginástica aeróbica, e saltos e saltitos que conseguiam manter esses batimentos naquela faixa elevada para você conseguir fazer... Então entra nessa época (80) a ginástica aeróbica. (Elizabeth Paoliello)

A influência e prática da proposta do Dr. Cooper no Brasil pode ser explicada por dois grandes fatores. Um deles refere-se ao país estar vivendo um momento político social de forte influência americana, como já abordado em capítulos anteriores e relatado por muitos entrevistados. Outro fator que certamente colaborou foi o avanço da comunicação, o que propiciou que suas pesquisas e propostas fossem rapidamente assimiladas no mundo. E outro fator que pode ter colaborado foi o fato do Dr. Cooper ter auxiliado no treinamento da seleção brasileira de futebol, vitoriosa na copa do mundo de 1970. Segundo o site do Instituto Cooper, o médico divulgou seus ensinamentos em mais de 50

países do mundo, mas se tornou famoso no Brasil por este “feito” com a seleção, o que desde então, fez com que os brasileiros denominassem as corridas e as caminhadas de “Cooper” ou dissessem “fazendo Cooper”.

Mauro Guiselini aponta como este método era desenvolvido nos Estados Unidos, e como o mesmo deu origem à prática da “ginástica aeróbica” no Brasil, massivamente divulgada e praticada na década de 80.

Eu fui para os Estados Unidos, aí quando eu cheguei na Abiail tinha um programa “Hooked on Aerobics”, criado por uma doutora que faleceu no passado chamada Phyllis C. Jacobson. Eu fui investigar e na verdade ela tinha sido a grande criadora da “Aerobic dance” que é Jacki Sorensen 69, 68,69 nos Estados Unidos o Moviment Aerobic, Aerobic dance tava muito forte por conta dos trabalhos de Cooper em 69. A Jacki Sorensen foi morar numa cidade ela já estava acostumada a dar aula na garagem ele pegou, ele formatou as aulas ela deixa formatada esses programas. Ela fazia isso em 69. A aula da Jacki era pré coreografada, e na verdade ela era a “criadora” do Aerobic dance. Mas na realidade a cientista era a Phyllis C. Jacobson então a Phyllis era professora diretora do departamento de dança da universidade e ela tinha um programa de aeróbica na faculdade e núcleo da tv da universidade. E eu fiquei encantado. Eu falei “pera um pouco eu faço isso aqui há dez anos, só que eu chama de ginástica não de aeróbica. Pera eu faço ginástica aeróbica”. (Mauro Guiselini)

Estas informações trazem detalhes de um processo de importação de práticas americanas de ginástica, já anunciadas em outras obras de ginástica aeróbica:

No início dos anos 70, vários métodos de treinamento foram adaptados nos Estados Unidos, baseados nos princípios fisiológicos preconizados por Cooper. Entre os métodos desenvolvidos encontravam-se o “Aerobic Dance” proposto por Jacki Sorensen e o de Phyllis C. Jacobson, denominado “Hooked on Aerobics”. Estes métodos utilizavam a música de forma mais dinâmica e combinavam os passos de dança com exercícios calistênicos. Surgia então a GINÁSTICA AERÓBICA, uma modalidade com o objetivo de treinamento da capacidade aeróbica de pessoas adultas sedentárias. (MONTEIRO, 1996, p. 17 e 18)

Ainda segundo Mauro Guiselini, o termo ginástica aeróbica é bem próprio da cultura brasileira, considerando-se primeiramente que o conceito de ginástica brasileiro é diferente do conceito americano.

O termo ginástica aeróbica é um termo nosso, existia aeróbico e existia ginástica. Então, eu juntei os dois nomes eu falei a Runner tem um programa de ginástica aeróbica aí nós lançamos a ginástica aeróbica como carro chefe das academias então assim historicamente são fatos aí nós repetimos o curso depois né, depois a Runner na sequência criou, eu criei a divisão disseminados hoje a São Judas tem outras nós temos em 84 nós tínhamos uma divisão e cursos disseminados onde nós periodicamente trazíamos os professores. (Mauro Guiselini)

As informações concedidas pelo entrevistado auxiliam o entendimento deste processo de criação e difusão da ginástica aeróbica no Brasil, considerando-se que há poucas informações a respeito. Algumas obras trazem estas informações, com um trato menos detalhado do processo, mostrando o quanto a esta prática foi considerada ao mesmo tempo que boa para a saúde, uma forma de renovar o público alvo das academias.

A década de 80 é marcada pelo aparecimento de uma nova proposta de trabalho. Trata-se da Ginástica Aeróbica, que surgiu nos Estados Unidos, como mais uma atividade alternativa advinda do Método Cooper e que tinha como fim o desenvolvimento da resistência aeróbica. (Ceas et alli, 1987). A grande importância que foi dada às boas condições cardíaco-pulmonares para a obtenção da saúde, junto com o surgimento de um novo método de ginástica, tinham como consequência uma reciclagem dos alvos da ginástica em academia. (NOVAES, 1991, p.51)⁷⁹

⁷⁹ Ainda neste parágrafo, o autor comenta que: Azevedo (1984) declarou ser a precursora da ginástica aeróbica no Brasil, e especificamente, no Rio de Janeiro. E com esta afirmação, percebemos o quanto esta área ainda necessita de mais investigações históricas.

Cerca de 90% dos entrevistados relatam que o boom da ginástica de academia foi impulsionado pelo surgimento e crescimento da ginástica aeróbica, e por quanto a mídia alimentava isso de diferentes maneiras.

Segundo matéria da revista *Veja*, publicada no final da década de 80, a ginástica aeróbica conquistou mais de 1,5 milhão de pessoas em todo o país, sendo que nos Estados Unidos “um em cada dez habitantes corre atrás de uma das 22.000 academias espalhadas pelo país” (VEJA, 1989, n. 19, p.91)

Ao longo da década de 80 a ginástica aeróbica tem sucesso, mas passa por problemas. Seu sucesso é evidenciado por sua presença nas academias até o final de 80 e por sua divulgação e prática, de maneira mais ampla, no início da década de 90 como mostra o arquivo do entrevistado Mauro Guiselini.



“CEPEUSP 1990 ...Como diretor da Academia Companhia Atlética, convidado pela direção do CEPEUSP, ministrei a 1a. aula de Ginástica Aeróbica no Campus da Universidade de São Paulo.”

Fonte: <http://www.mauroguiselini.com.br/fotos-historicas/>
consultado em fevereiro 2010.

Para a entrevistada Aparecida Conti, a prática da ginástica aeróbica se manteve por uma falta de concorrência⁸⁰, de oferta de outras práticas gímnicas, e também porque ela pôde se segmentar em outras práticas, que principalmente afastavam seus aspectos considerados prejudiciais à saúde.

Naquela época (década de 80) acho que existia uma preocupação que as coisas perdurassem, onde elas não se subdividissem. Quer ver, vou te dar um exemplo: o Low Impact. Ele não surgiu como uma derivação da aeróbica por que precisavam contemplar outros segmentos de mercado ou outro tipo de público. O Low Impact surgiu como uma forma de “botar” um pano quente no mercado que estava desesperado com o índice de lesão decorrente da ginástica de alto impacto. Então vamos tentar “botar” pano quente porque tá todo mundo desesperado, porque tinha gente que tinha fissura (óssea), tinha quem se machucava por que saltava que nem um cabrito, tinha gente que fazia 2, 3 aulas de aeróbica por dia... Eu (como professora) levantava da cama... Eu dava 8 aulas de ginástica todo dia. Quando eu colocava meu calcanhar no chão eu tinha uma dor crônica, deu over training. (Aparecida Conti)

Interessante paradoxo se instala no discurso da prática da ginástica aeróbica em meados da década de 80. Uma prática de ginástica, que objetivava a melhora da saúde, a partir do aprimoramento do condicionamento cardiovascular e da diminuição da gordura, fundamentada nos preceitos médicos, é apontada como uma prática prejudicial à esta mesma “saúde” por causar lesões em níveis musculares, tendíneos e articulares. A saúde considerada como ausência de doença, agora vê-se num cheque mate⁸¹. Segundo matéria da revista *Veja*,

A onda atlética que desembarcou em território americano há dez anos e doutrinou a planetária geração saúde moldou corpos, multiplicou doses maciças de energia mas trouxe também muita polêmica. A ginástica aeróbica, de alto impacto – aquela do tipo dançante, de pulos em profusão – é acusada de provocar lesões articulares irreversíveis, sobretudo no joelho e na coluna. Atualmente, o universo dessa atividade, que ficou sendo conhecida como “malhação”, se agita pelos

⁸⁰ Segundo a entrevistada, a ginástica aeróbica ainda continua sendo desenvolvida em países europeus, mas considera que a grande febre ainda é o step e o hip hop.

⁸¹ Um paradoxo, que segundo muitos autores que estudam a promoção da saúde, dentre eles Nascimento (2005), mantém-se até a atualidade.

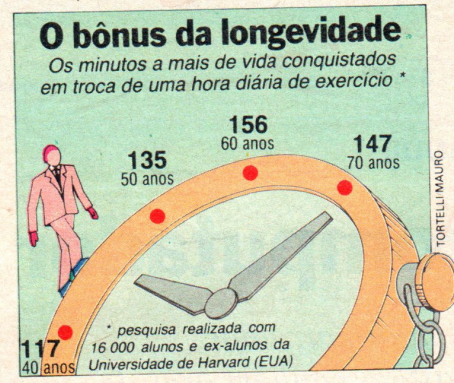
moldes científicos da aeróbica de baixo impacto, menos agressiva. (VEJA, 1989, n. 19, p.91 e 92)

Outro fator que contribuía para um certo descontentamento com a ginástica aeróbica, era que sua massificação não permitia que o professor orientasse e corrigisse os alunos (Mauro Guiselini, Aparecida Conti, Maria Luiza Miranda). Ou seja, em salas que comportavam de 80 a 120 alunos, pouco poderia se fazer para uma boa orientação da atividade física. Segundo a entrevistada Aparecida Conti, os cursos de ginástica aeróbica tinham uma abordagem muito tecnicista, voltada a fisiologia do esforço, e pouco se preocupavam com as questões metodológico-pedagógicas e culturais. Assim, os professores reproduziam um roteiro de aula aprendido, em salas com muitos alunos, desconsiderando a cultura anterior de movimento da pessoa, que segundo a própria entrevistada era muito pobre, restrita. A aula de ginástica aeróbica nas academias era composta por um grupo heterogêneo e os profissionais não sabiam lidar com isso, não sabiam como manter e motivar aquele o aluno novo, que ou se acostumava com aquele roteiro de aula ou desistia da prática.

Além disso, motivava-se um perfil de profissional muito mais preocupado com a “aula show”, do que com a adequação da aula para o perfil do grupo, para as especificidades do aluno.

Junto com a história da ginástica aeróbica veio, e isso eu tenho acompanhado o tempo todo, e ainda continua, aquela história do professor que dá show. Que tem as roupinhas, que tem o jeito de falar, que tem a sedução. Tanto que funciona melhor quando o professor é homem, parecia funcionar melhor. Hoje talvez tenha mais mistura, né. Mas então, tinha muito isso ... E uma das coisas já naquela época que me incomodava era essa história da massificação da ginástica aeróbica, do tipo de aula que o professor tem que ficar na frente fazendo tudo porque se não o aluno não faz direito. (Maria Luiza Miranda)

A aeróbica de baixo impacto também pode promover perda de gordura e resistência cardio-vascular, e adiciona-se a ela o argumento da longevidade, conforme será divulgado pela revista *Veja*:

	Depois de uma década de experiência, os americanos que inventaram a aeróbica cansaram de ser modernos: agora querem ser eternos. Baseadas na idéia de que o exercício prolonga a vida, as academias americanas apostam na prática esportiva menos agressiva, mais cadenciada. Uma pesquisa feita com 16.000 alunos e ex-alunos da Universidade de Harvard mostrou que, para uma pessoa de 40 anos de idade, uma hora diária de caminhada ou ginástica leve equivale a cerca de duas horas a mais de vida (veja quadro ao lado). Nessa trilha da eternidade, o novo grito de guerra é a aeróbica de baixo impacto. Nela, as pernas não são sobrecarregadas, como é característico da Ginástica de alto impacto. “O ideal é a mistura das duas práticas”, diz José Otávio Marfará, da academia Runner, de olho no computador. (VEJA, 1989, n. 19, p.92)
--	--

Além da aeróbica de baixo impacto (low impact), outras segmentações da ginástica aeróbica foram oferecidas, tentando sanar alguns destes problemas e seguindo uma lógica de mercado existente em outros campos sociais, para a conquista de públicos diferenciados, como no campo das Revistas (MIRA, 2001). Criou-se a lambaeróbica, que unia os movimentos ginásticos e a fundamentação da aeróbica, com os movimentos e a música da lambada, dança tipicamente “brasileira”. Criou-se também o aerofunk e o aerobox, que misturavam os preceitos da ginástica aeróbica com os movimentos do funk e do Box, respectivamente.

É neste contexto também, mas não só por estes motivos de descontentamento com a ginástica com música, é que a **musculação**⁸² irá cada vez mais se fortalecer na academia, inicialmente como um espaço do público masculino, mas que gradativamente foi utilizada pelo feminino, conforme apontado pela própria revista Veja, como uma prática da miss paulista, Adriana Alves de Oliveira (1981).

Como analisado na revista Veja e em outros artigos, nos capítulos anteriores, o modelo de beleza masculina se mantém como o atlético e o feminino gradativamente também terá esta característica⁸³: a definição muscular.

Seja com a prática da ginástica aeróbica, e suas derivações, seja com a da musculação, a academia se solidifica na década de 80 como o lugar da obtenção, da manutenção e do culto à boa forma.

4.3. O LUGAR DA BOA FORMA

Há poucas obras que trazem de maneira organizada e aprofundada os espaços de prática da ginástica no Brasil. Há registros pulverizados de sua presença em diferentes locais, a partir de fotos e matérias em arquivos de clubes, associações, faculdades e principalmente em acervos pessoais dos professores que contribuíram com sua estruturação e difusão⁸⁴. Esta

⁸² Segundo Gilberto Bertevello a musculação já foi denominada de ginástica de aparelho.

⁸³ Segundo a entrevistada Maria Luiza Miranda na década de 70 havia resistência por parte das mulheres para a prática de exercícios com carga. Elas não queriam ficar musculosas.

⁸⁴ Professores do estado de São Paulo que possuíam um acervo magnífico de fotos sobre a ginástica: Antônio Boaventura da Silva (acervo atualmente na FEF/UNICAMP), Sérgio Stucchi Sobrinho (acervo será disponibilizado pelo filho), Otilia Foster (acervo disponível na Biblioteca Central da UNICAMP), dentre outros.

pulverização dificulta seu estudo, ao mesmo tempo que se constitui um desafio acadêmico, incitando uma reflexão sobre a versatilidade da ginástica para tamanha inserção na sociedade, e sobre os argumentos que a legitimaram para estar nestes espaços.

Muitas obras de Educação Física foram publicadas no Brasil orientando-se a prática da ginástica na escola, especialmente aquelas do início do século XX. Outras dedicaram-se a orientar sua prática em centros militares, para o treinamento de soldados. No entanto, a ginástica parece realmente ter se massificado a partir de uma orientação para sua prática em casa, sem aparelhos ou com materiais domésticos facilmente adaptados para o lar. Uma forma de se disseminar a prática com menor custo e para mais pessoas.

O autor Fernando de Azevedo, traz em sua célebre obra “Da Educação Física”(1920), um capítulo específico sobre a “ginástica de quarto”, analisando os métodos de Müller e Sandow, e destacando suas semelhanças e diferenças. Azevedo destaca que para Müller, a ginástica pode ser praticada em casa, sem a necessidade aparelho algum, uma vez que “o melhor aparelho de ginástica é o próprio corpo.” (AZEVEDO, op.cit, p.106) Esta justificativa, além de outras características funcionais de seu método, fazem com que ele seja considerado por Azevedo como melhor que o de Sandow⁸⁵, que visava muito a hipertrofia, com uso de aparelhos. Para Müller

as duas principais qualidades que se devem exigir de um sistema de ginástica de quarto, para que seja atraente, útil e acessível a todos, são a simplicidade de exercícios e a modicidade do preço (ibidem).

⁸⁵ O autor ainda ressalta que esta supremacia do sistema de Müller está no entendimento de que a verdadeira força não está nos músculos, mas sim no desenvolvimento integral de todos os órgãos e máxime do peito e do abdome.

A ginástica para ser praticada em casa, a então denominada ginástica de quarto, era orientada por manuais de ginástica e por revistas (em especial a Educação Physica). Mas devido às difíceis condições de confecção, distribuição e venda destes materiais, a ginástica para ser praticada em casa (no quarto) ainda tinha seu desenvolvimento tímido.

Segundo a entrevistada Maria Cristina Penteado, com o advento da comunicação pelo rádio, este panorama se transformou. E foi este meio de comunicação que a possibilitou ter seu primeiro contato com a ginástica quando menina, no ambiente domiciliar, estimulada por seu pai que era membro da ARG – Associação Rádio Ginasta.

O papai era de 1922 e a mamãe de 1925, e eles vieram para Barão Geraldo (Campinas) em 45 né, papai andava aqui de charrete... eu nasci em 50, acho que eu devia ter uns seis, sete anos... Eu me lembro como se fosse hoje... o papai nos acordava às cinco e meia da manhã, acordava as três (filhas) porque as três vinham do mesmo quarto, acordava “vamo, vamo, vamo que a ginástica vai começar!” Eu sou de uma família que fazia ginástica pelo rádio. Naquela época não existia televisão... Eles faziam parte de um grupo que chamava rádio ginasta, que tinha uniforme, tinha pim, tinha monograma tudo bordado. A gente acordava de manhã, eu lembro que eu punha uma camisa de tecido branca de manguinha “assim”, com botãozinho, “aqui” tinha um bolsinho que a minha mãe bordava em ponto cruz ou monograma do rádio ginasta, punha um shortinho de brim azul marinho, aí a gente fazia ginástica no corredor mais estreito que essa sala... O papai punha um mapa, pendurava um mapa assim na parede, entendeu, ligava o rádio. A rádio (estação) era do Ministério da Educação e Cultura e esse programa era feito no Rio de Janeiro pelo professor Osvaldo Diniz de Magalhães. Ele estudou naquela primeira escola de Educação Física que era do exército e as aulas dele eram com piano, era o maestro Paiva que tocava. Quando começavam as aulas de ginástica, já tava todo mundo em pé no corredor olhando para o mapa, esperando o professor Osvaldo Diniz falar “Hoje nós vamos fazer ginástica com o mapa um”, que eram dois mapas, um ou dois, e aí o professor maestro Paiva dava a primeira nota dele, “Apostos pelo Brasil”.

A ginástica orientada pelo rádio, num momento de encantamento com este meio de comunicação, ampliou o número de conhecedores desta prática, assim como o espectro de seus adeptos⁸⁶.

Segundo Diniz, sua escola radiofônica começou a virar idéia antes de suas provas finais, no último trimestre de 1927, em Montevideu. Segundo ele, dias antes, examinando dados estatísticos e culturais do Brasil, observou três melancólicas revelações: o baixo nível de saúde da população, a pouca aplicação das atividades físicas e os precários recursos técnico-pedagógicos da difusão educativa em todo território nacional. Diante disso, esclarece em entrevista ao Prof. Sérgio Carvalho publicada em seu livro, escolheu um meio de comunicação, o mais poderoso da época, o rádio, pelo seu poder de ubiquidade, estar em toda parte ao mesmo tempo, vencendo imensas distâncias. Seu objetivo estava traçado: fazer de cada lar um ginásio e de cada família uma turma de rádio-ginastas, beneficiando milhares de alunos diariamente, em suas próprias residências. Escolhemos a ginástica, base fundamental da Educação Física, que seria facilmente praticada pelo rádio, diante de mapas de exercícios selecionados, essenciais. (www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3499)

Já o papel da televisão, segundo o entrevistado Geraldo Massucato, foi de maior impacto para a prática da ginástica em casa. As pessoas podiam acompanhar as aulas pela televisão, sem fazer parte de um grupo, ou de possuírem outros materiais de orientação (como o caso dos mapas). “Era ligar a televisão e acompanhar os movimentos”. O autor comenta que em meados de

⁸⁶ Ainda segundo a matéria da revista do CONFEF (www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3499):

O programa de Oswaldo Diniz atingiu tamanha popularidade que seus entusiastas decidiram criar a Associação dos Rádio-Ginastas (ARG), que tinha entre seus objetivos congregar todos aqueles que, sentindo-se beneficiados com a prática dos exercícios da Hora da Ginástica do Professor Oswaldo Diniz Magalhães, deseja sem cooperar para sua expansão levando outras pessoas a praticá-los e fruir também idênticos benefícios. Os membros faziam reuniões periódicas, estudando e executando as diversas maneiras de alcançar essa finalidade, desde a propaganda direta à difusão pelo rádio, imprensa e outros meios de divulgação. Entre outras diversas atividades, a ARG desenvolvia atividades filantrópicas, promovia excursões e passeios para maior contato com a natureza e confraternizações.

Segundo a pesquisa acadêmica “Estátuas e Bustos Históricos na Cidade de Rio de Janeiro” e o acervo escultórico do Rio de Janeiro (www.brasilcult.pro.br/rio_antigo2/esculturas/esculturas12.htm) o professor Oswaldo Diniz Magalhães foi homenageado por seus 25 anos de programa, com uma estátua na Praça Seans Pena, no bairro da Tijuca.

1974, 1975, gravou o primeiro programa de ginástica veiculado pela TV, denominado “Ginástica pela TV”:

Eu não gosto de falar de mim mesmo, eu acho que é ruim, mas o professor doutor Mario Nunes de Sousa, veio e falou: “Massucato, a TV Educativa, canal 2, mandou eu procurar uma pessoa e já discutimos, já vimos que é você que vai ser indicado pela USP para dar as aulas de ginástica pela primeira vez em TV”. O Pedro (Winterstein) trabalhou comigo. A aula, veja bem, a maior preocupação era dar exercícios que todos pudessem fazer... Antes eu “jogava” uma mensagem, em toda primeira aula eu abria com uma mensagem: “faça atividade física, você vai melhorar o seu coração, que é um músculo, e ele vai bombear e pá, pá, pá...” Em todas as aulas havia uma orientação e eu fiz uma série de duzentos e quarenta tapes, preto e branco. Terminado isso começou a entrar a TV colorida, aí eles me chamaram para fazer mais uma série. Aí eu fui, convidei o Pedro, convidei minha mulher, convidei uma professora daqui. Eram duas mulheres e dois homens que faziam juntos e no anterior eram pessoas de terceira idade. Na primeira vez porque ia despertar porque aquilo que eu estava dando era o arroz e o feijão e que dava para todos fazer.

O programa praticado por pessoas de diferentes faixas etárias e gêneros, e visava estimular este perfil em seu público, por meio de uma exercitação simples e possível a todos. Embora o objetivo fosse que as pessoas praticassem a ginástica em casa, muitas outras acompanhavam estas aulas em locais distintos.

Massucato comenta um destes casos:

Vou te contar uma coisa, é de arrepiar... eu me arrepio... Depois que começaram (as exposições das aulas)... eu pedi para enviar as correspondências para o canal 2... e teve uma carta que eles não me deram, uma não, diversas, e quando estava próximo do final dessa primeira série (preta e branca), o diretor me chamou e falou: “professor, o senhor vai fazer essa última série, e vai fechar com essa pessoa aqui. Leia essa carta...”. Ela dizia que ela era uma freira, dona Maria Pinheiro, de Jundiá, que estava entravada na cama e que ela entravada na cama começou a assistir essas aulas de ginástica e depois começou a movimentar um pouquinho os braços, achou que o movimento estava melhorando, depois foi para a perna, aí começou a pedir para uma pessoa ajudar, uma pessoa puxava para fazer um abdominal, e coisa e tal. Essa mulher passou a andar e eu fui e fiz o último tape com ela... Era de chorar, então eu dizia: não é o professor Massucato, é o movimento, é acreditar.

A partir deste depoimento, que emocionou o entrevistado e a pesquisadora, pode-se ter uma noção da abrangência do programa, aos mais diferentes públicos e locais. Abrangência que também pode ser sentida na década de 80, com as aulas de ginástica de Ala Szerman, no programa *TV Mulher*, veiculado pela Rede Globo. Segundo a entrevistada Maria Cristina Penteado o rádio contribui, assim como a televisão, para a disseminação e a prática da ginástica, salvo suas devidas proporções, em suas respectivas épocas. Ela ainda lembra que as pessoas membro da rádio ginasta, e outros que quisessem acompanhar, reuniam-se em algumas praias da cidade do Rio de Janeiro, onde havia a transmissão do programa em auto-falantes, para fazer ginástica pela manhã.

Ainda na perspectiva da prática da ginástica domiciliar, mas já num contexto de uma cidade industrializada que via crescer vertiginosamente seu número de prédios, outra possibilidade de exercitação foi estimulada. Em 1978, a Secretaria Municipal de Esportes da cidade de São Paulo e a Associação de Professores de Educação Física (APEF) lançam a campanha: “Um ginásio em cada prédio”.



Fonte: Revista da APEF – Educação Física, no. 14, nov. 1978 (sem página)

Esta campanha foi lembrada por Geraldo Massucato, então presidente da APEF e por Mauro Guiselini, que na época trabalhava na Secretaria de Esportes. Segundo este último, o secretário Caio Pompeu de Toledo era uma pessoa fenomenal, muito aberta a novas propostas e cercava-se de professores de Educação Física (motivo que o fez contatar o prof. Mauro Guiselini, na USP). Guiselini ainda comenta que:

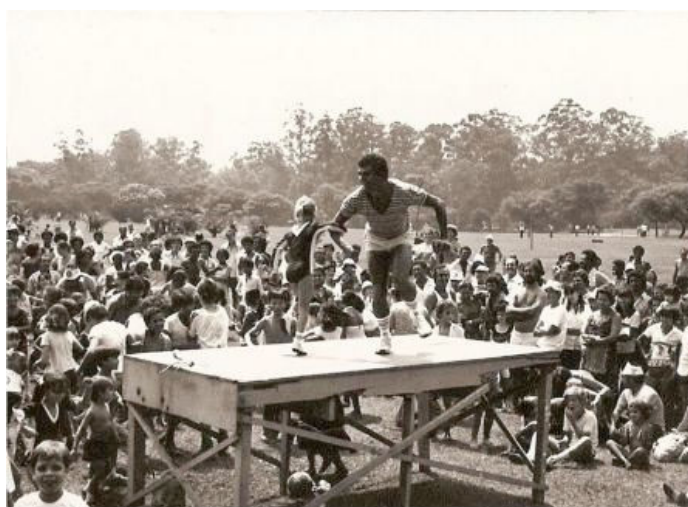
Fui consultor da Secretaria e dez anos assessor do Secretário... muitos passeios (foram organizados), passeio a pé, passeio e nado, passeio ciclístico, exemplos de massa: (programa) “domingo feliz”. Nós lançamos um programa que se chamava “ginástica com música no parque”... Aí nós lançamos a “matroginástica”, ginástica que era uma forma de estimular as pessoas a se exercitarem... Nós fizemos uma aula aberta, depois esse programa rodava nos parques para estimular. Era tudo movimento de ginástica, de atividade física de ginástica ou então ginástica com música no parque, destaque na folha de São Paulo: duas mil pessoas fazendo ginástica na praça da Paz.

Merece destaque neste depoimento a conceituação acerca da ginástica e da atividade física, questão já apontada no capítulo 2, e que é reforçada por este entrevistado. Também destaca-se os programas públicos de incentivo à prática

da ginástica, como a matroginástica e a ginástica com música. Estas iniciativas, dentre outras, desenvolvidas pelo prof. Mauro Guiselini, juntamente com o poder público em prol da ginástica, foram registradas e disponibilizadas em seu blog: www.mauroguiselini.com.br/fotos-históricas.



18 de setembro de 1977 - Parque do Ibirapuera, estacionamento do Gabinete do Prefeito, a convite da SEME - Secretaria Municipal de Esportes, ministrei a 1a. sessão de Matroginástica em praça pública, conduzida por um professor de educação física brasileiro. Esta atividade se constituiu em marco histórico na prática da atividade física como alternativa de lazer. Durante 10 anos ministrei aulas em praças, parques e ruas de lazer da cidade de São Paulo.



1978... Sucesso Total! a Matroginástica passa a fazer parte do Programa de Lazer da Secretaria Municipal de Esportes da Cidade de São Paulo



1979... Matroginástica no Programa Domingo Feliz, organizado pela SEME, nos bairros da cidade de São Paulo.

Além destas iniciativas públicas que massificavam a prática da ginástica, sua prática também se desenvolvia em âmbitos privados. Segundo 80% dos entrevistados da pesquisa, a prática da ginástica na década de 70 era bem desenvolvida em clubes e associações, nas cidades de São Paulo e Campinas. O entrevistado Mauro Guiselini comenta que havia grande número de praticantes no Círculo Militar (onde lecionava), Esporte Clube Pinheiros (cujo professor era Antonio Boaventura da Silva, também professor da USP) e na ACM (cujo professor era o sr. Altair). Segundo ele, em 1975, 1976, foi realizado o I Encontro Voluntário de Ginástica, que reunia os praticantes destes clubes (e de outros interessados) para a prática da ginástica. Um fato histórico, que segundo ele, poucos conhecem e divulgam.

Nós reuníamos os três grupos, por exemplo, no Círculo Militar, no Pinheiros, então o professor Boa Ventura dava vinte minutos de aula, mostrava a aula dele; o Altair ; e eu, depois nós fazíamos uma grande festa. Então surgiu o que existe hoje na ginástica geral, isso é velho né, então nós fizemos o primeiro encontro de ginástica voluntária. Ginástica voluntária porque as pessoas iam voluntariamente... Nós ficamos durante quatro, cinco anos, fazendo estes encontros. Nós

fazíamos uma vez por ano esse encontro, duas vezes por ano, então a gente rodava, ia no clube, chegava gente e tava lá, quatrocentos, seiscentos praticantes de ginástica, numa época em que falar de ginástica era uma coisa muito diferente de hoje.

Segundo Elizabeth Paoliello, o que era desenvolvido nos clubes, de ginástica feminina ou ginástica estética, na década de 70, era muito próximo do que era desenvolvido nas academias.

No Regatas que eu tinha várias turmas, e fiz isso por muitos anos, sei lá uns cinco anos talvez, e essas turmas eram de mulheres adultas. Elas deviam ter entre vinte e trinta em cada turma, talvez umas três turmas, as aulas eram durante as semanas durante uma hora, uma hora e meia e agente trabalhava ginástica e estética com alguns aparelhos manuais que tinham bola, massa, e essas coisas mas não tinha equipamentos como tem hoje em musculação não existia isso.

Mas já na década de 80 parece que esta aproximação entre a prática da ginástica no clube e na academia já não era real, ou seja, nem sempre o clube acompanhava com a mesma velocidade os avanços da ginástica, em especial da ginástica aeróbica. E esse foi um dos motivos da evasão dos praticantes de ginástica dos clubes, em especial das mulheres, para as academias.

Olha eu trabalhava no Paulistano e tinha ginástica calistênica.... com música ao vivo e piano, eu lembro que tinha o pianista que tocava, estava começando alguma coisa de alongamento, alguma coisa de ginástica com música para sair o nome calistênica isso exatamente em 86, 87 foi o período que eu trabalhava no clube Atlético Paulistano então no clube não se falava ginástica aeróbica, não tinha a ginástica calistênica com pianista, que ficava tocando o pianinho, ginástica para senhoras...

Então o que a gente percebe é que as academias esvaziaram os clubes... um dos motivos que a gente fala da decadência dos clubes sociais, foi justamente o aparecimento das academias fora dos clubes. Os clubes eram mais tradicionais, não tinham esse tipo de atividade e aí começou academia lá fora e o pessoal pagava clube e academia. Aí parava de pagar o clube. Na época o clube tinha cota, lua, jóia; já na academia era mais fácil, quando fazia, pagava, não fazia, não pagava, e começou a esvaziar. (Georgios Hatzidakis)

A partir deste depoimento deflagra-se dois motivos determinantes para a adesão à academia. Um deles refere-se à atualização de conteúdos, de novidades que a academia oferecia, que estimulavam cidadãos à prática da atividade física, repletos de novos anseios, num momento pós ditadura, de liberdade de expressão e movimento, de influência norte americana, e de globalização da informação (conforme mencionado em capítulos anteriores). O clube simbolizava a tradição e a academia, a vanguarda. Outro motivo que chama a atenção é a questão financeira, visto que nos clubes havia um gasto maior que na academia. E atrelado à esta questão, a vinculação ou desvinculação da academia além de ser mais barata, era mais fácil burocraticamente de se executar do que nos clubes.

Gradativamente estabelece-se socialmente espaços especializados para a prática da ginástica: as academias de ginástica. Já em desenvolvimento nas décadas de 60 e 70, segundo alguns autores (NOVAES, 1991; SILVEIRA NETO E NOVAES, 1996) e entrevistados da pesquisa⁸⁷, as academias de ginástica fortalecem e legitimam-se como “o lugar” para a prática da ginástica.

Segundo Capinussú (2005), academia de ginástica é uma expressão corrente no Brasil e pode ser entendida na atualidade como entidade de condicionamento físico, iniciação e prática esportiva, de cunho privado. Já a conotação para o termo academia “tem sido usado apostro a empreendimentos de ensino da ginástica, balé, danças... e atividades físicas de um modo geral...” (op.cit, p.174). Para o entrevistado Gilberto Bertevello, o uso do termo academia, para designar os espaços de prática da ginástica, pode ter sido

⁸⁷ Aproximadamente 80% dos entrevistados mencionam o desenvolvimento das academias de ginástica na década de 70.

recuperado de seu uso grego⁸⁸, ou pode ter sido uma influência do militarismo no Brasil, onde nas academias (das forças armadas, da marinha etc) praticava-se intensamente a ginástica (por influência dos métodos europeus de ginástica).

O entrevistado Newton Roldan relata que sua academia já passou por diferentes denominações nestes mais de 50 anos de história, como: clube, ginásio, academia, dentre outros. Capinussú (op.cit.) vai ao encontro desta factuality ao comentar que as academias passaram por distintas denominações ao longo dos anos no Brasil. E com base nisso, estrutura de maneira descritiva e por meio de um mapa, os registros sobre a origem destes estabelecimentos no país (lembrando que eles abrangem espaços para a prática de diferentes manifestações, e não só a ginástica). Destes registros, nota-se o registro de um Clube de Ginástica existente desde 1890, na cidade de São Paulo, específico para a prática da ginástica. Segundo Fiorin (2002), já havia anterior a esta data o Club Concórdia, na cidade de Campinas, que fundado em 1871 já tinha a prática da ginástica. A autora ainda traz o registro de duas associações específicas da prática da Ginástica na referida cidade: Eintracht (por volta de 1900) e o Turner Gruppe Campinas (1904).

Segundo Bertevello (2005), baseado na obra de Da Costa (1971, p.155-157), somente foi em 1971 que houve o primeiro levantamento das academias existentes no país pelo Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil. A partir destes dados, nota-se o quanto há por ser feito sobre a história das academias no Brasil. Também por isso, dentre outros motivos, que não se tem

⁸⁸ Segundo Capinussú (2005), em 378 a.C. Platão fundou a sua academia, assim denominada em homenagem ao herói ateniense Academos. Ainda segundo o autor, nesta academia o filósofo praticava a ginástica, e atividades lúdicas em meio às transações filosóficas.

um dado preciso de quais foram as primeiras academias especializadas em ginástica do país, e em especial das grandes cidades.

Embora não haja um registro que aponte o pioneirismo da Academia Roldan, ela é considerada como uma das mais antigas e de maior influência nas décadas de 50, 60 e 70, lembrada por 40% dos entrevistados da pesquisa (considerando-se que 3 deles não são da cidade de São Paulo). Para Newton Rodan, seu pai, Aparecido Roldan, fundou em 1966 o primeiro clube de musculação da cidade, focado no fisioculturismo, no Edifício Zico, que faz esquina entre as avenidas São João e Ipiranga (embora já tivesse aberto outra academia com pesos e lutas em outro local, antecedente a esta data).



Fonte: Acervo pessoal de Newton Roldan (1986/1987)

As academias específicas de ginástica, e com esta denominação, já eram bem sucedidas na década de 70, como ilustra o depoimento de Vilma Nista-Piccolo: “Em 71 que eu conheci a academia da Vera, já em 71! E sabia dela

porque muita gente frequentava... ela tinha horário lotado de segunda a segunda, porque todo mundo queria fazer ginástica lá. Só que a ginástica era ginástica localizada.” E foi nesta década também que se academias menores se desenvolveram, dado que este mercado parecia promissor para os recém formados e para aqueles que já tinham academias de outras modalidades (como a natação, que também era uma prática muito desenvolvida na época). Todos os entrevistados foram uníssonos em afirmar que a década de 70 e o início de 80 foram períodos de abertura destas academias de menor porte, e concederam vários exemplos. Alguns deles vivenciaram este processo, criando suas próprias academias:

Aparecida Conti – teve um studio de ginástica feminina, uma sala para trabalhos com pequenos grupos.

Cynthia Tibeau – em setembro de 1979 inaugurou a academia Corporis, no bairro de Vila Mariana – São Paulo, com aulas de ginástica para homens e mulheres;

Elizabeth Paoliello –foi proprietária da academia em meados de 76 e 77, no bairro Cambuí em Campinas, oferecendo ginástica (lecionado pelas mulheres) e lutas (lecionado pelos homens);

Maria Cristina de Camargo Penteado – em março de 1976 inaugurou a academia em Barão Geraldo – Campinas, com ginástica para homens e mulheres, e lutas. Depois a academia passou a chamar Born Chris Sports e depois somente Chris Sports. A academia existe até hoje e está sob o gerenciamento da entrevistada, e seus dois filhos, Rafael e Felipe, também educadores físicos;

Maria Luiza de Jesus Miranda – em 1980 abriu a Academia Corpo Livre, no bairro Campo Belo – São Paulo, com oferta de ginástica (para homens e

mulheres, com destaque para gestantes), dança e sapateado. A academia mudou-se para o bairro de Moema, e encerrou seus trabalhos em 1988.

Vilma Lení Nista-Piccolo – em 1974, abriu uma academia numa casa, chamada Gimina. E em 1979 comprou a academia Athletic Center, que já era mais consolidada em Campinas, chegando a ter musculação, jazz e ginástica feminina;

Vlademir Fernandes – em fevereiro de 1981 fundou sua primeira academia no bairro de São Mateus - SP, chamada Castelinho, com natação e ginástica feminina. A academia existe até hoje, mas não é mais de propriedade dele.

Segundo depoimento dos entrevistados (Aparecida Conti, Vlademir Fernandes, Gilberto Bertevello, Vilma Nista-Piccolo) era muito comum que academias com práticas, como dança, ballet, natação, agregassem a ginástica, seja por insistentes pedidos das mães das crianças, seja por perceber-se uma demanda de mercado que viria a trazer mais recursos para a manutenção da academia.

Segundo 70% dos entrevistados, as academias concebidas especialmente para a prática da ginástica, na década de 70 e início de 80, eram em grande parte fundadas em espaços conjugados à moradia do proprietário (edículas, galpões, garagens, salas de estar etc), em casas convencionais, ou em salas de prédios comerciais.

Ao mesmo tempo que houve um crescimento das academias de menor porte, este período também foi marcado pelo início das academias maiores, específicas para a prática da ginástica. Segundo a entrevistada Vilma Nista-Piccolo, na década de 70 já havia duas grandes academias na cidade de Campinas, sendo uma delas a Athletic Center. E em São Paulo, a primeira grande

academia de ginástica foi a Ginastic Center, organizada e tocada pela Ala Szerman⁸⁹, com grandes salas para as práticas de musculação, ginástica e dança (Maria Luiza Miranda).

Ela (Ala Szerman) começou na Teodoro Sampaio, no primeiro andar de um prédio. Depois ela abriu acho que na Guararape, no Jardim Paulista, e depois ela abriu na rua Bahia, que foi onde eu trabalhei. Depois abriu uma parte da Americana. (Maria Luiza Miranda)

Com um nome internacional, Ala Szerman, que não era brasileira, trazia uma concepção de uma academia de ginástica de grande porte, moderno e arrojado, para a alta sociedade paulista. Maria Luiza Miranda ainda comenta que o êxito da academia naquela época deu-se em grande parte devido ao perfil de Ala Szerman, que era muito criativo, empreendedor e exigente com seus profissionais. Ela inclusive utilizava-se muito do rádio para fazer suas propagandas (Gilberto Bertevello).

Vale ressaltar, que numa época de crescimento das academias de ginástica, Ala Szerman trouxe para a cidade, em uma de suas instalações, uma concepção de centro de estética, pois segundo esta mesma entrevistada, o espaço do Ginastic Center além das salas de ginástica e dança, contemplava em outros andares cabeleireiros e salas de massagem⁹⁰. Para Gilberto Bertevello, esta academia tinha seu foco muito mais voltado estética corporal do que ao condicionamento físico, ou seja, condicionar o corpo era uma das estratégias

⁸⁹ Foram estabelecidos inúmeros contatos via fone e email, com a secretária e com o marido de Ala Szerman, e infelizmente a professora não pode conceder a entrevista por estar com uma agenda cheia de compromissos.

⁹⁰ Segundo esta entrevistada, era uma dificuldade explicar para as alunas porque as medidas corporais tiradas nas aulas de ginástica não “batiam” com as medidas tiradas em outros andares, após práticas estéticas ou massoterápicas.

para a mudança estética. Apesar disso, a academia tinha um grande número de frequentadores, que participavam somente das aulas de ginástica e musculação.

Seguindo este crescimento da ginástica e de um novo conceito empresarial de academia concepção das academias é que surgem na década de 80 as maiores academias de ginástica do país. Para Georgios Hatzidakis, foram estas academias, com destaque para a Companhia Atlética, Fórmula, Runner e Competition, que marcaram e impulsionaram o boom das academias em São Paulo. Gilberto Bertevello ainda lembra da academia Physis, e ressalta que somente algumas destas academias faziam suas campanhas em outdoors, devido seu alto custo, evidenciando que somente academias de grande porte e com elevado número de alunos poderiam desprender recursos com este tipo de mídia/marketing.

Em 83, quando a Runner foi fundada, o dono da Runner (Mário) tinha sido meu aluno de basquetebol... aí o Mário me ligou né, eu estava lá na universidade: “oi professor, tudo bem? eu preciso da sua ajuda... olha eu tô começando um negócio novo, tenho uma academia de ginástica”.... aí eu falei: “Olha Mário, eu vou para os Estados Unidos, eu vou ficar um mês e pouco fora. Quando eu voltar, eu te ajudo.”... quando eu voltei para o Brasil eu fui procurar o Mário, e falei: “Mário, tenho uns caminhos para tua academia. Eu topo dar o treinamento e tal.” E eu fui lá, e dei uma aula. Os alunos adoraram! Falei: “Mario, essa academia é negócio de doido!” Aí eu comecei a ajudá-lo e chamei o Valdir Barbante. (Mauro Guiselini)

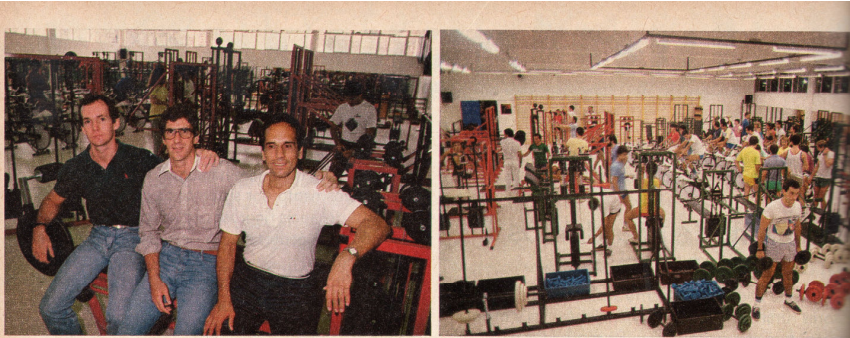
A entrevistada Aparecida Conti, trabalhou na academia Runner, de 1987 a 1991, lecionando principalmente a ginástica aeróbica. Ela retrata como era a estruturação da academia:

A Runner, em 88 abriu a unidade JK, ali na Jucelino... eu me lembro que tinha a recepção, uma lojinha de vidro, e você passava por catracas... tinha uma sala toda de vidro chamada ‘sala 1’ e eu dava aula para 120 pessoas ali. (ela) devia ter uns 400m2... tinha um corredor, um vestiário feminino, um vestiário masculino, tinha salas menores de ginástica. Tinha a musculação, era deste tamanho (pequena)... Hoje essa proporção se inverteu, e esse fato é lamentável.

A Runner foi considerada como uma academia de vanguarda, com foco na ginástica (incluindo-se a musculação), baseando-se num novo modelo cuja estrutura física e propostas, foram importadas de modelos americanos e adaptadas para a realidade brasileira.

Se você estudar um bocadinho a história grega, você vai pegar registros da atividade física dentro do ginásio, que rapidinho passou para atividade física ginástica, e foi sendo identificada até chegar no grande vilão do mundo: o americano.... esses americanos mudam tudo e o modelo de academia que se tem no Brasil é norte americana. E já invadiu a Europa, já invadiu muitos cantos. Não existe modelo brasileiro, o que existe é uma adaptação.... quando eu fiz MBA (1994) lá nos Estados Unidos... para estudar administração esportiva... eu pude perceber que o modelo de academia que nós importamos é totalmente adaptado da deles.(Gilberto Bertevello)

A revista *Veja* traz este novo conceito de academia de ginástica, de grande porte, com um modelo empresarial a partir da matéria: Os lucros do suor – As academias de ginástica transformam-se em empresas e disputam um mercado florescente (VEJA, 1985, n.862, p.100). A matéria ressalta o processo de concepção e constituição da então maior academia do país: a Companhia Atlética.



Bilton, Schulze e D'Elia: investimento de 1 milhão de dólares para erguer a maior academia do país

GINÁSTICA

Os lucros do suor

As academias de ginástica transformaram-se em empresas e disputam um mercado florescente

polim para outros negócios, como confeitarias, lojas e produtos de beleza. Schulze e seus sócios entram nessa par... da com bons trunfos. O técnico de boxe, por exemplo, é Miguel de Oliveira, um veterano de disputas pelo título mundial de pesos médios. O instrutor de judô é João Gonçalves, que cuida da seleção brasileira. A preços que variam entre 82 000 e 122 000 cruzeiros mensais, a academia oferecerá um leque de dezoito modalidades.

O destaque da imagem está nos grandes empreendedores, e investidores (já que a matéria salienta a quantia de 1 milhão de dólares), e está focado um dos grandes locais de investimento destes recursos: a aparelhagem para a sala de musculação. Conforme já mencionado por alguns entrevistados, a parte das academias, designada à prática de ginástica em grupo e/ou com música, era a mais barata de se custear na época, uma vez que não utilizava muitos materiais nas aulas e as salas comportavam grande quantidade de pessoas, com um único professor. Num momento histórico que havia maior quantidade de academias de pequeno porte, com poucos materiais e pouco espaço, mostrar grandes salas com muitos aparelhos à disposição do cliente, sem dúvida, mostrou-se como um atrativo.

**A maior academia de esportes do país
começou suas atividades
em ótima companhia.**

A Companhia Athletica é a única que oferece 18 modalidades esportivas. Todas elas praticadas sob a orientação de professores campeões, em 5.000 m² de muito conforto e beleza. Mas a grandeza da Companhia Athletica começa mesmo é na qualidade que foi exigida em cada item do projeto. Por exemplo, os aparelhos de ginástica e musculação - os primeiros no país com R.L.P. (Resistência Linear Progressiva) - são da **Righetto**. Os pisos flutuantes de madeira das salas de karatê, jazz e ballet foram feitos pela **Recoma**, dentro de especificações técnicas internacionais. E a **Dimep** instalou, em todas as salas, 11 relógios a quartzo com sistema de hora unificada, além do terminal Micropoint de computador na recepção. Como você vê, a Companhia Athletica iniciou ao lado de algumas das empresas mais conceituadas do mercado. Bom começo, não?

Ginástica Aeróbica, Musculação, Escola de Tiro, Ginástica Redutora, Dinâmica e Olímpica, Atletismo, Basquete, Vôlei, Pólo, Corrida, Judo, Karatê, Tênis, Jazz, Ballet Clássico, Treinamento de Corrida, Natação e Pólo Aquático

COMPANHIA ATHLETICA

A nova dimensão do esporte

R. Kansas, 1582 (próximo à Marginal Pinheiros com Av. Bandeirantes) - Fones: 533.1973 / 241.1049

Righetto **recoma** **DIMEP**

NOSSA FORÇA É A PESQUISA

Fonte: *Veja* SP, 1985, n. 863, p.9

A propaganda, de uma página inteira na revista *Veja*, traz algumas imagens das 18 práticas oferecidas pela academia, e em seu texto enaltece-se seu diferencial, que não está só nesta diversidade de propostas, mas também no tamanho (5.000m²) e beleza, e na qualidade de seus profissionais e dos materiais que a constituem (marcas Righetto, Recoma e Dimep).

Um dos proprietários da considerada então maior academia do país é Ricardo D'Elia, um profissional que muito colaborou para o desenvolvimento das academias de grande porte na cidade de São Paulo (contato não bem sucedido).

O Ricardo fundou, se eu não me engano, a Maraton, depois ele participou da Runner, não tenho certeza, mas ele construiu Companhia Atlética. Depois ele saiu e construiu a Fórmula, depois ele saiu e construiu a Physis... quer dizer, um investidor. A filha dele, que era proprietária da academia na época, tinha os equipamentos de avaliação cardíaca muito melhor que o Encor... Por fim ele comprou uma academia para ele, pequena, com setecentos e poucos clientes, acho que o número era esse... mas ele tem uma capacidade tão grande administrativa, que ele transformou aquilo, ele dobrou a capacidade em pouquíssimo tempo, acho que ninguém entende mais de academia do que ele. (Gilberto Bertevello)

Outro profissional que trabalhou na Companhia Atlética e ajudou seu desenvolvimento, foi Mauro Guiselini, que a partir de 1989, depois de ter saído da Runner, organizou o FIC - Centro de Formação de Instrutores, abertos à comunidade, com apoio de patrocinadores, dentre eles a Coca-Cola (Mauro Guiselini).

Além desta academia, outra também se destacou, e teve presença marcada na revista *Veja* (com suas propagandas): a Competition⁹¹. (nota de rodapé contato não sucedido). A propaganda de página inteira evidencia o diferencial da academia em relação à Companhia Atlética: é a mais arrojada do

⁹¹ Foi tentado o contato com os proprietários da academia, sem sucesso.

país. Para isso, ela promove para toda a família uma vida melhor, ofertando atividades e modalidades para todas as idades, e acompanhamento médico. Horários mais flexíveis, e uma infra-estrutura de estacionamento e lanchonetes, que oferece maior comodidade e conforto para todos, numa localização a 5 minutos do Centro e da av. Paulista. Um destaque é feito para as novas turmas de aeróbica, prática crescente e que a muitos motivava.

Segundo outra propaganda (menor) a Competition possuía em sua primeira unidade 1.700m² de área construída, para a prática de esportes, embora tenham sido descritas atividades como ginástica, musculação, ballet, jazz, aeróbica, condicionamento, que não se constituem como modalidades esportivas. Trazendo informações mais compactas, ela possui um enunciado bem diferenciado: ENTRE EM FORMA.



Fontes: *Veja SP*, 1985, n.865, p.46; *Veja SP*, 1985, n. 862, p.21

O “entrar em forma”, apelo da academia Competition para diferentes perfis de público, será preconizado também na matéria da revista *Veja*, ao abordar a ida das gestantes para estes espaços, na sessão Comportamento: “EM BOA FORMA – As gestantes entram em Ação nas academias”:



Fonte: *Veja*, 1984, n.830, p.34 e 35

Foi-se o tempo em que as mulheres grávidas eram aconselhadas a preencher as horas de espera numa cadeira de balanço, tricotando o enxoval do bebê. Elas são convidadas agora a entrar em Ação numa multidão de academias que surgiram no país com a finalidade de colocar as gestantes em malhas coloridas e ensiná-las a contrair e relaxar os músculos do corpo inteiro. (ibidem)

A matéria ressalta a mudança de comportamento das gestantes ao serem orientadas e estimuladas, por médicos, educadores físicos e pela mídia, a praticar a ginástica, especialmente nas academias. Com a frase “ginástica até para os seios”, a revista deflagra até onde esta prática chegou ou atingiu o corpo feminino, ou seja, além de ter sido indicada para as gestantes (que até então deveriam ficar mais comedidas), ela envolve as várias partes do corpo, inclusive os seios, símbolo da maternidade (amamentação).

Embora maiores, mais sofisticadas e com maior oferta de atividades, para diferentes perfis de público, estes tipos de academia de grande porte, baseadas no modelo americano, nem sempre conquistavam os clientes de outras academias menores.

A Runner estava se expandindo. Abriu a Runner bem pertinho, a duas quadras da nossa academia, e nós pensamos assim: vamos perder todos os alunos. A surpresa foi que não saiu nenhum aluno para Runner. E outra surpresa foi que depois que a gente fechou a academia, dois anos depois, a gente encontrava aluno nosso, dizendo: “ai professora, sabe que eu ainda não encontrei ainda nenhuma escola (que eu me identificasse)...”. Foi um retorno interessante, bem legal. A gente já

entrou para fazer uma coisa bem diferente... eram aulas separadas por cada professor porque nenhuma orientação muito fixa (e sim adaptada para os alunos). Obviamente quem estava trabalhando ali ou compactuava do que a gente acreditava ou tinha sido aluno nosso. Então ia mais ou menos na mesma direção, e a gente fazia um a aula um do outro ... Sempre tive papel de educador o tempo inteiro... explicando você fez aquilo ou porque é importante fazer aquilo... (Maria Luiza Miranda)

Segundo os entrevistados Newton Roldan e Maria Cristina Penteado, que são proprietários de academias de médio porte com mais de 30 anos de existência, muitos clientes se mantêm fiéis ou optam por se inscrever nestes tipos de academias, porque preferem um atendimento personalizado, uma relação mais humanizada, menor rotatividade de professores, um ambiente onde conheça a maior parte dos frequentadores, dentre outros aspectos.

A questão da socialização nas academias, entre os alunos e destes com professores, dentro e fora de aula, foi um aspecto levantado por grande parte dos entrevistados, como um fator motivador da prática da ginástica. Segundo Aparecida Conti, este aspecto pode ser favorecido, em qualquer modelo de academia, por meio da ginástica em grupo, com música.

Eu me especializei nisso por que acho que é uma área completamente encantadora, a atividade física coletiva. Ela vem ao encontro com diferentes aspectos que a atividade física deve abordar e contemplar. Acho que aquela velha história de que a atividade física tem que estar relacionada aos âmbitos “bio-psico-socio-afetivo”, acho que é por aí. Por que quando você pega a musculação... Eu sempre gostei e conheço os benefícios, mas eu acho que outros aspectos de natureza emocional, de natureza psicológica, de natureza social... Não são contemplados da mesma maneira, por que são treinamentos individualizados. Acho que o fato de você estar trabalhando em grupo, com música, fica um negócio muito bacana, e eu me encanto com isso, acho muito fascinante.

A revista *Veja* irá abordar este aspecto socializador que pode ocorrer nas academias, numa pequena matéria, da sessão Gente:

Contos femininos – Quando era dona de uma academia de ginástica no Rio de Janeiro, a carioca Ângela Adnet Amaral, 45 anos, conviveu com centenas de mulheres e suas histórias pessoais. Agora, Ângela – mulher do deputado federal Amaral Neto, do PDS – resolveu contar em livro uma parte das histórias que ouviu. “A academia era uma espécie de confessionário”, diz ela. O livro, chamado “Mulher em Quatro Tempos”, reúne em contos as situações vividas por quatro mulheres de vida pessoal desregrada que vivem situações amorosas confusas. Os contos estão recheados de cenas eróticas. (VEJA, 1989, n. 49, p.97)

Ao longo da década de 80, até a atualidade, muitas academias menores não foram bem sucedidas, algumas delas chegando a fechar, principalmente devido uma ausência de cunho administrativo dos proprietários (Vlademir Fernandes, Georgios Hatzidakis, Gilberto Bertevello), que em grande parte era composta pelos próprios professores que lecionavam as aulas (Cynthia Tibeau, Elizabeth Paoliello, Vilma Nista-Piccolo).

Tudo que a gente aprende em administração, controladoria, contabilidade e TGA e de teoria de marketing, não tinha nada (nenhuma referência brasileira). Minto, tinha um livro que o MEC fez que era administração esportiva que falava um pouquinho de administração geral. Então, era o livro do Ministério Educação e Cultura, era uma das publicações que tinha eu lembro até hoje que falava de administração geral [...] de teoria de administração. Era voltado para academia. A única coisa que a gente tinha de administração do curso de Educação Física e não era dentro da matriz curricular não, era de fora mesmo. (Georgios Hatzidakis)

4.4. PRODUTOS PARA A BOA FORMA

Os produtos embelezadores do novo modelo de corpo que se constrói a partir da década de 80 foram anunciados no capítulo 3. Sua oferta, e portanto sua produção, cresceu de maneira vertiginosa, conforme aponta Castro (1997) ao longo das últimas décadas. As análises da revista Veja e os depoimentos dos entrevistados chamam a atenção para o aparecimento cada vez maior na década de 80 de produtos para a atividade física, e para a ginástica especialmente.

Entre estes produtos encontram-se cremes, suplementos, jogos, softwares, roupas, calçados, acessórios, vídeos e manuais com métodos de ginástica.

O avanço tecnológico, abordado no capítulo 2, possibilitará o desenvolvimento de produtos para serem consumidos no dia a dia, em casa e/ou na academia, aplicados direta ou indiretamente ao corpo. Assim como possibilitará produtos mais acessíveis, em maior quantidade e em menor preço, oriundos de processos industriais também mais sofisticados.

Um destes produtos será o tênis. Calçado concebido como próprio para a atividade física, ele evolui com investimento de recursos para a proteção dos pés, conforto e beleza (design). Segundo algumas entrevistadas (Elizabeth Paoliello, Gilberto Bertevello, Cynthia Tibeau), já na década de 70, quando se inicia no exterior uma explosão favorável à prática de esportes e atividade física, no Brasil este produto, nesta nova formatação, era raridade. E este status de raridade acaba por promover o produto como algo “chic”. Mas com a popularização do “Cooper” e posteriormente da ginástica aeróbica, com o boom das academias de ginástica, a comercialização deste produto intensifica-se.

A matéria da revista Veja, de duas folhas, informa o leitor acerca desta evolução e acaba por mostrar como este novo mercado de calçados cresce para servir todos os estilos de esportes e de pessoas. Segundo a matéria, o mercado brasileiro de tênis é dominado por duas grandes empresas: a Alpargatas, dona das marcas Rainha, Nike e Topper, e a Vulcabras que tem os tênis Adidas, Le Coq, Puma e Pony. Independente da marca, a matéria enfoca a importância dos laboratórios (portanto da ciência) na confecção de novos materiais e nos estudos biomecânicos para a evolução dos tênis.

VIDA MODERNA

Escudos para os pés

Com a ajuda dos laboratórios e materiais sintéticos, os novos tênis são mais leves e evitam contusões

A gravidade é uma lei de duas faces. Ela impede, é certo, o planeta de escapar da morna órbita solar que garante a vida, faz maçãs cair nas cabeças dos físicos para acordar lhes o raciocínio e mantém a Lua no céu como espetáculo constante. Mas é a gravidade também que, com o passar dos anos, acentua as rugas, encurva a espinha dorsal e provoca contusões precoces nas articulações dos joelhos e dos tornozelos dos atletas. Os produtores de cosméticos, sempre, e os fabricantes de calçados esportivos, nos últimos anos, vêm tentando de todas as maneiras revogar a lei da gravidade. Os esteticistas fracassaram, mas as fábricas de tênis podem comemorar. Desde que em 1974 o alemão Adi Dassler, fundador da Adidas, recheou a sola de borracha de um tênis com um novo produto sintético, uma espuma mais leve e acolchoada chamada EVA, as fábricas de material esportivo começaram uma corrida em busca do tênis perfeito — o calçado capaz de anular os efeitos adversos para as articulações das pancadas que os atletas dão no chão quando correm e que obrigam

seus pés a suportar de três a quatro vezes o peso do próprio corpo.

Por algo em torno de 800 cruzados novos, os brasileiros adeptos das caminhadas, das corridas e da prática de esportes podem ter acesso aos produtos dessa corrida tecnológica, que movimentou anualmente em todo o mundo 10 bilhões de dólares, pouco menos de 10% da dívida externa do país.

“Os novos tênis dão segurança ao atleta, evitam ou ajudam a tornar menos graves problemas musculares, de joelhos e de tendões”, diz o tenista Cassio Motta, que já foi o 90.º colocado no ranking mundial, contratado pela Rainha para participar do desenvolvimento do seu último lançamento de alta tecnologia, o Stability, um tênis lançado no mês passado no país e que vem com anilhas intercambiáveis para amortecimento de choques na sola. O mais notável é que esses novos tênis não pesam mais que 250 gramas cada um. O mercado brasileiro é dominado por duas grandes empresas, a Alpargatas, dona das marcas Rainha, Nike e Topper, e a Vulcabras, que tem os tênis Adidas, Le Coq, Puma e Pony. Por uma

questão de estratégia de vendas, cada marca busca seu nicho junto aos consumidores sem lançar mão do nome da empresa-mãe. A Rainha, por exemplo, concorre com a Nike com o mesmo ímpeto com que se bate contra a Adidas. Todas tentam impressionar aos consumidores alardeando uma nova tecnologia de amortecimento de choques.

BIOMECÂNICA — Nesse mercado, o que conta são os avanços e a luta das empresas e exibir-se na ponta-de-lança da tecnologia. O Stability da Rainha foi projetado com a ajuda da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ. No começo do ano, a Rainha soube que o Laboratório de Biomecânica da UFRJ estava com enormes dificuldades financeiras e ameaçava fechar suas portas. A empresa, então, procurou a direção da universidade e ofereceu repassar recursos suficientes para manter o departamento funcionando durante os próximos seis anos. “Foi a ajuda de que precisamos para continuar nossos estudos”, diz Mario Donato, doutor em biomecânica, chefe de uma equipe de seis pessoas. “Nosso compromisso também é o de ajudar a Rainha no desenvolvimento de seus novos tênis e dar apoio aos atletas patrocinados pela empresa.” O casamento é perfeito, pois a biomecânica é justamente a ciência que estuda os movimentos do homem e procura minorar os problemas das articulações dos atletas.

“Recebemos um protótipo da Rainha e construímos um aparelho especialmente para



Cassio Motta e o Stability: uma preocupação a menos com a segurança



Um tênis em teste no laboratório...

Fonte: *Veja*, 1989, no. 50, p. 136 e 137.

Alguns modelos serão lançados especificamente para a prática da ginástica aeróbica, moda na década de 80 e com forte adesão feminina, como evidencia a propaganda do tênis Pony, na revista *Veja*:



Agora ficou mais fácil dar seus pulinhos por aí. O specialist high é para rapazes que pegam firme no basquete. O lady victory é para moças que malham para valer na aeróbica. Em qualquer caso, é colocar nos pés e sair dando os pulos de alegria mais altos que você já viu. (VEJA, 1989, n.44, p. 134-135 – grifo nosso)

Conforme anunciado no capítulo 3, os produtos dietéticos estarão cada vez mais disponíveis no mercado, como um produto não só sinônimo de ausência de açúcar como de sofisticação, mas que irá ao encontro dos que buscam a boa forma. A propaganda do iogurte diet Batavo, em seu título já é clara: “O iogurte na sua melhor forma”. A melhor forma (fórmula) do produto para a melhor forma do corpo. Corpo este formado pela ginástica de academia, ou que se deseja obter por meio dela, como é possível concluir a partir da vestimenta que a mulher veste no anúncio.



Fonte: *Veja*, 1989, n. 36, p.78 e 79

O mesmo irá ocorrer na propaganda do leite SVELTY na revista *Veja*, onde há a imagem de uma mulher com trajes de ginástica, saboreando o copo de leite. Abre-se a linha de leites com menor teor de gordura (como apontado da propaganda do leite Mococa no capítulo 3), mas modificam-se os apelos. O leite Svelty faz uma relação mais direta com a ginástica aeróbica, não só no uso da vestimenta da protagonista como no caso da propaganda do iogurte, mas também de maneira textual.

De manhã faço aeróbica, à tarde pedalo dois copos de Svelty. – Svelty. O exercício do sabor.

Svelty é um leite tão leve que não vai pesar nem na sua consciência. Ele é semidesnatado; contém apenas a metade da gordura do leite integral. Além de gostoso, é nutritivo e foi enriquecido com vitaminas A e D. Experimente Svelty. Você vai levantar um copo hoje, pedalar outro amanhã e nunca mais vai parar. (VEJA, 1989, n. 3, p. 58 e 59)

O próprio movimento de tomar o leite é considerado como uma exercitação, “Svelty – o exercício do sabor”, e seu hábito comparado à exercitação da sala de musculação, onde se “levanta pesos e se pedala”.

Outros produtos irão ser criados para a obtenção da boa forma e para a prática da Ginástica, como as vestimentas com base na *lycra*. Segundo as entrevistadas da pesquisa, as alunas praticantes de ginástica de academia na década de 70 usavam preferencialmente meias-calça de fios de seda e *collants* de elanca⁹².

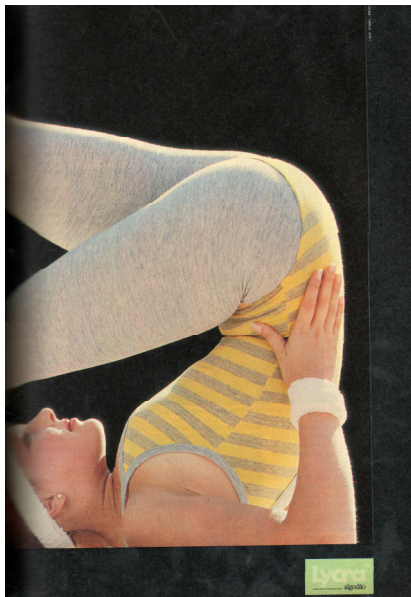
Já na década de 80 tem-se o lançamento da *lycra*, pela *Du Pont*, uma tecnologia aplicada a várias vestimentas como calcinhas, sutiãs, cuecas, calças jeans e roupas de ginástica⁹³. A marca tradicional de meia-calças TRI-FIL cria com pioneirismo um modelo específico para a prática da dança e da ginástica, combinando a lycra com a helanca:

A meia de ginástica Tri-fil é a primeira meia do Brasil feita com helanca e “Lycra” por inteiro. Por isso ela é mais bonita, tem um brilho exclusivo e ajusta-se ao seu corpo naturalmente. E nunca forma bolinhas nem muda de cor. Mexa-se. **E brilhe na ginástica** ou no ballet com uma das nossas 11 lindas cores. (VEJA, 1985, n.890, p.101 – grifo nosso)

⁹² Inserir depoimento da Beth. Era difícil encontrar vestimentas apropriadas para a prática, geral metne estas estavam associadas à prática da dança (jazz e/ou ballet)

⁹³ Exemplos de propagandas com o uso da lycra na revista Veja: cuecas lycra man (abordada no capítulo 2); vários modelos de calças jeans oferecida pela Mesbla (1984); calças jeans com lycra da USTOP (1985); calcinhas e sutians da valisére com lycra algodão (1984); calcinha com lycra – Du Pont (1985); dentre outras.

Já a propaganda da Du Pont (agosto de 1984) mostra o lançamento da lycra algodão gym, que como o próprio nome anuncia (de maneira combinada à imagem), é um material que combina a lycra e o algodão, para a prática da ginástica.



Fontes: *Veja*, 1984, n.832, p.120; *Veja*, 1985, n. 890, p.101

Outro produto que é lançado na década de 80, pela Jonhson e Johnson, é o absorvente íntimo interno o.b.*. Com o objetivo de permitir maior conforto, segurança e maleabilidade do corpo nos dias em que a mulher está menstruando, o absorvente lança alguns apelos de consumo, dentre eles ser adequado à exercitação da mulher quando está “nesses dias”: “Você precisa deste movimento para **manter a forma**. Você precisa de o.b.* para fazer este movimento.” (VEJA, 1984, n. 830, p.67 – grifo nosso). E o texto e a imagem da propaganda explicam porque a mulher deve aderir a este novo produto, que de certa maneira “invade” a intimidade da mulher:

 Você precisa deste movimento para manter a forma. Você precisa de o.b.* para fazer este movimento. Está certo você quer cuidar do seu visual com o mesmo carinho com que cuida da sua mente. Suas formas são o reflexo da atenção que você dedica ao seu corpo. Existem certas ocasiões em que esses movimentos só são possíveis quando você está usando o.b.* Porque o.b.* é o único absorvente que é interno, e portanto o único que acompanha você em todos os seus exercícios, permanecendo firme no lugar. O.b.* enfrenta com a mesma disposição uma aula de ginástica, uma quadra de tênis, uma piscina. Ninguém vê que você está usando, nem você mesma sente. Qualquer movimento feminino fica mais livre quando você usa o.b.* Se você ainda não experimentou, veja se consegue fazer este exercício com o absorvente com que você estava no mês passado. ob A proteção total da mulher. P Proteção Personal	Está certo que com o mesmo carinho com que cuida da sua mente. Suas formas são o reflexo da atenção que você dedica ao seu corpo. Mas existem certas ocasiões em que esses movimentos só são possíveis quando você está usando o.b.*. Porque o.b.* é o único absorvente que é interno, e portanto o único que acompanha você em todos os seus exercícios, permanecendo firme no lugar. O.b.* enfrenta com a mesma disposição uma aula de ginástica, uma quadra de tênis, uma piscina [...] (ibidem – grifo nosso)
---	--

A tecnologia vai servir a todos os campos do conhecimento. Serviu à área médica, como apontado no capítulo 2, e suas áreas afins, como a biomecânica (que revolucionou os calçados), a indústria têxtil e a engenharia de alimentos, para a confecção dos produtos acima citados. Mas o desenvolvimento da área da engenharia eletrônica é destacada em diferentes matérias da revista *Veja*, principalmente relacionada ao avanço dos computadores, programas e softwares dentro e fora do corpo. Um produto deste universo que irá se desenvolver de maneira extraordinária é o videogame. Uma matéria (já abordada no capítulo 3), de duas páginas da revista *Veja* irá abordar este assunto na sessão DIVERTIMENTO: “Os poderes na tela – Com a chegada dos jogos eletrônicos de terceira geração, as crianças trocam de brincadeiras de rua e aderem à videogamemania”. (VEJA, 1989, n. 48, p.78 e 79). Embora o título faça uma alusão das práticas infantis, na segunda página encontra-se uma

abordagem do uso do videogame pelos adultos. E a imagem que vai exemplificar este uso é de Consuelo, uma empresária que salta sobre o *Power Pad*, com roupas de ginástica aeróbica. Mais uma vez, como na propaganda do leite Svelty, não só a vestimenta trará a prática da ginástica aeróbica, como também o texto. Mas esta matéria ainda surpreende por fotografar a mulher em movimento (saltando), e ainda traçar um paralelo entre a diversão do videogame e os saltitamentos que ele exige, com o prazer e a excitação (saltitamentos) proporcionada pela ginástica aeróbica.



A empresária Consuelo salta sobre o Power Pad: aeróbica registrada no telão

Fonte: Ibidem

Os computadores também irão servir os praticantes da ginástica, dentro do centro desta prática: as academias. A matéria da revista *Veja*, na sessão SAÚDE, traz o uso do computador como aliado dos praticantes, e como mais uma ferramenta utilizada para a “obtenção da saúde”. A visibilidade do corpo, já anunciada nos capítulos 2 e 3, voltará seus refletores para os corpos saltitantes da academia de ginástica. A relação entre a academia de ginástica e a saúde será posta não só pela localização da matéria na sessão Saúde, como em outras similaridades contidas no enunciado da mesma: “CORPO NO COMPUTADOR –

Cada vez mais informatizadas, as academias de ginástica ganham ares de centros de medicina esportiva” (VEJA, 1989, n. 19, p.91 e 92)

As clínicas e centros radiológicos eram os lugares que até então permitiam a visão do corpo numa tela, de maneira decodificada. A partir de agora, as academias também possibilitarão esse conhecimento e esta visão do corpo, colocando a informatização a serviço de todos estes espaços com objetivos muito similares. Desta maneira, compreende-se a relação estabelecida pelo enunciado entre as academias e os centros de medicina esportiva.



Fonte: Ibidem

Segundo a matéria, o novo programa de Avaliação Física utilizado na Academia Overfit podia trazer cerca de 200 informações sobre o organismo humano, o que possibilita “restringir ao máximo as chances de acidentes cardíacos e de postura.” (VEJA, op.cit, p. 91). Evidencia-se assim o quanto a academia de ginástica está “preocupada” com a saúde do indivíduo, ou seja, com as novas prerrogativas de que suas práticas, dentre elas a aeróbica, podem não necessariamente promover saúde, cria-se e veicula-se instrumentos tecnológicos, similares aos dos centros médicos, para avaliar a condição física

do indivíduo, legitimando sua prática. Ou seja, mostra-se um trato mais individualizado, esquecido pelas práticas massificadoras da aeróbica, como bem pontuaram Aparecida Conti, Maria Luiza Miranda, dentre outros entrevistados, assim como reforça-se o quanto a academia está acompanhando as pesquisas científicas e o avanço tecnológico para os cuidados com o corpo e para subsidiar a prática da ginástica.

Este avanço estará também presente nas máquinas utilizadas para condicionar o corpo. Segundo alguns entrevistados, a década de 80 foi marcada pelo avanço e pela diversidade de oferta de máquinas para a aquisição da boa forma e para a prática da ginástica, a serem utilizadas nas academias ou dentro de casa.

Os aparelhos usados nas academias eram confeccionados basicamente de ferro e madeira, com funcionamento e alavancas mecânicas, principalmente por meio de roldanas. O entrevistado Newton Roldan ainda possui na academia Roldan alguns aparelhos da década de 50, com roldanas de madeira, e espaldares e barras de ferro que eram usadas no referido período.

A revista *Veja SP* irá trazer alguns anúncios de aparelhos para o fortalecimento muscular e/ou para o condicionamento aeróbico, como mostram os exemplos abaixo:



Fontes: *Veja SP*, 1984, n.846, p.26; *Veja SP*, 1984, n. 831, p.39

Nestes anúncios os protagonistas são homens, público crescente nas academias, principalmente incentivados pela musculação. E outros anúncios serão focados para o público feminino, só que visando muito mais a exercitação localizada do que a de condicionamento cardiovascular.



180

No primeiro anúncio há uma oferta de produtos, do próprio grupo Abril, para presentear nos dias das mães. Dentre as 6 opções dadas, potencialmente propostas para agradar diferentes perfis de mães, uma delas é uma rampa para a exercitação doméstica, ou seja, dentre utensílios domésticos, aparelhos eletrônicos e livros, a aparelho para o exercício localizado tem seu espaço garantido. Uma forma prática e econômica para quem não pode frequentar uma academia de ginástica, como já visto em depoimentos do capítulo 1. Vale ressaltar que a imagem da rampa é a única que conta com a presença feminina, o que pode vir a melhor explicar (não mais somente pelo público masculino o seu uso (não mais somente pelo público masculino), assim como estimular o seu consumo.

No segundo anúncio, da rede de lojas SANDIZ, há uma voz de comando: PRODUZA-SE. Incentiva-se que a mulher foque sua “produção”, investindo em si mesma de duas maneiras: aderindo à prática da ginástica, ou investindo em sua produção para a prática da mesma. Independente da escolha, a loja oferece os produtos para esta produção: roupas e aparelhos de ginástica (incluindo-se a musculação). O mesmo apelo de uma postura sexy no uso dos aparelhos de musculação, que aparece na matéria sobre a miss paulista Adriana Oliveira (capítulo 3), é utilizada na propaganda desta grande rede paulista. Os aparelhos de musculação, ganham mais vida e atratividade do público feminino, pela sua variação de cores e formatos. No caso desta propaganda, os aparelhos são vermelhos e plastificados, em princípio mais encantadores aos olhos femininos, e mais convidativos à prática doméstica.

A década de 80 também foi marcada pelo grande avanço e diversidade de oferta de aparelhos de musculação, conforme a maioria dos entrevistados. E a revista *SPRINT*, especializa na área da Educação Física, trará em suas

propagandas esta diversidade de marcas: Righetto, Urvaz, Hércules, Santa Paula, Venus, Vitally, Personal, Fibra, INBAF.

4.5. OS AGENTES COLABORADORES PARA A BOA FORMA

Na década de 80 vários foram os agentes que colaboraram para a massificação da ginástica de academia, como educadores físicos, ex praticantes, revistas, filmes, programas de televisão, eventos, projetos públicos, dentre outros. Estes agentes criaram uma rede de informações que auxiliaram no desenvolvimento e na legitimação desta prática, assim como na formação de valores e conceitos a seu respeito para a população.

Muitos entrevistados, cerca de 70%, afirmam que o número de cursos de graduação em Educação Física neste período era pequeno na grande São Paulo⁹⁴, o que não oferecia suporte para o crescimento da área em geral, principalmente da ginástica de academia. Segundo o entrevistado Vladimir Fernandes foi “essa deficiência que existia de profissionais no mercado que levou não só a mim, mas outros proprietários de academias na época, a contratarem o ‘leigo’ que conhecia para dar aula”. A entrevistada Aparecida Conti ainda ressalta que mesmo aqueles professores formados em Educação Física, que eram poucos, não tinham capacitação adequada para atuar com ginástica de academia, devido a uma abordagem nestes cursos de outros tipos de ginástica, como a calistênica, rítmica, artística, dentre outras, e não especializada na área do *fitness*. E a este respeito, a entrevistada Elizabeth

⁹⁴ Segundo a entrevistada Cynthia Tibeau, no início da década de 80 havia: USP, FEFISA e OSEC, assim como achava que havia outras nas cidades de Guarulhos, São Caetano do Sul e Mogi das Cruzes.

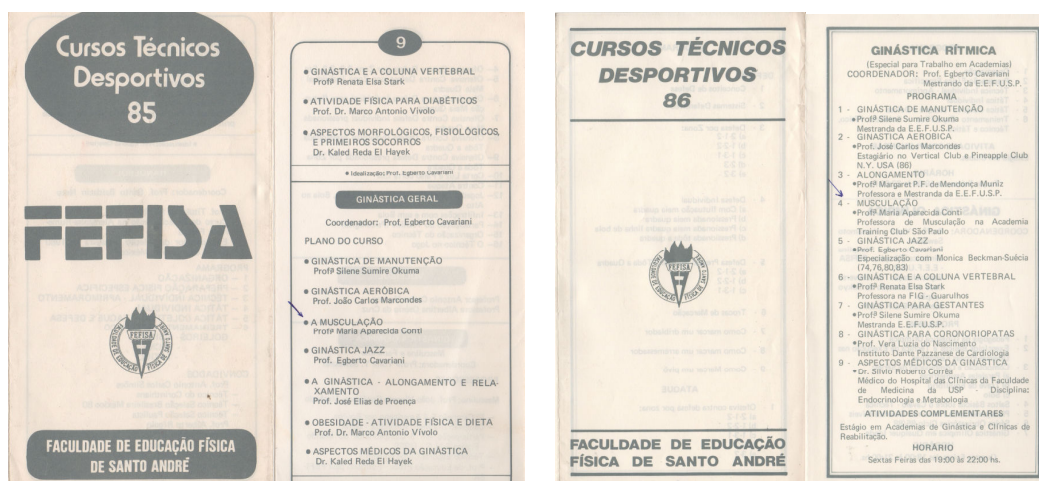
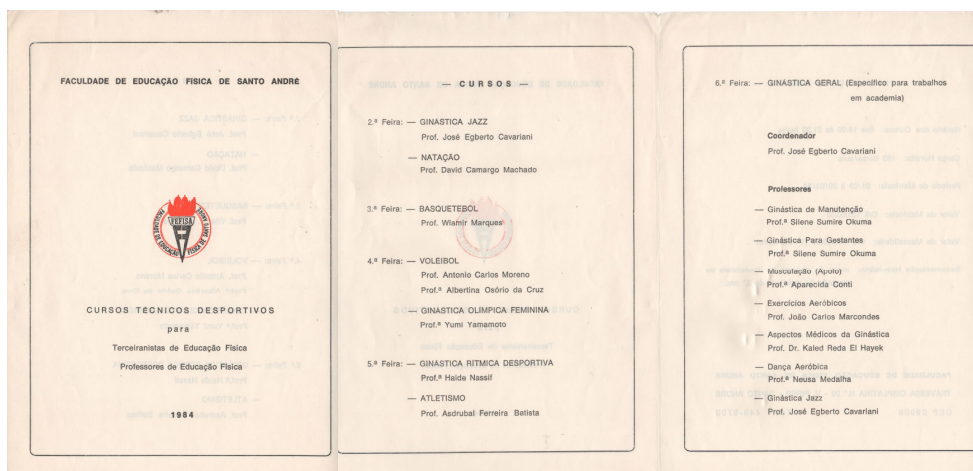
Paoliello relata que foi justamente em meados da década de 80 que houve a preocupação dos professores universitários em preparar os graduandos não só para atuar na escola, mas também na academia, devido a uma percepção deste crescente mercado.

Assim como Elizabeth Paoliello, outros entrevistados sinalizaram que foi justamente esta demanda de mercado que impulsionou a oferta de mais cursos de graduação em Educação Física, e com currículos voltados para a atuação em academias de ginástica. Para o entrevistado Vlademir Fernandes, os empresários da área educacional enxergaram que o mercado da Educação Física estava crescendo na década de 80, e começaram a investir nessa área, tendo como resultado um grande sucesso, com elevado número de alunos e turmas lotadas.

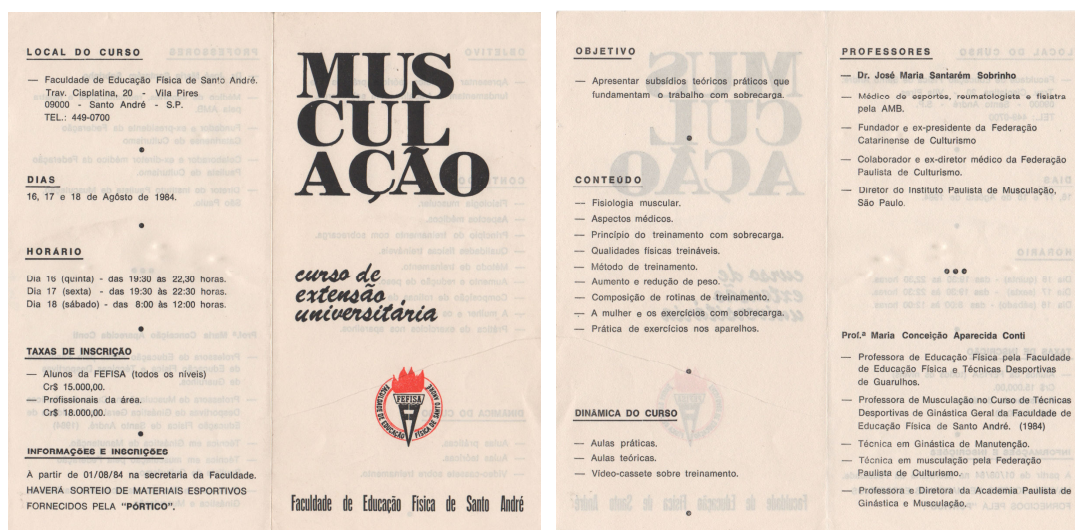
Quando houve este grande salto, esse boom dos cursos de Educação Física, essas novas faculdades começaram a se preocupar mais com academia porque era o eixo de mercado deles naquela época. Ninguém falava de licenciatura e bacharelado, era licenciatura plena e era para escola e/ou trabalhar em esportes. Então quando começou o boom das academias começou o boom das escolas de Educação Física e ambos mais ou menos ligados: “vamos formar gente para trabalhar em academia de ginástica” [...] Os cursos tiveram maior agilidade de preparar o aluno, tanto é que havia curso que tinha ginástica I, II e III, IV, V, vinte e dois, porque o objetivo era preparar para trabalhar em academia. Então mudou completamente (o currículo), porque começou-se a diminuir a carga de esporte, e a entrar mais na parte de filosofia, mais na parte da saúde, mais na parte da fisiologia do exercício. Então, houve essa influência, essa mudança na perspectiva curricular dos cursos devido ao boom das academias.

Algumas faculdades de Educação Física, conscientes desta lacuna, e com dificuldades para alterações curriculares (Cynthia Tibeau), optaram por oferecer

curso técnicos, de curta duração. Uma delas foi a FEFISA – Faculdade de Educação Física de Santo André, como aponta Aparecida Conti⁹⁵.



⁹⁵ A entrevistada Aparecida Conti, que lecionou muitos destes cursos técnicos na FEFISA, também foi professora de ginástica na academia Corpo Livre, cuja uma das proprietárias era a entrevistada Maria Luiza Miranda.



Fonte: Acervo pessoal de Aparecida Conti

Estes exemplares de panfletos dos cursos⁹⁶, dos anos de 1984, 1985⁹⁷ e 1987⁹⁸, ilustram a oferta de cursos da referida faculdade, mas também possibilita outras breves análises. Nota-se que em 1984, o conteúdo da musculação estava inserido no tema “Ginástica Geral”, e já em 1985 o conteúdo estava em “Ginástica Rítmica”. Esta diferença ilustra bem uma certa confusão terminológica vivida na área da Ginástica na década de 80, conforme já apontado por outros entrevistados ao longo deste trabalho. Ainda cabe destacar que a musculação, como prática da ginástica de academia, era parte de um tema com outros conteúdos, e acabou sendo abordado como um tema (e não mais como um conteúdo do mesmo). Assim como conquistou uma maior duração,

⁹⁶ Estes documentos, assim como outros, foram emprestados por Aparecida Conti à pesquisadora em suas versões originais. Registra-se o agradecimento por esta colaboração ao trabalho.

⁹⁷ A professora Silene Okuma, que ofereceu o curso de Ginástica de Manutenção neste ano, também era sócia e professora da academia Corpo Livre, cuja uma das sócias era a entrevistada Maria Luiza Miranda, na mesma década de 80.

⁹⁸ O professor João Carlos Marcondes, que ofereceu o curso de Ginástica Aeróbica neste ano, também era sócio e professor da academia Corpo Livre, cuja uma das sócias era a entrevistada Maria Luiza Miranda, na mesma década de 80.

como um curso de extensão específico e com maior carga horária. Provavelmente isso ocorreu pela boa qualidade dos cursos oferecidos, assim como pelo crescimento da demanda da região.

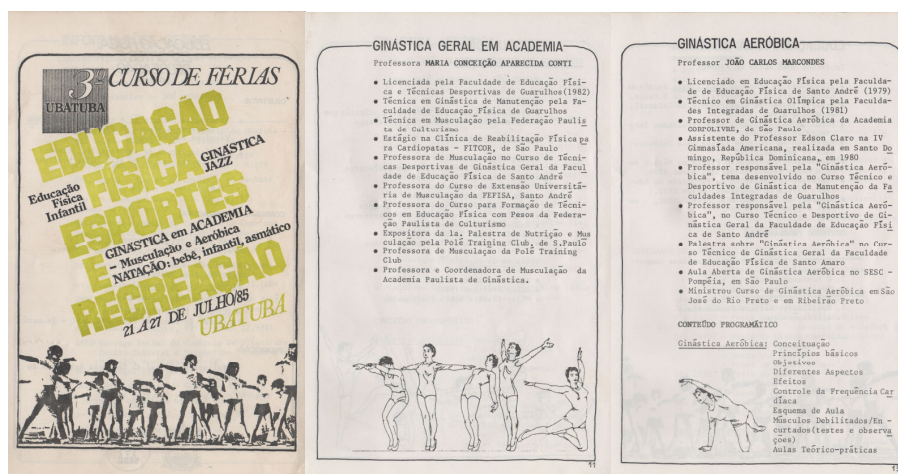
Mas como eram poucas as faculdades existentes e que se dispunham a oferecer estes cursos, houve uma grande oferta de cursos para capacitar alunos e professores de Educação Física em ginástica de academia por outros setores, como academias (de maior porte), associações (públicas e/ou privadas) e empresas (que se tornaram especializadas nessa área).

Segundo os entrevistados (Geraldo Massucato, Cynthia Tibeau e Elizabeth Paoliello), a APEF – Associação de Professores de Educação Física do Estado de São Paulo, teve um papel importantíssimo na oferta de cursos na área da Ginástica na década de 70, a maior parte deles de vanguarda, com professores nacionais e internacionais, inclusive em parceria com outras instituições⁹⁹. Mas na década de 80 esta oferta já foi menor e outras entidades, inclusive algumas já parceiras da APEF, foram co-responsáveis pela formação dos que atuavam, ou que queriam atuar, com a ginástica. Uma destas entidades já parceiras foi o SESC – Serviço Social do Comércio.

Para os entrevistados (Geraldo Massucato, Elizabeth Paoliello, Vilma Nista-Piccolo e Cynthia Tibeau) o SESC teve uma significativa contribuição na

⁹⁹ O relatório de atividades realizadas pela APEF em 1978, apresentada na edição no. 14, do mês de novembro, na revista da APEF, apresenta os cursos que foram oferecidos pela entidade. À saber: Curso de Ginástica Olímpica (com a colaboração da F.P.G.); Curso de Educação Rítmica – Prof. Carlos H. G. Santana/ Chile, na Escola de Educação Física de Tatuí; Curso Jazz e Movimento – Profa. Gerturg Ohde e prof. Max Wulff/ Alemanha – RAF; Curso de Educação Física Infantil e Matroginástica – Prof. Helmut Schulz da Alemanha Ocidental e XVIII Curso Internacional de Expansão Cultural em Educação Física, com a colaboração do SESC, EEFUSP, SEME, em Bertioga. Especialmente em parceria com a Escola de Educação Física da USP: Curso de Cama Elástica – Prof. Hartmut Riehler – Alemanha Ocidental e Curso de Metas e Processos – Prof. Dr. Liselott Diem e prof. Jürgen Deckert – Alemanha Ocidental. Também realizou sessões de Matroginástica em Votuporanga, São Carlos, Mogi das Cruzes e Carapicuíba. Estes cursos e outras atividades foram propostas neste ano, na gestão do então presidente e entrevistado desta pesquisa, prof. Dr. Geraldo Massucato, que gentilmente cedeu um exemplar desta edição da revista para a realização da pesquisa.

formação na área da ginástica de academia, assim como em outras áreas da Educação Física. Esses cursos tinham uma boa repercussão na área e realmente atraíam os profissionais: “Os cursos (de maneira geral) eram essencialmente práticos e a gente adorava fazer, eram ótimos! Em São Paulo eu não perdia um. O SESC trazia muitas pessoas, e eu me lembro de ir no SESC São Paulo fazer cursos na década de 70 e 80.” (Vilma Nista-Piccolo). Segundo algumas entrevistadas, estes cursos do SESC¹⁰⁰ não ocorriam somente na capital, mas também em outras unidades, como o SESC Bertioga e SESC Santos, ou em outros locais com parceria pública. Um exemplo deste último caso é ilustrado pelo panfleto do 3º. Curso de Férias Educação Física, Esportes e Recreação, promovido pelo SESC em parceria com a Prefeitura Municipal da Estância Balneária de Ubatuba.



Fonte: Acervo pessoal de Aparecida Conti

¹⁰⁰ A entrevistada ressalta que os cursos eram muito bons nesta “parte prática”, mas que ela sentia falta da fundamentação teórica, que era praticamente inexistente. Este sentimento foi compartilhado pelas entrevistadas Aparecida Conti, Elizabeth Paoliello e Cynthia Tibeau.

Além do SESC, há menções acerca da colaboração mais tímida do SESI – Serviço Social da Indústria e da ACM – Associação Cristã de Moços (Cynthia Tibeau).

As instituições até o momento citadas não eram focadas na área da ginástica de academia, mas sim na Educação Física e na Cultura de maneira mais ampla. E as instituições especializadas nesse ramo começaram também a oferecer cursos, como foi o caso das academias de ginástica¹⁰¹. E a que foi pioneira na cidade de São Paulo, mencionada por alguns entrevistados, foi a Academia Runner. Segundo Mauro Guiselini, então gestor da área de fitness da academia, houve em 1984 a primeira clínica de ginástica aeróbica promovida pela academia, contando com a lotação máxima de 400 professores (incluindo os que atuavam nas academias concorrentes). Ainda segundo ele, neste curso foi possível capacitar os professores para atuarem com um modelo pedagógico, por ele formatado.

Devido ao sucesso deste primeiro evento, a academia promoveu muitos outros ao longo da década de 80, de caráter nacional e internacional, como mostram os materiais publicitários abaixo, respectivamente de 1988 e 1989.

¹⁰¹ Serão abordadas as academias de maior destaque na década de 80 na cidade de São Paulo, mas vale salientar que, conforme documentação cedida pela entrevistada Aparecida Conti, havia em outras cidades do estado iniciativas de oferta de cursos pelas academias. Um exemplo disso, é a academia AM – Ginástica e Musculação, da cidade de Araçatuba, que ofereceu um curso de ginástica aeróbica, que foi lecionado pela entrevistada. Interessante também destacar o apelo para o curso contido no material publicitário: SAÚDE BRASIL! Uma associação entre saúde e ginástica, já foi desenvolvida em capítulos anteriores.



Fonte: Acervo pessoal de Aparecida Conti

Estes eventos, nos quais a entrevistada Aparecida Conti lecionou cursos, foram promovidos pela Academia Runner, mas com o apoio da Nike e da revista Boa Forma, dentre outras empresas da área esportiva e fitness. Deste modo, uma união de interesses se estabelece para um objetivo de benefícios mútuos, de legitimação e de ampliação do promissor mercado da ginástica.

A academia também investiu neste período na publicação de materiais didáticos, patrocinando o primeiro livro de Mauro Guiselini,, em parceria com o professor Valdir Barbante, intitulado “Exercícios aeróbicos – mitos e verdades”.

Mauro Guiselini saiu da Runner mas ainda continuou investindo na formação de professores para atuar com ginástica de academia (em especial a aeróbica) em outra academia: a Companhia Atlética. Em 1989, quando de sua entrada na nova academia, ele criou o FIC – Centro de Formação de Instrutores, que formou mais de 300 professores. Esta iniciativa tinha o apoio da Coca-Cola e de alguns outros patrocinadores. E também devido a este fato, foi possível

possibilitar cursos à comunidade, assim como o oferecimento de uma apostila com muitas referências internacionais (já que o desenvolvimento das pesquisas nesta área no Brasil estavam num estágio inicial). “A apostila do FIC foi um documento histórico como material de suporte para os alunos na década de 80” (Mauro Guiselini) ¹⁰².

Outra instituição especializada na área da ginástica de academia que investiu na oferta de cursos, segundo os entrevistados, foi a Fitness Brasil. Criada em 1985 (www.fitnessbrasil.com.br), ela promovia encontros voltados para estudantes de Educação Física e professores que desejassem fazer uma atualização, com oferta de cursos na área do *fitness*. Em 1989 há registros de que uma outra empresa atuava nesta área, promovendo cursos: a AÇÃO Promoções. Assim, nesta década foram constituídas empresas especializadas na área do *fitness*, sendo que algumas delas existem até a atualidade, como a Fitness Brasil.

Alguns entrevistados relatam que havia profissionais que buscavam aprimoramento, não nos cursos, mas participando de aulas em academias, com profissionais mais renomados, como alunos regulares ou como alunos convidados. Na verdade, uma experiência muito próxima da vivida nos cursos, já que estes eram essencialmente práticos. A entrevistada Maria Cristina Penteado relata que quando sentia necessidade de atualização, recorria aos cursos, mas principalmente ao professor carioca João Gaspar Melo, que formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e ex-nadador do

¹⁰² As obras do autor publicadas na década de 80 foram muito importantes para o desenvolvimento da área, pois segundo os entrevistados, o material que havia no Brasil a respeito do assunto era, em sua maioria, livros em outros idiomas ou traduções de obras da Argentina, Estados Unidos, Espanha e Canadá. A entrevistada Elizabeth Paoliello destaca as obras traduzidas de Jane Fonda e um livro da Canadian Air Force “Mantenha-se fisicamente em forma”.

Flamengo, se tornou uma referência na área da ginástica de academia na cidade. Outro professor que a auxiliou muito foi Mauro Guiselini.

Eu fui buscar também outros contatos (para me atualizar). Quando o Mauro Guiselini começou na Runner, em São Paulo, eu frequentei muitos anos as aulas dele. Aí, quando o Mauro foi para a Companhia Atlética, eu fiquei mais em contato com o Edson Claro. Mas eu não deixei de acompanhar o Gaspar, fiz isso anos da minha vida, porque a ginástica do Rio de Janeiro era diferente da ginástica de São Paulo. (Maria Cristina Penteado)

Na visão de Vlademir Fernandes, era muito comum nesta década os professores (universitários e de academias) irem fazer aula em academias para aprenderem novos saberes. Esta era mais uma forma encontrada para suprir este problema de formação nesta área.

Como tanto nos cursos, como no acompanhamento das aulas, as orientações teóricas eram escassas, ocorreu um incentivo na produção do conhecimento na área da Educação Física, especialmente naquelas áreas que tinham relação direta com a ginástica de academia, como na área do treinamento desportivo, da fisiologia do exercício, dentre outras. Houve também iniciativas de divulgação destes conhecimentos, principalmente por meio das revistas especializadas.

Segundo os entrevistados, a revista da APEF, já mencionada neste capítulo, contribuiu muito com a divulgação de novos saberes, pois era composta preponderantemente por artigos de professores universitários, e também por autores renomados nacional e internacionalmente, que não necessariamente estavam vinculados com a pesquisa acadêmica. Sua formatação era mais caseira, dado que era uma das iniciativas da Associação, que já tinha o grande mérito de produzi-la dado suas possibilidades. Seu alcance

era considerado relevante, dado que no final da década de 70 sua tiragem era de 5.000 exemplares dentro do estado de São Paulo (Revista APEF, 1978).

Outra revista que foi mencionada pelos entrevistados foi a *SPRINT*¹⁰³. Fundada em 1980, em princípio para atender esta demanda do mercado na área da Educação Física, a editora Sprint lançou a revista *SPRINT*, cujo nome já sugere uma relação estreita com a área. Assim, com maior investimento gráfico, tendo por detrás uma editora própria, especializada na área da Educação Física, a revista *SPRINT* pulverizou prioritariamente os conhecimentos acadêmicos produzidos na área por todo o Brasil. Sua tiragem em 1985 era de 25.000 exemplares.

A Sprint talvez tenha sido uma das primeiras editoras no país que se preocupou em publicar alguma coisa relacionada à Educação Física. Traduziu livros consagrados de fora, mas também existiu muita cópia nessa época. Muita gente copiou muita coisa, colocou o nome em baixo como se fosse o pai da criança [...] A Sprint acredito que tenha sido a pioneira em se preocupar em ensinar, posteriormente vieram outras editoras. O carro forte da Sprint foi a área de Educação Física e estão no mercado há muitos anos. (Vlademir Fernandes)

Outras revistas surgiram para popularizar os conhecimentos de acadêmicos e instrutores em relação à prática da ginástica de academia, numa linguagem mais acessível e com outro perfil de editoração. Num contexto onde não só profissionais da área estavam sedentos por informações acerca das

¹⁰³ Foi estabelecido o contato com a editora via email, para a obtenção de mais informações e documentos acerca da revista. No entanto, a editora respondeu ao pedido dizendo que não poderia colaborar com a pesquisa. Assim, os dados que podem ser apresentados, são aqueles disponíveis em seu site (www.sprint.com.br): 1980 – fundação da Editora Sprint; 1988 – lançamento de livros sobre marketing esportivo, antecipando tendências e abordando o dia a dia das academias e clubes; 1990 – a sprint publica livros de autores estrangeiros como Pavlovic (França), Carlos Neto, Raul Lorda entre outros; 1998 – Sprint lança o segmento da Educação Física Escolar, fitas de áudio-cassete didáticas que acompanham os livros de brinquedos cantados; 1999 – Sprint lança livros acompanhados de vídeos didáticos, para maior aprofundamento técnico no estudo dos exercícios; 2001 – lançamento do primeiro livro cd.

práticas necessárias para a obtenção da “boa forma”, onde se localizava a ginástica de academia, nada mais legítimo do que lançar-se uma revista, pela maior editora do país, denominada *Boa Forma*.

Esta demanda criada pelo mercado de maior acesso às informações dessa área, irá ao encontro de um contexto já existente de segmentação da mídia, que segundo Mira (2001), a partir de meados dos anos 80 teve uma aceleração de maneira geral, constatada em diferentes meios de comunicação como a TV, o Rádio, Jornais, Revistas etc. A mídia, como instância socializadora de grande importância, irá mediar a relação indivíduo-sociedade, sinalizando tendências, impondo e reciclando demandas dos mais diversos segmentos de leitores (CASTRO, 2007).



Fonte: *Veja*, 1989, p.45

Boa Forma

A revista que mexe com você.

Em *Boa Forma* você descobre o que a atividade física pode fazer por sua saúde, beleza e bem-estar. Todos os meses você tem: programas completos de exercícios e práticas esportivas, com a consultoria de médicos e especialistas no assunto. A ficha completa dos melhores SPAS, academias, clubes e centros esportivos. O perfil e as dicas de gente famosa que vive em boa forma. Nutrição e dietas. Novidades em artigos esportivos. Beleza. Guia do Atleta e muito mais.

Assinatura anual. 12 exemplares.

Como mostra a publicidade da revista *Boa Forma*¹⁰⁴, na revista *Veja*, ela será focada para o público feminino especialmente nesta década¹⁰⁵, (embora

¹⁰⁴ A edição escolhida para ser a publicidade da revista *Boa Forma*, na revista *Veja*, foi aquela em que a atriz Betty Faria estava na capa. Como mencionado anteriormente, como uma das estrelas da novela *Tieta*, transmitida pela maior rede televisiva do país (Rede Globo), a atriz expõe um corpo em “plena forma” na capa da nova revista, confeccionada pela maior editora do país (Abril). Mais uma vez constata-se esta relação de diferentes empresas, para se auto impulsionarem, neste caso também em prol do corpo belo e “malhado”. Também constata-se

também aborde o masculino), pois como já abordado anteriormente, este período também foi marcado pela considerada segunda revolução feminina.

Para Mira (2001, p.146), nas revistas femininas, além da “feminilidade do espetáculo”, pode se falar também na “feminilidade como narrativa”. Ainda segundo a autora, por meio da elaboração da narrativa do “eu”, a leitora pode fortalecer o seu ego, recuperar sua auto-estima e tentar realizar em sua vida as mudanças que a revista e o próprio movimento das mulheres lhe propõem. Ela ainda destaca (ibidem) que “nos anos de 80 e 90, o valor e o controle de si estarão cada vez mais relacionados ao corpo, e a construção da auto-imagem, da identidade feminina deixa de se referir apenas à moda e seus artifícios para inscrever-se mais profundamente no corpo, na forma física”. Esta afirmativa é explicada por Hilary Radner

A leitora da revista é encorajada a reinterpretar a forma física como um sinal de auto-estima feminina, uma marca de auto-controle e autonomia mais do que de submissão ao olhar masculino... Para a mulher contemporânea, o ‘valor próprio’ realmente reside no corpo. O corpo torna-se, nesse sentido, um terreno de contestação, atacado de dentro e de fora, o lugar em que tanto a vitória como o fracasso são negociados. (RADNER apud MIRA, 2001, p.146)

Neste sentido, a autora considera que cuidar da beleza é uma dimensão central, e “malhar”, não tem como objetivo principal atrair olhar masculino, mas o próprio prazer em expressar-se e ver-se. (CASTRO, 2001, p.102)

que o fato da “garota” propaganda da revista ser uma celebridade, acaba por legitimar não só a revista, mas a prática na qual está circunscrita.

¹⁰⁵ Segundo Cambi (1999 apud Dantas, 2007), o século XVIII foi o século das revistas e dos jornais, assim como foi o do início do crescimento da imprensa destinada à mulher, que começava a despontar como sujeito educativo legítimo. Mas para ele, foi no século XX que a relação entre a educação e a comunicação ganham novas proporções, especialmente a partir do pós-guerra, quando o avanço dos *mass média* e da indústria cultural contribuem para uma verdadeira revolução pedagógica, ao permitir que os chamados “persuasores ocultos” ocupem um espaço cada vez mais amplo na formação do imaginário social.

A partir deste contexto surge a revista *Boa Forma*, oriunda de uma edição especial da revista *Saúde!*¹⁰⁶, que por sua vez originou-se de uma segmentação da revista *NOVA*. Um exemplo da importância já dada por esta última revista ao corpo feminino, e em especial à ginástica, pode ser observado em sua publicidade na revista *Veja*, quando do lançamento da “ginástica modeladora de NOVA”:



Fonte: *Veja*, 1985, n. 857, p.67

Sobre a relação da nova revista *Boa Forma* com a ginástica, vale lembrar que ela está presente desde seu primeiro número, e se manteve em outros como já observado na edição com Betty Faria. A atriz Yoná Magalhães foi a protagonista do lançamento da revista, que depois de ter posado nua para a revista *Playboy*, aos mais de 60 anos, apresentou à população (por meio da revista *Boa Forma*), como conseguiu obter “aquele” corpo. Assim, a primeira

¹⁰⁶ A respeito da revista *Saúde!* e de sua colaboração para uma biopolítica do corpo saudável, consultar a tese de doutorado de Eduardo Ribeiro Dantas, *a Produção biopolítica do corpo saudável – mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação*, 2007.

edição da revela que a fonte de sua eterna juventude são os exercícios diários de alongamento e ginástica aeróbica (Revista Boa Forma, 1ª. edição).

De certa forma, com Yoná Magalhães, busca-se reproduzir no Brasil o mesmo processo desencadeado nos EUA por Jane Fonda. Mitos femininos que, por sua idade e popularidade, são capazes de gerar identificação na faixa da terceira idade e nas camadas populares, engajando praticamente todas as mulheres na luta pela boa forma. Dentre as diversas posturas sobre exercícios físicos, elas são porta-vozes da linha mais difundida, principalmente em academias, a ginástica aeróbica.... (MIRA, 2001, p.187)

A autora menciona a ex-modelo e atriz Jane Fonda como um mito feminino que colaborou para o engajamento das mulheres à boa forma. Mas como já mencionado pela revista *Veja* e pelos entrevistados (em capítulos anteriores) sua campanha em prol desta boa forma, que forma terá como carro chefe a ginástica aeróbica, também terá impacto no Brasil, principalmente a partir do lançamento de seu livro “Jane Fonda’s Workout Book”, denominado de “Jane Fonda - Meu programa de boa forma”. Um título que legitima toda uma campanha já iniciada no país com esta denominação (“boa forma”), especialmente em favor da ginástica como instrumento para obtê-la, pela equipe de editoração coordenada pelo proprietário da editora Abril e editor da revista *Veja*, Victor Cevita.

Em seu livro Jane Fonda declara que desde pequena via e ouvia de sua mãe e familiares a “neurose” para não engordar. E que quando adolescente, buscava também este ideal de magreza, tendo como inspiração atrizes de Hollywood. Depois como modelo e atriz, optou por uma verdadeira tortura ao corpo, tomando comprimidos, se alimentando mal e causando vômitos voluntários para não engordar. E por fim, ela declara que encontrou na ginástica uma nova forma de lidar com o corpo, muito mais feliz e saudável.

Se eu não impusesse a mim mesma uma disciplina, provavelmente não poderia fazer exercício de jeito nenhum, porque sempre aparece alguma coisa para fazer. Mas eu fiz dos exercícios físicos uma constante em minha vida. [...] Já não sou mais Jane Fonda, a atriz, a esposa, a mãe, a ativista. Sou uma atleta. Tenho que me forçar até meu limite e além dele, porque estou me preparando para uma competição. Mas a competição é comigo mesma. Meu compromisso com o condicionamento físico tem muito a ver com meu alto nível de energia. Hoje em dia, aos quarenta e três anos de idade, meu corpo é mais forte e mais flexível, tenho uma aparência melhor e me sinto melhor do que quando tinha vinte anos. (FONDA, 1982, p.24)

Este depoimento da “atleta” neoliberal Jane Fonda poderia render páginas de análises, no entanto, ressalta-se neste momento o investimento feminino que é colocado para a leitora, de disciplina, de auto-superação e de execução constante da prática da ginástica, que tem como estrutura o alongamento, os exercícios localizados e o aerobismo. E Jane Fonda evidencia claramente os benefícios que serão obtidos por meio desse investimento: força, flexibilidade, boa aparência, juventude, e uma sensação de bem estar.

Para a entrevistada Elizabeth Paoliello, quando o livro surgiu foi um verdadeiro sucesso, principalmente por ser ela uma atriz famosa e internacional e por haver uma carência de bibliografia no Brasil.

A revista *Veja* trouxe algumas menções à Jane Fonda, mas trará uma matéria de uma folha inteira para relatar a visita da mesma ao Rio de Janeiro: A estrela corre nos trópicos – JANE FONDA no Brasil (VEJA, 1989, n. 33, p.78):

GENTE

A estrela corre nos trópicos

Quem esperava encontrar Barbarella, a pantera intergaláctica do filme homônimo, ou "Hanôí Jane", apelido com que se destacou como militante política, teve uma surpresa com a passagem pelo país, na semana passada, da atriz Jane Fonda. Nos cinco dias que passou entre São Paulo e Rio de Janeiro, Jane circulou vestida com elegantes tailleurs e, nas corridas matinais no Parque do Ibirapuera e na Praia do Pepino, com discretas malhas de ginástica. Nas entrevistas, negou-se a falar de política, foi reticente sobre sua vida pessoal e respondeu com generosidade apenas às perguntas relacionadas com o motivo de sua viagem: a promoção do filme *Gringo Velho*, produzido por sua empresa, a Fonda Films, ao custo de 30 milhões de dólares e do qual é também a protagonista, com estréia em circuito nacional marcada para o final do mês. Evitando encontros sociais, badalações ou incursões turísticas, a Jane Fonda que desembarcou no Brasil era um retrato da atriz nos dias de hoje: uma bem-sucedida mulher de negócios, executiva de Hollywood, cuja agenda prevê viagens rápidas para cuidar de seus interesses nos quatro cantos do mundo.

A viagem de Jane para ameaçar espectadores brasileiros para seu filme, porém, teria poucos resultados se, por trás da empresária discreta, não resplandecesse um dos grandes mitos do cinema das últimas décadas, a estúpida atriz de *A Noite dos Desesperados*, *Kluge*, *O Passado Condena* e *Amargo Regresso*, a mulher corajosa que nos anos 60 abdicou do posto de símbolo sexual para protestar nas ruas contra a Guerra do Vietnã e defender os Panteras Negras, as feministas e os

Jane Fonda na Praia do Pepino, no Rio: pausa na agenda de executiva



índios. Por mais que Jane tenha se empenhado em esmiuçar as qualidades de seu novo filme, explicando detalhes de produção e realização, o rastro que deixou foi o de uma dessas estrelas inesquecíveis.

Contribuiu para isso a plástica excepcional que a atriz exibe, aos 51 anos, e que atribui em grande parte aos exercícios que pratica desde o início dos anos 80, quando se tornou uma das mais entusiasmadas apologistas da ginástica aeróbica. Os exercícios, além de lhe conservar as formas esculturais, lhe engordaram consideravelmente a conta bancária. A série de vídeos que lançou nos Estados Unidos, em que ensina seu método de manter a forma — apenas o primeiro, *The Jane Fonda Workout*, foi lançado no Brasil —, lhe rendeu até hoje 35 milhões de dólares. "Sinto-me mais jovem agora que aos 20 anos. A ginástica, mais que transformar o corpo das mulheres, transforma o seu interior", disse ela no Rio de Janeiro.

Em sua estada brasileira, a atriz ensinou outros truques que devem ser observados pelas mulheres que lhe queiram seguir o exemplo. Durante as entrevistas que concedeu, exigiu que os holofotes das câmeras de televisão fossem colocados sempre à sua frente, e nunca nas laterais — desse modo, evitava que um eventual jogo de luzes e sombras realçasse as rugas sob os olhos e nos cantos da boca, que jamais se preocupou em eliminar com cirurgias plásticas. Novas lições de beleza foram ministradas, dessa vez no terreno da alimentação, no hotel de São Paulo onde se hospedou, na suíte presidencial. Mandou que se retirasse do quarto uma caixa de bombons enviada como cortesia e que em seu lugar fosse trazida uma cesta de frutas. Apaixonou-se pelo maracujá ("Tem sabor exótico") e, nas refeições, restringiu-se aos peixes e saladas. O açúcar é um alimento vetado em sua dieta.

Jane chegou ao Brasil acompanhada de um séquito

VEJA, 23 DE AGOSTO, 1989

Segundo a matéria, Jane Fonda atribui em grande parte “sua plástica excepcional aos 51 anos” aos exercícios que pratica desde o início de dos anos 80, quando “se tornou uma das mais entusiasmadas apologistas da Ginástica aeróbica.” E ainda,

Os exercícios, além de lhe conservar as formas esculturais, lhe engordaram consideravelmente a conta bancária. A série de vídeos que lançou nos Estados Unidos, em que ensina seu método de manter a forma — apenas o primeiro, *The Jane Fonda Workout*, foi lançado no Brasil —, lhe rendeu até hoje 35 milhões de dólares. “Sinto-me mais jovem agora que aos 20 anos. A ginástica, mais do que transformar o corpo das mulheres, transforma seu interior”, disse ela no Rio de Janeiro. (ibidem)

A revista ainda irá fazer menção à atriz ao responder ao público o que faz o “mais belo rosto da TV”? (VEJA, 1984, n.833, capa). Ao relatar o sucesso da atriz Maitê Proença, em sua matéria principal, a revista *Veja* traz uma celebridade como um modelo de beleza feminina, não só no rosto. A revista trará quais cuidados com o corpo esta bela celebridade tem, popularizando uma forma de alcançar a beleza e o sucesso. Ou seja, é possível aproximar-se do padrão de beleza da atriz (caso não haja uma pré disposição genética), adotando os cuidados com o corpo que ela tem. Das poucas imagens da reportagem, uma relaciona-se diretamente o tema da pesquisa: “A atriz em seu apartamento: **ginástica pelo método Jane Fonda** nas horas vagas.”



Fonte: *Veja SP*, 1984, no. 833, p.49

A presença da ginástica apareceu como uma forma de embelezamento por meio dos anúncios das clínicas, mas neste caso aparece com força maior, ao estar na matéria principal da revista, veiculada de forma textual e imagética. A atriz aparece fazendo ginástica, seguindo o método de ginástica de Jane Fonda,

tão difundido nesta década. De forma crescente, a revista *Veja* irá veicular tanto este método, como sua precursora, assim como irá mostrar de maneira mais ampla a ginástica: seus benefícios, locais e produtos para sua prática etc, conforme será desenvolvido no último capítulo.

Jane Fonda, e suas seguidoras no Brasil, juntam-se ao imenso rol de produtos que foram criados para subsidiar e/ou sustentar a prática da ginástica na década de 80, como foi possível constatar ao longo do trabalho. Muitos foram os locais propícios para esta prática, assim como alguns se destacaram por sua especificidade num modelo empresarial. E muitos foram os profissionais que colaboraram com isso.

A maioria dos entrevistados enalteceram profissionais brasileiros que de alguma forma contribuíram para a constituição, estruturação e/ou divulgação da ginástica de academia, e de suas práticas na década de 80. Algumas delas já foram mencionadas, como Ala Szerman, Ricardo D'Elia, Aparecido Roldan, João Gaspar Melo, Valdir Barbanti, professores internacionais que vieram lecionar cursos no Brasil etc. E outras merecem ainda ser destacadas como agentes colaboradores deste processo: Edson Claro, Iara Vaz, Elaine Barbanti, Egberto Cavariani, Monica Beckman, Paulo Aquial, Maurício Fernandes, Patrícia Lobato, José Elias de Proença, Silene Okuma, José Carlos Marcondes, José Otávio Marfará, dentre outros.

5. PROCESSO E LEGITIMAÇÃO

A temática proposta no início deste processo de doutoramento era identificar as rupturas e permanências que ocorreram na trajetória histórica da ginástica, desde sua origem grega até a atualidade. Na medida em que o trabalho foi se desenvolvendo, foi possível ajustar o foco para uma meta em princípio menos grandiosa, voltada para a legitimação da ginástica de academia na modernidade. E foi constituindo o caminho doravante não caminhado que este tema revelou sua magnitude e complexidade.

Tentar identificar, compreender e refletir sobre os fatores que foram incisivos para um processo de legitimação da ginástica de academia no Brasil na década de 80, mostrou-se como um problema de pesquisa, motivado por um incômodo pessoal e profissional frente a uma realidade. Realidade esta onde a ginástica possui um papel importante para a constituição de um modelo de corpo e de beleza, onde é considerada como a promotora de uma aceitação social e de um corpo politicamente e/ou aparentemente saudável, e como uma prática muitas vezes alienadora e não muito bem orientada.

Um problema de pesquisa cujas hipóteses de respostas não foram lançadas, tamanha a dificuldade de encontrar aporte teórico e outros subsídios para constituí-las. E foi justamente esta dificuldade que impulsionou a busca por referenciais teóricos e metodologias na História, que viessem ao encontro do objetivo proposto. Neste contexto, foi de extrema valia o aprofundamento nos estudos de Michel Foucault e o entendimento acerca das análises de revistas e do método de história oral.

Analisando de maneira sintética o exposto até o momento, parece que alguns fatores foram fundamentais para a legitimação da ginástica de academia

na década de 80. Alguns deles parecem estar relacionados à uma conjuntura social do país de maneira mais ampla, algumas delas também vividas mundialmente, como:

- o avanço da tecnologia, e da ciência por conseguinte, principalmente nos setores: médico, cosmético, de comunicação¹⁰⁷, alimentação e fitness;
- a maior visibilidade interna e externa do corpo, ampliando as maneiras do sujeito relacionar-se com o próprio corpo e fortalecendo a ideia do mesmo como uma propriedade a ser cuidada, controlada e desejada;
- o estreitamento da simbiose entre máquina e humano, a partir de diferentes setores, favorecendo uma certa “naturalidade” da mesma, especialmente para se obter o corpo ideal ou o corpo saudável;
- novas conquistas da mulher, que neste recorte histórico alcançava mais espaço no campo da cultura, do trabalho, do comércio e na sociedade de maneira mais ampla;
- ampliação de oferta de produtos embelezadores para o público feminino, com poder de compra cada vez maior, especialmente voltados para um determinado padrão estético;
- a inspiração no modelo político-econômico norte-americano, após um período de 20 anos de ditadura militar, pautado na liberdade

¹⁰⁷ Segundo Martin-Barbero (2009, p.255), desde os finais dos anos 1980, o cenário da comunicação na América Latina é protagonizado pelas “novas tecnologias”. Para ele, há um salto qualitativo desde a Revolução Industrial até a Revolução Eletrônica – do qual nenhum país pode ficar ausente, sob a pena de morte econômica e cultural. Ele ainda problematiza o que significa dizer sim e não a este processo...

e na democracia, o que influenciou algumas escolhas para e sobre o corpo;

- aceleração da segmentação da mídia de maneira geral, e em especial das revistas, que incentivavam a busca por um padrão de corpo, principalmente para o público feminino, e fornecendo os caminhos para se obtê-lo, dentre eles a prática da ginástica.

Outros fatores parecem estar intimamente ligados à prática da atividade física e/ou da área da Educação Física, como:

- a indicação da prática de atividade física, por pesquisadores da área da Medicina e da Educação Física, para a diminuição do sedentarismo, e consequente melhora de indicadores de saúde (como colesterol, diabets, pressão arterial, doenças coronarianas etc);
- a influência da mídia na divulgação destas pesquisas, assim como corroborando no incentivo para a prática de atividade física;
- uma certa mistura conceitual entre ginástica e atividade física, onde a primeira foi em muitos momentos considerada como sinônima da segunda. Mistura esta que facilitou a aceitação da ginástica como uma prática para a obtenção da saúde;
- a criação e ampliação de revistas que abordavam a temática do corpo e da saúde (principalmente as femininas), assim como das revistas especializadas em Educação Física;

- a influência das práticas de atividade física (método Cooper) e de ginástica (Jacki Soren, Jane Fonda etc) advindas dos Estados Unidos, e adaptadas no Brasil, num terreno já fértil às tendências norte-americanas (no setor político-econômico);
- a influência dos modelos de academias de ginástica norte-americanas, impulsionando o surgimento das academias de grande porte, num modelo mais empresarial e bem mais sucedido. Modelos que seduziam pela argumentação de um eficaz “rendimento corporal”, assim como por um determinado status social;
- a divulgação da ginástica aeróbica, considerada como uma prática que vinha ao encontro dos preceitos científicos, ao mesmo tempo que de um certo estado de ânimo num momento pós ditadura militar;
- a criação de produtos para impulsionar e potencializar a prática da ginástica aeróbica e da musculação, principalmente para o público feminino, na área da vestimenta (como tênis, calças, collants, agasalhos, com destaque para o uso da lycra), de cosméticos, alimentícia (isotônicos, produtos dietéticos etc), produtos de higiene pessoal, aparelhos de fortalecimento muscular (domiciliares e para academias), manuais de orientação de atividade física etc;
- divulgação na mídia de celebridades, principalmente mulheres (cantoras, atrizes, modelos etc), que praticavam a ginástica e que, a partir dela, alcançavam os padrões de beleza considerados

ideais, em sua maioria constituídas pela magreza e definição muscular;

- maior valorização do corpo saudável e principalmente da “boa forma”, como algo a ser atingido pelo cidadão moderno nas grandes cidades.

Embora estes fatores tenham sido pontuados em itens, para o estabelecimento de uma síntese nestas considerações finais, durante todo o trabalho foi possível identificar, por meio dos depoimentos e da revista Veja, que estes fatores se auto-influenciavam, formando uma rede. Alguns depoimentos ilustram esta afirmação:

Porque que as academias cresceram? Porque começou através da mídia. Como eu disse para você, a primeira vez que eu ouvi falar de academia foi na novela Dancing Days (tendo a atriz Sonia Braga como um modelo de uma mulher bela e cosmopolita). A mídia começou a falar que as pessoas do mundo inteiro estavam fazendo o método do Cooper e houve uma preocupação no início dos anos 80 que até então nunca houve: pessoas ligando atividade física com bem estar; atividade física com saúde. Quando as pessoas foram provar da “fruta”, viram que dava certo! E a partir do momento que deu certo, porque não fazer? (Vladimir Fernandes)

Este depoimento, assim como outros tantos já mencionados, evidenciam que a escolha por dois métodos científicos para desenvolver a pesquisa, embora tenha sido mais trabalhosa, propiciou o encontro de informações que resultaram numa análise mais profícua e próxima de uma realidade vivida na década de 80.

Mediante estes dados, seria possível concluir que o processo de legitimação da ginástica de academia se deu por uma confluência de diferentes fatores, de diversos setores, que se auto-influenciaram e se auto-beneficiaram,

em prol de um objetivo maior que era a boa forma. Forma esta que incluía um padrão de beleza, e que possuía indicadores padronizados de um corpo saudável. As academias de ginástica foram o palco central deste culto à boa forma, tendo como principais protagonistas a ginástica aeróbica e a musculação, sendo a primeira mais forte no início da década e a segunda no final.

Segundo a entrevistada Cinthia Tibeau, viveu-se na década de 80 uma quebra de paradigma, resultante de um processo já latente em décadas anteriores. Esta afirmação, que vai ao encontro das reflexões anteriores acerca de uma rede de informações, permite considerar que houve um contexto fértil para o crescimento e legitimação da ginástica de academia neste período.

Quando eu falo da quebra de paradigma, ela vem com o declínio da ditadura militar, ela vem com a entrada dos cursos de mestrado no Brasil (mestrado em Educação Física), que traz concepções diferentes de Educação Física e que aumentava o nosso campo de atuação e de visão em relação a isso. Em terceiro vem o Cooper, com toda novidade, entre aspas, daquilo que trazia que era um teste que a gente achava que era um treinamento ... naquela confusão de conceitos e tudo mais. Vem também com a mulher tomando uma nova postura a frente do novo mundo, quer dizer, a maternidade já não é mais sua primeira opção de vida. Isso vem antes da década de 60, 70, mas ela culmina realmente na década de 80. (Cynthia Tibeau)

Distante de estabelecer certezas, a pesquisa ora apresentada denota a necessidade de outros estudos acerca da história da ginástica, assim como de uma análise não somente factual da mesma, tão presente em livros e artigos.

De certo modo, esta pesquisa possibilitou manter um dos eixos da proposta inicial do doutoramento, que buscava permanências e rupturas na trajetória histórica da ginástica. Pois, a partir das informações apresentadas, abre-se um campo imenso de possibilidades para se analisar as rupturas e permanências que antecederam e vieram *a posteriori* da década de 80, auxiliando os profissionais da área da Educação Física a melhor atuar nas

pesquisas e na prática da ginástica na atualidade (em especial a de academia) rumo a uma proposta diferenciada no mercado, mais fundamentada, informativa, conscientizadora, criativa e prazerosa.

Segundo a entrevistada Aparecida Conti há um problema sério na atualidade, advindo desde a década de 80, no que concerne à profissionalização das academias de ginástica e à capacitação dos profissionais para atuar nessa área.

Todos os dias nós temos queixa do cliente e estamos fechando as portas das academias. É um contra senso se você pensar, porque a população ativa é muito maior. Eu acho que a “conscientização”, que a aceitação da popularização do exercício é muito maior. Então, como podem estar todos esses índices aumentando e as academias fechando as portas? As pessoas têm a ilusão de que abrir uma academia pode ser um negócio a melhorar. Então qual é o princípio destas pessoas? Alguns são professores que sonham em ter um próprio negócio ou outros são professores que os pais reembolsam... E esses “caras” vão lá pra fazer a gestão do próprio negócio sem a menor ideia de gerenciamento [...] O fator mais importante na ginástica, não é se o step é da Reebok ou uma ideia nova, mas o que determina na ginástica é o contrário desse movimento, que torna a humanização cada vez mais secundária, terciária. Está tudo muito tecnicista... E o que a gente precisa hoje é uma ginástica de forma mais estratégica, seja no aspecto de desenvolvimento humano, de qualificação, de treinamento relacionado à gestão do negócio. A gente precisa retomar a ginástica (em grupo) numa outra perspectiva, e é isso que a gente pretende fazer na escola de formação (Escola Fitness).

Este depoimento é de uma profissional que atuou na área da ginástica de academia na década de 80, que foi e ainda é, um ícone na área do step e do fitness de maneira mais ampla, e que hoje dirige duas empresas nessa área (FitPró e Escola Fitness). Assim, seus dizeres são relevantes para o anúncio de novas perspectivas da ginástica e das academias no início do século XXI.

Dizeres estes, que de certo modo, vão ao encontro das perspectivas que o professor Geraldo Massucado acredita, a partir de sua experiência de mais de 50 anos na docência da Ginástica:

[...] então, mais recentemente, como você falou década de 80, entraram as academias e é lógico que é válido. Mas corre um risco muito grande a pessoa que trabalha nessas academias. Eu acho que tem que ter um equilíbrio e não permitir que seus alunos façam atividades acima de suas possibilidades, que transpasse ser um corpo bonito ou não. [...] Essa não é a verdadeira finalidade da Educação Física, acho que não é a Educação Física. Ela busca uma harmonia de formas, entendeu, respeitando a sua estrutura como é, ou seja, vou desenvolver aquilo que realmente se adequa com a minha estrutura. Se eu pedir para um desses grandalhões fazer uma parada de mãos, ele não faz! E eu com setenta e seis anos faço. Então, eu seguro, eu domino meu corpo, é isso que a gente quer. A gente quer uma pessoa que controle sua inteligência emocional, que é um aspecto importantíssimo na nossa vida e que controle o seu corpo, que saiba conversar com o seu corpo, saber o que é melhor para ele, que saiba discernir, que saiba fazer ao seu corpo aquilo que realmente ele quer e o que precisa e não o que a mídia quer, os que as revistas propagam [...] Eu sou inteiramente contra. O que a Educação Física quer é uma pessoa bem formada fisicamente, espiritualmente, mentalmente, que seja um cidadão consciente e responsável e que saiba principalmente respeitar o ser humano... porque quando você respeita, você demonstra amor, demonstra dignidade, demonstra carinho. (José Geraldo Massucato) ¹⁰⁸

Esta pesquisa vai na mesma direção deste pensar, num movimento por novas perspectivas na área da ginástica de academia, e da Ginástica e da Educação Física por conseguinte, por considerar que a partir de uma pesquisa acadêmica possa se transformar uma realidade. Uma pesquisa que escolheu um diálogo com a imprensa, ao mesmo tempo que com profissionais que atuaram, e ainda atuam com liderança, neste setor. Onde os discursos não foram analisados como meros instrumentos passivos na construção de sentido que tomam os processos sociais (MARTIN-BARBERO, 2009). Em que a análise de como se estabeleceu um processo legitimação possa ser o ponto de partida para que outros possam ser constituídos, rumo a uma Educação Física que realmente acreditamos ser relevante na formação do ser humano.

¹⁰⁸ O depoimento do entrevistado vai ao encontro também do que nos aponta Silva (2007, p.xiii):

A valorização do corpo pode nos ter levado ao narcisismo e ao individualismo, mas pode também conduzir-nos compreender a convivência, senão a necessidade moral, de convivermos em nossa corporeidade com o outro, respeitando precisamente a dignidade do corpo do outro, do outro como tal.

A academia só será um lugar onde se faz Educação Física a partir do momento em que conceber o homem em sua plenitude. Caso contrário, ela deixará uma brecha por onde se infiltrará a moda e o oportunismo, o comércio e o lucro fácil, os aproveitadores sem escrúpulos e os desinformados cheios de boa fé. O compromisso da academia deve ser com o homem, com a sociedade, com o mundo. Tudo isso sem máfias, sem má-fé, sem deformações. (VARGAS, 1990, p.90)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. L. (org). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. Coleção Educação Contemporânea.
- ALONSO, C. A. M. Vigorexia: enfermedad o adaptación. **Revista Digital Buenos Aires**. v. 11, n. 99, 2005.
- ANTUNES, A. C. **Perfil profissional de instrutores de academias de ginástica e musculação**. www.efdeportes.com , Revista Digital – Buenos Aires – Año 9 – no. 60 – mayo de 2003.
- AZEVEDO, F. **Da Educação Física** – O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3^a. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- BATISTA, José Carlos de Freitas. Discussão sobre a disciplina de Ginástica de Academia no curso de Educação Física: possibilidades de encontro. In: GAIO, Roberta & BATISTA, José Carlos de Freitas (orgs). **A Ginástica em Questão** – Corpo e Movimento. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2006. cap. 4, p.55 a 70.
- BENJAMIM, W. **Obras escolhidas** – magia e técnica, arte e política. 7^a. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTEVELLO, G. Academias de ginástica e condicionamento físico – desenvolvimento. In: DA COSTA, L. (org). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997. Coleção Gnosis, n.8

_____. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: SOARES, C. L. (org). **Corpo e Educação**. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade - CEDES, 1999. Coleção CADERNOS CEDES, no. 48.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. 2^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPINUSSÚ, J. M. Academias de Ginástica e condicionamento físico – origens. In: DA COSTA, L. (org). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

CARVALHO, Y. M. **O “mito” da atividade física e saúde**. 3^a. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 2a.ed. Campinas: Papirus, 1991.

CASTRO, A. L. **Culto ao corpo e sociedade** – mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2^a. ed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

CHAVES, S. F. **No labirinto dos espelhos** – o corpo e os esteróides anabolizantes. Niterói: Nitpress, 2009.

CODO, W. e SENNE, W. A. **O que é Corpo(latria)**. 4^a. reimpressão. São Paulo: Brasiliense: 2004.

CONTURSI, T.L.B. **Ginástica Estética em Academia**. Rio de Janeiro: Sprint, 1986.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo** – Da renascença às luzes. Trad. Lúcia M. E. Orth. Revisão de tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. Volume 1.

_____. **História do corpo** – Da revolução à grande guerra. Trad. Lúcia M. E. Orth. Revisão de tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. Volume 2.

_____. **História do corpo** – Da revolução à grande guerra. Trad. Lúcia M. E. Orth. Revisão de tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. Volume 3.

CORDÁS, T. A. Transtornos Alimentares: classificação e diagnóstico. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo. v. 31, n. 4, p. 154-157, 2004.

COSSENZA, C. E. **Musculação feminina**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1992.

COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas do narcisismo: body building e puritanismo ostentatório na cultura Americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (org.).

Políticas do Corpo. 1a. reimpressão. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

CRAIG, M. **A ginástica facial de Miss Craig**. Trad. Maria Helena e Maria Lúcia Rezende Rodrigues. São Paulo: Artenova, 1981. (obra original de 1970)

DANTAS, Eduardo Ribeiro. **A produção biopolítica do corpo saudável** – Mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação. 2007. 207f. Tese (Tese de Doutorado), Faculdade de Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal:2007.

DICKERMAN, R. D.; SCHALLER, F.; PRATHER, I.; MCCONATHY, W. J. Sudden cardiac death in a 20-year-old bodybuilder using anabolic steroids. **Cardiology**. v. 86, n. 2, p. 172-173, 1995.

DÖRRENBURG, M. T. S. Os corpos no cinema. In: **INTEGRAÇÃO** – ensino, pesquisa, extensão. São Paulo: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, Ano XII, no.47 , p.339-344, out/nov/dez 2006

- DUBY, George e PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1993. (Vol 1 a 5)
- EHRENBERG, Alain. **Le culte de la performance**. Paris: Hachette Littératures, 1991.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.
- ESTEVÃO, Adriana e BAGRICHEVSKY, Marcos. Cultura da “Corpolatria” e *body-building*: notas para reflexão. In: **REVISTA MACKENZIE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**, São Paulo: Editora Mackenzie. v.3, ano 3, p.13-25, 2004.
- FANTIN, M. A. **“Veja”**: criação de uma identidade midiática. 1999. 160f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica. São Paulo/Caxias do Sul, 1999.
- FERRIANI, M. G. C.; DIAS, T. S.; SILVA, K. Z.; MARTINS, C. S. Auto-íamgem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. **Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil**, Recife. v.1, n.5, p.27-33, jan/mar. 2005.
- FIORIN, C. M. **A história ginástica em Campinas**: suas formas de expressão da década de 20 a década de 70. 2002. 148p. Mestrado (Dissertação de mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2002.
- FIORIN-FUGLSANG, C. M. Entrevista sobre o Landsstaevne 2006. In: TOLEDO, E.; PAOLIELLO, E. e FONSECA, D. **Relatório do Study Tour 2006 – ISCALA**. Campinas: Grupo de Pesquisa em Ginástica da FEF/UNICAMP, 2006.
- FISCHLER, C. **L’homnivore**. Paris: Odile Jacob, 1993.

FITNESS BUSINESS LATIN AMERICA: Informativo da indústria do fitness latino-americana/ Informativo de la industria del fitness latinoamericana. São Paulo: Novo Meio, no. 38, jul/ago. 2008. 66p.

FONDA, J. **Jane Fonda** – Meu programa de boa forma. Trad. Arlete Dialetachi B. Bastos. São Paulo: Abril, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir** – nascimento da prisão. 31^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do poder**. 10^a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. **O nascimento da clínica**. 5^a. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **História da Sexualidade** – a vontade de saber. 16^a. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2005. vol 1.

_____. **História da Sexualidade** – o uso dos prazeres. 11^a. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2006. vol 2.

FRAGA, A. B. **Exercício da informação** – governo dos corpos no mercado da vida ativa. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

FREIRE, J. B. **Body Stupid**. Disponível em:
 <www.decorpointeiro.com.br>. Acesso em: 05 ago. 2005.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GÖELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina** – imagens da mulher na revista Educação Physica. Ijuí: IJUÍ, 2003. Coleção Educação Física.

GOLDENBERG, M. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. São Paulo: Best Bolso, 2008.

GOMES, P. S. e SANTOS, T. M. Por que as pessoas procuram uma academia?
In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACADEMIAS. **Revista da ACAD.** Rio de Janeiro: Walprint, 2007. jan/fev 2007. no. 40. 32p. 10-11

GRUBER, A.; POPE, J. H. G. Psychiatric and medical effects of anabolic-androgenic steroid use in women. **Psychotherapy and Psychosomatics.** Basileia. v. 69, p. 19-26, 2006.

GRUPO ABRIL. **www.abril.com.br**

GUIMARÃES, R. O. Emagrecimento e Obesidade. In: COSSENZA, C. E. **Musculação feminina.** 2^a. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1992.

HARTGENS, F.; KUIPERS, H. Effects of androgenic-anabolic steroids in athletes. **Sports Med.** v. 34, n. 8, p. 513-554, 2004.

HIRSCHBRUCH, M. D.; FISBERG, M.; MOCHIZUKI, L. Consumo de Suplementos por jovens freqüentadores de academias de ginástica em São Paulo. In: **Revista Brasileira de Medicina do Esporte.** São Paulo: Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte. V.14, n. 6, p.539-543, nov/dez 2008.

HOBSBAWM, Eric. Introdução – A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições.** 4^a. ed. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p.9-23.

KALIL, G. **Chic[érrimo]** – Moda e etiqueta em novo regime. 3^a. ed. São Paulo: Códex, 2004.

KANAYAMA, G.; BARRY, S.; HUDSON, J. I.; POPE JR., H. G. Body image and attitudes toward male roles in anabolic-androgenic steroid users. **American Journal of Psychiatry.** v. 163, n. 4, p. 697-703, 2006.

KANAYAMA, G.; COHANE, G. H.; WEISS, R. D.; POPE, H. G. Past anabolic-androgenic steroid use among men admitted for substance abuse treatment: an underrecognized problem? **J Clin Psychiatry**. v. 64, n. 2, p. 156-160. □

2003(a)

KANAYAMA, G.; POPE, H. G.; COHANE, G. H.; HUDSON, J. I. Risk factors for anabolic-androgenic steroid use among weightlifters: a case-control study - **Drug Alcohol Depend**. v.20, n. 1, p. 77-86. 2003(b)

KOWALSKI, M. e FERREIRA, M. B. R. Estética, Corpo e Cultura. In: Revista Conexões, Campinas, SP: UNICAMP. v.5, n.2, p. 90-113, 2007.

LAMBERT, C. P.; FRANK, L. L.; EVANS, W. J. Macronutrient considerations for the sport of bodybuilding. **Sports Med**. v. 34, n. 5, p. 317-327, 2004.

LANGLADE, A. e LANGLADE, N. R. **Teoria General de la Gimnasia**. Buenos Aires: Editorial Stadium, 1970.

LASCH, Christopher. **La cultura del narcisismo**. Berceña: Andrés Bello, 1999.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio** – ensaios sobre o individualismo. Barueri – SP: Manole, 2005.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. Trad. Fernanda Abreu. In: GOLDENBERG, Mirian (org).

Nu e Vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARTA, F. E. F. **A memória das lutas ou o lugar do “DO”**: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo. 2009. 203f. Doutorado (Tese de doutorado), Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2009.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações** – comunicação, cultura e hegemonia. 6ª. ed. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MATTOS, P. V. F. B. **Paisagens clássicas**. In: INTEGRAÇÃO: ensino, pesquisa, extensão. São Paulo: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, 2006. Ano XII. Abr./mai./jun. no. 45. p.149-156

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas** - A segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/FAPESP, 2001.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: v.14, n.3, p. 681-693, set/dez 2006.

MONTEIRO, A. G. **Ginástica Aeróbica** – estrutura e metodologia. Londrina: CID, 1996.

MORENO, A. **Corpo e ginástica num Rio de Janeiro**: mosaico de imagens e textos. 2001. 264f. Doutorado (Tese de Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2001.

_____. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não lugar” da ginástica sueca. In: **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, Campinas, SP:Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Co-edição Autores Associados. v.25, no.1, p. 55-68 , set. 2003.

NASCIMENTO, M. C. Medicamentos, comunicação e cultura. In: **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. n.10, p.-179-193, 2005.

NOVAES, J.S. **Ginástica em Academia no Rio de Janeiro** – uma perspectiva histórico-descritiva. Rio de Janeiro: Sprint, 1991.

ORTEGA, F. **O corpo incerto** – corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAIM, J. S. e ALMEIDA FILHO, N. Saúde Coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? In: **Revista SAÚDE PÚBLICA**, v.32, n.4, p. 299-316, 1998.

PERRY, P. J.; LUND, B. C.; DENINGER, M. J.; KUTSCHER, E. C.; SCHNEIDER, J. Anabolic steroid use in weightlifters and bodybuilders: an internet survey of drug utilization. **Clin J Sport Méd.** v. 15, n. 5, p. 326-330, 2005.

PETRY, H. e SILVA, R. D. O. Os arquétipos nas propagandas de Revistas Femininas. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, 2004. Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD-Rom.
<http://hdl.handle.net/1904/16885>.

PINTO, R. N. A educação do corpo e o processo civilizatório: a formação de “estátuas pensantes”. In: **Revista CONEXÕES**, Campinas. v.2, n. 2, p. 18-41, 2004.

PRIORI, M. D. **A história das mulheres no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

QUEM ACONTECE. **A virada de Luiza Brunet**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008. Edição 410 – 18 de julho de 2008. Diretor Geral: Frederic Zoghaib Kachar. p.30-37

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (org). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália-Barsil). São Paulo: Vértice, 1988.

RAGO, M. Cultura do narcisismo, política e cuidado de si. In: SOARES, C. L. (org). **Pesquisas sobre o corpo** – ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007. Coleção Educação Física e Esportes.

REVISTA DA APEF DE SÃO PAULO - Educação Física. São Paulo: Associação dos Professores de Educação Física. n. 14, nov. 1978

REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA. **A balança**, um auxiliar indispensável, fiscaliza constantemente seu peso. n.14, p.24, 1938.

_____. **Índice de Robustez**. n. 18, p.16, 1938.

_____. **A ciencia ao serviço do esporte**. n. 19, p. 49, 50, 1938.

SABA, F. **Aderência** – a prática do exercício físico em academias. Barueri: Manole, 2001.

SABINO, César e LUZ, Madel T. Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. In: **PHYSIS – Revista Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.16, n.2, p.251-272, 2006.

SANT’ANNA, D. B. (org.). **Políticas do Corpo**. 1a. reimpressão. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. **Corpos de passagem** – ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Uma história do corpo. In: SOARES, C. L. (org). **Pesquisas sobre o corpo** – ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007. Coleção Educação Física e Esportes.

SANTOS, J. F. dos. **Leila Diniz** – uma revolução na praia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTORO, M. T. Imagens do corpo: interfaces com a tecnologia. In: **INTEGRAÇÃO: ensino, pesquisa, extensão**. São Paulo: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu. Ano XI, n. 43, p.325-331, Out./nov./dez, 2005.

SARÔA, G. R. **A história da Ginástica Rítmica em Campinas**. 2005. 140f. Dissertação (Dissertação de mestrado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2005.

SAUTCHUK, C. E. A medida da gordura - o interno e o íntimo na academia de ginástica. In: **MANA**. v.13, n.1, p.181-205, 2007.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica Artística feminina e História Oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)**. 2009. 327p. Doutorado (Tese de Doutorado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2009.

SESC GERÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO FISICO ESPORTIVO. **Escolhas sobre o corpo: valores e práticas físicas em tempo de mudança**. São Paulo: SESC, 2003.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SFEZ, L. **A saúde perfeita** – crítica de uma nova utopia. trad. Marcos Bagno. São Paulo: Unimarco e Loyola, 1996.

SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. In: SOARES, C. L. (org). **Corpo e Educação**. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade - CEDES, 1999. Coleção CADERNOS CEDES, no. 48.

_____. **Corpo, ciência e mercado** – reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: UFSC, 2001. Coleção Educação Física e Esportes.

_____. Prefácio. In: SOARES, C. L. (org). **Pesquisas sobre o corpo** – ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007. Coleção Educação Física e Esportes.

SILVA, S. E. T. e ROCHA, C. M. F. A imagem da mulher na revista nova: uma análise do espetáculo de si. In: **Anais** da XI Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde (COMSAÚDE) “Comunicação, Saúde e Gênero: A

comunicação como instrumento de promoção, prevenção e interação social da mulher.”2008. Vitória. CD-Rom. COMSAÚDE. Vitória: Faesa, 2008, p. 1-11.

SILVEIRA NETO, E. e NOVAES, J. Ginástica de academia – teoria e prática. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados: 1994. Coleção Educação Contemporânea.

_____. **Imagens da Educação no Corpo** – estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. Corpo, conhecimento e educação – Notas esparsas. In: SOARES, C. L. (org). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. Coleção Educação Contemporânea.

_____. (org). **Pesquisas sobre o corpo** – ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007. Coleção Educação Física e Esportes.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. **Ginástica Geral: um campo de conhecimento da Educação Física**. 1997. 163f. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 1997.

TOLEDO, E. e PIRES, F. R. Sorria! Marketing e consumo dos programas de ginástica de academia. In: **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, Campinas, SP: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Co-edição Autores Associados. v.29, no.3, p. 41-56 , maio 2008.

_____. Aulas de Ginástica de academia: análise de suas nomenclaturas. In: **ANAIS DO SIMPÓSIO DE GINÁSTICA** – Formação e Intervenção em foco/ editoras Ieda Parra Barbosa Rinaldi, Roseli Terezinha Selicani Teixeira. Maringá, PR: UEM, CCS, DEF, 2008. p.59-63

VARGAS, A. L. S. **Educação Física e o Corpo** – a busca da identidade. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

VIGARELLO, G. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. Trad. Marie-Sophie T. R. Camarão e Revisão Técnica: Carmen Lúcia Soares. In: **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, Campinas, SP: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Co-edição Autores Associados. v.25, no.1, p. 9-20, set. 2003.

_____. **História da beleza**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VOGUE BRASIL. **O poder do corpo**. São Paulo: Carta Editorial, 2008. no. 359. Julho.

VON SIMSON, O. R. M. Mulheres vivendo na intersecção de culturas. **Revista Pesquisa Qualitativa**. v.2, n.1, p. 74-82, 2006.

ZORO, J. **Image des 150 ans d'E.P.S.**. Paris: Amicale E.P.S., 1986.

www.agitamundo.org

www.agitasp.org.br

www.assineabril.com.br/revista veja > consultado em 12/01/2009

www.brasilcult.pro.br/rio_antigo2/esculturas/esculturas12.htm >
consultado em fevereiro de 2010

www.campinasfitness.com.br > acesso em 20/08/2006

www.celafiscs.institucional.ws

www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3499 > consultado em janeiro de 2010

www.cooperaerobics.com - consultado em 10 de janeiro de 2010

www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2002/notatecnica.pdf

www.fitnessbrasil.com.br > consultado em 08/12/2009

www.indexmundi.com/pt/dinamarca/populacao.html em 25/08/2009

www.mauroguisellini.com.br/fotos-históricas.

www.sportpoint.com.br > consultado em 10/11/2002

www.sprint.com.br > consultado em 17/02/2010

ANEXOS

“PORTRAIT” DOS ENTREVISTADOS

Apresenta-se abaixo o “portrait” de cada um dos entrevistados, em ordem alfabética. As imagens e os textos foram cedidos por eles mesmos, à pedido da pesquisadora para compor esta parte da pesquisa, sendo devidamente autorizados para divulgação pública.



Dados pessoais:

Cynthia C. Pasqua M. Tibeau

25/06/57

Atuação profissional (2010):

Docente do curso de licenciatura em Educação Física – UNIBAN - SP

Formação Profissional:

- Graduação em Música (FMSP- 1976);
- Graduação em Educação Física (USP- 1979);
- Especialização na Deutsch Sporthochschule Koln (Alemanha- 1981);
- Mestrado em Educação Física (USP- 1988);
- Doutorado em Psicologia da Educação (PUC SP 2001).

Experiência profissional:

- Professora em academias e sócia-proprietária de 1977 a 1983;
- Professora em universidades desde 1982, em cursos de graduação e pós graduação(OSEC, PUC, UniFMU, Uniban; Uninove);
- Técnica de grupos de GR de 1982 a 2000;
- Professora de música de 1974 a 2001.

**Dados pessoais:**

Elizabeth Paoliello Machado de Souza

Apelido: Beth

13/06/51

Atuação profissional (2010):

Líder do Grupo de Pesquisa em Ginástica da FEF/UNICAMP, Coordenação Geral do V Forum Internacional de Ginástica Geral, Vice Presidente da ISCA – International Sport and Culture Association e Diretora da Impulso Produção e Promoção de Eventos Ltda.

Formação Profissional:

Doutora em Educação Física na Área de Educação Motora pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Ano de

Conclusão: 1997, Título da Tese: “Ginástica Geral: uma Área do Conhecimento de Educação Física”

Mestre em Educação Física na Área de Educação Motora pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Ano de Conclusão: 1992, Título da Dissertação: “A Busca do Auto Conhecimento Através da Consciência Corporal uma nova tendência”

Especialista em Teorias e Métodos de Pesquisa em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, totalizando 540 horas/aula, certificado de estudo nº 3667/87 Ano de Conclusão: 1987

Licenciada em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – SP. Ano de Conclusão: 1972

Experiência profissional:

1.1. Professora da Rede Estadual de Ensino

Professora de Educação Física do Ginásio Estadual de Jaguariúna – SP (1º e 2º Graus), no período de 04/04/1972 a 20/01/1975

Professora de Educação Física do G.ESC. do Jardim Santo Antônio, Mogi-Guaçu- SP (1º Grau), no período de 18/02/1974 a 04/02/1975

Professora da Rede Particular de Ensino

Professora de Educação Física do Instituto Educacional Imaculada, Campinas – SP (1º e 2º Graus), no período de 1975 a 1986

Professora Universitária

Professora das Disciplinas de Ginástica Feminina I, Ginástica Feminina II, Ginástica Feminina III, Ginástica Natural e Analítica e Ginástica Rítmica Desportiva (Diurno, Vespertino e Noturno) da Faculdade de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas – SP, no período de 1974 a 1986

Professora da Faculdade de Educação Física de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, no período de 1987 até 2004.

Técnica de Ginástica Rítmica Desportiva e Coreógrafa

Técnica de Ginástica Rítmica Desportiva do Clube Campineiro de Regatas e Natação, Campinas - SP, no período de 1975 a 1980

Técnica da Equipe de Ginástica Rítmica Desportiva do Instituto Educacional Imaculada, Campinas – SP, no período de 1975 a 1986

Técnica da Equipe de Ginástica Rítmica Desportiva da Faculdade de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas – SP, no período de 1980 a 1986

Técnica da Equipe de Ginástica Rítmica Desportiva da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, no período de 1987 a 1988

Atuação como Coreógrafa

Coreógrafa da Festa Nacional de Ação de Graças, Fundação Bradesco, São Paulo-SP, 1985 e 1986

Outras Atividades Docentes

Professora de Ginástica Estética do Clube Campineiro de Regatas e Natação Campinas – SP, no período de 1975 a 1980

Toda a minha experiência profissional desde o início como professora universitária (1974 - 2004) está ligada à área da Ginástica:

- como docente nas diversas disciplinas,
- na coordenação de projetos de pesquisa: TCC, iniciação científica, especialização, mestrado e doutorado,
- na organização de eventos
- na coordenação de projetos de extensão
- ao ministrar palestras e cursos

Simultaneamente a essas atividades posso destacar a coordenação do Grupo Ginástico UNICAMP de 1989 a 2006 e a coordenação do Grupo de Pesquisa em Ginástica da FEF/UNICAMP de 1993 até a presente data.

Também destaco a coordenação das 5 edições do Fórum Internacional de Ginástica Geral (2001 – 2010) e minha atuação como membro do Comitê Executivo da ISCA (1998 – 2010) e presidente do Comitê de Ginástica da ISCA (2007 – 2009).



Dados pessoais:

Georgios Stylianos Hatzidakis

Apelido: Grego

01/03/1962

Atuação profissional (2010):

- Presidente do Instituto de Educação Esportiva da UNIBAN – Universidade Bandeirante de São Paulo

Formação Profissional:

- Mestre em Educação Física
- Universidade Camilo Castelo Branco - São Paulo - SP

Início: 1992 Conclusão: 1999

- Pós-Graduado em Ciências do Esporte

Escola Superior de Educação Física de SCS (FEC do ABC) - São Caetano do Sul - SP

Início: 1990 Conclusão: 1993

- Pós-Graduando em Administração Mercadológica (Marketing)

Universidade Paulista (UNIP-Objetivo) - São Paulo - SP

Início: Agosto de 1990 Conclusão: interrompido

- Licenciado em Educação Física

Escola Sup. de Educação Física de SCS (FEC do ABC) - São Caetano do Sul - SP

Início: 1987 Conclusão: 1989

Experiência profissional:

-Carreira desenvolvida nas áreas de Ensino Superior (Docência e Gestão Universitária) e de Consultoria de Organização Esportiva e Marketing Esportivo.

- Experiências em:

- planejamento, implementação e coordenação de cursos de Educação Física, tendo implantado à partir de 1995 os curso na UNIBAN nos campi MC (reconhecido pelo MEC em 2000) ABC, Osasco, Campo Limpo e Licenciatura campus Rudge, Morumbi 2 e Vila Mariana, sendo Coordenador até hoje, excetuando-se o ano de 2003, além de ter coordenado o Departamento de Educação e Ciências Humanas da Faculdade de Educação Física da Unicastelo de 1993 até 1997.
- implantação e desenvolvimento de projetos de Marketing Esportivo, tendo desenvolvido essa atividade na UNIBAN, com as equipes de Voleibol Feminino, Basquete Feminino e o Projeto “Universidade no

Esporte” bem como na Federação Universitária Paulista de Esportes por mais de 10 anos.

- em Administração Esportiva desde 1982, atuando em Federação, Clube, Universidades, Escolas e Eventos Esportivos de diversas modalidades.

- Sólida vivência na Área de Administração e Organização de Eventos Esportivos e Elaboração de Projetos de Eventos e Marketing Esportivo.

- Proferiu diversas palestras sobre Marketing Esportivo e Pessoal, Administração e Organização Esportiva, Legislação Esportiva, Jogos Olímpicos, Olimpismo e sua História;

- Docente nas universidades: FMU, São Judas Tadeu, UNICASTELO e UNIFEC;

- Na Universidade Bandeirante de São Paulo – UNIBAN:

Cargo: Presidente do Instituto de Educação Desportiva

Início: Maio 2007 em andamento

Cargo: Coordenador de Educação Física, Esportes e Lazer do Comitê da Pró-Reitoria Acadêmica

Início: maio de 2005 a maio 2007

Cargo: Coordenador do Curso de Educação Física

Início: 1996 até dezembro de 2002 e 2004 até Maio 2005.

Cargo: Coordenador de Esportes

Início: 1998 até dezembro de 2002.

Cargo: Coordenador do Núcleo de Esportes e Lazer

Período: de 04 de maio de 1993 até Dezembro de 1995.

Professor de:

Marketing Esportivo, Educação Desportiva até Dezembro de 2004

História da Educação Física e Esportes de Fevereiro até Dezembro de 1995

Atuação em clubes, escolas e instituições de eventos esportivos:

OLYMPIA SPORTS & SERVIÇOS LTDA. ME

Cargo: Sócio Proprietário

Atividades: Planejamento e Execução de Eventos Esportivos. Consultoria em Gestão e Marketing Esportivos

COLÉGIO ANTARES

Rua das Figueiras, 1840 - Santo André

Cargos: Coordenador do Departamento de Educação Física e Professor de Educação Física

Período: de Dezembro de 1990 até Dezembro de 1993

CLUB ATHLÉTICO PAULISTANO

Rua Honduras, 1400

Cargo: Auxiliar de Programação Esportiva

Período: de Janeiro de 1986 até Janeiro de 1988



Dados pessoais:

Gilberto José Bertevello

Apelido: Giba (na área da Educação Física)

25/11/51

Atuação profissional (2010):

Presidente do Sindicato das Academias do Estado de São Paulo

Formação Profissional:

- Formado na FEFISA (Faculdade de Educação Física de Santo André) em 1974;
- Pós-graduado em Administração Esportiva em 1994.

Experiência profissional:

- Psicanalista em 2000;
- Autor de capítulos sobre a ginástica de academia no Atlas do Esporte.

**Dados pessoais:**

José Geraldo Massucato

Apelido: Massucato

Atuação profissional (2010):

Ministra aulas "Sistema Esportivo Generalizado e Musculação (2ª, 4ª e 6ª) na EEFEUSP, voluntariamente, para Professores de diversas unidades da USP. Também voluntariamente, coordena a área de Educação Física e Saúde da Associação Cristã de Moços (ACM) Centro - onde se desenvolve programa específico de musculação para associados interessados.

Formação profissional:

Destaque para a formação adquirida na graduação da EEFSP, pois os professores não só nos transmitiam conhecimento técnico-pedagógico, cultural, filosófico e o "espiritual" da Escola, nos formando integralmente para o desempenho da cidadania.

Muitos cursos frequentados no país e no exterior, contribuíram para a formação profissional, principalmente, o realizado no Instituto Nacional "Dr. Romero Brest", a nível de pós-graduação, na cidade de Buenos Aires (Argentina), no período de 15 de agosto a 15 de outubro de 1968.

Experiência profissional:

A experiência profissional permitiu assumir funções administrativas e outras como por exemplo:

- professor/diretor do Colégio Teresiano da Ordem Carmelita do Brasil (1962/1976);
- diretor do Centro da Juventude "Santos Dumont" noturno, unidade da Prefeitura Municipal de São Paulo (1965/1976);
- em 1971 exerceu o cargo de chefe da Divisão da Secretaria da Educação e Cultura do Departamento de Educação Física e Recreação da Prefeitura acima mencionada;
- membro do Corpo de Jurado do Tribunal do Juri 2º Ofício - Poder Judiciário (1976 a 1981); membro da Câmara de Extensão de Serviços à Comunidade da Universidade de São Paulo (1971);
- membro (Presidente) da Banca de Concurso de Ingresso ao Magistério Oficial Secundário e Normal do Estado de São Paulo (1967);
- 1988/1991 e 1998/2002 - Vice-Diretor da EEFEUSP;
- 1994/1998 - Diretor da EEFEUSP;
- 1990/1993 e 2002/2005 Prefeito da Cidade Universitária (Campus da

Capital);

- 1962 - Delegado da Escola Pestalozzi no I Congresso de Clubes, Associação da e Sociedades de São Paulo;

- 1977/78 e 79 - Presidente da Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo - APEF.

A experiência profissional também teve seu alicerce edificado durante o curso ginásial, científico e normal, no Colégio e Escola Normal "Plínio Rodrigues de Moraes" na cidade de Tietê. (1945/1954). Nossa equipe de voleibol sagrou-se bicampeã Colegial do Estado, cujas semi-finais e finais, fora, realizadas durante as comemorações da "Semana da Pátria, no Ginásio do Pacaembú (1953 e 1954). Coordenou e dirigiu as Demonstrações Coletivas de Ginástica Masculina (1.200 alunos) na Semana da Pátria, no Pacaembú (1964 e 1965).

A experiência na Escola Pestalozzi, com deficientes mentais, possibilitou realizar uma pesquisa "Importância da Educação Física no tratamento e recuperação (social) do oligofrenico", apresentada no Concurso de Provas e Títulos perante Comissão Examinadora composta por 5 membros. Obtive o Título de Assistente Livre Docente da "XX Cadeira de Ginástica Masculina" da Escola de Educação Física de São Paulo.

Participou ativamente nas realizações da Federação Paulista de Ginástica, sobre a Presidência do Prof. Dr. Antonio Boaventura da Silva, atuando como Juiz do I - II e III Campeonato infanto-juvenil de Ginástica (1960, 61 e 62) e como Sub-Diretor dos IV Jogos Pan-Americanos de São Paulo (1963?)

"Ginástica pela TV2" Cultura - Coordenador e apresentador de 180 "tapes" preto e branco (1973-1974). Idem, 80 "tapes" coloridos (1975).

Ginástica pela Rádio Cultura (1977).

Colaborou com a empresa Brudden na fabricação de aparelhos de musculação,

denominado "Movement".

Através de Congressos, Seminários, palestras, publicações, cursos ministrados no país e no exterior, sempre agregou o valor da atividade física e do esporte na aquisição e manutenção da saúde, e na formação da cidadania.



Dados pessoais:

Maria Conceição Aparecida Conti

Apelido: Cida Conti

07/03/1960

Atuação profissional (2010):

- Direção Executiva da FIT.PRO – Fitness Programs
- Direção Técnica da Escola Fitness
- Presenter Internacional

Formação Profissional:

- Graduação em Educação Física – 1983
- Reabilitação Física para Cardiopatas – FITCOR /1984

Experiência profissional:

- Professora e coordenadora de musculação entre os anos 1982 e 1989

- Personal Trainer: Airton Sena, Claudia Raia, Alexandre Frota, Otavio Mesquita, Bruna Lombardi, Victor Fasano
- Oitocentos e cinquenta e seis cursos ministrados em vinte e cinco países com destaque a aeróbica e step
- Criadora dos programas JUMP FIT, JUMP FIT CIRCUIT
- Direção Técnica da Fitness Brasil entre 2000 e 2004
- Direção Executiva da FIT.PRO desde 2001



Dados pessoais:

Maria Luiza de Jesus Miranda

Apelido: Miranda

Atuação profissional (2010):

Docente da Universidade São Judas Tadeu, na Graduação em Educação Física e na Pós Graduação, nos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação Física e Mestrado em Ciências do Envelhecimento

Formação Profissional:

- Graduação em Educação Física na USP – 1975;
- Especialização em ginástica Olímpica – 1976;
- Mestrado em Educação Física na USP – 1991;

- Doutorado em Psicologia na USP – 2001.

Experiência profissional:

Minha experiência profissional abrange atividades docentes nas áreas de ginástica, dança, educação física escolar, educação física e atividades físicas para idosos e, mais recentemente, metodologia da pesquisa científica.

Na ginástica atuei tanto ministrando disciplinas nos cursos de graduação em Educação Física, quanto cursos de extensão e especialização. Fui, ainda, árbitra de GR (na época GRD), nos níveis estadual e nacional.

Com relação à dança, como fui integrante e assistente de Edson Claro no Grupo Casaforte e aluna de Ruth Rachou, ministrei aulas na academia em que era sócio-proprietária, a Corpolivre.

Como professora de educação física escolar, atuei oito anos no Colégio Humboldt e lá desenvolvi, também, trabalhos extra-classe de GR com grupos de meninas.

Em 1994, quando ingressei no Programa Autonomia para a Atividade Física da USP, a educação física para idosos entrou na minha vida e ficou. Desde então, organizo cursos (dentre eles o módulo de Atividades Físicas para a Terceira Idade da IX até a XI Convenção Fitness Brasil), ministro palestras e aulas nos mais variados locais.

Além disso, em 2002 fui responsável pela criação e coordenação, juntamente com a profa Marília Velardi, de um grupo de estudo e pesquisa e de um projeto de extensão na Universidade São Judas que produziram muitos frutos. Primeiramente, muitos graduandos, aprimorandos e mestrandos capacitaram-se para um trabalho de qualidade com idosos. Depois, a estrutura que elaboramos para a formação humana e capacitação profissional em educação física para idosos, bem como a produção de pesquisas nessa área, foram

essenciais na proposta de Mestrado em Educação Física, resultando em uma linha de pesquisa que abarca as bases teóricas defendidas por nós. Mais recentemente, o curso de Mestrado em Ciências do Envelhecimento também teve esse projeto com idosos como um dos pilares para a sua aprovação junto a Capes.

Paralelamente ao trabalho com idosos, tenho desenvolvido o ensino de Metodologia da Pesquisa para os alunos dos cursos de Graduação e Mestrado em Educação Física, procurando fazer com que os graduando e mestrando ampliem a compreensão sobre as diferentes formas de elaboração da pesquisa científica na área da Educação Física.

Experiência profissional voltada para a área e/ou recorte histórico da pesquisa:

Iniciei minha carreira no ensino superior como docente voluntária na Escola de EF da USP, ministrando a disciplina de ginástica Feminina no ano de 1976. No ano seguinte fui convidada para ministrar essa disciplina na FEF de Guarulhos e estive lá até 1978, trabalhando no período noturno, enquanto a profa Silene Okuma estava com o período diurno. Também em 1978 iniciei o trabalho com EF escolar no Colégio Humboldt. Diferentemente da professora que me antecedeu, procurei inserir atividades ginásticas e não apenas esportivas. Foi uma iniciativa que necessitou de muita insistência, pois ia em direção diversa da habitual, mas tive êxito e permaneci na escola durante oito anos. Nessa época, montei trabalhos extra-classe de GRD, com grupos de moças interessadas na modalidade. Fizemos várias apresentações nas festividades do colégio. Simultaneamente, a partir de 1980 e até 1988, fui socia-proprietária de uma academia no bairro de Moema e ministrava aulas de dança. Muitas alunas e até professoras do colégio vinham fazer as aulas na academia também. A partir de

1983, retomei a docência no ensino superior na FEF da OSEC, hoje UNISA, em Santo Amaro. Primeiramente fui ministrar a disciplina de Dança no curso de Especialização em Ginástica. No ano seguinte fui chamada para ministrar a disciplina de Atividades Rítmicas na graduação e, em seguida, as disciplinas de Ginástica Geral I, II e III que abrangiam todos os conteúdos ginásticos, com exceção de Ginástica Artística que era uma disciplina separada. Na época, nesta instituição, as classes eram divididas por gênero nas aulas de ginástica e depois de muita negociação, consegui trabalhar um bimestre por ano com os rapazes também. Foi muito marcante porque eles puderam vivenciar atividades com materiais, o que era novo para eles. Permaneci trabalhando nessa instituição até 1994, ano em que iniciei com a disciplina GRD na Universidade São Judas Tadeu. Nesta instituição, a disciplina era desenvolvida com as turmas mistas e foi muito interessante desenvolver o trabalho de maneira a estimular a exploração das possibilidades de movimento corporais e com os diferentes materiais, tanto por moças quanto rapazes. Foram vários anos, com diferentes turmas, mas sempre com resultados gratificantes na forma de sequências criativas apresentadas nas avaliações. Foi justamente essa forma de trabalho que me levou a ser convidada para ministrar um módulo no curso de Especialização em Ginástica promovido pelo Departamento de Educação Motora da UNICAMP nos anos de 1999 a 2001. Foi muito marcante trabalhar com profissionais formados em diferentes épocas e promover vivências que exploravam seus potenciais de maneira individualizada dentro dos grupos. Além do ensino superior fui árbitra de GRD, atuando em vários campeonatos estaduais e nacionais. Para tanto, realizei inúmeros cursos de arbitragem, inclusive o curso continental, ministrado pela profa húngara Henriette Abad.

Também ministrei cursos de reciclagem de GRD para professores da rede estadual e, ainda, na Gimnasíada Americana, em Buenos Aires, em 1989.



Dados pessoais:

Mauro A. Guiselini

Apelido: Mauro Guiselini

12/03/1951

Atuação profissional (2010):

Diretor do Instituto Mauro Guiselini

Formação Profissional:

- Licenciatura em Educação Física – Universidade de São Paulo – 1971;

- Mestrado em Educação Física – Universidade de São Paulo – 1986

Especialização em:

“Fitness Leadership” pela AFAA - American Fitness Aerobic Association, 1984

“Fitness Specialist for Older Adults”, 2004

“Biomechanics of the Resistance Training”, 2005

“Personal Fitness Specialist” e “Personal Trainer Education II, no The Cooper Institute em Dallas, EUA, 2009

- Especialização em “Functional Training” pela National Strength Condition Association. - 2008

Experiência profissional:

Precursor da ginástica aeróbica no Brasil (1983), foi Diretor Técnico das Academias Runner e Companhia Atlética, autor de 23 livros e 10 vídeos relacionados à educação física infantil, cardiologia, obesidade, atividade física, saúde e bem-estar. Ministra cursos sobre os temas no Brasil, América Latina e Europa, participou da implantação da Ginástica Aeróbica na Argentina, a convite do Serviço Educativo Argentino, ministrando cerca de 40 cursos no referido país.

Tem mais de 200 artigos e entrevistas publicadas nas revistas Cláudia, Criativa, Máxima, Boa Forma, Corpo a Corpo, Dieta Já, Pense Leve, Veja, Isto É, Jornal da Tarde, Folha Equilíbrio e Diário Popular, sobre exercício físico, saúde e bem-estar.

Foi professor da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo de 1973 a 1988, consultor do Ministério de Educação – Secretaria de Educação Física e Desporto, participou da elaboração das Diretrizes da Educação Física Escolar do Brasil e publicou o livro Educação Física na Pré-Escola em 1983.

Apresentou diariamente, na TV Record, o quadro InFormaAtiva, do programa Vida Ativa, No SporTV, da Rede Globo, conduziu as entrevistas no programa Mundo Fitness, ambos sobre atividade física, estilo de vida, saúde e bem-estar.

É professor das disciplinas Aptidão Física na Promoção da Saúde e Bem-Estar, Condicionamento Físico e Atividades de Academia, coordenador pedagógico do curso de pós-graduação lato sensu Metodologia da Atividade Física Personalizada da Faculdade de Educação Física do Centro Universitário UniFMU

Como Personal Trainer, criou em 1994 o Centro de Integração do Corpo, atualmente o Centro de Aptidão Física do Instituto Mauro Guiselini, que atende

individualmente pessoas interessadas na prática do exercício físico relacionado à promoção da saúde e bem-estar. Durante 15 anos atendeu, individualmente, cerca de 150 alunos (adolescentes adultos saudáveis, idosos, obesos, deficientes físicos, diabéticos, hipertensos, atletas)

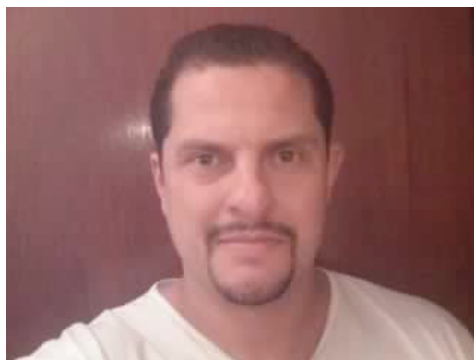
Como Professor convidado participa, desde 1973, de cursos de pós-graduação, congressos, encontros, seminários na área da educação física e medicina no Brasil, America do Sul e Europa, proferindo palestras, cursos, workshops com temas relacionados a educação física infantil, atividade física na promoção da saúde bem-estar, treinamento funcional, core training e envelhecimento.

Desde 1976 é Professor convidado das principais convenções brasileiras, em especial da Fitness Brasil e ENAF.

Professor convidado do Congresso Internacional de Fitness de Portugal, desde 1997.

Como Diretor do Instituto Runner de Ensino e Pesquisa, é responsável pelos centros de avaliação física, educação continuada, estudo e pesquisa e desenvolvimento tecnológico, presta assessoria científica para as unidades da Academia Runner e para o Centro de Condicionamento Físico da SERASA. Desde sua criação, em janeiro de 2006 até a presente data, a equipe técnica do Instituto RUNNER, composta de 40 professores de educação física e 12 médicos cardiologistas, realizou cerca de 85.000 avaliações físicas e 25.000 avaliações médicas, fornecendo informações para a elaboração de trabalhos científicos

Tem 5 trabalhos científicos apresentados no American College Sports Medicine (2006, 2007, 2008, 2009 e 2010) e trabalhos científicos apresentados nos Congressos de Cardiologia (8 trabalhos em parceria com o Dr. Nabyl Ghorayeb e equipe de cardiologistas do Instituto RUNNER), de Obesidade e no CELAFISC.

**Dados pessoais:**

Newton Roldan²⁸

Apelido: Roldan

04/11/1966

Atuação profissional (2010):

- Treinamento de Atletas de Fisiculturismo;
- Administrador da Academia Roldan.

Formação Profissional:

Sou Graduado em Gestão Segurança Privada – 2007. Pós-graduação em Logística (MBA) cursando. Inicialmente diversos cursos técnicos na área de Musculação (1986-1987-1988) ministrados na época pela Federação Paulista de Culturismo. Já na década de 1990 cursei Educação Física na Faculdade do Clube Náutico Mogiano, infelizmente até o quarto semestre. Também possuo diversos cursos extensão ministrados pela FMU, nos anos 2005 e 2006.

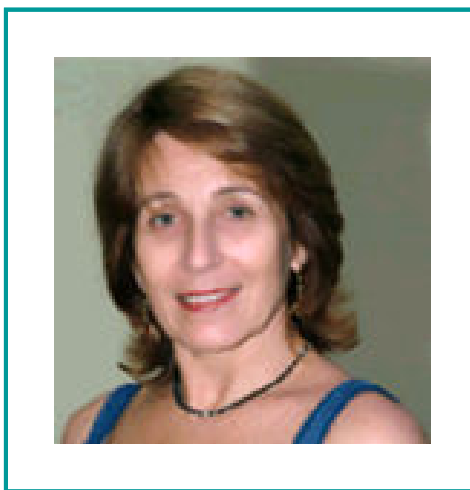
Experiência profissional:

²⁸ Ao finalizar seu portrait, o prof. Newton Roldan deixou alguns escritos:
“Agradeço a você prof. Eliana por sua iniciativa e determinação em recuperar a história esportiva de São Paulo, e por me dar a possibilidade de contribuir, mesmo que modestamente, para a construção deste relevante trabalho Acadêmico”.

Nos últimos vinte e cinco anos me ocupei no trabalho dentro da Academia Roldan, tanto na área técnica como Administrativa, além do treinamento de Atletas de Fisiculturismo para diversas competições Nacionais e Internacionais.

Experiência profissional voltada para a área e/ou recorte histórico da pesquisa:

Finalizando represento a segunda geração de técnicos em musculação (meu Pai Aparecido Roldan, fundador da Academia Roldan) e ainda procuro manter alguns métodos e conceitos sobre treinamento de musculação conhecidos como “VELHA ESCOLA”, entretanto estou sempre procurando novas Técnicas de treinamento, com o objetivo de melhoria continua na performance de atletas e praticantes de forma geral.



Dados pessoais:

Vilma Lení Nista-Piccolo

Apelido: Vilminha

Nascida em Campinas, SP em 12 de março de 1953.

Atuação profissional (2010):

Atualmente é professora titular da Universidade São Judas Tadeu, onde implantou e coordena o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu com cursos de Mestrado e Doutorado em Educação Física. Coordena o “Observatório da Educação Física”, o qual contempla vários grupos de estudo, com destaque para o GEPEFE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar.

Formação profissional:

Graduada em Educação Física (1973) e Bacharel em Fisioterapia (1978) duas formações pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação, na área de Metodologia de Ensino, em 1988, pela Universidade Estadual de Campinas e Doutora em Psicologia Educacional no ano de 1993, também pela Universidade Estadual de Campinas. Implantou o Departamento de Ginástica do Clube Campineiro de Regatas e Natação e coordenou durante 15 anos, de 1970 a 1985, além de ser técnica em uma modalidade. Foi nesse clube que a respectiva professora deu início às atividades de ginástica localizada para as mulheres, atividade até então desenvolvida apenas nas academias existentes. Nesse clube também realizou vários Festivais de Ginástica e Dança, além dos Campeonatos de Ginástica Artística e Rítmica. Foi proprietária da Academia Athletic Center, em 1979, na qual desenvolvia diferentes atividades gímnicas. Foi professora da Faculdade de Educação Física da Unicamp de 1985 a 2000, onde desenvolveu vários projetos de pesquisa e de extensão, criou diferentes grupos de estudo e foi chefe do Departamento de Educação Motora.

Experiência profissional:

Tem experiência na área de Educação Física escolar, tendo ministrado vários cursos aos professores da rede estadual de ensino. Criou o 1º Curso de

Especialização em Educação Física Escolar, no qual coordenou e ministrou módulos, além de orientar trabalhos de conclusão. Tem publicações nesse tema em artigos, livros e orientações de Mestrado e Doutorado. Na área da Ginástica, a referida professora criou projetos de extensão à comunidade, desenvolveu assessorias às escolas e publicou o primeiro livro de Ginástica Olímpica do Brasil. Tem se dedicado aos estudos da Inteligência Corporal Cinestésica, após ter estudado com os autores da teoria, em 2000, na Universidade de Harvard. Orientou várias Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado. É parecerista das revistas mais importantes de Educação Física no Brasil. Coordena o Observatório da Educação Física, do qual se destaca o GEPEFE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar, que desenvolve um projeto de pesquisa aprovado no edital Observatório da Educação, da Capes/Inep/Mec.



Dados pessoais:

Vlademir Fernandes

Apelido: Vlã

22/03/1959

Atuação profissional (2010):

Professor das disciplinas de Marketing Esportivos e de Projetos, na UNIBAN.

Assumi a presidência do CREFSP.

Formação Profissional:

- Licenciatura em Educação Física (FEFISA-1979);
- Pedagogia (UNINOVE-1982);
- Lato Sensu em Educação (UNICASTELO - 1991);
- Mestrado em Educação Física (UNICASTELO- 1996).

Experiência profissional:

Iniciei minha carreira como professor do ensino fundamental I (de 1978 a 1981), depois como professor de Educação Física da rede estadual de ensino (de 1980 a 1992), a partir de 1990 como professor universitário, (UNICASTELO DE 1990 A 2005, na UNICID DE 1991 A 1992 e na UNIBAN desde 1996). Entre 1986 e 2.000 fui coordenador pedagógico da Educação Física na 11º DE, entre 1981 a 2007 fui proprietário de várias academias na cidade de São Paulo, fui diretor do Sindicato das Academias do Estado de São Paulo (de 2008 a 2010). Ajudei a criar o CREFSP, sendo conselheiro desde sua criação (1999), passei por vários cargos de diretoria e atualmente sou o presidente.